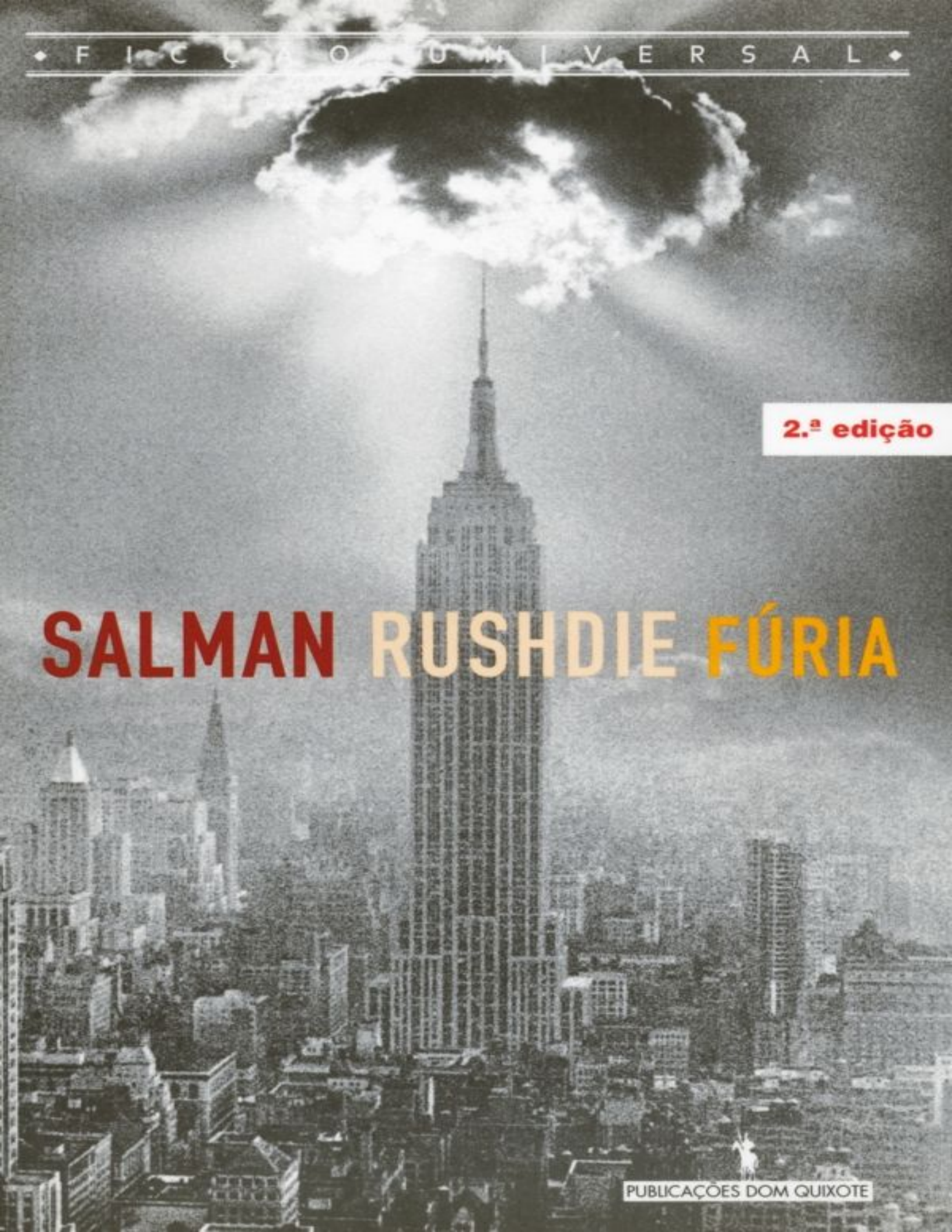

FICÇÃO UNIVERSAL
2.ª edição
SALMAN RUSHDIE FÚRIA
PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE

Ficha Técnica

Título original: Fury
Autor: Salman Rushdie
Tradução: Alexandra Lopes
ISBN: 9789722051248

Publicações Dom Quixote
uma editora do grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2001, Salman Rushdie
© Publicações Dom Quixote, 2001
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
www.dquixote.leya.com
www.leya.pt

Para Padma

PRIMEIRA PARTE

1

Malik Solanka, professor aposentado de História das Ideias, bonecreiro irascível e, desde o seu recente quinquagésimo quinto aniversário, celibatário e solitário por (muito criticada) opção própria, deu consigo no Outono da sua vida a viver uma época primaveril. Para lá da sua janela, um Verão longo, húmido, a primeira estação quente do terceiro milénio, torrava e transpirava. A cidade fervilhava de dinheiro. Rendas e bens imóveis nunca tinham sido tão elevados, e, na indústria do vestuário, havia a convicção generalizada de que a moda nunca estivera tão na moda. A todas as horas abriam novos restaurantes. Lojas, empresas concessionárias e galerias suavam com o esforço de satisfazer a procura em flecha de produtos cada vez mais exóticos: azeites de edição limitada, saca-rolhas de trezentos dólares, Humvees de fabrico personalizado, o mais recente *software* antivirus, serviços de acompanhamento que incluíam contorcionistas e gémeas, instalações de vídeo, arte marginal, *écharpes* levíssimas feitas da penugem da queixada de cabras monteses. Eram tantas as pessoas a remodelar apartamentos que as provisões de aplicações e de mobiliário de alta qualidade eram disputadíssimas. Havia listas de espera para banheiras, puxadores, madeiras de lei de importação, lareiras a imitar o antigo, bidés, lajes de mármore. Apesar das recentes quedas do valor do índice de Nasdaq e do valor das acções da Amazon, a nova tecnologia tinha a cidade na mão: continuavam a debater-se os arranques, as OPAs, a interactividade, o futuro inimaginável que tinha agora mesmo começado a começar. O futuro era um casino, e toda a gente jogava, e toda a gente esperava ganhar.

Na rua do Professor Solanka, jovens brancos endinheirados languesciam, de roupas largueironas, em sacadas rosáceas, simulando sofisticadamente indigência enquanto aguardavam o bimilionarismo que certamente não tardaria a vir ao seu encontro. Entre eles, havia uma jovem alta, de olhos verdes e maçãs do rosto muito pronunciadas, centro-europeias, que lhe prendeu em particular o olhar sexualmente abstinente mas ainda errante. O cabelo espetado, de um louro amorangado, saía-lhe, qual palhaço, de um boné preto de basebol, com a inscrição D'Angelo *Voodoo*, os lábios eram cheios e sardónicos, e ela ria-se, malcriada, por detrás de uma palmeira raquítica quando o pequeno Solly Solanka passava por eles, girando o

bastão, dândi, muito velho-mundo mais o seu panamá de palha e fato de linho bege, durante o passeio da tarde. Solly: a identidade universitária de que jamais gostara, mas de que não fora capaz de se livrar.

— Psst, ó cavalheiro! Ó cavalheiro, não se importa?

A loura estava a chamá-lo num tom imperioso que insistia numa resposta. Os sátrapas que a rodeavam ficaram, de repente, em alerta, como uma guarda pretoriana. Ela estava a quebrar uma regra da vida da grande cidade, a quebrá-la despudoradamente, segura do seu poder, confiante no seu terreno e bando, não temendo coisa alguma. Era apenas parlapatice de miúda gira; nada de mais. O Professor Solanka parou e virou-se para fitar a lânguida deusa da soleira, que prosseguiu, enervantemente, a entrevistá-lo.

— Você farta-se de andar. Quer dizer, vejo-o aí umas cinco ou seis vezes por dia a andar aqui e ali. Estou aqui sentada, vejo-o vir, vejo-o ir, mas sem cão, e também não volta com amiguinhas ou compras. Mais, as horas são estranhas, portanto não é nenhum emprego. Por isso pergunto-me: Por que andará ele sempre sozinho? Anda aí pela cidade um tipo a dar com um bocado de betão na cabeça de mulheres, talvez tenha ouvido dizer, mas, se eu julgasse que você era um tarado, não estaria aqui a falar consigo. E você tem sotaque britânico, o que o torna ainda mais interessante, certo. Algumas vezes chegámos mesmo a segui-lo, mas você não ia a lado nenhum, limitava-se a vaguear, a calcorrear caminho. Fiquei com a impressão de que andava à procura de alguma coisa e meteu-se-me na cabeça perguntar-lhe do que era. Estou só a ser amável, meu caro senhor, estou só a ser boa vizinha. Você é uma espécie de mistério. Pelo menos, para mim, é.

Uma cólera súbita tomou-o.

— Do que ando à procura — rosnou — é de que me deixem em paz.

A voz tremia-lhe com uma raiva muito maior do que a intrusão dela merecia, uma raiva que o chocava sempre que lhe percorria o sistema nervoso, como uma inundação. Perante está veemência, a jovem retraiu-se, recolhendo-se no silêncio.

— Ena pá — disse o maior *e* mais protector dos guardas pretorianos, um centurião louro oxigenado e, sem dúvida, amante dela —, para quem se diz apóstolo da paz, você está cheiínho de guerra.

Ela recordava-lhe alguém, mas não conseguia lembrar-se de quem, e esta falhazinha de memória, este «momento senil», espicaçava-o de maneira enfurecedora. Felizmente, ela já lá não estava, já ninguém lá estava, quando regressou da festa caraíba, de chapéu molhado e encharcado até aos ossos,

apanhado que fora despreparado por uma bátega de água grossa, quente. Ao passar pela Congregação Shearith Israel em Central Park West (um edifício que era uma baleia branca com um frontão triangular apoiado em quatro (4) colunas coríntias, maciças), o Professor Solanka lembrou-se, estugando o passo debaixo de chuva, da rapariguinha de treze anos, de *bat-mitzvah* feito, que vislumbrara pela porta lateral, à espera, de faca em riste, da cerimónia da bênção do pão. Nenhuma religião oferece uma cerimónia de Contagem de Bênçãos, ponderou o Professor Solanka: esperar-se-ia que ao menos os Anglicanos tivessem inventado uma coisa dessas. O rosto da rapariga brilhava na obscuridade crescente, os seus traços jovens, redondos, profundamente confiantes de que alcançariam as expectativas mais elevadas. Sim, esta era uma época abençoada, se fôssemos daqueles que utilizam palavras como «abençoada»; o que Solanka, um céptico, não era.

Ali perto, na Amsterdam Avenue, havia uma festa estival de quarteirão, uma feira de rua, a fazer bom negócio apesar dos aguaceiros. Na maior parte do planeta, supunha o Professor Solanka, as mercadorias empilhadas nestas padiolas a preços reduzidos teriam enchido as prateleiras *e* as montras das boutiquezinhas mais exclusivas e das secções do mais alto gabarito de grandes armazéns. Um pouco por toda a Índia, China, África e em grande parte do continente sul-americano, aqueles que tinham vagar e carteira para a moda — ou, mais simplesmente, em latitudes mais pobres, para a mera aquisição de coisas — teriam sido capazes de matar pelos artigos de rua de Manhattan, bem como pelas roupas e pelo mobiliário usados que se encontravam em opulentas lojas de artigos em segunda mão, pela porcelana rejeitada *e* pelas pechinchas de marca que se encontravam nos empórios do desconto da Baixa. A América insulta o resto do planeta, pensou Malik Solanka no seu jeito antiquado, ao tratar uma tal prodigalidade com o encolher de ombros descontraído dos inequitativamente ricos. Nova Iorque tornara-se, porém, nestes tempos de abundância, objecto e meta da concupiscência e da lascívia do mundo, e o «insulto» só tornava o resto do planeta ainda mais cobiçoso. Em Central Park West, as charretes puxadas a cavalo andavam para cima e para baixo. Os guizos nos arreios tilintavam como dinheiro na mão.

O filme de êxito da temporada retratava a decadência da Roma imperial do César Joaquin Phoenix, em que só podiam encontrar-se honra e dignidade, já para não falar das acções e distracções de vida-ou-morte, na ilusão informaticamente regenerada da grande arena gladiatorial: o

Anfiteatro Flávio ou Coliseu. Também em Nova Iorque havia circos, assim como pão: um musical sobre leões amorosos, uma corrida de motorizadas na 5th Avenue, Springsteen no Madison Square Garden com uma canção sobre os quarenta e um tiros de polícia que tinham matado um inocente, Amadou Diallo, o sindicato da polícia a ameaçar boicotar o concerto do *Boss*, Hillary *vs.* Rudy, um funeral cardinalício, um filme sobre amorosos dinossauros, as colunas de carros de dois candidatos presidenciais (Gush, Bore[1]), em larga medida comutáveis e certamente pouco amorosos, Hillary *vs.* Rick, as tempestades eléctricas que se tinham abatido sobre o concerto de Springsteen e o Shea Stadium, a investidura de um cardeal, um filme de animação sobre umas amoráveis galinhas britânicas e mesmo um festival literário; mais uma série de «exuberantes» paradas em celebração das numerosas subculturas étnicas, nacionais e sexuais da cidade, que (em geral) acabavam em esfaqueamentos e ataques a (habitualmente) mulheres. O Professor Solanka, que se considerava, por natureza, um igualitarista e citadino dos quatro costados, da facção o-campo-é-para-as-vacas, passeava, em dias de parada, suando qual sardinha em lata, entre os seus co-cidadãos. Um domingo andava ombro a ombro com exibicionistas de anca estreita do orgulho *gay*, no fim-de-semana seguinte entregava-se ao saracoteio ao lado de uma porto-riquenha de cu grande e bandeira pátria a fazer as vezes de sutiã. Não se sentia nestas turbas como um intruso; pelo contrário. Havia um anonimato satisfatório nas multidões, uma ausência de intrusão. Aqui ninguém estava interessado nos seus mistérios. Toda a gente estava aqui para se perder de si própria. Tal era a magia ineloquente das massas, e nos dias que corriam perder-se era praticamente o único propósito existencial do Professor Solanka. No fim-de-semana chuvoso em questão, havia uma batida de calipso no ar, não os insignificantes adeuses à Jamaica de Harry Belafonte e as cançonetas parvas que habitavam a memória, um tudo-nada culpadamente propícia, de Solanka *(«Now I tell you in a positive way/don't tie me donkey down derel' cause me donkey will jump and bray/don't tie me donkey down dere!»*[2]*)*, mas a verdadeira música, as sátiras de polemistas-trovadores jamaicanos, Banana Bird, Cool Runnings, Yellowbelly, ao vivo no Bryant Park e, em tijolos de som ao ombro, ao longo da Broadway.

Contudo, ao chegar a casa vindo da parada, o Professor Solanka foi atacado de melancolia, aquela acostumada tristeza clandestina, que sublimava na esfera pública. Algo estava mal no mundo. Desde que a

filosofia optimista de paz-e-amor da sua juventude tinha desistido dele, não sabia como se reconciliar com uma realidade crescentemente postiça (odiava, neste contexto, a palavra, de resto excelente, (virtual»). As questões de poder atormentavam-no. Enquanto os agitados cidadãos comiam estas muitas variedades de lótus, sabia-se lá que tramóias é que os governantes da cidade andavam a preparar — não os Giulianis e Safirs que, até terem aparecido videos amadores dos incidentes nos telejornais, tinham respondido com desprezo às queixas de mulheres molestadas, não esses grosseiros fantoches de dedo, mas os do topo, aqueles que se eternizavam, alimentando perenemente os seus desejos insaciáveis, buscando a novidade, devorando a beleza e exigindo sempre mais e mais. Os reis do mundo, jamais vistos mas sempre presentes — o ateu Malik Solanka evitava dotar estes fantasmas humanos do dom da omnipresença —, os petulantes e letais césares, como diria o seu amigo Rhinehart, os Bolingbrokes de alma frígida, os tribunos com as mãos nos Coriolanos do presidente da câmara e do comissário da polícia... O Professor Solanka estremeceu vagamente diante desta última imagem. Conhecia-se suficientemente bem para estar consciente do traço grosso de vulgaridade escarlate que havia no seu cáracter; ainda assim, o trocadilho grosseiro chocou-o quando se apercebeu dele.

Mestres-marionetistas andavam a fazer-nos saltar e zurrar a todos, irritou-se Malik Solanka. Enquanto nós, marionetas, dançamos, quem estará a puxar os cordelinhos?

O telefone estava a tocar quando entrou em casa, com a chuva ainda a pingar-lhe das abas do chapéu. Atendeu em tom irritado, arrancando o aparelho sem fios da base existente no vestíbulo do apartamento. «Então o que é?» A voz da mulher chegou-lhe aos ouvidos via um cabo qualquer no leito do Atlântico, ou talvez, nos dias que corriam em que tudo estava a mudar, fosse via um satélite sobre o oceano, não tinha a certeza. Nos dias que corriam, em que a era do impulso estava a dar lugar à era do tom. Em que a época do analógico (o que era também dizer da riqueza da linguagem, da *analogia)* estava a dar lugar à era digital, a vitória final do numérico sobre o literário. Adorava a voz dela desde sempre. Há quinze anos, em Londres, telefonara a Morgen Franz, um amigo editor que, por acaso, não estava à secretária, e Eleanor Masters, que ia a passar, pegara no instrumento vociferante; não se conheciam mas tinham acabado por ficar uma hora a conversar. Uma semana depois, tinham jantado em casa dela, nenhum deles aludindo à impropriedade de um local tão íntimo para um primeiro

encontro. Seguira-se uma década e meia de companheirismo. Ou seja, ele apaixonara-se pela voz dela antes do resto. Esta fora sempre a história preferida que mais gostavam de contar um sobre o outro; agora, é claro, na derrocada brutal do amor, altura em que a memória era reinventada como dor, em que já só lhes restavam vozes ao telefone, tornara-se uma das mais tristes. O Professor Solanka escutou o som da voz de Eleanor e, com algum desagrado, imaginou-a a ser fragmentada em pequenas parcelas de informação digitada, a encantadora voz grave dela primeiro consumida e depois regurgitada por um computador central, provavelmente situado em cascos de rolha, lá para Haiderabad-Decão ou assim. Qual será o equivalente digital de encantador, interrogou-se. Quais serão os dígitos que codificam a beleza, os dedos-números que encerram, transformam, transmitem, descodificam e, de alguma maneira, durante o processo, falham e não conseguem prender ou abafar-lhe a alma. Não por causa da tecnologia mas apesar dela, a beleza, esse fantasma, esse tesouro, esgueira-se, jamais diminuída, pelas máquinas novas.

«Malik. *Sally*». (Isto para o irritar.) «Não estás a ouvir. Desapareceste dentro da tua cabeça em mais um dos teus solos e nem sequer registaste o simples facto de o teu filho estar doente. Nem registaste o simples facto de eu ter de acordar todas as manhãs e ouvi-lo perguntar — peguntar insuportavelmente — por que razão o pai não está em casa. Já para não falar no mais simples de todos os factos, no de nos teres abandonado sem um vestígio de motivo ou um farrapo de explicação credível, atravessado um oceano e traído todos aqueles que mais precisam de ti e mais te amam, que ainda te amam, raios te partam, apesar de tudo». Era apenas uma tosse, o miúdo não tinha nada de terminal, mas ela tinha razão; o Professor Solanka recolhera-se dentro de si próprio. Tanto relativamente a este pequeno particular telefónico como às grandes questões da vida de ambos, outrora comum e agora separada, ao casamento deles antes considerado indissolúvel, a melhor parceria de todas as que os amigos conheciam, como à paternidade conjunta de Asmaan Solanka, agora um menino de três anos improvavelmente belo e meigo, o produto miraculosamente louro de pais de cabelo escuro, a quem tinham dado um nome tão celestial (*Asmaan*, n., m., *lit*. céu, mas também *fig*. paraíso) porque ele era o único céu em que ambos conseguiam, sinceramente e sem reservas, acreditar.

O Professor Solanka pediu desculpa à mulher pela sua desatenção, ao que ela respondeu chorando, uma buzinada sonora que lhe apertou o peito, pois

ele não era de modo algum um homem sem coração. Aguardou silenciosamente que ela parasse. Quando assim aconteceu, falou-lhe da maneira mais mandarina que sabia, negando-se — negando-lhe— o menor traço de emoção. «Admito que o que fiz há-de parecer-te inexplicável. Estou a recordar-me, contudo, daquilo que tu própria me ensinaste acerca da importância do inexplicável» — nesta altura ela desligou-lhe o telefone na cara, mas ele terminou, ainda assim, a frase — «em, hã, Shakespeare». Esta conclusão já não ouvida evocou-lhe a visão da mulher despida, de Eleanor Masters há quinze anos em toda a glória das suas vinte e cinco primaveras, de cabelos longos, deitada nua com a cabeça no colo dele e as desgastadas *Obras Completas*, forradas a couro azul, abertas, de capa para cima, sobre os pêlos púbicos. Tal fora a conclusão indecorosa mas docemente célere daquele primeiro jantar. Ele trouxera o vinho, três garrafas caras de Tignanello Antinori (três! Prova provada da desmesura de um sedutor) enquanto ela lhe assava uma perna de borrego e servia ainda, para acompanhar a carne rescendente a cominho, uma salada de flores frescas. Envergava um vestido preto, curto, e andava com agilidade, e descalça, por um apartamento muito influenciado pelo *design* e pela arte do Grupo de Bloomsbury e que exibia um papagaio engaiolado a imitar-lhe o riso: um riso profundo para uma mulher tão frágil. Tendo sido o primeiro e último encontro dele às cegas, ela provara fazer completamente jus à voz que tinha; além de bonita, era inteligente, a um tempo curiosamente segura e vulnerável, e uma grande cozinheira. Depois de ter comido muitos nastúrcios e bebido copiosamente o tinto da Toscana que ele trouxera, Eleanor começou a explicar-lhe a sua tese de doutoramento (agora estavam já sentados no chão da sala de estar, semideitados num tapete de fabrico artesanal, da autoria de Cressida Bell), mas os beijos interromperam-na, pois o Professor Solanka tinha-se apaixonado ternamente, qual cordeirinho. Mais tarde, viriam a discutir alegremente, durante os longos anos bons, qual deles é que tinha dado o primeiro passo, ela negando sempre de modo acalorado (mas de olhos brilhantes) que alguma vez pudesse ter sido tão atiradiça, e ele a insistir — embora soubesse não ser verdade — que ela se tinha «arremessado a ele».

«Queres ouvir esta coisa ou não?» Sim, acenara ele, a mão acariciando-lhe um seio pequeno e bem talhado. Ela pusera a mão em cima da dele e lançara-se na argumentação. A tese dela era a de que, no coração de todas as grandes tragédias, havia questões irrespondíveis sobre o amor e que, para

fazer sentido das peças, cada um de nós tinha de tentar explicar estes inexplicáveis à sua maneira. Por que adiara Hamlet, que amava o pai morto, interminavelmente a vinganaça, ao passo que, amado por Ofélia, a destruíra? Por que não conseguira Lear, que amava Cordélia mais que às outras filhas, ouvir o amor que havia na honestidade da primeira cena dela ficando assim preso ao desamor das irmãs; e por que se deixara Macbeth, um homem de barba rija que amava o seu rei e o seu país, levar tão facilmente pela erótica mas desafeiçoada Lady M. rumo a um malévolo trono de sangue? O Professor Solanka em Nova Iorque, distraidamente ainda de telefone sem fios na mão, relembrou com temor reverente o mamilo nu, erecto, de Eleanor Masters sob os seus dedos errantes; bem como a sua extraordinária resposta ao problema de Otelo, que, para ela, não era a «malignidade imotivada» de Iago mas antes a falta de inteligência emocional do Mouro, «a inacreditável estupidez de Otelo em relação ao amor, a medida idiota de ciúme que o leva a assassinar a mulher presumidamente amada com base nas mais esfarrapadas das provas». Eis a solução de Eleanor: *«Otelo não ama Desdémona.* A ideia veio-me um dia assim de repente. Um verdadeiro momento de iluminação. Ele diz que sim, mas não pode ser verdade. Porque se a amasse, o homicídio não faria qualquer sentido. Para mim, Desdémona é a mulher-troféu de Otelo, o seu bem mais valioso, aquele que lhe confere estatuto social, a prova física da sua posição ascendente num mundo dominado pelo homem branco. Estás a ver? Ele ama isso *nela,* mas não a ama *a ela.* O próprio Otelo, obviamente, não é um negro mas um "mouro": um árabe, um muçulmano, cujo nome é provavelmente uma latinização do árabe Attalah ou Ataullah. Não *é*, portanto, uma criatura do mundo cristão do pecado e da redenção, pertence sim ao universo moral islâmico, cujas polaridades são a honra e a vergonha. A morte de Desdémona é uma "morte pela honra". Ela não precisava de ter culpa. A acusação era mais do que suficiente. O ataque à virtude dela era incompatível com a honra de Otelo. Foi por isso que ele não lhe deu ouvidos, ou o benefício da dúvida, ou lhe perdoou, ou fez o que quer que fosse que um homem que amasse uma mulher teria feito. Otelo ama-se apenas a si mesmo, a si próprio como amante e líder, aquilo a que Racine, um escritor mais inflamado, teria chamado a sua *flamme*, a sua *gloire*. Para Otelo, ela nem chega a ser uma pessoa. Ele coisificou-a. É a estatueta Oscar-Barbie dele. A boneca dele. Pelo menos foi isso que eu defendi, e eles conferiram-me o grau de doutor, se calhar foi só um prémio pelo despudor, pelo meu puro descaramento». Bebera um longo

trago de Tignanello, depois arqueara as costas e pusera os dois braços à volta do pescoço e puxara-o para ela. A tragédia sumira-se-lhes do pensamento.

Passados todos estes anos, o Professor Solanka deixou-se ficar debaixo da água escaldante do chuveiro, aquecendo-se depois da sua vagueação molhada com os entusiastas do calipso e sentindo-se tolo e pomposo. Utilizar a tese de Eleanor contra ela fora uma crueldade a que poderia facilmente tê-la poupado. Que ideia fora a dele de se dar ares eruditos e shakespearianos, a si e às suas mesquinhas acções? Será que ousava verdadeiramente pôr-se a par do Mouro de Veneza e do Rei Lear, comparar os mistérios humildes que eram os dele com os daquelas figuras? Uma tal vaidade era certamente um motivo mais do que adequado para o divórcio. Devia ligar-lhe e dizer-lhe isso mesmo, à laia de desculpa. Porém isso não cairia também bem. Eleanor não queria o divórcio. Mesmo agora, queria-o de volta. «Sabes perfeitamente bem», dissera-lhe mais do que uma vez, «que, se decidisses largar mão disto, desta tua estupidez, tudo se resolveria. Resolver-se-ia muito bem. Custa-me tanto que não o faças».

E era esta a mulher que ele tinha deixado! Se ela tinha algum defeito, era o de não fazer broches. (Já a excentricidade dele era a de detestar que lhe tocassem no alto da cabeça durante o acto de amor.) Se ela tinha algum defeito, era o de ter um sentido de olfacto tão apurado que o fazia sentir que conspurcava a casa toda. (Em resultado disso, tinha começado a lavar-se mais vezes.) Se ela tinha algum defeito, era o de comprar coisas sem jamais perguntar quanto custavam, um traço extraordinário numa mulher que não vinha, como costuma dizer-se, de boas famílias. Se ela tinha algum defeito, era o de se ter habituado a ser mantida e conseguir gastar mais dinheiro no Natal do que metade da população ganhava num ano. Se ela tinha algum defeito, era o de o amor de mãe a ter cegado para o resto dos desejos da humanidade, incluindo, para falar com toda a franqueza, os do Professor Solanka. Se ela tinha algum defeito, era o de querer mais filhos. De não querer mais nada. Nem todo o ouro da Arábia.

Não, ela era imaculada, a mais terna, a mais solícita das amantes, a mais extraordinária das mães, carismática e imaginativa, a mais descomplicada e gratificante das companheiras, não muito conversadora mas uma conversadora boa *(vide* aquele primeiro telefonema), e uma *connoisseur* não apenas de comida e bebidas mas também do coração humano. Ser alvo de um sorriso de Eleanor Masters Solanka era sentir-se elogiado de modo subtil

e agradável. A amizade dela era uma palmadinha nas costas. E, se gastava desalmadamente, que mal tinha isso? Os Solanka eram inesperadamente abastados, graças à popularidade mundial, e quase chocante, de uma boneca de sorriso atrevido e desprendimento arrogante que começava a ser conhecido por «grimpa», e de quem Asmaan Solanka, nascido oito anos mais tarde, parecia fantasticamente ser a corporização loira, de olhos escuros, mais meiga, de carne e osso. Embora fosse muito rapaz, absorvido por escavadoras gigantes, cilindros da estrada e locomotivas e cativado pela determinação penso-posso-penso-posso-pensava-podia-pensava-podia à Casey Jones, a indomitável locomotivazinha que transportava o circo em *Dumbo*, Asmaan era constantemente, irritantemente, tomado por uma menina, provavelmente por causa da sua beleza pestanuda, mas possivelmente também porque recordava às pessoas a criação anterior do pai. A boneca chamava-se Craniozinho.

1 Brincadeira baseada na troca da primeira letra do apelido dos dois candidatos às eleições presidenciais de 2000: Bush e Gore. Assim, o primeiro passa a Gush (= jorro/disparate) e o segundo apresenta-se como Bore [= chatarrão]. *(N. T.)*

2 « Agora digo-te de maneira franca/não amarres o meu burro ali/ porque o meu burro começará aos coices e a zurrar/não me amarres o burro ali» . *(N. T.)*

2

No final da década de 80, o Professor Solanka desesperou da vida académica, da sua estreiteza, das lutas intestinas e do seu rematado provincianismo. «O túmulo espera-nos a todos, mas pelos professores universitários espera com fastio», proclamou perante Eleanor, acrescentando, desnecessariamente, como se veio a provar, «prepara-te para a pobreza». Depois, para consternação dos colegas, mas com a aprovação incondicional da mulher, desistiu do lugar de catedrático que ocupava em King's College, Cambridge — onde andara a investigar o desenvolvimento da ideia da responsabilidade do Estado para com os seus cidadãos e por eles e da ideia paralela, mas por vezes contraditória, do ser soberano — e mudou-se para Londres (Highbury Hill, a dois passos do Estádio do Arsenal). Pouco tempo passado, atirou-se de cabeça para — isso mesmo — a televisão, o que suscitou muita zombaria previsivelmente invejosa, sobretudo quando a BBC lhe encomendou a idealização de uma série de programas populares sobre história da filosofia, a emitir pela noite dentro, e cujos protagonistas seriam as enormes bonecas intelectuais da mal-afamada colecção do Professor Solanka, colecção esta toda feita por ele.

Isto era simplesmente de mais. Aquilo que fora uma excentricidade tolerável num colega respeitado tornou-se loucura intolerável num dissidente pusilânime, e *As Aventuras da Craniozinho* foram unanimemente ridicularizadas, antes mesmo de serem vistas, por grandes e pequenos «intelectualóides». Depois o programa foi emitido e, no espaço de uma época, para espanto geral e desgosto das más-línguas, passaram de prazer secreto de uma elite sofisticada a clássico de culto, com um núcleo de as satisfatoriamente jovem e em rápida expansão, até, por fim, terem recebido a honra de ser mudadas para o tão cobiçado espaço a seguir ao principal noticiário da noite. Uma vez aí, desabrocharam, transformando-se num êxito retumbante do horário nobre.

Em King's College, era do conhecimento geral que, quando em Amesterdão, aos vinte e tal anos, Malik Solanka — que estava na cidade para falar de religião e política num instituto com simpatias esquerdistas, fundado com dinheiros da Fabergé — visitara o Rijksmuseum e ficara fascinado com o enorme e valiosíssimo tesouro de casas de bonecas,

meticulosamente mobiladas de acordo com o período a que se referiam, descrições únicas da vida interior da Holanda, através dos séculos. Eram abertas à frente, como se bombas lhes tivessem deitado abaixo as fachadas; ou como pequenos teatros que ele completava com a sua presença. Ele era a quarta parede. Começou a ver tudo em Amesterdão como se miniaturado: o hotel onde estava hospedado à beira do Herengracht, a casa de Anne Frank, as mulheres surinamenses, impossivelmente bem-parecidas. Ver a vida humana apequenada, reduzida a tamanho de boneca, era um truque da mente. Ao jovem Solanka agradavam-lhe os resultados. Parecia-lhe desejável alguma modestiazinha relativamente à escala do esforço humano. Uma vez ligado na cabeça esse interruptor, o difícil era ver à maneira antiga. Ser pequeno era belo, como Schumacher começava então a dizer.

Dia após dia, Malik voltava para apreciar as casas de bonecas do Rijksmuseum. Nunca antes tinha pensado em fazer alguma coisa com as mãos. Agora tinha a cabeça cheia de cinzel e cola, trapos e agulhas, tesouras e massa. Imaginava papel de parede e mobiliário, sonhava com lençóis, concebia aplicações para casa de banho. Após algumas visitas, contudo, tornou-se-lhe claro que, para ele, só as casas não bastariam. Os ambientes que imaginava tinham de ser povoados. Sem pessoas, qual era o interesse? As casas de bonecas holandesas, com toda a sua complexidade e beleza, e apesar de contribuírem para mobilar e decorar a imaginação dele, faziam-no finalmente pensar no fim do mundo, num qualquer estranho cataclismo em que os bens permaneciam incólumes ao mesmo tempo que todas as criaturas vivas tinham sido destruídas. (Isto passou-se muitos anos antes da invenção daquela que é a vingança absoluta do inanimado sobre o vivente: a bomba de neutrões.) Depois de lhe ocorrer esta ideia, o local começou a revoltá-lo. Principiou a imaginar salas nas traseiras do museu cheias de gigantescos molhos de mortos em miniatura: pássaros, animais, crianças, criados, actores, aristocratas de ambos os sexos. Um dia saiu do grande museu e nunca mais voltou a Amesterdão.

Após o seu regresso a Cambridge, principiou de imediato a construir microcosmos de sua autoria. Desde o primeiro momento que as casas de bonecas que fazia eram produtos de uma visão pessoal e idiossincrática. De início, eram fantasiosas, fabulares mesmo — a ficção científica mergulha na mente do futuro e não na do passado que, de resto, já tinha sido inexcedivelmente capturada pelos mestres miniaturistas dos Países Baixos. Esta fase futurista não durou muito tempo. Solanka não tardou a aprender o

valor de trabalhar, como os grandes matadores, junto ao touro; isto é, a usar o material da sua própria vida e do ambiente circundante e, por alquimia da arte, torná-los estranhos. Este discernimento, a que Eleanor teria chamado um «momento de iluminação», acabou por conduzi-lo a uma série de representações de «Grandes Mentes», dispostas frequentemente em pequenos quadros — Bertrand Russell a ser espancado por polícias num comício pacifista durante a guerra, Kierkegaard a ir à ópera pelo intervalo, para que os amigos não pensassem que estava a trabalhar de mais, Maquiavel a ser sujeito à tortura atroz conhecida por *strappado*, Sócrates a beber o inevitável veneno e, o preferido de Solanka, um Galileu com dois rostos e quatro braços: um rosto murmurava a verdade baixinho enquanto um par de braços, oculto nas dobras da roupa, escondia um maquetezinha da Terra a girar em volta do Sol; o outro rosto, de olhos baixos, penitente, sob o olhar severo dos homens de vestes vermelhas, retractava publicamente o seu conhecimento, segurando firme e piedosamente com exemplar da Bíblia no segundo par de braços. Anos mais tarde, quando Solanka viesse a abandonar a academia, seriam estes bonecos que iriam trabalhar para ele. Estes mais a figura ávida de conhecimento que criou para os interrogar na televisão e representar o público, a Craniozinho, a boneca viajante no tempo, que viria, posteriormente, a tornar-se uma estrela e a vender-se aos milhares pelo mundo fora. Craniozinho — o seu Cândido modernaço, preocupado com a moda mas, ainda assim, idealista, o seu Defensor-da-Verdade nuns trapos de guerrilha urbana, o seu Basho feminino, de cabelo espetado, peregrinando, mendicante de tigela na mão, nos confins do Norte profundo do Japão.

A Craniozinho era inteligente, petulante, destemida, genuinamente interessada em informações profundas, em obter sabedoria de grande qualidade; não sendo tanto discípula como *agent provocateur* com uma máquina do tempo, ela espicaçava as grandes mentes dos séculos, levando-as a revelações surpreendentes. Por exemplo, veio a descobrir-se que o autor de ficção favorito do herege seiscentista Bento Espinosa era P. G. Wodehouse, uma coincidência espantosa, porque, é claro, o filósofo favorito do imortal e sinuoso mordomo Reginald Jeeves era Espinosa. (Espinosa que nos cortou os fios, que permitiu que Deus se retirasse do posto de marionetista divino e que acreditava ser a revelação um acontecimento não acima da história humana mas dentro dela. Espinosa que jamais envergou uma camisa ou uma gravata inapropriadas.) As Grandes Mentes em *As Aventuras da Craniozinho* também podiam saltitar no tempo. Averróis, o

pensador ibérico de origem árabe, era, tal como o seu homólogo judaico Maimónides, um admirador incondicional dos Yankees.

Uma vez houve em que a Craniozinho foi longe de mais. Na entrevista a Galileu Galilei, expôs ao grande homem um ponto de vista muito seu, do género a-mim-ninguém-me-lixa, acerca aos problemas que o tinham afligido. «Eh pá, eu não teria aceitado aquilo de perna aberta», disse fervorosamente, inclinando-se para ele, «Se algum papa tivesse tentado sequer obrigar-me a mentir, eu cá teria começado um caralho de uma revolução. Ter-lhe-ia deitado fogo à casa. Ter-lhe-ia reduzido a merda da cidade a um monte de cinzas». Bem, o vernáculo foi suavizado — para «raio» — numa fase inicial da produção, mas esse não era o maior problema. Fogo posto no Vaticano era mais do que os patrões das ondas hertzianas podiam engolir, e a Craniozinho sofreu, pela primeira vez, a indignidade paralisadora da censura. Sem poder fazer nada contra, excepto talvez murmurar a verdade juntamente com Galileu: e, no entanto, move-se. E, no entanto, deixá-lo-ia arder...

Voltemos atrás, a Cambridge. Já os primeiros esforços de «Solly» Solanka — as estações espaciais e as herméticas estruturas domésticas para montagem na Lua — apresentavam sinais de originalidade e imaginação que, na opinião onitruante e comensalícia de um especialista em Lit. Francesa, a trabalhar em Voltaire, estavam «refrescantemente ausentes» do trabalho de investigação dele. O sarcasmo provocou grandes gargalhadas em todos os que o ouviram.

«Refrescantemente ausente». Eis a retórica de Oxbridge[3], esta partilha fácil, gracejadora mesmo, de insultos que são ao mesmo tempo nada mais que pura galhofa e mortalmente sinceros. O Professor Solanka nunca se tinha acostumado às alfinetadas que as mais das vezes o feriam terrivelmente, fingia sempre ver o lado divertido da coisa, e nem uma vez o vira. Estranhamente, isto era uma coisa que tinha em comum com o seu atacante voltairiano, Krysztof Waterford-Wajda de seu alarmante nome, mais conhecido por Dâblio-Dâblio, com quem tinha, na verdade, forjado uma muitíssimo improvável amizade. Waterford-Wajda, como Solanka, apanhara o jeito ao estilo conversacional que se esperava sob a pressão feroz dos seus pares, mas também ele se mantinha pouco à vontade nesse registo. Solanka sabia-o e, por isso, não lhe levou o «refrescantemente ausente» a mal. Já do riso dos interlocutores, contudo, jamais se esqueceu.

Dâblio-Dâblio era menino de Eton, jovial, cheio de massa, menina dos olhos das debutantes do Hurlingham Club, e, por outro, era dono de um olhar ameaçador polaco, filho que era de um homem que subira na vida a pulso, um entroncado imigrante, vidraceiro de profissão, que olhava, falava e bebia como um rufia de beco, e fizera uma pipa de massa no negócio dos vidros duplos, casando surpreendentemente bem, para horror da fina flor das casas de campo («Sophie Waterford casou com o polaco!»). Dâblio-Dâblio tinha a beleza desgrenhada de um Rupert Brooke, desfigurada por uma queixada prognata, um guarda-fatos cheio de casacos de *tweed* berrantes, uma bateria com todos os acessórios, um carro veloz, nenhuma namorada. Num baile de caloiros no seu primeiro período em Cambridge, jovens emancipadas dos anos 60 recusaram os convites dele para dançar, obrigando-o a exclamar em tom de queixume: «Por que serão todas as raparigas em Cambridge tão malcriadas?» Ao que uma desapiedada Andrée ou Sharon qualquer respondeu: «Porque a maior parte dos homens é como tu». Na bicha para o jantar, jocosamente, qual benzoca catita, ofereceu a sua salsicha a outra jovem beldade. Ao que ela, esta Sabrina inexpressiva, esta Nicki habituada a escapar-se a admiradores indesejados, replicou docemente, sem um pestanejar de olhos: «Oh, há certos animais que eu nunca por nunca ser comeria».

Há que reconhecer que o próprio Solanka fora culpado de espicaçar Dâblio-Dâblio mais do que uma vez. No dia da festa de conclusão de licenciatura, no Verão emancipado de 1966, quando, de traje académico e eufóricos *e* cercados por pais no relvado à frente da faculdade, se permitiam sonhar o futuro, o inocente Dâblio-Dâblio anunciou, para espanto geral, a sua intenção de se tornar romancista. «Como Kafka, talvez», matutou, sorrindo aquele sorriso enorme de classe alta, o sorriso de capitão de hóquei da mãe, que nenhuma sombra de sofrimento, pobreza ou dúvida alguma vez ensombrara e que lhe assentava tão incongruentemente por baixo da herança paterna, das sobrancelhas malhadoras, escuras, reminiscentes de privações intraduzíveis sofridas pelos seus antepassados na pouco deslumbrante cidade de Todz. *«No Buraco da Ratazana. Construção de uma Máquina Sem Objectivo. Fúria.* Esse género de coisa».

Solanka conteve um acesso de riso, dizendo caritativamente para com os seus botões que, no conflito entre aquele sorriso e aquelas sobrancelhas, entre a Inglaterra do berço de ouro e a Polónia dos púcaros de lata, entre um luminoso exemplar de mãe com um metro e oitenta, vestido à Cruella de Vil,

e um chaimite de pai, atarracado e de rosto inexpressivo, poderia efectivamente haver espaço para um escritor germinar e florescer. Quem é que podia dizer? Talvez fossem mesmo as condições de reprodução necessárias para esse híbrido improvável que era um Kafka inglês.

«Ou, em alternativa», continuou Dâblio-Dâblio a ponderar, «há sempre a possibilidade de enveredar por coisas mais comerciais. *O Vale das Bonequinhas*. Ou há sempre o meio onde está a virtude, que fica algures entre a erudição e o refugo. A maior parte das pessoas tem uma erudição média, Solly, é que nem vale a pena discutir. Querem um poucochinho de estímulo mas, que caraças, nada de exageros. Mais, nada que leve um tempo do caraças. Nada de grandes calhamaços, do tipo Tolstoi ou Proust. Livrinhos que não nos façam dores de cabeça. Os grandes clássicos reescritos — resumidamente — como literatura de cordel. *Otelo* actualizado com o título de *Os Assassínios do Mouro*. Que me dizes a isto?»

Esta foi a última gota. Lubrificado pelo champanhe de *vintage* de Waltford-Wajda — nem o pai nem a mãe dele tinham visto necessidade de vir de Bombaim para assistir à festa de conclusão de licenciatura, e Dâblio-Dâblio insistira generosamente em oferecer-lhe uma taça e enchê-la repetidas vezes —, Solanka irrompeu num protesto apaixonado contra as propostas absurdas de Krysztof, suplicando-lhe encarecidamente que poupasse o mundo aos desvarios literários de Waterford-Wajda, autor. «Por favor, nada de sagas obscuramente ameaçadoras passadas em casas de campo: *Brideshead* ao estilo de *O Castelo. Metamorfose em Blandings*. Oh, tem dó. Mais, no que diz respeito a mocadas, tem tento. És mais Alex Portnoy do que Jackie Susann que disse, há que não esquecer, que admirava o talento de Mr. Roth, mas jamais lhe apertaria a mão. Acima de tudo, desiste dos clássicos para massas. *O Enigma de Cordélia? A Incerteza de Elsinore?* Oh, oh, oh».

Depois de alguns minutos passados nesta implicação afeiçoada-desafeiçoada, Dâblio-Dâblio começou de bons modos a ceder: «Bem, se calhar vou antes optar pela realização de cinema. Estamos de abalada para o Sul de França. É provável que precisem lá de realizadores».

Malik Solanka sempre tivera um fraquinho pelo pateta do Dâblio-Dâblio, em parte por causa da sua capacidade para dizer coisas como estas, mas também por causa do coração fundamentalmente bom e aberto, oculto por baixo do gargalhar de benzoca. Além de que tinha uma dívida para com ele. Na residência de Market Hill do King’s College, numa noite fria do Outono

de 1963, um Solanka de dezoito anos precisara de ser salvo. Passara todo o primeiro dia de faculdade num estado de excessivo e descontrolado pavor, incapaz de sair da cama, vendo demónios por todo o lado. O futuro era como uma bocarra aberta à espera de o devorar, como Crono devorara os filhos, e o passado — os elos entre Solanka e a família estavam severamente corroídos —, o passado era um vaso quebrado. Só restava este presente intolerável em que achava não conseguir funcionar de maneira alguma. Muito mais fácil ficar na cama e puxar os cobertores até às orelhas. Barricou-se no quarto moderno e incaracterístico, de madeira norueguesa e janelas de alumínio, contra o que quer que fosse que o futuro lhe tivesse reservado. Havia vozes à porta; não respondeu. Pés vinham e iam. Às sete da tarde, contudo, uma voz diferente de qualquer outra — mais retumbante, rica e totalmente confiante numa resposta — gritou a plenos pulmões: «Alguém aí dentro perdeu um maldito dum baú com um nome esquisito de monhé?» E Solanka, para sua surpresa, falou. Foi assim que o dia de terror, de animação suspensa, terminou e que começaram os seus anos de universidade. A voz tenebrosa de Dâblio-Dâblio, qual beijo de príncipe, quebrara o feitiço.

Os bens terrenos de Solanka tinham sido entregues, por engano, na residência da faculdade em Peas Hill. Krys — ainda não se tinha tornado Dâblio-Dâblio — encontrara um carrinho de mão, ajudara Solanka a pôr o baú lá dentro e a levá-lo para a casa que lhe pertencia, depois arrastara o infeliz proprietário do baú para uma cerveja e jantar no refeitório da faculdade. Mais tarde, tinham-se sentado ao lado um do outro nesse mesmo refeitório a ouvir o deslumbrantemente brilhante Director do King's College dizer-lhes que estavam em Cambridge para «três coisas — Intelecto! Intelecto! Intelecto!« E que, nos anos vindouros, aprenderiam muito, mais do que em qualquer sala de estudo ou anfiteatro, com o tempo que passassem «nos quartos uns dos outros, a fertilizar-se reciprocamente». O zurro iniludível— HA, ha, ha, HA» — estilhaçou o silêncio pasmado que se seguiu a esta observação. Solanka adorava-o por causa daquela gargalhada irreverente.

Dâblio-Dâblio não se tornou romancista nem realizador de cinema. Lançou-se à investigaçãozinha, foi-lhe concedido o grau de doutor, por fim lá lhe ofereceram um lugar de professor, e ele agarrou-o com o ar agradecido de um homem que tinha acabado de arrumar, para todo sempre, a questão do que fazer com resto da sua vida. Nessa expressão, Solanka vislumbrou o Dâblio-Dâblio por detrás da máscara de menino de ouro, o

jovem desesperado por escapar ao mundo de privilégio em que tinha nascido. Solanka esforçou-se por lhe inventar, à laia de explicação, uma mãe oca, de coluna social, e um pai do tipo grosseirão abrutalhado, mas a imaginação teimava em faltar-lhe; os pais que, na realidade, lhe tinham sido apresentados eram absolutamente corteses e pareciam amar muito o filho. No entanto, Waterford-Wajda andara sem dúvida desesperado e até se referira, quando embriagado, ao lugar de professor no King's College como uma «maldita tábua de salvação, a única coisa que tenho». E isto quando, pelos padrões normais de qualquer pessoa, tinha tanto. O carro veloz, a bateria, a propriedade da família em Roehampton, os fundos do *trust*, as ligações tatlerianas. Solanka, num momento de falta de empatia de que viria a arrepender-se tremendamente, dissera a Dâblio-Dâblio que deixasse de chafurdar na lama da autocomiseração. Dâblio-Dâblio inteiriçara-se, acenara, soltara uma violenta risada — «HA-ha-ha-HA» — e não voltara, durante muitos anos, a falar de assuntos pessoais.

A questão das capacidades intelectuais de Dâblio-Dâblio permaneceu, para muitos dos seus colegas, irrespondível: o Enigma de Dâblio-Dâblio. Parecia tantas vezes tão tonto — uma alcunha que nunca pegou, por ser demasiado cruel até para os homens de Cambridge, foi Pooh, em homenagem ao imortal Urso Pateta —, no entanto, o seu percurso académico grangeou-lhe muito êxito. A tese sobre Voltaire que lhe deu o grau de doutor e constituiu a rampa de lançamento para a fama posterior lia-se como uma defesa de Pangloss — tanto do hiperoptimismo inicial, leibniziano, daquele dignitário imaginário como da sua posterior adesão ao quietismo auto-imposto. Isto ia tão profundamente contra a corrente distópica, colectivista, empenhada politicamente dos tempos em que escrevia ao ponto de ser, para Solanka e para outros, muito seriamente chocante. Por essas alturas, Dâblio-Dâblio proferiu uma série anual de conferências subordinadas ao tema «*Cultiver Son Jardin*». Em Cambridge, raras conferências — as de Pevsner, as de Leavis e mais nenhumas — tinham atraído multidões comparáveis. Os jovens (ou, para ser mais exacto, os mais jovens, porque, apesar de toda a sua indumentária cinzentona, Dâblio-Dâblio não tinha, de modo algum, passado ainda a juventude) vieram para armar zaragata e apupar, mas partiram mais tranquila e pensativamente, seduzidos pela profunda doçura da natureza dele, pela mesma inocência pueril e concomitante certeza de ser ouvido que tinham despertado Malik Solanka do pavor do primeiro dia.

Os tempos mudam. Uma manhã em meados da década de 70, Solanka entrara sorrateiramente pelos fundos do anfiteatro em que o amigo estava a dar uma conferência. O que o impressionava agora era a dureza do que Dâblio-Dâblio dizia e o modo como a sua tolice violentamente contrastante, quase pitónica, a despoletava. Se se olhasse para ele, via-se um pavão de *tweed*, desesperadamente alienado do que então ainda se chamava o *Zeitgeist*. Porém, se se prestasse atenção, ouvir-se-ia uma coisa muito diferente: uma envolvente desolação beckettiana. «Não esperem nada, percebem», dizia-lhes Dâblio-Dâblio, tanto a radicais esquerdistas como a cabeludos cheios de contas de vidro nas guedelhas, acenando-lhes com um exemplar gasto de *Candide*. «É isso que o bom do livro diz. Não haverá qualquer melhoria naquilo que é a vida. Péssimas notícias, bem sei, mas que se há-de fazer. É o melhor que se pode arranjar. A perfectibilidade do Homem não é mais, poder-se-ia dizer, que uma piada de mau gosto de Deus».

Dez anos antes, numa altura em que diversas utopias — marxistas, *hippies* — pareciam estar mesmo ao virar da esquina, em que a prosperidade económica e o pleno emprego permitiam à juventude inteligente entregar-se às suas fantasias brilhantes, idiotas, de Erewohns[4] marginais ou revolucionários, ele teria possivelmente sido linchado ou, pelo menos, silenciado por zaragateiros. Esta era, porém, a Inglaterra que saíra da greve dos mineiros e da semana dos três dias, uma Inglaterra estilhaçada à imagem do grande solilóquio de Lucky em *Godot*, em que, resumindo, se via o Homem encolher e diminuir, e aquele instante dourado de optimismo, quando o melhor de todos os mundos possíveis parecia estar mesmo ao virar da curva, estava a desvanecer-se velozmente. A perspectiva estóica de Dâblio-Dâblio sobre Pangloss — regozija-te no mundo, mais verrugas e tudo, porque é tudo o que tens, e regozijo e desespero são portanto termos comutáveis — estava rapidamente a ganhar terreno.

O próprio Solanka estava a ser afectado por ela. À medida que se debatia com a formulação do seu pensamento acerca do problema perene da autoridade e do indivíduo, dava consigo por vezes a ouvir a voz de Dâblio-Dâblio a acicatá-lo. Estes eram tempos de grande intervenção estatal, e, em parte, foi Waterford-Wajda que lhe possibilitou não ser uma maria-vai-com-as-outras. O Estado não pode fazer-nos felizes, sussurrava-lhe Dâblio-Dâblio ao ouvido, não pode tornar-nos pessoas boas ou curar-nos de um desgosto de amor. O Estado gere escolas, mas será que pode ensinar os

nossos filhos a gostar de ler, ou será essa função nossa? Há um Serviço Nacional de Saúde, mas que pode ele fazer em relação à enorme percentagem de pessoas que vai ao médico sem precisar? Há bairros sociais, claro, mas a boa vizinhança não é uma questão governamental. O primeiro livro de Solanka, um pequeno volume intitulado *Aquilo De Que Precisamos*, um relato da evolução de atitudes na história europeia no que dizia respeito ao problema do Estado *versus* indivíduo, foi atacado de ambos os extremos do espectro político e, mais tarde, descrito como um dos «pre/textos» daquilo que viria a ser conhecido por thatcherismo. O Professor Solanka, que abominava Margaret Thatcher, admitiu culposamente a verdade parcial do que sentira como uma acusação. O conservadorismo thatcheriano era o desvirtuamento da contracultura: partilhava com geração dele a desconfiança relativamente às instituições de poder e utilizava a sua linguagem de oposição para destruir os velhos grupos no poder — para dar poder não às pessoas, o que quer que fosse que isso significasse, mas a uma teia de amigalhaços cheios de massa. Era a economia de protecção aos ricos, e a culpa era dos anos 60. Tais reflexões contribuíram grandemente para a decisão do Professor Solanka de abandonar o mundo do pensamento.

Lá para os finais da década de 70, Krysztof Waterford-Wajda era já uma estrela em ascensão. Os académicos tinham-se tornado carismáticos. A vitória da ciência, altura em que a física se tornaria a nova metafísica, e a microbiologia, e não a filosofia, agarraria a grande questão de saber o que é ser humano, ainda vinha um pedacinho longe; a crítica literária era o supra-sumo do deslumbramento, e os seus titãs andavam de continente em continente, mais as suas botas de sete léguas, a fim de se exibirem num palco internacional de cada vez maiores dimensões. Dâblio-Dâblio viajava pelo mundo com os efeitos de um vento pessoal a esguedelhar-lhe os caracóis desgrenhados e prematuramente grisalhos, mesmo em espaços fechados, fazendo lembrar Peter Sellers em *Um Beatle no Paraíso*. Por vezes, era confundido, por participantes ansiosos, com Jacques Derrida, o poderoso francês, mas rejeitava esta honra com um autocrítico sorriso inglês, enquanto as sobrancelhas polacas se lhe franziam perante o insulto.

Vivia-se a época que veria nascer as duas grandes indústrias do futuro. A indústria da cultura viria, nas décadas subsequentes, substituir a da ideologia, tornando-se «primária» na acepção em que a economia outrora o fora e engendrar toda uma nova *nomenclatura* de comissários culturais, uma nova espécie de apparatchiks empenhados nos grandes ministérios da

definição, exclusão, revisão e perseguição, e uma dialéctica baseada no novo dualismo de defesa e ofensa. E, se a cultura era o novo secularismo do mundo, então a nova religião era a fama, e a indústria — ou melhor, a igreja — da celebridade viria dar trabalho sério a uma nova *ecclesia*, uma missão de proselitismo destinada a conquistar esta nova fronteira, construindo lantejoulados veículos de celulóide e foguetões de raios catódicos, desenvolvendo novos combustíveis a partir da má-língua e levando os Escolhidos até às estrelas. E, para fazer jus às exigências mais negras da nova fé, havia ocasionalmente sacrifícios humanos e quedas abruptas e incendiárias de asas.

Dâblio-Dâblio, como Ícaro, foi um fogo-fátuo de fim precoce. Solanka viu-o pouco durante os seus anos de ouro. A vida separa-nos com a sua acidentalidade à primeira vista casual, e, quando um dia abanamos a cabeça como se a acordar de um devaneio, os nossos amigos tornaram-se estranhos e não podem ser recuperados: «Ninguém aqui conhece o pobre Rip van Winkle?», perguntamos em tom lamuriante, e já ninguém responde de forma afirmativa. Foi assim com os dois velhos amigos de Faculdade. Dâblio-Dâblio passava agora a maior parte do tempo na América, tinham inventado para ele uma espécie qualquer de cátedra em Princeton, e ao princípio tinha havido chamadas telefónicas para cá e para lá, depois postais de Natal e aniversário, depois silêncio. Até que, num dos entardeceres estivais e amenos de Cambridge, em 1984, numa altura em que o velho lugar assumia o seu mais perfeito ar de livro de histórias, uma mulher bateu na madeira de carvalho, à porta exterior do gabinete do Professor Solanka — anteriormente ocupado por E. M. Forster —, na escadaria «A», por cima do bar dos estudantes. Chamava-se Perry Pincus; de ossos pequenos, era morena, peituda, sensual, jovem mas, felizmente, não bastante nova para ser estudante. Todas estas coisas produziram num ápice uma boa impressão na melancólica percepção de Solanka. Estava a recuperar de um primeiro casamento sem filhos, e Eleanor Masters ainda pertencia a um futuro longínquo. «Krysztof e eu chegámos ontem a Cambridge», disse Perry Pincus. «Estamos na Garden House. Oh, *eu estou* na Garden House. Ele está no Addenbrooke. Ontem à noite cortou os pulsos. Tem andado muito deprimido. Perguntou por si. Arranja-me uma bebida?»

Ela entrou e olhou apreciativamente em seu redor. As casas, umas pequenas, outras maiorzitas, *e* as figuras humanóides estavam por todo o lado, figurinhas minúsculas dentro das casas, é claro, mas outras também

fora delas, em cima do mobiliário do Professor Solanka, nos cantos do gabinete dele, figuras moles e duras, masculinas e femininas, também elas umas maiorzitas, outras pequenas. Perry Pincus estava cuidadosamente — ainda que muito — pintada, as pálpebras semicerradas sob o peso de pestanas postiças, pretas, pesadas, e vestida para matar, com um fatinho curto e justo, saltos de agulha. Não era bem a indumentária esperada numa mulher cujo amante acabara de tentar suicidar-se, mas ela não apresentou qualquer justificação. Perry Pincus era uma jovem pessoa de Lit. Ing. que gostava de foder as estrelas do seu mundo crescentemente desenclaustrado. Como devota que era do encontro acidental, as consequências (esposas, suicídios) não eram com ela. No entanto, era esperta, viva e, como todos nós, acreditava ser uma pessoa aceitável, até, se calhar, uma pessoa boa. Depois do primeiro gole de vodka — o Professor Solanka tinha sempre uma garrafa no frigorífico — disse sem rodeios, «É depressão clínica. Não sei que fazer. Ele é um querido, mas não fui feita para cuidar de homens com problemas. Não pertenço ao género enfermeira. Gosto de tipos decididos». Depois de dois goles, disse, «Acho que ele era virgem quando me conheceu. Será que isso é sequer possível? Ele não o admitiu, é claro. Disse que, na terra dele, era um partido e tanto. O que veio a confirmar-se ser verdade, em termos financeiros, mas eu não sou do género interesseiro». Depois de três goles, disse, «Ele só queria que eu lhe fizesse um broche ou, em alternativa, foder-me no cu. O que tudo bem, está a ver, tanto faz. Estão sempre a pedir-mo. É uma das minhas imagens: miúdo-com-mamas. Atrai os tipos sexualmente baralhados. Pode acreditar. Eu sei». Depois de quatro goles, disse, «A propósito de sexualmente baralhados, Professor, grandes *bonecas*».

Ele decidiu que estava esfomeado mas não assim tão esfomeado, e docemente fê-la descer as escadas, levando-a até King's Parade, onde a meteu num táxi. Ela fitou-o pelo vidro da janela de olhos borrados e uma expressão perplexa, depois recostou-se, fechou os olhos, encolheu levemente os ombros. *Tanto faz*. Posteriormente, veio a saber que, à sua maneira, Perry «Pinocada» era famosa no circuito literário global. Hoje em dia podia ser-se famoso por qualquer coisa, e ela era-o.

Na manhã seguinte, foi visitar Dâblio-Dâblio, não ao hospital principal mas a um edifício de tijolo, antigo e com bom aspecto, erigido num terreno verde, frondoso, quase ao fim da Trumpington Road: uma espécie de casa de campo para os desesperados. Dâblio-Dâblio estava de pé, junto a uma

janela, a fumar um cigarro, envergando um pijama de riscas largas, amarrotado, por baixo do que parecia ser o seu velho robe dos dias de faculdade, uma coisa puída, manchada, que fazia talvez as vezes de cobertor de estimação. Tinha os pulsos ligados. Parecia mais pesado, mais velho, mas o maldito sorriso de sociedade ainda lá estava, ainda em exibição. O Professor Solanka deu consigo a pensar que, se os genes o tivessem condenado a envergar uma tal máscara todos os dias da sua vida, já há muito que teria vindo parar aqui com os pulsos ligados.

— Doença holandesa dos ulmeiros — disse Dâblio-Dâblio, apontando para os troncos das árvores. — Tremendo. Os ulmeiros da velha Inglaterra, perdidos para sempre, estás a ver.

Tás ver. O Professor Solanka não disse nada. Não viera falar de árvores. Dâblio-Dâblio virou-se para ele, apercebendo-se disso.

— Não esperes nada e não ficarás decepcionado, hem — murmurou, parecendo um rapazinho envergonhado. — Deveria ter prestado atenção às minhas próprias conferências.

Solanka continuou sem falar. Depois, pela primeira vez em muitos anos, Dâblio-Dâblio pôs de lado o número de menino de Eton.

— Tem que ver com sofrimento — disse com voz monótona. — Por que sofremos todos tanto. Por que é que há tanto. Por que não conseguimos pôr-lhe fim. Podemos construir diques, mas ele arranja sempre maneira de se infiltrar e depois, um dia, o dique dá de si. E não sou só eu. Quer dizer, sou eu, mas é toda a gente. És tu também. Por que é que não pára? Está a dar cabo de nós. Quer dizer, de mim. Está a dar cabo de mim.

— Isso soa um tudo-nada abstracto — arriscou o Professor Solanka, docemente.

— Pois é. — A brusquidão era indesmentível. O sistema antimíssil voltara a ser activado. — Desculpa não estar à altura. É o mal de ser um Urso Pateta.

— Por favor — pediu o Professor Solanka —, deixa-te disso e conta-me.

— Isso é o pior — disse Dâblio-Dâblio. — Não há nada que contar. Nenhuma causa directa ou próxima. Um dia acordas e já não fazes parte da tua vida. Sabe-lo. A tua vida não te pertence. O teu corpo não *é,* não sei como fazer-te sentir a força disto, *teu.* Há apenas a vida a viver-se a si própria. Não a possuis. Não tens nada que ver com ela. É tudo. Não parece grande coisa, mas acredita em mim. É como quando se hipnotiza alguém que

é depois persuadido de que há uma pilha enorme de colchões do lado de fora da janela. Ele deixa de conseguir ver razão para não saltar.

— Lembro-me bem do que isso é ou, pelo menos, de uma versão mais suave — anuiu o Professor Solanka, pensando naquela noite, há muito tempo, em Market Hill. — E foste tu que me deste um abanão. Agora cabe-me a mim fazer o mesmo por ti.

O outro abanou a cabeça.

— Receio bem que isto não vá lá com abanões.

As atenções que recebera, o estatuto de celebridade, tinham agravado a crise existencial de Dâblio-Dâblio. Quanto mais se tornava uma Personalidade, menos se sentia pessoa. Por fim decidiu retirar-se para os claustros da academia tradicional. Acabara-se toda aquela derridada de *Beatle no Paraíso* do mundo! Acabara-se a *encenação*. Fortalecido pela sua nova resolução, metera-se num avião de volta a Cambridge, mais a *groupie* literária da Perry Pincus, uma borboleta sexual despudorada, acreditando de facto que poderia estar de casa e pucarinho com ela e construir uma vida estável em torno da relação. O que mostrava como estava passado.

Krysztof Waterford-Wajda sobreviveria ainda a três outras tentativas de suicídio. Depois, apenas um mês antes de o Professor Solanka metaforicamente matar a sua vida, despedindo-se de toda a gente e de tudo de que gostava e fazendo-se à América com uma boneca de cabelo espetado nos braços — um exemplar em mau estado da edição limitada, especial, da primeira fase da Craniozinho, as roupas rasgadas, o corpo danificado —, Dâblio-Dâblio caiu morto. Tinha três artérias entupidíssimas. Um simples *bypass* podia tê-lo salvo, mas ele recusou-se a ser operado e caiu como um ulmeiro inglês. O que, talvez, se se andasse à procura deste género de explicações, tivesse ajudado a espoletar a metamorfose do Professor Solanka. Este, recordando em Nova Iorque o amigo morto, apercebeu-se de que seguira os passos de Dâblio-Dâblio em tantas coisas: em parte do seu pensamento, sim, mas também no percurso para *le monde médíatique*, para a América, para a crise.

Perry Pincus fora uma das primeiras a intuir o elo entre eles. Regressara à sua San Diego natal e ensinava agora, numa faculdade local, a obra de alguns dos críticos e escritores que conhecera carnalmente. Pincus 101, chamou-lhe ela, despudorada como sempre, numa das mensagens anuais que nunca deixava de enviar ao Professor Solanka, por ocasião das festas. «É a minha colecção pessoal de grandes êxitos, o meu Top 20», escreveu-lhe,

acrescentando, um tudo-nada cortante, «o senhor não faz parte dela, Professor. Não sei andar à volta da obra de um homem se não sei que entrada ele prefere». As boas festas dela eram invariavelmente acompanhadas, incompreensivelmente, de uma prenda de peluche — um ornitorrinco, um leão-marinho, um urso polar. Eleanor divertira-se sempre muito com as encomendas anuais da Califórnia. «Porque não quiseste fodê-la», o Professor Solanka foi informado pela mulher, «ela não consegue pensar em ti como num amante. Por isso, está a tentar tornar-se tua mãe. Qual é a sensação de ser o filhinho da Perry Pinocada?»

3 Palavra formada a partir da aglutinação dos nomes das duas mais antigas e prestigiadas universidades inglesas: Oxford e Cambridge, *(N. T.)*

4 Referência a *Erewohn*, obra oitocentista de Samuel Butler, em que se esboça uma sátira a projectos utópicos. O próprio nome do texto é uma inversão de *nowhere* [=nenhures], fazendo assim jus à etimologia da palavra « utopia» [=não lugar]. *(N. T.)*

3

Na confortável casa que alugara em Upper West Side, um belíssimo duplex, ocupando o primeiro e o segundo andares e exibindo majestosos painéis de carvalho, tectos altos e uma biblioteca muito elogiosa dos seus proprietários, o Professor Solanka bebericava lentamente um copo de Geyserville, um tinto seco da Califórnia, e carpia. A decisão de partir fora inteiramente dele; ainda assim, chorava a vida de outrora. Independentemente do que Eleanor dissera ao telefone, a ruptura era quase de certeza irreparável. Solanka nunca se vira como alguém que se punha ao fresco ou fugia com o rabo à seringa, no entanto, tinha largado mais peles que uma cobra. Deixara país, família e não uma mas duas mulheres na sua esteira. E agora também um filho. Se calhar o erro era ver a sua última saída como invulgar. A dura realidade era talvez que ele não estava a agir contra a natureza, mas conforme os seus ditames. Quando ficava nu diante do espelho desadornado da verdade, era assim que ele realmente era.

No entanto, como Perry Pincus, acreditava ser uma pessoa boa. As mulheres também o acreditavam. Pressentindo nele uma ferocidade de compromisso que só raras vezes se encontrava no homem moderno, as mulheres tinham-se frequentemente permitido apaixonar-se por ele, surpreendendo-se a si próprias — estas mulheres de olhos bem abertos, prudentes! — com a velocidade com que se lançavam de cabeça para águas emocionais muitíssimo fundas. E ele não as desapontava. Era bondoso, compreensivo, generoso, inteligente, divertido, adulto, e o sexo era bom, era sempre bom. Isto é para sempre, pensavam elas, porque conseguiam vê-lo a pensá-lo também; sentiam-se amadas, estimadas, seguras. Ele dizia-lhes — a cada uma das suas mulheres à vez — que, em vez de laços de família, tinha amizade e, mais do que amizade, amor. O que soava bem. Daí que elas abandonassem as suas defesas e se descontraíssem no bem bom e jamais dessem conta do nó oculto dentro dele, do terrível torção da dúvida, até ao dia em que ele explodia, e o ser alienígena lhe rebentava do estômago, arreganhando filas múltiplas de dentes. Elas jamais davam conta do fim a aproximar-se até este se abater sobre elas. A primeira mulher, Sara, a que tinha o dom do verbo gráfico, descreveu a coisa assim: «É como uma morte à machadada».

«O teu mal é», dissera-lhe uma Sara incandescente lá para o fim da última discussão deles, «que tu só estás verdadeiramente apaixonado pela aquelas tuas bonecas de merda. O máximo que aguentas é o mundo em miniatura inanimado. O mundo que podes fazer, desfazer e manipular, cheio de mulheres que não replicam, mulheres que não tens de foder. Ou agora andas a fazê-las com conas? Conas de madeira, conas de borracha, conas de encher que guincham como a merda dos balões, à medida que vais deslizando para dentro e para fora. Será que tens um harém de bonecada fodilhona, de tamanho real, escondido algures numa barraca, é isso que vão encontrar um dia quando fores preso por violar e desmembrar uma qualquer menina lourinha de oito anos, uma pobre bonequinha de carne e osso com quem brincaste e depois atiraste fora. Encontrarão o sapato dela numa sebe, e haverá descrições de uma carrinha na televisão, e eu estarei a ver, e tu sem vir para casa, e eu a pensar, Jesus, conheço aquela carrinha, é nela que leva os brinquedos de merda quando vai àquelas reuniões de tarados do tipo eu-mostro-te-a-minha-bonequinha-se-me-mostrares-a-tua. Eu serei a mulher que nunca deu por nada. Eu serei a merda da mulher de expressão bovina, forçada a defender-te na televisão, só para me defender a mim própria e à minha inimaginável estupidez, porque, afinal, eu te escolhi».

Vida é fúria, pensara ele. A fúria — sexual, edipiana, política, mágica, brutal — impele-nos para as nossas mais nobres alturas e mais grosseiras profundezas. Da *furia* vem criação, inspiração, originalidade, paixão, mas também violência, sofrimento, pura destruição destemida, o dar e receber de golpes de que nunca recuperamos. As Fúrias perseguem-nos; Xiva dança a sua dança furiosa a fim de criar e também de destruir. Mas deixemos os deuses! Sara aos berros com ele representara o espírito humano na sua forma mais pura, menos socializada. É isto que somos, que nos civilizamos para disfarçar — o aterrorizador animal humano dentro de nós, o exaltado, transcendente, autodestrutivo, desagrilhoado senhor da criação. Elevamo-nos uns aos outros às alturas da alegria. Arrancamos uns aos outros o raio dos membros.

Chamava-se Lear, Sara Jane Lear, ainda, de algum modo, parente afastada do escritor e aguarelista, mas não havia nela vestígios do imortal humor absurdo do estranho Edward. *Que agradável é conhecer Sara Lear que se lembra de pilhas de coisas! Há gente que a acha tremendamente esquisita, mas eu acho-a bastante agradável*. Os versos revistos não despertavam nem sombra de sorriso. «Imagina quantas vezes as pessoas já me recitaram essas

mesmas palavras e desculpar-me-ás por não ficar impressionada». Era um ano e picos mais velha que ele e estava a escrever uma tese sobre Joyce e o *nouveau roman* francês. No seu apartamento de segundo andar, na Chesterton Road, o «amor» — que, em retrospectiva, mais parecia medo, um agarrar-se mútuo ao cinto da vida do outro enquanto se afogavam na solidão dos vinte e tal anos — fê-lo arrastar-se duas vezes por *Finnegans Wake*. E pelas páginas sombrias de Sarraute, Robbe-Grillet e Butor. Quando, infeliz, levantava os olhos das grandes pilhas das suas frases lentas, obscuras, dava com ela a observá-lo do outro cadeirão, virando para ele aquela angular máscara diabólica a que chamava rosto, belíssima mas dissimulada. A senhora do olhar dissimulado dos Fenlands. Não sabia ler-lhe a expressão. Podia ser desprezo.

Quem pensa não casa, e eles casaram depressa de mais e sentiram-se, quase imediatamente, enredados no erro. Permaneceram, no entanto, juntos durante alguns anos infelizes. Mais tarde, quando contou a história da sua vida a Eleanor Masters, Solanka descreveu a primeira mulher como alguém que tinha estratégias de fuga, o jogador com mais probabilidades de abandonar o jogo. «Ela desistiu muito cedo de tudo o que mais desejava. Antes mesmo de descobrir que não estava à altura». Sara fora a mais extraordinária actriz de teatro universitário da sua geração, mas ficara-se por aí, deixando atrás de si, e para sempre, maquilhagem e multidão sem uma palavra de arrependimento. Posteriormente viria também a abandonar a tese, arranjando um emprego no mundo da publicidade e emergindo da crisálida do seu guarda-roupa de mulher do espírito com umas lindíssimas asas de borboleta.

Isto foi logo depois de o casamento ter chegado ao fim. Quando descobriu, Solanka ficou uns tempos furioso. Toda aquela leitura esforçada para nada! E não era só a leitura.

— Graças a ela – enfurecia-se diante de Eleanor —, vi *L'Année Dernière à Marienbad* três vezes num dia. Passámos o fim-de-semana a deslindar aquele maldito jogo de fósforos que eles jogam. «Não vais ganhar, sabes». «Não é um jogo se não puderes perder». «Oh, lá perder posso, só que nunca perco». Esse jogo. Graças a ela, ainda o tenho metido na cabeça, mas ela pirou-se para o universo do exibicionismo do ter. Eu p'ràqui enterrado até aos cabelos no raio das *couloirs* da ficção francesa e ela num fatinho de executiva da Jil Sander, num gabinete de canto no quadragésimo nono andar,

com vista para a Sixth Avenue, a esmifrar, não tenho qualquer dúvida, uma pipa de dólares.

— Pois, mas para que conste, *tu* é que a puseste a andar — observou Eleanor. —Tu encontraste a próxima e trocaste Sara por ela: deixaste-a sem apelo nem agravo. Nunca deverias ter casado com ela, é óbvio, o que é a tua única desculpa. É essa a grande questão irrespondível sobre o amor colocada pela tua Rainha Lear: onde diabo tinhas a cabeça? Mais, levaste a paga quando a próxima, a valquíria wagneriana da Harley, te mandou borda fora por causa de que compositor?

Ela sabia perfeitamente qual era a resposta, mas era uma história de que ambos gostavam.

— Rummenigge dum raio — dizia Solanka a sorrir, agora calmo. — Ela trabalhou como assistente de um dos seus projectos de três orquestras e um chaimite e, posteriormente, ele mandou-lhe um telegrama. *Tem a bondade de evitar todo e qualquer contacto sexual até podermos examinar o elo profundo que, evidentemente, há entre nós*. E, no dia seguinte, um bilhete só de ida para Munique, e ela desapareceu na Floresta Negra durante anos. Porém, não foi feliz — acrescentou. — Não soube dar valor ao que tinha, percebes.

Quando Solanka a deixou, Eleanor acrescentou um *post scriptum* amargo a estas reflexões.

— Na verdade, gostaria de ouvir a versão delas destas histórias — disse no decurso de uma conversa telefónica difícil. — Se calhar sempre foste um estupor insensível.

* * *

Malik Solanka, enquanto deambulava sozinho para uma sessão dupla e tardia de Kieslowski, na Lincoln Plaza, tentou imaginar a sua própria vida como um filme do *Decálogo*. Um Pequeno Filme Sobre Deserção. Que Mandamentos podia dizer-se que a história dele ilustrava ou, como preferia o especialista em Kieslowski que apresentara os episódios da semana anterior, indagava? Não faltavam Mandamentos contra os pecados de acção imprópria. Cobiça, adultério, luxúria, estas coisas estavam anatematizadas. Porém, onde estavam as leis contra pecados de omissão imprópria? Não Serás Um Pai Ausente. Já Agora, Não Abandonarás a Tua Vida Sem Uma Merda de Razão Válida, Pá, e A Que Apresentaste Até Agora Não Chega

Nem Pouco Mais ou Menos. Que Pensas Tu? Que Podes Fazer Tudo Aquilo Que Te Der Na Real Gana? Quem Imaginas Tu Que És: Hugh Hefner? O Dalai Lama? Donald Trump? Que Diabo Achas Que Andas a Fazer? Hã, meu? *Hã???*

O mais provável era Lear viver aqui mesmo, nesta cidade, pensou de repente. Devia agora andar pelos cinquenta e muitos anos, devia ser uma manda-chuva com um *portfólio* a rebentar pelas costuras, o número secreto para reservas do Pastis e Nobu, e uma casa de fim-de-semana a sul da auto-estrada em, ah, Amagansett. Graças aos céus, não havia qualquer necessidade de descobrir que era feito dela, de ir visitá-la, de felicitá-la pelas suas opções de vida. Que exultante ficaria! Porque tinham vivido o suficiente para testemunhar a vitória absoluta da publicidade. Nos anos 70, quando Sara tinha preterido a vida séria a favor da frívola, trabalhar no país dos anúncios fora coisa levemente vergonhosa. Era coisa que só se confessava aos amigos com voz abafada e olhos baixos. A publicidade era uma ilusão de confiança, um logro, o inimigo mal-afamado da promessa. Era — um pensamento horrível naquela época — descaradamente capitalista. Vender coisas era *baixo*. Agora toda a gente — escritores eminentes, grandes pintores, arquitectos, políticos — queria fazer parte da coisa. Alcoólicos regenerados promoviam vinhos. Toda a gente, e tudo, estava à venda. Os anúncios tinham-se tornado colossos, trepando, qual Kong, pelas paredes dos edifícios acima. E o que era mais: eram adorados. Quando estava a ver televisão, Solanka continuava a baixar o som durante os intervalos para anúncios, mas os outros, tinha a certeza, aumentavam-no. As raparigas dos anúncios — Esther, Bridget, Elizabeth, Halle, Gisele, Tyra, Isis, Aphrodite, Kate — eram mais desejáveis que as actrizes dos programas entre anúncios; que diabo, os *rapazes* dos anúncios — Mark Vanderloo, Marcus Schenkenberg, Marcus Aurelius, Mark Antony, Marky Mark — eram mais desejáveis do que as actrizes dos programas. E, além de apresentar o sonho de uma América idealmente bela, em que todas as mulheres eram boazonas e todos os homens eram Marks, uma vez feito o trabalho básico de vender pizas e viaturas todo-o-terreno e do Não Acredito Que Não É Manteiga, para lá da gestão financeira e do novo ditditdit dos pontocom, os anúncios acalmavam a dor da América, a dor de cabeça, as dores provocadas por gases, os males de amor, a solidão, a dor da infância e da velhice, de ser pai e de ser filho, a dor da masculinidade e a dor das mulheres, a dor do êxito e a do fracasso, as dores boas do atleta e as dores más dos culpados, a

angústia da solidão e da ignorância, o tormento fino como agulhas das cidades e a mágoa surda, irada das planícies vazias, a dor de querer sem saber o que se queria, a agonia do vazio uivante no seio de cada ser semiconsciente, a observar. Não admira que a publicidade fosse popular. Ela tornava as coisas melhores. Mostrava-nos o caminho. Não era parte do problema. Resolvia coisas.

Por acaso, havia um criativo no prédio do Professor Solanka. Usava suspensórios vermelhos e camisas Hathaway e até fumava cachimbo. Tinha-se-lhe apresentado nessa mesmíssima tarde, junto às caixas de correio do vestíbulo, enquanto segurava um conjunto de esboços enrolados. (O que é que teria a solitude de Solanka, perguntava-se silenciosamente o professor, que parecia forçar os vizinhos a perturbá-la?)

— Mark Skywalker, do planeta Tatooine.

Tanto faz, como teria dito Perry Pincus. Solanka estava desinteressado neste jovem de laço, óculos, com muito pouco de guerreiro Jedi, além de que, na qualidade de antigo crânio em ficção científica, desprezava a telenovela espacial, muito cultura-de-massas, do ciclo da *Guerra das Estrelas*. Porém, aprendera já a não se incompatibilizar com a auto-invenção em Nova Iorque. Aprendera também a omitir o «Professor» quando oferecia o seu próprio nome. O saber irritava as pessoas, e a formalidade era uma maneira de puxar dos galões. Este era o país do diminutivo. Até as lojas e os lugares onde se comia não tardavam a tornar-se íntimos. Mesmo ao virar da esquina, havia o Andy, o Bennie, o Josie, o Gabriela, o Vinnie, o Freddie & Pepper. O país da reserva, do subentendido e do não-dito, esse tinha ele deixado para trás, e ainda bem que o fizera, bem vistas as coisas. No Hana (material médico), entrávamos e podíamos comprar SUTIÃS PARA MASTECTOMIZADAS. O indizível encontrava-se aqui na montra, a letras vermelhas, com trinta centímetros. Por isso, pronto, «Solly Solanka», respondera ele, de modo neutro, surpreendendo-se com o uso da alcunha de que não gostava; ao que Skywalker franzira o sobrolho.

— É um *landsman?*

O termo não lhe era familiar, e Solanka disse-o apologeticamente.

— Oh, então não é — Skywalker acenou com a cabeça. — Pensei que fosse, talvez por causa do Solly. E também, desculpe, há qualquer coisa no nariz.

O significado da palavra desconhecida depressa se tornou claro a partir do contexto e levantava uma questão interessante que Solanka se conteve de

pôr: com que então havia judeus em Tatooine?

— É britânico, certo? — prosseguiu Skywalker. (Solanka não entrou nas subtilezas pós-coloniais migratórias.) — A Mila disse-me. Posso pedir-lhe um favor. Dê uma olhadela a isto.

Mila era, presumivelmente, a imperatriz da rua. Solanka apercebeu-se, sem prazer, da eufonia do nome deles: Mila, Malik. Quando descobrisse isto, a jovem seria certamente incapaz de resistir a mencioná-lo na presença dele. Ele seria obrigado a verbalizar o óbvio, a saber: que sons não são significados, e que isto não era mais que um eco interlinguístico, do qual não se deveria inferir nada, e decerto que não qualquer ligação humana. O jovem dos anúncios tinha desenrolado e espalhado os desenhos em cima da mesa do vestíbulo.

— Preciso da sua opinião sincera — explicou Skywalker. — Trata-se de uma campanha de imagem para uma empresa.

Os desenhos mostravam imagens desdobráveis em duas páginas de famosas linhas de horizonte urbano ao pôr do Sol. Solanka fez um gesto vago, sem saber como reagir.

— O *slogan* — encorajou-o Skywalker. — Acha bem?

Todas as imagens apresentavam no topo a mesma frase. AMERICAN EXPRESS INTERNATIONAL BANKING CORPORATION, A INSTITUIÇÃO BANCÁRIA EM QUE O SOL NUNCA SE PÕE.

— Bem. Parece-me bem — respondeu Solanka, sem saber se, de facto, estava bem, mais ou menos ou mal. Presumivelmente, havia sempre uma delegação da American Express aberta algures no mundo, daí que a afirmação fosse provavelmente verdadeira, embora de que serviria a um indivíduo, digamos, em Londres saber que os bancos ainda estavam abertos em Los Angeles? Guardou tudo isto para si e fez um ar, esperava ele, judicioso e aprovador. Porém, era evidente que Skywalker queria mais.

— Enquanto bife — foi dizendo tentativamente —, está a dizer-me que os Britânicos não se sentirão insultados?

Isto constituiu uma perplexidade indisfarçável.

— Quer dizer, por causa do Império Britânico. No qual o Sol nunca se põe. Não há qualquer intenção de ofender. É disso que quero certificar-me. Que a frase não é recebida como um insulto ao passado glorioso do seu país.

O Professor Solanka sentiu uma enorme irritação subir-lhe pelo peito. Experimentou um forte desejo de gritar com este tipo com pseudónimo de atrasado mental, de lhe chamar nomes e talvez mesmo de lhe dar um bofetão.

Teve de fazer um esforço para se conter e, numa voz uniforme, assegurar ao jovem e sério Mark, no seu fatinho à clone de David Ogilvy, que mesmo o mais vermelhusco dos coronéis ingleses não ficaria, com toda a probabilidade, incomodado com a banal formulação dele. Depois apressou-se a entrar no seu apartamento, fechou a porta com o coração a bater, encostou-se à parede, cerrou as pálpebras, ofegou e estremeceu. Sim, este era o reverso da moeda deste ambiente franco, directo, de olá-como-vai, de SUTIÃ DE MASTECTOMIA, tão novo para ele: esta nova hipersensibilidade cultural, este medo quase patológico de ofender. Tudo bem, ele sabia, toda a gente sabia, que não era essa a questão. A questão era: de onde vinha toda esta cólera? Por que estaria ele a ser apanhado desprevenido, vezes sem conta, por ondas de raiva que quase lhe submergiam a vontade?

Tomou um duche frio. Depois deitou-se duas horas no quarto escurecido com o ar condicionado e a ventoinha de tecto a trabalhar à velocidade máxima, de modo a combater o calor e a humidade. Controlar a respiração ajudava, e ele habituara-se também a utilizar técnicas de visualização para se descontrair. Imaginava a cólera como um objecto físico, um inchaço mole, escuro, a palpitar, e mentalmente desenhava um triângulo vermelho à volta dele. Depois ia devagar fazendo o triângulo mais pequeno até o inchaço desaparecer.

Isto funcionou. As batidas cardíacas voltaram ao normal. Ligou o televisor do quarto, um antiquado mostrengo de aparelho, que zunia e estrepitava, de uma geração tecnológica anterior, e assistiu a El Duque na base, mais a sua acção espantosa, hiperbólica. O lançador enroscou-se até o joelho quase lhe tocar o nariz, depois soltou-se como um chicote. Mesmo nesta época errática em que o pânico andava a rondar o Bronx, Hernández inspirava calma.

O Professor Solanka cometeu o erro de saltitar por instantes para a CNN, onde era Elián a toda a hora. Ao Professor Solanka repugnava-lhe a eterna necessidade que as pessoas tinham de tótemes. Um rapazinho fora salvo de uma bóia de borracha no mar, a mãe morrera afogada, e, logo, começara a histeria religiosa. A mãe morta tornou-se quase uma figura mariana e viam-se cartazes a dizer ELIÁN, SALVA-NOS. O culto, nascido da demonologia necessária de Miami — de acordo com a qual Castro, o demónio, Castro o Hannibal-Canibal, comeria o miúdo vivo, arrancar-lhe-ia a alma imortal e mastigá-la-ia e engoli-la-ia, acompanhada de umas favinhas e um copo de vinho tinto —, desenvolveu também instantaneamente um clero. O tremendo tio obcecado pelos meios de comunicação foi ungido papa do Elinismo, e a

filha dele, a pobre Marisleysis, mais a sua «exaustão nervosa», era exactamente do tipo que, muito em breve, começaria a testemunhar os primeiros milagres do menino de sete anos. Até havia um pescador envolvido. E, é claro, apóstolos, a espalhar a palavra: o fotógrafo que vivia no quarto de Elián, o pessoal dos telefilmes a acenar com contratos, editoras a fazer o mesmo, a própria CNN e todas as demais equipas de jornalistas, mais as suas antenas de transmissão e microfones com pelinho. Entretanto, em Cuba, o rapazinho estava a ser transformado num tóteme bem diferente. Uma revolução agonizante, uma revolução de velhos de barba desgrenhada, erguia a criança nas mãos como prova da sua renovada juventude. Nesta versão, Elián, emergindo das águas, tornava-se uma imagem da imortalidade da revolução: uma mentira. Fidel, esse vetusto infiel, fazia discursos intermináveis envergando uma máscara de Elián.

Durante muito tempo, o pai, Juan Miguel González, permaneceu na sua cidade natal de Cárdenas e pouco disse. Disse que queria o filho de volta, o que era talvez digno, e talvez bastasse. Ponderando sobre o que ele próprio faria se os tios e primos se intrometessem entre ele e Asmaan, o Professor Solanka partiu um lápis ao meio. Depois voltou a mudar para o canal do jogo, mas tarde de mais. El Duque, ele próprio um refugiado cubano, não seria da mesma opinião que Solanka. Essa opinião, em que Asmaan Solanka e Elián González perdiam os contornos e se misturavam, estava novamente a exaltar-se, ressaltando que, no seu próprio caso, não tinham sido precisos parentes para separar Solanka e o filho. Ele conseguira a ruptura sem ajuda de fora. À medida que a raiva impotente crescia dentro dele, utilizou, mais uma vez, as suas muito praticadas técnicas de sublimação, dirigindo a cólera para fora, para a turba ideologicamente insana de Miami, que estava a transformar-se com a experiência naquilo que ela própria mais odiava. A fuga à intolerância fizera deles intolerantes. Berravam aos jornalistas, insultavam os políticos que discordavam deles, erguiam punhos cerrados aos carros que passavam. Falavam dos males de lavagens ao cérebro, mas os cérebros deles estavam, flagrantemente, pouco limpos.

— Qual lavado qual quê, emporcalhado é o que é! — Solanka deu consigo a berrar a plenos pulmões para a imagem televisiva do lançador cubano. — Ficaram mas é com o cérebro emporcalhado pelas vossas vidas. E olhem para o rapazinho num baloiço com centenas de focinhos de câmara a farejar-lhe a confusão: que andam vocês a dizer-lhe do pai?

Teve de voltar ao princípio: as tremuras, as batidas, o ofegar, o duche, a escuridão, a respiração, a visualização. Nada de drogas; tinha-as proscrito, da mesma forma que andava a ver se evitava médicos da cabeça. O mafioso Tony Soprano podia ir as vezes que quisesse ao psiquiatra, mas ele que se fodesse, era ficcional. O Professor Solanka tinha resolvido enfrentar sozinho os seus demónios. A psicanálise e os químicos pareciam-lhe batotice. Caso quisesse vencer mesmo o duelo, caso quisesse mesmo levar o demónio que o possuía ao tapete e enviá-lo para o Inferno, tinha de ser uma luta apenas entre eles os dois, nus como tinham vindo ao mundo, sem constrangimentos, num combate sem luvas, até à morte.

Já estava escuro quando Malik Solanka achou estar em condições de deixar o apartamento. Abalado mas apresentando um ar de jovialidade, saiu para ir à sessão dupla de Kieslowski. Se fosse um veterano do Vietname ou mesmo um repórter que tivesse visto de mais, o comportamento dele seria mais facilmente compreensível. Jack Rhinehart, um poeta e correspondente de guerra americano que conhecia há mais de vinte anos, quando acordado pelo telefone a tocar, costumava, ainda hoje, partir o aparelho aos bocadinhos. Não conseguia evitá-lo, e estava só meio acordado quando isto acontecia. Jack gastava muito dinheiro em telefones, mas aceitava o seu destino. Ficara marcado, mas achava que tinha sorte por não ser pior. Porém, a única guerra em que o Professor Solanka combatera era a da própria vida, e a vida tinha sido boa para ele. Tinha dinheiro e o que a maioria das pessoas pensava ser uma família ideal. Tanto a mulher como o filho eram excepcionais. No entanto, tinha-se sentado na sua cozinha, a meio da noite, com o cérebro cheio de homícidio; homicídio concreto, não do tipo metafórico. Até levara uma faca de trinchar para o andar de cima e ficara, durante um minuto terrível, surdo, a olhar para o corpo da mulher adormecida. Depois afastara-se, dormira no quarto de hóspedes e, na manhã seguinte, fizera as malas e apanhara o primeiro avião para Nova Iorque, sem dar qualquer razão. O que acontecera estava para lá da razão. Precisava de pôr um oceano, pelo menos um oceano, entre ele e o que quase fizera. Daí que Ms. Mila, a imperatriz da West Seventieth Street, estivera mais perto da verdade do que supunha. Do que alguma vez podia vir a supor.

Estava à espera na fila do cinema, perdido dentro de si. Depois uma voz de jovem começou, atrás do seu ouvido direito, desgraçadamente alto, sem se ralar com quem o ouvia, a contar a sua história a um companheiro mas também à fila inteira, à cidade; como se a cidade se ralasse. Viver na

Metropolis era saber que o excepcional era tão comum como um refrigerante sem açúcar, que a anormalidade era a norma da pipoca:

— Então, por fim, lá lhe telefonei, e digo-lhe estilo, olá, Mãe, que tal, ela começa, Queres saber quem está aqui a jantar comigo em Vila Nova de Nenhures, quem está aqui a comer o rolo de carne da tua mãe, está cá o Pai Natal, é só isso. O Pai Natal sentado ali mesmo, à cabeceira da mesa onde o bandido estuporado do teu pai costumava pôr a peida de cabrão lambe-fraldas. Juro por Deus. Quer dizer, são três da tarde, e ela já se está a passar. Foi o que ela disse, palavra por palavra. O Pai Natal. E eu, Claro, Mãe, e que é feito de Jesus. Ao que ela responde, Para ti é *Senhor* Jesus Cristo, meu rapaz, e tenho dizer-te que o bom do Senhor Jesus Cristo está a tratar do peixe, é claro. Pronto, isto foi mais do que consegui aguentar, por isso digo, Adeusinho, Mãe, dá cumprimentos aos cavalheiros, tem um bom...

E, paralelamente à voz masculina, há uma risada dura, horrorizada de mulher. HA-ha-ha-HA.

Nesta altura, num filme de Woody Allen (parte de *Maridos e Mulheres* tinha, na verdade, sido filmado no apartamento alugado de Solanka), os cinéfilos ter-se-iam juntado à conversa, tomando partidos, apresentando episódios pessoais que rivalizavam ou superavam o que tinham acabado de ouvir e encontrando precedentes para o monólogo da mãe zangada, louca, na última fase de Bergman, de Ozu, ou de Sirk. Num filme de Woody Allen, Noam Chomsky ou Marshall McLuhan, ou se calhar hoje em dia seria Gurumayi ou Deepak Chopra, sairiam de trás de uma palmeira em vaso e profeririam algumas palavras, num comentário autocomplacente e polido. A aflição da mãe seria brevemente o tema de uma dolorosa meditação woodiana — o delírio dela estendia-se por todo o dia ou apenas às refeições? Que medicação andava ela a tomar e será que os efeitos secundários estavam adequadamente identificados no frasco? Que queria dizer o facto de ela estar possivelmente a planear dar umas voltinhas não com um mas com dois grandes ícones? Que diria Freud acerca deste invulgar triângulo sexual? Que nos dizia acerca da mulher a necessidade equiparada que ela sentia de receber bens materiais em forma de presente e de salvar a sua alma imortal? Que nos dizia isso sobre a América?

Mais, se os homens que estavam com ela eram reais, quem eram? Se calhar eram assassinos em fuga, escondendo-se na cozinha desta senhora encharcada em uísque barato? Correria ela perigo real? Em alternativa, e na qualidade de pensadores de mentes abertas, não devíamos considerar a

possibilidade, pelo menos teoricamente, de ter ocorrido um duplo *e* genuíno milagre? A ser assim, que espécie de presente natalício é que Jesus pediria ao Pai Natal? E, tudo bem, o Filho de Deus estava encarregado do atum, mas será que mesmo assim o rolo de carne chegaria para todos?

A tudo isto Maciel Hemingway prestaria uma atenção meticulosa mas insípida; depois, de modo igualmente célere, a história seria esquecida para sempre. Num filme de Woody Allen, a cena teria sido filmada a preto e branco, o mais irreal dos processos que se tornara sinónimo de realismo, integridade e arte. Porém, o mundo é colorido e menos bem escrito do que os filmes. Malik Solanka virou-se bruscamente, abriu a boca para protestar e deu consigo a olhar para Mila mais o centurião ponta-de-lança a que chamava namorado. Ter pensado nela fizera-os aparecer. E atrás deles estava — encostados, encurvados, de cócoras, em pose — o resto da lânguida rapaziada alquebrada.

Eram giríssimos, Solanka tinha de admitir; tinham largado o uniforme diurno de Hilfinger, de modo a revelar um estilo muito diferente, mais arrumadinho, baseado na clássica colecção estival, a branco-e-pele-curtida, de Calvin, e todos tinham óculos escuros apesar da hora. Havia um anúncio, a passar em todos os cinemas multiplex, em que um grupo de vampiros sofisticados — graças a Buffy na televisão, os vampiros estavam na moda — estava sentado numa duna, de Ray-Bans, à espera do amanhecer. Aquele que se esquecera dos óculos escuros esturricava quando os raios solares o atingiam, e os seus camaradas riam-se mostrando as presas, enquanto ele explodia. HA-ha-ha-HA. Talvez, pensou o Professor Solanka, Mila & Co. fossem vampiros, e ele fosse o pateta sem protecção. Exceptuando, claro, que isso significaria que também ele era um vampiro, um refugiado da morte, capaz de desafiar as leis do tempo... Mila tirou os óculos de sol e olhou-o provocadoramente nos olhos, e, de imediato, ele lembrou-se com quem ela se parecia.

— Não querem lá ver, é o Sr. Garbo que quer que o deixem em paz — começou a dizer o centurião oxigenado, de forma desagradável, mostrando estar pronto para todas as chatices que o velho e delapidado Professor Solanka quisesse deitar-lhe ao caminho. Malik, porém, estava prisioneiro do olhar de Mila.

— Oh, céus — exclamou. — Oh, céus, peço perdão, mas é a Craniozinho. Peço perdão, mas é a minha boneca.

O centurião gigante achou ser esta declaração opaca e, portanto, inadmissível, e, de facto, havia, nos modos de Solanka, qualquer coisa mais que surpresa; qualquer coisa mal-humorada, a roçar o hostil, qualquer coisa que podia ser repulsa.

— Vai com calma, Greta — disse o jovem, colocando a palma de uma mão enorme no peito de Solanka e aplicando-lhe uma quantidade impressionante de pressão; Solanka cambaleou para trás e bateu na parede.

A jovem, porém, chamou o cão de ataque.

— Tudo bem, Ed. Eddie, a sério, não tem mal.

Nessa altura, como por milagre, a fila começou a avançar rapidamente. Malik Solanka apressou-se a entrar no auditório e sentou-se a alguma distância do grupo vampírico. À medida que as luzes se apagavam, viu aqueles penetrantes olhos verdes a olhar fixamente para ele, lá do outro lado da multidão no centro cultural.

4

Passou toda a noite fora, mas sem conseguir encontrar paz, nem a andar pela calada da noite, muito menos nas horas já azafamadas depois de amanhecer. Não havia calada da noite. Não se lembrava exactamente de qual fora o seu percurso, tinha a impressão de ter atravessado a cidade e regressado pela Broadway ou por ali perto, mas lembrava-se do volume incrível de ruído constante e inconstante que o acompanhara. Lembrava-se do ruído a dançar em formas abstractas diante dos seus olhos raiados de sangue. O casaco do fato de linho pendia-lhe, pesado, húmido, nos ombros, no entanto, em nome da rectidão, do modo como as coisas deviam ser feitas, não o tirou; nem ao panamá de palha. O ruído da cidade crescia quase de dia para dia, ou talvez fosse o volume da sensibilidade dele a esse ruído que estava a ser aumentado, atingindo o nível da berraria. Camionetas do lixo, quais baratas gigantes, percorriam a cidade, a roncar. Nunca se encontrava num lugar onde não ouvisse uma sirene, um alarme, o bipe-bipe da marcha atrás de um veículo de grandes dimensões, a batida de uma música insuportável qualquer.

As horas passaram. As personagens de Kieslowski continuaram a acompanhá-lo. Quais eram as raízes dos nossos actos? Dois irmãos, zangados um com o outro e com o pai morto, ficavam quase insanos pelo poder da colecção de selos deste, de valor inestimável. Um homem, ao descobrir que era impotente, chegara à conclusão de que não podia suportar a ideia de a sua amada mulher ter um futuro sexual sem ele. Pelos mistérios é que vamos. Vislumbramos-lhes apenas os rostos velados, mas é o poder deles que nos empurra para diante, rumo às trevas. Ou à luz.

Ao virar para a rua onde morava, até os prédios começaram a falar-lhe à maneira sonora dos supremamente confiantes, dos governantes do mundo. A Escola do Santo Sacramento proselitava num latim gravado na pedra. PARENTES CATHOLICOS HORTAMUR UT DILECTAE PROLI SUAE EDUCATIONEM CHRISTIANAM ET CATHOLICAM PROCURANT. O sentimento não tangeu nenhuma corda de assentimento em Solanka. Uma porta mais adiante, um sentimento mais próximo das sentenças dos bolinhos da sorte, inscrito a letras douradas, ressoava de uma imponente entrada ao estilo assírio-DeMille. SE O AMOR FRATERNAL UNISSE TODOS OS

HOMENS QUE BELO SERIA O MUNDO. Três quartéis de século atrás, este edifício, extravagantemente belo segundo os parâmetros mais espalhafatosos da cidade, fora dedicado, conforme indicação numa das pedras, «ao Pitianismo», sem qualquer pudor perante o choque das metáforas gregas e mesopotâmicas. Tal pilhagem e mistura do armazém dos impérios de ontem, este cadinho ou *métissage* do poder passado, era o verdadeiro indicador do poderio actual.

Pitô era o antigo nome de Delfos, origem do Píton que lutou com Apolo; e, mais célebre ainda, do Oráculo de Delfos, sendo a Pítia a sacerdotisa que ali profetizava, uma criatura dada a delírios e êxtases. Solanka não conseguia conceber que fosse este o sentido de «pítico» que os construtores tivessem tido em mente: dedicado a convulsões e epilepsias. Nem uma casa tão épica podia ter sido concebida para o humilde — grandiosamente humilde, poderosamente humilde — exercício da poesia. (O pítio é poesia escrita em hexâmetros dactílicos.) O objectivo da concepção havia de ser provavelmente qualquer vaga referência apolínea, Apolo nas suas encarnações tanto musicais como atléticas. A partir do século VI Antes da Era Comum que os jogos pítios, um dos grandes festivais do quarteto pan-helénico, tinham sido celebrados no terceiro ano do ciclo olímpico. Havia competições musicais e desportivas, e recriava-se também a grande batalha entre o deus e a serpente. Se calhar, algumas migalhas disto eram do conhecimento dos que tinham construído este altar ao saber incompleto, este templo dedicado à crença de que a ignorância, desde que apoiada numa quantidade suficiente de dólares, se tornava sabedoria. O templo de Apolo Tontus.

Para o diabo com esta mixórdia clássica, exclamou silenciosamente o Professor Solanka. Pois, em redor dele, havia uma divindade maior: América, na hora mais alta do seu poder híbrido, omnívoro. América, para onde viera para se auto-apagar. Para ser livre de compromisso e logo também da cólera, do medo, do sofrimento. Devora-me, pediu silenciosamente o Professor Solanka. Devora-me e dá-me paz.

Do lado oposto da rua ao do falso palácio assírio da Pítia, o melhor simulacro nova-iorquino de uma *Kaffeehaus* vienense estava mesmo a abrir portas. Aqui podiam encontrar-se o *Times* e o *Herald Tribune* metidos numas barrinhas de madeira. Solanka entrou, bebeu um café forte e deixou-se levar pelo eterno jogo de imitação na mais transiente das cidades. No seu agora enxovalhado fato de linho e panamá, ele podia passar por um dos

fregueses habituais e mais destituídos do Café Hawelka, na Dorotheergasse. Em Nova Iorque, ninguém prestava demasiada atenção, e poucas eram as pessoas com os olhos treinados nas velhas subtilezas europeias. O colarinho sem goma da camisa branca e manchada de suor da Banana Republic, as sandálias castanhas e poeirentas, a barba desalinhada, de texugo (nem cuidadosamente aparada nem delicadamente empomadada), não destoavam aqui. Até o nome dele, caso fosse obrigado a dizê-lo, soava vagamente *mitteleuropäisch*. Que raio de sítio, pensou. Uma cidade de meias-verdades e ecos, que domina, vá-se lá saber como, a Terra. E os olhos dela, os olhos verde-esmeralda, a perscrutarem-nos o coração.

Ao aproximar-se do balcão com a sua montra refrigerada em que se viam os belíssimos bolos da Áustria, passou por um *gâteau* Sacherde aspecto excelente, mas pediu uma fatia de *Linzertorte*, recebendo, como resposta, um olhar de perfeita incompreensão hispânica, que o obrigou a apontar exasperadamente. Depois, por fim, lá conseguiu sentar-se a bebericar e ler.

Os matutinos vinham cheios da publicação do relatório sobre o genoma humano. Chamavam-lhe a melhor versão até ao momento do «brilhante livro da vida», uma expressão utilizada indiferentemente para descrever tanto a Bíblia como o Romance, embora este novo brilhantismo não fosse sequer um livro mas uma mensagem electrónica afixada na Internet, um código escrito em quatro aminoácidos — e o Professor Solanka, que não era bom com códigos, não tinha sequer conseguido aprender a mais elementar língua dos pês, já para não falar dos semáforos ou do entretanto defunto Morse, para além do que toda a gente sabia. Dit dit da da da dit dit dit. *Socorro*. Ou, em porportupuguêspês, sopocoporropo. Andava toda a gente a especular sobre os milagres que decorreriam do triunfo do genoma, por exemplo, os membros suplementares que podíamos decidir deixar crescer, para podemos resolver o problema de como, num jantar volante, segurar um prato e um copo de vinho e comer ao mesmo tempo; mas, para Malik, as duas únicas certezas eram, primeiro, que, quaisquer que fossem as descobertas a ser feitas, chegariam demasiado tarde para terem qualquer utilidade para ele e, segundo, que este livro — que mudava tudo, que transformava a natureza filosófica do nosso ser, que implicava uma mudança quantitativa tão imensa no nosso autoconhecimento que era também uma mudança qualitativa — era um texto que nunca seria capaz de ler.

Conquanto tivessem sido excluídos deste grau de entendimento, os seres humanos podiam consolar-se com a ideia de que estavam todos juntos no

mesmo charco de ignorância. Agora que Solanka sabia que alguém, algures, sabia o que ele jamais saberia *e* agora que estava adicionalmente bastante consciente de que o que era sabido era um saber de vital importância, sentia a irritação surda, uma cólera lenta, do tolo. Sentia-se como um zangão ou uma formiga obreira. Sentia-se como um dos milhares que arrastavam os pés pelos velhos filmes de Chaplin e Fritz Lang, os sem-rosto, condenados a quebrar os corpos na roda da sociedade enquanto o saber exercia, a partir de cima, poder sobre eles. A nova era tinha novos imperadores, e ele seria seu escravo.

— Cavalheiro. *Cavalheiro.* — Uma jovem estava agora junto dele, desconfortavelmente perto, jovem que envergava uma saia até ao joelho, de um tecido muito fino, azul-marinho e uma elegante blusa branca. Tinha o cabelo louro puxado de modo severo para trás. — Vou ter de lhe pedir que saia.

O pessoal hispânico do balcão estava tenso, pronto a intervir. O Professor Solanka ficou verdadeiramente perplexo.

— Mas, ó Menina, qual parece ser o problema?

— Não é o que «parece», é o que *«é»*. O problema é o senhor ter estado a utilizar palavras indecorosas, termos obscenos, e aos altos berros. A dizer o indizível, é o que é. O senhor tem estado a gritá-lo a plenos pulmões. E é de pasmar que venha agora perguntar qual é o problema. O senhor é o problema. Não se importa de sair, por favor?

Até que enfim, pensou no mesmo instante em que estava a ouvir esta arenga verbal para vagabundos, um momento de genuinidade. Pelo menos, há aqui um austríaco. Levantou-se, apertou o casaco contra o corpo e saiu, erguendo o chapéu num cumprimento, mas sem lhe deixar gorjeta. Não encontrava explicação para o extraordinário discurso da mulher. Quando ainda dormia com Eleanor, ela costumava acusá-lo de ressonar. Estava ele meio acordado, meio a dormir, e ela abanava-o e dizia, Vira-te de lado. Porém, ele estava consciente, apetecia-lhe dizer, estava a ouvi-la falar e, por isso, caso tivesse estado a fazer qualquer espécie de barulho, também o teria ouvido. Passado um tempo, ela desistiu de persegui-lo, e ele passou a dormir profundamente. Até ao momento em que, mais uma vez, voltava a acontecer. Não, isso outra vez não, agora não. Agora que estava, mais uma vez, consciente e tinha toda a espécie de ruído nos ouvidos.

Ao aproximar-se do apartamento, viu um operário suspenso de uma estrutura, do lado de fora da sua janela, a fazer reparações no exterior do

prédio e, a gritar num dialecto penjábico alto e tonitruante instruções e anedotas porcas ao colega que estava a fumar um *beedi*[5] cá em baixo, no passeio. Malik Solanka apressou-se a ligar aos senhorios, os Jays, agricultores orgânicos abastados que passavam os Verões no Norte com os seus frutos e legumes, a protestar vigorosamente. A barulheira brutal era intolerável. O contrato de aluguer afirmava de modo claro que as obras não só seriam externas mas também silenciosas. Acrescia que a retrete não funcionava bem; pedacinhos de matéria fecal voltavam a flutuar, depois de ele ter puxado o autoclismo. No estado de espírito em que se encontrava, isto causava-lhe um grau de perturbação desproporcionado ao problema, e foi com veemência que falou dos seus sentimentos a Mr. Simon Jay, o gentil e estupefacto proprietário do apartamento, que ali vivera, com a esposa, Ada, trinta anos muito felizes da sua vida, que tinha criado os filhos naquelas divisões, tendo-os ensinado ali mesmo a usarem a casa de banho, tendo cada dia da sua residência ali constituído uma alegria simples e sem reservas. Solanka não se mostrou interessado. Puxar o autoclismo uma segunda vez resolvia invariavelmente o problema, admitiu, mas isso não era aceitável. Impunha-se, com urgência, a vinda de um canalizador.

Porém, o canalizador, tal como os homens das obras do Penjabe, era um tagarela, um octogenário chamado Joseph Schlink. Direito, fibroso, com cabelo branco à Alberto Einstein e dentes da frente à Bugs Bunny, Joseph entrou pela porta impelido por uma forma de presunção defensiva, que visava retaliar primeiro.

— Nau me diga, hem? Zou velho de mais, está prrovavelmente a pensarr, ou ze calhar nau, a lerr mentes não tenho pretenzoes, mas melhorr canalizadorr nestes trrês estados não encontrarr vai, também estou zau que nem um pêrro ou nau me chame Schlink. — O sotaque cerrado, impenitente do judeu alemão transplantado. — O meu nome diferte-o? Pode rir. O cafalheiro, Mr. Simon, chama-me o Schlink da Cozinha, para Mrs. Ada zou também o Schlink da Casa de Banho, que me chamem Schlink, o Bismarck, querro lá zaber, estamos num país lifre, mas na minha prrofissau nau tenho pazienzia para o humor. Em latim, *humor* é uma humidade do olho. Isto para citarr Heinrich Boll, Prrêmio Nobel em mil nofecentos e zetenta e dois. Lá na zua actifidade, ele alega que ajuda, mas no meu ofício lefa a erros. Nada de humidades nos olhos parra eu, hem? Nem tirro piadas da minha pasta. Gosto de fazerr o meu trrabalho deprressa, rezeber pagamento também depressa, está-me a perzeber. Como o *shvartzer*[6] diz no filme, mostra-me o

dineiro. Depois de uma guerra passada a taparr buracos num zubmarino nazi, penza que não zou capaz de lidar com esta patetice aqui?

Um canalizador culto com uma história, apercebeu-se Solanka, ficando para morrer. (Rejeitou o tentador «Schilique».) E isto quando estava quase demasiado cansado para se ter em pé. A cidade estava a dar-lhe uma lição. Não havia como escapar à intrusão, ao ruído. Atravessara o oceano para separar a sua vida da vida. Viera em busca de silêncio e encontrara uma gritaria maior do que a que deixara para trás. O ruído estava agora dentro dele. Tinha medo de entrar na sala onde estavam os bonecos. Se calhar iriam também começar a falar com ele. Se calhar ganhariam vida e começariam a tagarelar e a coscuvilhar e a dar risadinhas até ele ter de fechá-los de uma vez por todas, até ser obrigado pela omnilocalização da vida, pela sua recusa casmurra em deixá-lo da mão, pelo volume — indubitavelmente maldito, insuportável, de rebentar com os neurónios — do terceiro milénio, a arrancar-lhes o raio das cabeças.

Respira. Fez um lento exercício de respiração circular. Muito bem. Aceitaria a garrulice do canalizador como penitência. Aturá-la seria um exercício de humildade e autocontrole. Tratava-se de um canalizador judaico que escapara aos campos de morte ao entrar na salinidade das águas. Os seus talentos como canalizador tinham implicado a protecção da tripulação que não abrira mão dele até ao dia da sua capitulação, altura em que ele ficara livre e viera para a América, deixando para trás ou, dizendo de outra maneira, trazendo com ele os seus fantasmas.

Schlink já tinha contado a história milhares de vezes, milhares de milhar de vezes. Ei-la que vinha saltitando nas suas cadências e frases feitas.

— Imagine zó. Um canalizadorr num zubmarino já é um pocadinho cômico, mas, além disso, há a irronia, a *psychologische* complexidade. Nau prreziso ecsplicarr. Mas aqui estou eu à zua frrente. Fifi a minha fida. Nau faltei, eh, ao meu comprromizo.

Uma vida romanesca, via-se Solanka obrigado a admitir. E cinematográfica. Uma vida que poderia dar um filme bem sucedido de orçamento médio. Talvez com Dustin Hoffman a fazer de canalizador e, de comandante do submarino, quem? Klaus Maria Brandauer, Rutger Hauer. Porém, ambos os papéis iriam provavelmente para actores mais jovens cujos nomes Malik não conhecia. Até isto estava a diluir-se com os anos, o conhecimento sobre cinema de que sempre se tinha orgulhado tanto.

— Devia assentar tudo isso e registá-lo — disse a Schlink, falando alto de mais. — É como eles dizem uma ideia com potencial. Uma mistura de *Submarino U-571* e *A Lista de Schindler*. Se calhar, dava uma comédia agridoce como a de Benigni. Não, mais dura que a de Benigni. Chame-lhe *Jewboat — O Barco dos Judeus*.

Schlink retesou-se; e, antes de dirigir toda a sua atenção magoada à retrete, pregou os olhos melancólicos, repugnados, em Solanka.

— Nau *humor*— disse. — Já lhe tinha dito. Lamento dizerr que o zenhorr é um homem desrespeitoso.

E, lá em baixo, pela cozinha, chegara Wislawa, a mulher-a-dias polaca. Tinha vindo com o aluguer, recusava-se a passar a ferro, deixava teias de aranha intocadas nos cantos e, quando se ia embora, podia fazer-se um risco no pó sobre o rebordo da lareira. Quanto aos aspectos positivos, tinha um temperamento agradável *e* um enorme sorriso gengival. Contudo, se lhe déssemos a mão, ou mesmo se não lha déssemos, também ela nos tomaria o braço com as suas narrativas. O poder perigoso, insuprimível, das histórias. Wislawa, uma católica devota, vira a sua fé ser profundamente abalada por uma história que tudo levava a crer ser verdadeira que lhe contara o marido que a ouvira ao tio que a ouvira a um amigo de confiança que conhecia a pessoa em questão, um tal Ryszard que fora, durante muitos anos, motorista pessoal do papa, isto, é claro, antes de ele ser eleito para a Santa Sé. Quando chegara a altura dessa eleição, Ryszard, o chofer, atravessou a Europa com o futuro papa, uma Europa que estava à beira da história, na crista de grandes mudanças. Ah, a camaradagem dos dois homens, os prazeres e irritações simples e humanos de uma viagem tão longa! E depois chegaram à Cidade Santa, o clérigo foi emparedado com os seus pares, e o motorista ficou à espera. Por fim, viu-se o fumo branco, soltou-se a exclamação de *habemus papam*, e eis que ali vinha um cardeal, todo de vermelho, a descer lentamente, como um caranguejo, o enorme e largo lance de degraus de pedra amarela, como uma personagem num filme de Fellini, e mesmo ao fundo dos degraus estava o carrinho enegrecido pelos fumos e lá dentro o motorista nervoso. O cardeal veio a limpar a testa e a ofegar até à janela do homem, que Ryszard tinha aberto na expectativa de notícias. E foi assim que o cardeal pôde entregar a mensagem pessoal do novo papa polaco:

— Está despedido.

Solanka, nem católico nem crente nem muito interessado na história, mesmo se verdadeira, muito longe de estar convencido de que era verdadeira mas nada ansioso por arbitrar o combate de *wrestling* entre a mulher-a-dias e o diabinho da dúvida que, actualmente, tinha a alma imortal dela numa posição de estrangulamento, teria preferido não dirigir sequer palavra a Wislawa, teria desejado que ela deslizasse pelo apartamento pondo-o imaculado e habitável, deixando a roupa lavada, passada e dobrada. Porém, e apesar de uma despesa de mais de oito mil dólares por mês com o aluguer, mulher-a-dias incluída, o destino tinha-lhe dado uma vaza bastante difícil de jogar. Em relação ao tópico de Wislawa mais da sua reserva em perigo no Céu, desejava com veemência não ter de fazer comentário algum; no entanto, ela voltava constantemente ao tema.

— Como pode uma pessoa beijar o anel de um Santo Padre como este, é da minha terra, mas, Oh meu Deus, mandar um cardeal e, assim sem mais nem ontem, tão ligeiro, meter o outro no olho da rua. E, sem o Santo Padre, que fazer com os padres dele e, sem os padres dele, como fazer para a confissão e absolvição, e já estou a ver as portas de ferro do Inferno a abrirem-se por baixo dos meus pés.

Prestes a perder as estribeiras, o Professor Solanka estava, de dia para dia, mais tentado a fazer uma observação pouco generosa. O Paraíso, ponderava dizer a Wislawa, era um lugar de que só as pessoas com mais pinta e mais massa em Nova Iorque possuíam o número secreto. Numa cedência ao espírito democrático, permitia-se a entrada também a alguns comuns mortais; estes chegariam envergando expressões adequadamente reverentes, as expressões típicas dos que sabiam ter tido, uma única vez, uma grande vaca. A excitação embasbacada de espanto desta turba das portagens aumentaria a satisfação dissoluta da fina flor *e*, é claro, do próprio Proprietário. Era, contudo, extremamente improvável, as leis da oferta e da procura sendo o que eram, que Wislawa viesse a fazer parte dos poucos afortunados que tinham conseguido lugares sentados nas bancadas beijadas pelo sol da eternidade.

Era isto e muito mais que Solanka andava a ver se evitava dizer-lhe. Em vez disso, apontava-lhe as teias de aranha e o pó, ao que ela respondia apenas com um sorriso gengival e um gesto de incompreensão cracoviana.

— Trabalho para Mrs. Jay muitos anos.

Esta resposta punha, na perspectiva de Wislawa, fim a qualquer queixa. Passadas duas semanas, Solanka desistiu de pedir, começou ele a limpar

armários, a livrar-se das teias de aranha e a levar as camisas a uma boa lavandaria chinesa que ficava ali mesmo, na esquina com a Columbus. Porém, a alma dela, a inexistente alma dela, continuava intermitentemente a insistir nos cuidados pastorais, indiferentes, dele.

A cabeça de Solanka começou a rodopiar ligeiramente. De cabeça a acusar a falta de sono e pensamentos desvairados, dirigiu-se para o quarto. Atrás dele, através do ar denso, húmido, ouvia os bonecos, agora acordados para a vida, a falatear para lá da porta fechada, cada um a contar ao outro as suas «ante-histórias», a fábula de como ela ou ele tinha nascido. A fábula imaginária que ele, Solanka, tinha inventado para cada um deles. Um boneco sem ante-história tinha um valor comercial baixo. E, tal como com os bonecos, assim era com os seres humanos. Era isto que trazíamos connosco na nossa odisseia por oceanos, para lá das fronteiras, pela vida: o nosso pequeno armazém de episódios rocambolescos e do que-aconteceu-depois, o nosso era-uma-vez privado. Éramos as nossas histórias e, quando morrêssemos, se tivéssemos sorte, a nossa imortalidade seria outra fábula do mesmo género.

Esta era a grande verdade com que Malik Solanka tivera de se confrontar. Pois era precisamente a sua ante-história que queria destruir. Que interessava de onde vinha ou quem tinha, quando o pequeno Malik ainda mal sabia andar, abandonado a mãe, dando-lhe assim permissão a ele para, anos mais tarde, fazer o mesmo. Para o diabo com padrastos e mãos na cabeça de um rapazinho a empurrá-lo e mascaradas e mães fracas e Desdémonas culpadas e toda essa tralha inútil do sangue e da tribo. Ele viera para a América, como tantos antes dele, para receber a bênção de ser ellis-islandalizado[7], de poder recomeçar. Dá-me um nome, América, faz de mim um Buzz ou Chip ou Spike. Banha-me em amnésia e veste-me com o teu poderoso desconhecimento. Deixa que me aliste na tua J. Crew e dá-me umas orelhas de rato! Não já historiador mas um homem sem histórias deixa-me ser. Arrancar-me-ei da garganta a mentirosa língua materna e, em vez disso, falarei no teu inglês fragmentado. Passa-me ao *scanner*, digitaliza-me, projecta-me. Se o passado é a Terra velha e doente, ó América, sê o meu ovni. Leva-me aos confins do espaço. Que a Lua não é suficientemente remota.

Porém, mesmo pela janela mal calafetada do quarto, as histórias chegavam-lhe em catadupa. Que fariam Saul e Gayfryd — «ela tornou-se a Taça Stanley das mulheres-troféu numa altura em que as mulheres-troféu

estavam tão banalizadas como os Porsches» — agora que estavam reduzidos aos seus últimos 40 ou 50 milhões de dólares?... E hurra, Muffle Potter Ashton está grávida... E não era que aquela Paloma Huffington de Woody andava a ficar muito íntima de S. J. «Yitzhak» Perelman na Praia de Gibson, em Sagaponack?... E já sabes do Griffin e da Dahl, ela tão fantástica, tão grande, tão linda?... O quê, Nina anda a planear lançar um *perfume?*... Mas, ó minha querida, ela está tão acabada, já começa a cheirar a *carcaça velha*... E a Meg e o Dennis, acabadinhos de se mudar para Vila Nova da Separação, andam à bulha para ver quem fica não só com a colecção de CDs mas também com o *guru*... Que actriz de grande nomeada é que tem andado a cochichar que a ascensão de uma nova e jovem estrela tem origens sáficas que envolvem uma manda-chuva de um dos grandes estúdios?... E já *leste* o último da Karen, *Coxas Magras para a Vida?*... E o Lotus, o mais na berra dos bares, deu tampa à festança de anos de O. J. Simpson! Isto só na América, meninos, só na América!

Com as mãos a tapar os ouvidos e com o arruinado fato de linho ainda vestido, o Professor Solanka adormeceu.

5 Designação de um cigarro barato, produzido na Índia, em geral feito de tabaco cortado e enrolado numa folha de planta. *(N. T)*
6 Em alemão, *Schwarzer* significa « negro» .
7 Ellis Island é uma ilha ao largo de Manhattan onde, durante muito tempo, funcionaram os Serviços de Imigração dos Estados Unidos. *[N. da T.]*

5

O telefone acordou-o ao meio-dia. Era Jack Rhinehart, o estraçalhador de telefones, a convidar o Professor Solanka para ir assistir em casa dele ao Holanda-Jugoslávia para os quartos de final do Euro 2000, no Canal Pay-PerView.

— Queria arrancar-te a esse buraco de toupeira — disse-lhe Rhinehart —, mas, se estás a planear torcer pelos Sérvios, é melhor ficares em casa.

Hoje Solanka sentia-se refrescado: menos sobrecarregado e, sim, a precisar de um amigo. Mesmo nestes dias de retiro, ainda tinha destas necessidades. Um homem santo no topo dos Himalaias conseguiria viver sem futebol na televisão. Solanka não era tão puro de coração. Despiu o fato com que dormira, tomou um duche, vestiu-se rapidamente e meteu-se num táxi até à Baixa. Tinha acabado de sair do veículo junto ao prédio de Rhinehart quando uma mulher de óculos escuros entrou a correr, dando-lhe um encontrão, e ele teve, pela segunda vez em dois dias, a impressão desconcertante de que a estranha era alguém que ele conhecia. No elevador, conseguiu identificá-la: era a mulher-boneca do género aperta-me-que-eu-falo, cujo nome era o sinónimo contemporâneo de infidelidade pirosa, a Nossa Senhora do Fio Dental.

— Oh, santo Deus, Monica! — exclamou Rhinehart. — Estou sempre a dar de caras com ela. Dantes nesta área era só Naomi Campbell, Courtney Love, Angelina Jolie. Agora é a Bocahontas. Lá se vai a vizinhança por água abaixo, certo?

Rhinehart andava há anos a tentar divorciar-se, mas a mulher tinha feito sua missão nesta vida contrariá-lo. Tinham sido um casal lindíssimo, ébano e marfim num contraste perfeito, ela, esguia, lânguida, pálida, ele, igualmente esguio, mas um afro-americano preto como a noite e, como se isso não bastasse, um exemplo de hiperactividade: caçador, pescador, condutor de fim-de-semana de carros velocíssimos, corredor de maratona, rato de ginásio, jogador de ténis e, ultimamente, graças à proeminência de Tiger Woods, também um obsessivo praticante de golfe. Desde os primórdios do casamento deles que Solanka se interrogara como é que um homem com tanta energia aguentaria uma mulher com tão pouca. Tinham casado com grande espavento em Londres — Rhinehart preferira, durante grande parte dos seus

anos de guerra, viver fora da América —, num palácio, todo ele porcelana e mosaico, alugado para a ocasião a uma instituição de caridade que o utilizava em parte como lar para perturbados mentais, e, na sua qualidade de padrinho, Malik Solanka fizera um discurso cujo tom fora espectacularmente mal interpretado — a dado momento, ao fazer a sua imitação, famosa na altura, de W. C. Fields, comparara os riscos da união aos de «saltar de um avião a seis mil metros e tentar aterrar numa meda de feno» — mas profeticamente adequado. Como a maioria dos que pertenciam ao círculo deles, Solanka tinha, contudo, subestimado Bronislawa Rhinehart num aspecto essencial: ela tinha o poder aderente de uma sanguessuga.

(Pelo menos, não havia filhos, pensara Solanka quando os seus receios, que eram os de toda gente, acerca da união provaram ser justificados. Pensou em Asmaan ao telefone. «Aonde foste, Papá, estás aqui?» Pensou em si próprio outrora, há muito tempo. Pelo menos, Rhinehart não tinha de lidar com aquilo, a dor lenta, funda de um filho.)

Rhinehart havia agido mal com ela, não havia como negá-lo. A reacção dele ao casamento fora começar um caso, e a reacção dele à dificuldade de manter uma relação clandestina fora iniciar outra e, quando as duas amantes começaram a insistir para que regularizasse a vida dele, quando ambas começaram a insistir em ocupar o primeiro lugar na grelha da corrida automobilística que era a vida dele, logo conseguiu arranjar espaço para ainda mais outra mulher na sua já barulhenta e sobrepovoada cama. Bocahontas talvez não fosse um ícone local assim tão inadequado. Depois de alguns anos nesta vida e uma mudança de Holland Park para a West Village, Bronislawa — que fazer de todos estes polacos que não paravam de aparecer de surpresa em diversas situações? — deixou o apartamento na Hudson Street e começou a usar os tribunais para obrigar Rhinehart a mantê-la em grande estilo numa pequena suíte de um hotel chiquérrimo no Upper East Side, com toda a liberdade de gastar que um bom cartão de crédito confere. Em vez de se divorciar dele, disse-lhe docemente que pretendia fazer do resto da vida dele um inferno e espremê-lo lentamente até à última gota.

— E nada de ficares sem dinheiro, querido — aconselhou-o. — Porque então tenho de vir atrás daquilo de que realmente gostas.

Aquilo de que Rhinehart realmente gostava era de comer e beber. Tinha uma casa de duas águas em Springs, com um abrigo, ao fundo do jardim, que ele equipara para servir de armazém para o vinho e que pusera no seguro por

uma soma muito mais considerável do que a casa, em que o objecto mais valioso era o fogão Viking de seis bocas. Nos dias que corriam, Rhinehart era um gastrónomo impelido a turbo, a arca frigorífica cheia de carcaças de aves mortas à espera de serem reduzidas — ou elevadas! — a *jus*. No frigorífico, as especialidades da terra lutavam por espaço: línguas de rouxinol, testículos de ema, ovos de dinossauro. No entanto, quando, no casamento do amigo, falara à mãe e à irmã de Rhinehart dos delicadíssimos prazeres de jantar à mesa de Jack, Solanka tinha-as confundido e espantado a ambas.

— Jack? Cozinhar? *Aquele* Jack? — perguntara a mãe dele, apontando descrente para o filho. — O Jack que eu conheço não era capaz de abrir uma lata de feijão se eu não lhe mostrar como se pega no abre-latas.

— O Jack que *eu* conheço — acrescentara a irmã — não era capaz de ferver uma panela de água sem a queimar.

— O Jack que *eu* conheço — concluíra a mãe, em tom definitivo — não era capaz de dar com a *cozinha* nem que um cão de cego lhe mostrasse o caminho.

Este mesmo Jack era agora capaz de falar de igual para igual com os grandes *chefs* do mundo, e Solanka maravilhou-se, mais uma vez, com a capacidade humana para a automorfose, a transformação do mesmo, que os Americanos reivindicavam ser uma característica sua, especial e definidora. Não era. Os Americanos estavam sempre a rotular coisas com o logotipo da América: o Sonho Americano, o Búfalo Americano, os Grafitos Americanos, o Psicopata Americano, a Canção Americana. Porém, todos os outros também tinham essas coisas, e, no resto do mundo, o acrescento de um título nacionalista não parecia acrescentar muito ao sentido. Psicopata Inglês, Grafito Indiano, Búfalo Australiano, Sonho Egípcio, Canção Chilena. A necessidade de a América tornar as coisas americanas, de possuí-las, pensava Solanka, era a marca de uma estranha insegurança. Também, é claro e mais prosaicamente, capitalista.

A ameaça de Bronislawa ao aprovisionamento de bebida de Rhinehart atingira o alvo. Ele desistiu de andar pelas zonas de guerra e, em vez disso, começou a escrever lucrativos perfis dos superpoderosos, superfamosos e super-ricos para as revistas semanais e mensais que eles preferiam: cronicando os seus amores, as suas negociatas, os seus filhos desaustinados, as suas tragédias pessoais, as suas empregadas linguarudas, os seus assassínios, as suas operações cirúrgicas, as suas boas obras, os seus

segredos diabólicos, os seus jogos, os seus feudos, as suas práticas sexuais, a sua mesquinhez, a sua generosidade, os seus assistentes, os seus treinadores, os seus carros. Depois desistiu de escrever poesia e, em vez disso, lançou mão a romances passados no mesmo mundo, o mundo irreal que governava o real. Comparava frequentemente os seus temas ao do romano Suetónio.

— São as vidas dos Césares de hoje nos seus palácios — tinha-se ele habituado a dizer a Malik Solanka e a quem quer que fosse que estivesse pronto para ouvi-lo. — Dormem com as irmãs, assassinam as mães, fazem dos cavalos senadores. Ali, nos Palácios reina o caos. Mas sabes que mais? Se estás de fora, se pertences à turba na rua, se, quer dizer, tu és nós, tudo o que vês é que os Palácios são Palácios, é que todo o dinheiro e poder estão concentrados ali e que, quando eles estala os dedo, meu, o planeta desata a saltá.

(Rhinehart tinha por hábito desatar, de vez em quando, a falar como se fosse um cruzamento entre Eddie Murphy e Br'er Rabbit[8], ora para dar ênfase, ora para se divertir.)

— Agora que escrevo sobre esta bilionária em coma ou aqueles miúdos cheios de dinheiro que empandeiraram os pais, agora que ando nesta patrulha dos diamantes, tenho mais acesso à verdade das coisas do que na porra da Tempestade do Deserto ou do que em qualquer porta no Beco dos Franco-atiradores, em Sarajevo e, podes crer, que é igualmente fácil, mais fácil até, pisar a porra de uma mina e ficar feito em bocadinhos.

Nos dias que corriam, sempre que o Professor Solanka ouvia o amigo a proferir uma versão deste discurso pouco incomum, detectava uma nota cada vez mais forte de insinceridade. Jack fora à guerra — como reputado jornalista de cor, jovem e radical, com um distinto passado de investigação sobre o racismo americano e a consequente série de inimigos poderosos —, alimentando muitos dos medos expressos, uma geração antes, pelo jovem Cassius Clay: ou seja, temendo mais que tudo a bala nas costas, a morte pelo que não era então ainda conhecido como «fogo amigável». Nos anos que se seguiram, contudo, Jack testemunhou, vezes sem conta, o dom trágico da sua espécie para ignorar a noção de solidariedade étnica: as brutalidades de negros contra negros, de árabes contra árabes, de sérvios contra bósnios e croatas. Antiga Jugoslávia, Irão-Iraque, Ruanda, Eritreia, Afeganistão. Os extermínios em Timor, os massacres de comunidades em Meerut e Assam, o cataclismo infindável e daltónico da Terra. Algures durante esses anos,

tornara-se capaz de amizades íntimas com os seus colegas brancos dos EUA. O seu rótulo modificou-se. Deixou de se hifenizar e tornou-se, simplesmente, americano.

Solanka, que era sensível às cambiantes de tais reetiquetagens, percebera que, para Jack, muitas eram as desilusões envolvidas nesta transformação, até mesmo muita cólera dirigida contra aqueles a que os racistas brancos de bom grado chamariam «os da laia dele» e que essa cólera se viraria, muito facilmente, contra o colérico. Jack permaneceu longe da América, casou-se com uma mulher branca e movia-se nos círculos *bien-pensant em* que a raça «não era tema»: ou seja, quase toda a gente era branca. De regresso a Nova Iorque, já separado de Bronislawa, continuou a sair com «as filhas dos Caras Pálidas», como ele lhes chamava. A piada não conseguia, porém, ocultar a verdade. Nos dias que corriam, Jack era mais ou menos o único negro que Jack conhecia, e Solanka era provavelmente o único achocolatado. Rhinehart passara uma fronteira.

E agora estava talvez a passar outra. A nova orientação profissional de Jack dava-lhe acesso livre e total aos palácios, e ele estava a adorar. Escrevia sobre este meio dourado com veneno acutilante, despedaçava-o pela sua incivilidade, invisualidade, negligibilidade, superficialidade sem profundidade, mas os convites dos Warren Redstones e dos Ross Buffetts, dos Schuylers e dos Muybridges e dos Van Burens e dos Kleins, da Ivana Opalberg-Speedvogel e da Marlalee Booken Candell não paravam de chegar, porque o tipo estava viciado, e eles sabiam-no. Era o preto de estimação deles e agradava-lhes tê-lo por perto como, suspeitava Solanka, uma espécie de bicho de casa. «Jack Rhine-hart» era um nome que dava jeito, não especificamente negro nem carregado das conotações de gueto de um Tupac, Vondie, Anfernee ou Rah'schied (viviam-se dias de onomástica inovadora e ortografia criativa na comunidade afro-americana). Nos palácios, as pessoas não se chamavam assim. Os homens não respondiam pelo nome de Biggie ou Hammer ou Shaquille ou Snoop ou Dre, nem as mulheres se chamavam Pepa ou LeftEye, ou D:Neece. Nada de Kunta Kintes ou Shaznays nos salões dourados de Nova Iorque; onde, contudo, um homem podia ter como alcunha Stash ou Club[9] à laia de cumprimento sexual, e as mulheres poderiam ser Blaine ou Brooke ou Horne, e tudo o que se quisesse estava provavelmente a fervilhar entre lençóis de cetim, mesmo atrás da porta daquela suíte ali, a que tinha a porta só muito levemente aberta.

Sim, mulheres, é claro. As mulheres eram o vício e o calcanhar de Aquiles de Rhinehart, e este era o Vale das Bonequinhas. Não: era a montanha, o Everest das Bonequinhas, a legendária Cornucópia das Bonequinhas. Deixai vir a ele estas mulheres, as Christies e Christys e Kristens e Chrystèles, as gigantes com quem metade do planeta andava ocupada a fantasiar, com quem até Castro e Mandela tinham querido posar, e por quem Rhinehart estaria disposto a deitar-se (ou sentar-se) e implorar. Por detrás das camadas infinitas da grande pinta de Rhinehart, havia este facto ignóbil: fora seduzido, e o desejo de ser aceite neste clube de homem branco era o segredo obscuro que não podia confessar a ninguém, talvez nem mesmo a si próprio. E é destes segredos que jorra a cólera. Nesta cama obscura, desabrocham as sementes da fúria. E, embora o número de Jack fosse à prova de bala, embora a máscara nunca lhe caísse, Solanka estava certo de poder ver, nos olhos chamejantes do amigo, o fogo autodesprezivo da raiva dele. Levou-lhe muito tempo a admitir que a fúria reprimida de Jack nada mais era que o espelho da sua.

O rendimento anual de Rhinehart andava, actualmente, pelas imediações do meio-para-cima da classe dos seis dígitos, mas ele dizia, só meio a brincar, que era frequente estar apertado de dinheiro. Bronislawa tinha exaurido três juízes e quatro advogados, descobrindo na sua viagem um dom verdadeiramente Jarndycesco — até, pensava Solanka, um génio indiano — para a obstrução e o adiamento legais. Disto tornara-se (talvez de modo literal) insanamente orgulhosa. Aprendera a complicar e a adensar o enredo. Como católica praticante, anunciara à partida que não interporia um processo de divórcio a Rhinehart, muito embora ele fosse o diabo disfarçado de gente. O diabo, explicou ela aos advogados, era baixo, branco, envergava uma casaca verde, tinha um rabicho e sapatinhos de salto alto, e assemelhava-se muito ao filósofo Immanuel Kant. Porém, era capaz de tomar qualquer forma: uma coluna de fumo, um reflexo num espelho ou um marido esguio, negro e freneticamente enérgico.

— A minha vingança sobre Satanás — disse aos advogados estupidificados — será mantê-lo prisioneiro do meu anel.

Em Nova Iorque, onde os motivos legais para o divórcio eram escassos e rigorosamente definidos e a separação sem culpa não existia, as razões de Jack contra a mulher eram frágeis. Ele tentou a persuasão, o suborno, as ameaças. Ela permaneceu irredutível, sem interpor qualquer acção. Por fim, ele lá deu início a um processo judicial, ao qual ela, brilhante e

determinadamente, contrapôs uma inacção pasmosa, quase mística. A ferocidade da sua resistência passiva teria, provavelmente, impressionado Gandhi. Conseguiu safar-se com uma sequência, longa de uma década, de «esgotamentos» psicológicos e físicos que a mais mexicana das telenovelas teria achado excessiva, e encontrara-se em atitude de desrespeito ao tribunal quarenta e sete vezes, sem nunca ir parar à cadeia, devido à indisponibilidade de Rhinehart para solicitar ao tribunal que tomasse providências contra ela. Daí que, aos quarenta e tal anos, ele continuasse a pagar pelos pecados dos trinta e tal. Entretanto, continuava a ser promíscuo e a louvar a cidade pela sua prodigalidade.

— Para um homem solteiro com alguns dólares no banco e a inclinação para se divertir, este pedacinho de terreno roubado aos nativos de Manahattan é uma alegre coutada, nada menos que isso.

Porém, ele não era solteiro. E, em onze anos, decerto que podia ter, por exemplo, atravessado a fronteira estadual e ido viver para Connecticut, onde o divórcio sem culpa existia, ou arranjado as seis semanas necessárias, ou lá o que era, para fixar residência legal no Nevada e cortar este nó górdio. Isto ele escolhera não fazer. Uma vez, já com os copos, confiara a Solanka que, apesar de toda a generosidade da cidade no fornecimento ao macho agradecido de opções de escolha múltipla no campo dos encontros amorosos, havia um senão.

— Elas querem todas os grandes palavrões — objectara ele. — Querem para sempre, sério, intenso, longo prazo. Ou é paixão assolapada ou nada. É por isso que estão tão sozinhas. Não há homens que cheguem para todas, mas desdenham se não podem comprar. Não estão abertas ao conceito de aluguer, de *time share*. Estão maradas, pá. Andam à procura de propriedades num mercado que está loucamente caro e que sabem não tardar a ficar ainda mais caro.

Nesta versão da verdade, o divórcio incompleto de Rhinehart dava-lhe espaço para respirar, *Lebensraum*. As mulheres gostavam de experimentá-lo, pois ele era belo e encantador e, até ficarem fartas da infinidade da coisa, costumavam esperar.

Havia, contudo, uma outra leitura possível da situação. Ali onde Rhinehart vivia agora a maior parte do tempo, na Grande Montanha das Guloseimas, no Diamante tão grande como o Ritz, ele estava literalmente esmagado por uma classe superior e, no momento em que caíra na armadilha de querer o que ali, no Olimpo, havia para oferecer, também sem pé. Ele era,

recorde-se, o brinquedo deles, e, ainda que brinquem com os brinquedos, as raparigas não casam com eles. Daí que, se calhar, o estar meio casado, preso à eterna condição de estar a divorciar-se, era também uma maneira de Rhinehart se iludir. Na realidade, não havia provavelmente uma bicha muito longa à espera dele. Solteiro, a envelhecer — já completara quarenta anos —, estava quase a ficar sem tempo. Quase — a expressão fatal para qualquer fatal casanova — fora de prazo.

Tinham sido muitas as vezes que Malik Solanka, uma década e meia mais velho que Jack Rhinehart e ene vezes mais inibido, observara e escutara, com invejoso assombro, a atitude tão desenvergonhadamente masculinha com que Rhinehart encarava as coisas da vida. As zonas de combate, as mulheres, os desportos perigosos, a vida de um homem de acção. Até a agora-abandonada poesia se inscrevera na tradição viril de Ted Hughes. Muitas vezes Solanka sentira que, apesar de ele ter uma idade mais avançada, era Rhinehart quem era o mestre e ele, o aluno. Um mero fazedor de bonecos tem de baixar a cabeça perante um surfista, um praticante de *sky diving*, *bungee jumping*, um alpinista, um homem cuja noção de divertimento era ir duas vezes por semana a Hunter College e subir e descer a correr quarenta lances de escada. Ser rapazinho — mas isto era aproximar-se de mais da sua proibida, da sua obliterada ante-história — era uma aptidão que não fora permitido a Malik Solanka adquirir completamente.

Patrick Kluivert marcou um golo para os Holandeses, e tanto Solanka como Rhinehart deram um pulo na cadeira, acenando com garrafas de cerveja mexicana e gritando de prazer.

Depois soou a campainha da porta, e Rhinehart disse sem mais preâmbulos:

— Oh, é verdade, acho que estou apaixonado. Convidei-a para se juntar a nós. Espero que não haja problema.

Esta não era uma frase original. Tradicionalmente, assinalava a chegada daquilo a que Rhinehart costumava chamar, na intimidade, a nova criada. O que se seguiu, porém, era novo.

— É das tuas — disse Rhinehart por cima do ombro enquanto se levantava para ir abrir a porta. — Da diáspora indiana. Cem anos de servidão. Em mil oitocentos e noventa e tal, os antepassados dela foram trabalhar como assalariados em como-é-que-se-chama. Lilipute-Blefuscu. Agora gerem toda a produção de cana-de-açúcar, e a economia iria pelo cano abaixo sem eles, mas tu sabes como é aonde quer que os indianos vão.

As pessoas não gostam deles. Eles trabalhá no duro e não se misturá com um p'çôa e tem mania qu'ê bom. Pergunta a quem quiseres. Pergunta ao Idi Amin.

Na televisão, os holandeses estavam a jogar um futebol sublime, mas a partida, de repente, tornara-se uma irrelevância. Malik Solanka estava a pensar que a mulher que acabara de entrar na sala de Rhinehart era a mais bela mulher indiana — a mais bela *mulher*— que alguma vez vira. Comparada com o efeito intoxicante da presença dela, a garrafa de Dos Equis que tinha na mão esquerda era totalmente isenta de álcool. Outras mulheres no mundo havia com um pouco menos de um metro e oitenta, cabelo negro até à cintura, supunha ele; e sem dúvida que também se podiam encontrar uns olhos assim acinzentados noutras paragens, assim como outros lábios tão profusamente almofadados, outros pescoços tão finos, outras pernas tão interminavelmente longas. Noutras mulheres também, haveria seios como estes. E depois? Nas palavras de uma cançoneta tola dos anos 50, «Bernardine», cantada, num dos seus momentos mais picantes, pelo artista preferido da mãe dele, o muito cristão e muito conservador Pat Boone: «Your separate parts are not unknown/but the way you assemble 'em's all your own»[10]. Precisamente, pensou o Professor Solanka, a afogar-se. Era precisamente isso.

No fim do antebraço direito da mulher via-se uma cicatriz de vinte centímetros, espinhada. Quando o viu a olhar para ela, a mulher imediatamente cruzou os braços e pôs a mão esquerda sobre a lesão, não percebendo que a fazia mais bela, que, ao acrescentar-lhe uma imperfeição essencial, lhe aperfeiçoava a beleza. Ao mostrar que era lesionável, que uma beleza tão espantosa podia ser quebrada num instante, a cesura só sublinhava o que lá estava e fazia com que a estimássemos — céus, pensou Solanka, que palavra para utilizar a propósito de uma estranha! — tanto mais.

A extrema beleza física atrai toda a luz disponível para si própria, torna-se um farol luminoso num mundo de resto escurecido. Por que razão haveríamos de esforçar a vista no sentido da obscuridade circundante quando podíamos olhar para esta chama afável? Porquê falar, comer, dormir, trabalhar quando uma tal refulgência estava em exposição? Porquê fazer o que quer que fosse a não ser olhar durante o resto da nossa irrisória vida? *Lumen de lumine*. Enquanto fitava a irrealidade sideral da beleza dela que irrompia pela sala como uma galáxia a arder, pensava que, se tivesse sido capaz de tornar real, pelo desejo, a sua mulher ideal, se tivesse tido uma

lâmpada mágica para esfregar, teria sido isto o que teria desejado. E, ao mesmo tempo, enquanto mentalmente saudava Rhinehart por se afastar por fim das muitas filhas dos Caras-Pálidas, também se ia imaginando com esta Vénus escura, permitindo assim que o seu coração fechado se abrisse e que ele voltasse uma vez mais a relembrar o que passara tanto tempo da sua vida a tentar esquecer: o tamanho da cratera dentro dele, do buraco deixado pela ruptura com o passado recente e remoto, que, talvez, talvez, o amor de uma mulher assim pudesse encher. Uma dor antiga, secreta, assomou-se nele, implorando cura.

— Pois é, desculpa lá, amigo — chegou-lhe, do outro extremo do universo, a voz arrastada e excitada de Rhinehart —, ela tem esse efeito sobre a maioria das pessoas. Não consegue evitá-lo. Parece não saber como desligá-lo. Neela, este é Malik, o meu amigo celibatário. Desistiu das mulheres para sempre, como podes claramente ver.

Jack estava muito divertido, observou Solanka, obrigando-se a voltar ao mundo real.

— Ainda bem para todos nós que desisti — disse por fim, forçando a boca a uma espécie de sorriso. — De contrário, teria de lutar contigo por ela.

Eis a velha eufonia outra vez, pensou: Neela, Mila. O desejo persegue-me e dá-me avisos em rima.

Neela trabalhava como produtora para uma das melhores companhias independentes e especializara-se na feitura de documentários para televisão. Nesta altura estava na fase de planeamento de um projecto que a levaria de volta às raízes. As coisas lá em Lilipute-Blefuscu não andavam bem, explicou Neela. As pessoas no Ocidente achavam que aquilo era um paraíso do mar do Sul, um local para luas-de-mel e outros encontros secretos, mas era um barril de pólvora. As relações entre indo-liliputianos e a comunidade «elbesa», indígena e étnica — que ainda perfazia a maioria da população mas à justinha —, estavam a deteriorar-se rapidamente. Para trazer as questiúnculas à liça, os representantes em Nova Iorque das duas facções hostis tinham marcado desfiles para o domingo seguinte. Estas manifestações seriam pequenas mas ardentes. Estava programado que os percursos das duas marchas fossem completamente diferentes, mas era tão certo como dois e dois serem quatro que haveria recontros coléricos. Neela, por seu lado, estava determinada a marchar. Enquanto ia falando da intensificação da turbulência política no seu territoriozinho nos antípodas, o Professor Solanka

viu o sangue começar a fervilhar dentro dela. Este conflito não era coisa pouca para a belíssima Neela. Ela ainda estava ligada às origens, e Solanka quase a invejou por isso. Jack Rhinehart estava a dizer juvenilmente:

— Bestial! Vamos todos! Ah pois vamos! Ó Malik, vais marchar pelo teu povo, certo? Bem, se não for pelo teu povo, pela Neela marchas.

O tom de Rhinehart era ligeiro: um erro de cálculo. Solanka viu Neela inteiriçar-se e franzir o sobrolho. Isto não era para ser tratado como uma brincadeira.

— Sim — disse Solanka, olhando-a nos olhos —, marcharei.

Instalaram-se para ver o jogo. Aconteceram mais golos: seis ao todo para os Países Baixos, um ataque tardio, irrelevante, de consolação, para a Jugoslávia. Também Neela ficou contente pelo facto de os holandeses terem ganho. Para ela, os jogadores negros eram, sem rivalidade mas também sem falsa modéstia, seus quase pares em boniteza.

— Os Surinameses — disse, ecoando, sem saber, os pensamentos de há tantos anos do jovem Malik Solanka em Amesterdão — são a prova viva do valor da miscigenação de raças. Olhem para eles. Edgar Davids, Kluivert, Rijkaard no banco e, nos velhos tempos, Ruud. O grande Gullit. Todos eles *méteques*. Misturem-se todas as raças e obter-se-ão as pessoas mais belas do mundo. Quero ir — acrescentou para ninguém em especial — em breve ao Suriname.

Esparramou-se no canapé, atirando uma perna longa, envolta em cabedal, para cima do braço do assento, e desalojou o *Washington Post* desse dia. Este caiu para o chão, junto aos pés de Solanka, e os olhos deste ficaram presos no cabeçalho: O ASSASSINO DO BETÃO VOLTA A ATACAR. E, por baixo, em letra mais pequena: *Quem Era o Homem de Panamá?* De repente, tudo se alterou; a escuridão irrompeu pela janela aberta, cegando-o. O pequeno impulso de excitação, bom humor e luxúria que sentira esvaiu-se. Sentiu-se tremer e pôs-se rapidamente de pé.

— Tenho de ir-me embora — disse.

— O quê? Basta soar o apito final e tu piras-te logo? Malik, meu amigo, isso não é nada de bom-tom.

Porém, Solanka limitou-se a abanar a cabeça em direcção a Rhinehart e dirigiu-se apressadamente para a porta. Atrás dele, ouviu Neela falar do cabeçalho do *Post;* tinha pegado no jornal enquanto ele ia a sair.

— *Estupor.* Supostamente, esta coisa tinha parado, supostamente era outra vez seguro — estava ela a dizer —, mas, que merda, isto nunca acaba. Vai

começar tudo outra vez.

8 Br'er Rabbit é uma figura de contos infantis que representa a América profunda, inocente e pouco sofisticada mas moral e sobrevivente. *(N. T)*
9 Stash [=grosso, bem dotado], Club [= cacete, moca]. *(N. T)*
10 « As tuas partes separadas não são desconhecidas/mas o modo como as juntas é todo teu» . *(N. T)*

6

— O islão irá purificar esta rua dos filhos da puta sem Deus que são os maus condutores — gritou o taxista a um motorista rival. — O islão irá purificar toda esta cidade dos sacanas dos chulecos judeus como tu e da puta judia entupidora de trânsito com quem casaste.

O praguejar continuou enquanto subiam a Tenth Avenue.

— Ó meu fodilhão infiel da tua irmã menor, tens o Inferno de Alá à tua espera e da lata velha e herege que é o teu carro.

— Rebento imundo de um porco comedor de merda, experimenta isso outra vez e vais ver como a *jihad* vitoriosa te esmaga os tomates com o seu punho sem piedade.

Malik Solanka, ao escutar o explosivo urdu, com sotaque de aldeia, abstraiu-se, perante o veneno do motorista, por breves momentos, do seu tumulto interior. ALI MAJNU dizia o cartão. Majnu significava *amado*. Este Amado em concreto parecia ter uns vinte e cinco anos ou menos, um rapaz simpático e bem-parecido, alto e magrinho, com uma poupinha *sexy à* John Travolta, e ei-lo que aqui estava a viver em Nova Iorque, com um trabalho certo; o que teria sido que o pusera tão globalmente com os azeites?

Solanka respondeu silenciosamente à sua própria pergunta. Quando se é demasiado jovem para se ter acumulado as equimoses da experiência própria, pode escolher-se envergar, como um cilício, os sofrimentos do mundo em que se vive. Neste caso, à medida que o processo de paz do Médio Oriente avançava cambaleante e o presidente americano de saída, faminto de sinais de progresso com que puxar lustro ao seu maculado legado, insistia com Barak e Arafat para que viessem a uma cimeira em Camp David, a Tenth Avenue estava talvez a ser culpada pelo sofrimento ininterrupto da Palestina. Amado Ali era indiano ou paquistanês, mas, sem dúvida em nome de um qualquer equivocado espírito colectivista de paranóica solidariedade pan-islâmica, culpava todos os utilizadores das ruas de Nova Iorque pelas atribulações no mundo muçulmano. Por entre as pragas, falava com o irmão da mãe pelo rádio — «Pois sim, meu Tio. Pois, com todo o cuidado, é claro, meu Tio. Pois, o carro custa dinheiro. Não, Tio. Pois, sempre cortês. Ó Tio, confie em mim. Pois, é a melhor política. Eu sei» — e pedia indicações a Solanka, timidamente. Era o primeiro dia de

trabalho do rapaz nas ruas cruéis, e estava borrado de medo. Solanka, ele próprio num estado de grande agitação, tratou o Amado gentilmente mas não deixou de lhe dizer, ao descer em Verdi Square:

— Se calhar, é melhor maneirar o vernáculo, está bem, Ali Majnu? Vai com calma. Alguns clientes podem ficar ofendidos. Mesmo aqueles que não percebem.

O rapaz olhou para ele, aturdido.

— Eu, cavalheiro? Praguejar, cavalheiro? Quando?

Era bizarro.

— O caminho inteiro — explicou-lhe Solanka. — Com toda a gente à mão de semear. Filho da puta, judeu, o repertório habitual. *Urdu*— acrescentou, em urdu, para tornar as coisas mais claras —, *meti madri zaban hai*.

Urdu é a minha língua materna. O Amado corou, profundamente, a vermelhidão a espalhar-se-lhe bem fundo até ao colarinho, e enfrentou o olhar de Solanka com olhos desconcertados, inocentes.

— Se o Sahib ouviu, então é porque deve ser verdade. Mas saiba o Senhor que não é consciente.

Solanka perdeu a paciência, virou costas para se afastar.

— Não faz mal — disse. — Agressividade ao volante. Perdeste as estribeiras. Não é importante.

Já ia a alguma distância na Broadway e o Amado Ali ainda lhe gritava, carente, desejando ser compreendido:

— Não era a sério, Sahib. Eu cá nem vou à mesquita. Deus abençoe a América, `tá bem? São só palavras.

Pois, e as palavras não são actos, concedeu Solanka, avançando maldisposto. Embora as palavras possam tornar-se actos. Quando ditas no lugar certo e no momento certo, podem mover montanhas e mudar o mundo. Também, uh-uh, não saber o que se estava a fazer — separando os actos das palavras que os definem — parecia estar a tornar-se uma desculpa aceitável. Dizer «Não foi com intenção» era apagar a seriedade dos maus actos, pelo menos na opinião dos Amados Alis do mundo. Será que podia ser assim? Obviamente que não. Não, simplesmente não podia. Muitas pessoas diriam mesmo que até um acto de genuíno remorso não poderia expiar um crime, muito menos este inexplicado aturdimento — uma desculpa infinitamente menor, uma mera asserção de ignorância que nem sequer teria expressão em qualquer escala de arrependimento. Chocado, Solanka reconheceu-se no jovem e tolo Ali Majnu: a veemência bem como as brancas de memória. Ele,

contudo, não se desculpava. No apartamento de Jack Rhinehart, antes de a chegada arrasadora de Neela Mahendra ter mudado o rumo da conversa, estivera a fazer um esforço, ao mesmo tempo que ocultava a profundidade da sua perturbação, para confessar a Rhinehart um pouco do seu medo perante a cólera terrorista que estava continuamente a tomá-lo como refém.

— Não podes ignorar que sempre tiveste o pavio curto — disse ele. — Quer dizer, tens consciência disso, certo? Tens consciência do número de vezes que ligaste a pessoas a pedir desculpa (o número de vezes que me ligaste *a mim)* na manhã a seguir a uma qualquer explosãozita das tuas, depois de uns copos? As Desculpas Completas de Malik Solanka. Sempre achei que dariam um belo livro. Repetitivo, talvez, mas com muitos momentos deliciosamente cómicos.

Há uns anos atrás, os Solanka tinham passado férias na casa em The Springs, juntamente com Rhinehart, e a «criada» do momento, uma beldade *petite* do Sul — de Lookout Mountain, Tennessee, palco da «Batalha sobre as Nuvens» da Guerra da Secessão — que era a sósia perfeita de Betty Boop, a sensual boneca da banda desenhada e a quem Rhinehart tratava afectuosamente por Roscoe, por causa da única celebridade viva de Lookout Mountain, o tenista de serviço super-rápido Roscoe Tanner, apesar do ódio evidente dela pela alcunha. A casa era pequena, e tornava-se necessário passar tanto tempo quanto possível longe dela. Uma noite, após uma prolongada sessão de bebidas só-para-homens numa espelunca em East Hampton, Solanka insistira, no caminho de regresso, em guiar debaixo de uma tromba-d'água. Seguira-se um período de terror emudecido. Depois, Rhinehart dissera, tão suavemente quanto fora capaz, «Malik, na América guiamos do outro lado da estrada». Solanka explodira e, enfurecido com o desrespeito mostrado pelas suas aptidões de condutor, parara o carro e obrigara mesmo Rhinehart a ir a *pé* para casa, debaixo de uma chuva torrencial.

— Esse foi um dos teus melhores pedidos de desculpa — recordava-lho Jack agora. — Especialmente porque, na manhã seguinte, não te lembravas de fazer nada de mal.

— Pois — murmurou Solanka —, só que agora ando a ter brancas sem beber. E os momentos de cólera são-no a uma escala completamente diferente.

O ruído da multidão na televisão aumentou enquanto falava, exigindo a atenção de Rhinehart, e a confissão ficou por escutar.

— Oh, e — recomeçou Rhinehart uns momentos depois — é impossível não saberes como os teus amigos se esforçam por evitar certos temas, quando na tua companhia. A política dos E. U. na América Central, por exemplo. A política dos E. U. no Sudeste Asiático. A bem dizer, os E.U. A., em geral, têm sido durante anos um tópico bastante proibido, por isso não penses que não fiquei curioso quando decidiste recolocar a tua preciosa bundinha no coração do Grande Satã.

Pois, mas, quis Solanka dizer, mordendo a isca, o que está mal está mal, e é porque o maldito *poder* da América é imenso, porque a sacana da *sedução* da América é imensa, que aqueles estupores no poleiro levam a deles sempre avante...

— Lá estás tu, estás a ver — Rhinehart apontava-lhe o dedo, a rir. — Todo congestionado e pronto para rebentar. Vermelhíssimo, depois roxo, depois quase preto. Um ataque de coração ambulante. Sabes que nome lhe damos quando isso acontece? Ficar solankerado. A síndrome da China de Malik. É um caraças de uma fusão nuclear, juro por Deus. Quer dizer, mê ‘migo, *eu* sou o p’çôa que *foi ido* para aqueles sítios e voltou com as más notícias, mas isso não te impede de me descompores por causa da minha cidadania que, aos teus olhos ensandecidos, me torna *responsávle* pelo mal horrível que é fête em nome de mê p’çôa.

Não há tolo como um velho tolo. Então ele e o Amado Ali eram, afinal, o mesmo, pensou Solanka humildemente. Apenas umas quantas ligeiras diferenças de superfície no vocabulário e na cultura. Não: ele era pior, porque o Amado era apenas um rapazinho no primeiro dia de um novo emprego, enquanto ele, Solanka, estava a transformar-se em algo terrível e talvez incontrolável. A amarga ironia era que os seus velhos hábitos de combatividade, esta sua intemperança evidentemente cómica, cegariam até os amigos para a grande alteração em espécie, a deterioração hedionda, que estava agora a ter lugar. Desta vez, vinha aí mesmo um lobo, e ninguém, nem mesmo Jack, dava ouvidos aos seus gritos.

— E mais — cantarolou alegremente Rhinehart —, lembras-te de quando ejectaste, oh, como-se-chamava-ele da tua casa por *citar mal Philip Larkin?* Ó pá! Com que então andaste a ser brusco com os vizinhos. Uau. Aguentem a primeira página.

Como poderia Malik Solanka falar ao seu risonho amigo da abnegação do ser: como dizer-lhe, a América é a grande devoradora, e por isso eu vim

para a América para ser devorado? Como poderia dizer-lhe, Sou uma faca na escuridão; ponho em perigo aqueles que amo?

Solanka sentiu comichão nas mãos. Até a pele o estava a trair. Ele, cuja pele de rabinho de bebé sempre maravilhara as mulheres e as levara a meterem-se com ele por ter levado uma vida de mimo e conforto, começara a sofrer de desagradáveis erupções que lhe faziam sangue junto à linha do cabelo e, mais embaraçoso que tudo o resto, nas duas mãos. A pele ficava vermelha, empregueava e estalava. Até agora não tinha ido ao dermatologista. Antes de deixar Eleanor, uma vítima de eczema ao longo de toda a vida, tinha pilhado a caixa de medicamentos dela e trouxera dois tubos gordos de um bálsamo de hidrocortisona. Na Duane Reade da sua área, comprara um frasco de um hidratante de tamanho familiar e força industrial e resignara-se a usá-lo várias vezes ao dia. O Professor Solanka não tinha os médicos em grande conta. Em conformidade com isso, automedicava-se e aguentava a comichão.

Estava-se na era da ciência, mas a ciência médica ainda estava nas mãos de primitivos *e* imbecis. A coisa mais importante que se aprendia com os médicos era o pouco que eles sabiam. No jornal de ontem viera uma história sobre um médico que, acidentalmente, tirara um peito saudável a uma mulher. Fora «repreendido». Era uma história tão banal que não chegara sequer às primeiras páginas. Os médicos faziam destas: o rim errado, o pulmão errado, o olho errado, o bebé errado. Os médicos erravam. Já quase nem era notícia.

As notícias: ei-las ali mesmo na sua mão. Depois de sair do táxi do Amado Ali, comprara um exemplar do *Herald News* e do *Post*, depois fizera um percurso errático até casa, a andar depressa, como se a tentar escapar a alguma coisa... Ellen De Generes, proclamavam cartazes, estaria em breve no Beacon Theatre. Solanka sorriu. Virá cantar o tema da sua vida, é claro: *Aonde as hormonas forem, aí irei eu gemer.* E a sala estará cheia de mulheres aos berros, «Ellen, adoramos-te», e, a meio do seu alinhamento de piadas profundamente assim-assim, a comediante fará uma pausa, baixará a cabeça, porá uma mão no coração e dirá da sua comoção por se ter tornado um símbolo da dor delas. Louvada seja eu, obrigada, obrigada, louvem-me mais um bocado, eia, Anne, olha, somos ícones!, uau!, é uma experiência que nos faz tão humildes... A ciência estava a fazer descobertas extraordinárias, pensou o Professor Solanka. Cientistas em Londres julgavam ter identificado a ínsula medial, uma parte do cérebro associada às «impressões viscerais»,

e também aquela zona do cíngulo anterior que estava ligada à euforia, como as regiões do amor. Mais, cientistas britânicos e germânicos afirmavam agora que o córtex fronto-lateral era responsável pela inteligência. O fluxo sanguíneo nesta região aumentava quando os voluntários testados eram chamados a resolver enigmas complicados. *Diz-me onde nasce a imaginação? / No coração ou na razão?* E onde no cérebro, perguntava-se de modo só parcialmente retórico Solanka do coração selvagem, fica o lugar da estupidez? Hem, cientistas do mundo? Em que ínsula ou córtex aumenta o fluxo sanguíneo quando alguém grita «Amo-te» a uma pessoa completamente estranha? E a hipocrisia? Passemos ao que verdadeiramente interessa...

Abanou a cabeça. Está a fugir à questão, Professor. Põe-se a dançar à volta dela quando bastaria fitá-la de alto para baixo, olhá-la bem nos olhos. Vamos à cólera, certo? Vamos à maldita fúria que mata mesmo. Diz-me onde nasce o desejo de matar? Malik Solanka, amachucando o jornal na mão, dirigiu-se a toda a velocidade, para este na Seventy-second Street, espantando os transeuntes que se lhe atravessavam no caminho. Na Columbus, virou à esquerda e percorreu, quase a correr, uns doze ou mais quarteirões perturbados, antes de parar. Aqui até as lojas tinham nomes indianos: Bombaim, Pondichéri. Tudo conspirava para que se lembrasse do que tentava esquecer — de, ou seja, casa, da ideia de casa, em geral, e da sua própria vida em casa, em particular. Em, não Pondichéri mas, sim, não havia como negar, Bombaim. Entrou num bar de tema mexicano, bem cotado no *Zagat*, pediu uma tequila, depois outra, e depois chegou finalmente a hora dos mortos.

Deste, do cadáver da noite passada, e dos dois anteriores. Eis os nomes. Saskia «Sky» Schuyler, a foto grande de hoje, e as suas predecessoras Lauren «Ren» Muybridge Klein e Belinda «Bindy» Booken Candell. Eis as idades: dezanove, vinte, dezanove. Eis as fotografias. Olha para os sorrisos deles: estes eram sorrisos de poder. Um bocado de betão bastou para apagar estas luzes. Estas não eram raparigas pobres, mas agora não tinham um tostão.

Era um pedaço de mulher, esta Sky. Um metro e setenta e nove, formas voluptuosas, falava seis línguas, lembrava a toda a gente Christie Brinkley como Uptown Girl, adorava chapéus grandes e alta costura, poderia ter desfilado para qualquer um deles — Jean-Paul, Donatella, Dries, todos eles lhe tinham *implorado,* Tom Ford chegara a pôr-se de *joelhos,* mas ela era tão «naturalmente tímida» — o que significava, em código, naturalmente

fina-flor, membro convicto daquela snobeira de dinheiro velho que considerava estilistas alfaiates e modelos de passarela apenas um degrau acima das prostitutas — e, além disso, havia a bolsa para estudar na Juilliard. Ainda no último fim-de-semana andara numa lufa-lufa para sair de Southampton, precisava de qualquer coisa para vestir, sem tempo para escolher, por isso ligou à sua grande amiga, a mais sofisticada das *designers*, Imelda Poushine, pediu-lhe para lhe mandar toda a colecção e mensageirou-lhe um cheque ao portador no valor de quatrocentos (400) mil dólares.

Sim, diz Imelda em Rush & Molloy, o cheque foi compensado há dois dias. Ela era uma miúda fantástica, uma autêntica boneca de carne e osso, mas negócios são negócios, percebe. Vamos todos sentir falta dela, é *tremendo*. Sim, será no jazigo da família, mesmo no centro da melhor zona, mesmo em frente de Jimmy Stewart. Toda a gente vai. *Enorme* operação de segurança. Ouvi dizer que decidiram sepultá-la no vestido de noiva. *Tão* honrada. Ficará lindíssima, mas aquela miúda ficaria bem até de andrajos, acredite. Sim, sou eu que a vestirei. Está a brincar? O *privilégio* é meu. Vai ser uma situação de caixão aberto. Contrataram os melhores: Sally H. para o cabelo, Rafael para a maquilhagem, Herb para as fotografias. O céu é o limite, acho eu, perdoe-se-me o trocadilho[11]. A mãe está a tratar de tudo. Aquela mulher é de ferro. Nem uma lágrima. Acabou de passar os cinquenta e é linda de morrer, desculpe, não escreva isso, está bem. Perdoe-me o trocadilho.

Os herdeiros deserdados, os senhores feitos vítimas: era este o tom do artigo. Toda aquela educação desperdiçada! Pois Saskia, aos dezanove anos, não era apenas uma linguista, pianista e fashionista devotada; era também já uma cavaleira exímia, uma arqueira com esperanças de se qualificar para a equipa das Olimpíadas em Sydney, uma nadadora de grandes distâncias, uma fabulosa bailarina, uma grande cozinheira, uma pintora feliz de domingo, uma cantora do belo canto, uma anfitriã à maneira grandiosa da mãe e, a julgar pela sensualidade abertamente mundana do sorriso de jornal dela, talentosa também nas outras artes a que a imprensa tablóide se dedicava de alma e coração, mas de que não ousava falar livremente neste contexto. Os jornais contentavam-se em publicar fotografias do belo noivo de Saskia, o jogador de pólo Bradley Marsalis III, de quem todos os leitores habituais sabiam pelo menos isto: que os seus colegas de equipa lhe chamavam Cavalo, em homenagem ao tamanho das suas pendurezas.

Uma pedra da fisga de um Rapaz Perdido abatera a bela Menina Wendy. Ou melhor, meninas: pois o que se dizia de Sky Schuyler aplicava-se igualmente a Bindy Candell e Ren Klein. Todas as três eram belíssimas, todas as três, esguias e louras e formidavelmente dotadas. Se era verdade que o futuro financeiro das suas poderosas famílias estava nas mãos dos seus superlativamente confiantes irmãos, não o era menos que estas jovens tinham sido criadas para tomar a seu cargo as *personae* dos clãs a que pertenciam — o seu estilo, a sua classe. A sua imagem. Ao olhar-se agora para a atónita homenzarrada, era fácil avaliar o tamanho da sua perda. Nós, rapazes, sabemos tomar conta dos negócios, diziam os rostos silenciosos, sofredores, das famílias, mas são as nossas raparigas que fazem de nós aquilo que somos. Nós somos o barco e elas são o oceano. Nós somos o veículo, elas são o movimento. Quem nos dirá agora como ser? E havia medo também: quem será a próxima? De todas as raparigas maduras que nos foi dado apanhar dos ramos quais maçãs doiradas pelo sol, quem será a próxima para o bicho fatal?

Uma boneca de carne e osso. Estas jovens nasciam para ser troféus, Óscar-Barbies completamente acessorizadas, para utilizar a expressão de Eleanor Masters. Era óbvio que os jovens da classe delas estavam a reagir às três mortes exactamente como se umas quantas medalhas cobiçadas, algumas taças de ouro ou troféus de prata tivessem sido roubados dos expositores dos seus clubes. Uma sociedade secreta de jovens doirados auto-intitulada S&M, que era a sigla, dizia-se, de Solteiros & Machos, estava a organizar uma reunião à meia-noite para chorar a perda das muito amadas garinas dos seus membros. «Cavalo» Marsalis, Anders «Grosso» Andriessen — o euroborracho da Candell, que estava no negócio da restauração — e o pândego de Lauren Klein, Keith Medford («Moca»), dirigiriam os enlutados. Como a S&M era uma sociedade secreta, todos os membros negaram categoricamente a sua existência e se recusaram a confirmar os boatos de que as cerimónias de luto teriam o seu clímax em danças mistas, de corpos nus, com pinturas de guerra, e em banhos sem roupa na praia privada de Martha's Vineyard, altura em que seriam feitas audições íntimas às candidatas às vagas deixadas nas camas dos rapagões.

Todas as três raparigas, e as suas irmãs vivas, conformavam-se assim à definição de Desdémonas proposta por Eleanor. Eram peças de imobiliário. E agora havia um Otelo homicida à solta — neste caso, talvez, a destruir o que não podia possuir, porque essa não-posse lhe insultava a honra. Não era

pela infidelidade mas pelo desinteresse delas que as matava nesta revisão Y2K da peça. Ou talvez as quebrasse simplesmente para revelar a falta de humanidade delas, a sua quebrabilidade. A sua bonequeza. Porque estas tinham sido — sim! — mulheres-andróides, bonecas da era moderna, mecanizadas, computorizadas, não as simples efígies de antigos quartos de brinquedos, mas os avatares de seres humanos, de acabamentos perfeitos.

Originariamente, a boneca não era uma coisa em si mas uma representação. Muito antes das primeiras bonecas de trapos e das bonecas pretas tradicionais, os homens tinham feito bonecas que eram retratos de crianças concretas e também de adultos. Deixar que outros possuíssem uma boneca de nós próprios era sempre um erro; quem dispusesse da nossa boneca dispunha de uma parte crucial de nós. A expressão extrema desta ideia era, é claro, a boneca de vodu, a boneca em que podíamos espetar alfinetes para magoar quem ela representava, a boneca cujo pescoço podíamos torcer para matar um ser vivente, à distância, de modo tão eficaz como um cozinheiro muçulmano trata da saúde às galinhas. Depois veio a produção em massa, e quebrou-se o elo entre homem e boneca; as bonecas tornaram-se elas próprias e clones de si próprias. Tornaram-se reproduções, versões de linha de montagem, descaracterizadas, uniformes. Nos dias de hoje, estava tudo a mudar outra vez. O saldo bancário de Solanka devia tudo ao desejo das pessoas modernas de possuírem bonecas dotadas, mais do que personalidade, de individualidade. As bonecas dele tinham fábulas para contar.

Agora, porém, mulheres de carne e osso queriam abonecar-se, transpor a fronteira e parecer brinquedos. Agora a boneca era o original e a mulher, a representação. Estas bonecas de carne e osso, estas marionetas sem fios, não se «embonecavam» apenas exteriormente. Para lá das fachadas muitíssimo estilizadas, por baixo daquelas peles perfeitamente translúcidas, estavam tão cheias de *chips* comportamentais, tão totalmente programadas para agir, tão perfeitamente arranjadas e vestidas que não havia nelas espaço para uma humanidade desarrumada. Sky, Bindy e Ren representavam assim o último passo na transformação da história cultural da boneca. Ao conspirarem na sua própria desumanização, tinham acabado como meros tótemes da sua classe, a classe que governava a América que, por sua vez, governava o mundo, de modo que um ataque a elas era também, se o quiséssemos ver assim, um ataque ao grande império americano, à própria Pax Americana...

Um cadáver numa rua, pensou Malik Solanka, ligando outra vez à Terra, apresenta grandes semelhanças com uma boneca partida.

... Oh, quem é que ainda pensava nestes termos, para além dele? Ainda haveria mais alguém na América com tais ideias torpes e mal pensadas na cabeça? Se tivéssemos perguntado a estas jovens, a estas belezas altas e confiantes, a caminho dos seus diplomas universitários com *summa cum laude* e deslumbrantes fins-de-semana em iates, a estas Princesas do Agora, mais os seus serviços de limusina e obras de caridade e vidas de um quilómetro-ao-minuto e super-heróis domesticados, embevecidos, que procuravam ganhar-lhes os favores, elas ter-nos-iam dito que eram livres, mais livres do que qualquer mulher em qualquer país em qualquer altura, e que não pertenciam a homem nenhum, fosse ele pai ou amante ou patrão. Não eram as bonecas de ninguém, eram senhoras de si próprias, a brincar com o seu aspecto, a sua sexualidade, as suas histórias: a primeira geração de jovens mulheres com verdadeiro controle, nem sujeitas ao velho patriarcado nem ao feminismo da linha dura, hostil aos homens, que quase derrubara aos murros o portão do Barba Azul. Eram capazes de ser mulheres de negócios e coquetes, profundas e superficiais, sérias e fúteis, e eram elas que tomavam essas decisões sozinhas. Tinham tudo — emancipação, sensualidade, dinheiro — e achavam isso o máximo. E depois aparecera alguém e, zás, tirara-lhes tudo ao bater-lhes com força na nuca, a primeira pancada para lhes tirar os sentidos e o resto para acabar com elas. Então, quem as matara? Se o que nos interessava era a desumanização, o homicida era cá dos nossos. Não tinham sido elas próprias, mas ele, o Assassino do Betão, que as tinha desumanizado. Sentado ao balcão do bar, inclinado sobre a tequila, o Professor Malik, com lágrimas a correr-lhe pelo rosto, enterrou a cabeça nas mãos.

Saskia Schuyler habitara num apartamento de muitas divisões e tectos baixos naquele que ela dizia ser «o prédio mais feio de Madison Avenue», uma monstruosidade de tijolo azul em frente da loja da Armani, cuja «única vantagem», na opinião de Sky, era poder telefonar para lá e mandá-los trazer vestidos para a montra, para que ela os pudesse examinar de binóculos. Odiava o apartamento, um antigo *pied-à-terre* dos pais em Manhattan. Os Schuylers viviam a maior parte do tempo no campo, numa propriedade fechada numa paisagem ondulante, próxima de Chappaqua, Nova Iorque, e passavam horas sem fim a queixar-se da aquisição, pelos Clinton, de uma casa na sua cidade natal. Sky, disse Bradley Marsalis, gostava de assegurar

aos pais que Hillary não ficaria ali muito tempo. «Se ganhar, pira-se logo para o Senado em D. C., e, se perder, ainda se vai embora mais depressa». Entretanto, Sky queria pôr Madison à venda e mudar-se para Tribeca, mas os administradores do prédio tinham recusado três vezes os compradores que ela encontrara. A respeito da administração, Sky era vociferante. «São só umas madames velhas e envernizadas, enfiadas dos pés à cabeça num tecido justo e brilhante, quais sofás excessivamente estofados. Para se fazer parte daquela coisa, deve ser condição ter ar de mobília». O prédio tinha serviço de porteiro vinte e quatro horas por dia, contudo, o funcionário de serviço nessa noite, o velho Abe Green, declarara que, na data em questão, Miss Schuyler, «com um aspecto de fazer parar o trânsito», tinha, depois de uma noitada numa gala de prémios de música (o «Cavalo» tinha ligações à indústria), voltado para casa por volta da uma e meia. Despedira-se à porta de um Mr. Marsalis claramente relutante — «Pá, só queria que vissem a cara de danado dele», observara Green — e dirigira-se, com ar infeliz, para o elevador. Green subira com ela. «Para a fazer sorrir, disse-lhe, Que pena que viva já no quinto, Miss, senão podia olhar um bocadinho mais para si». Quinze minutos depois, ela chamara outra vez o elevador. «Está tudo bem, Miss?», perguntara-lhe Abe. «Oh, acho que sim. Sim, claro, Abe», dissera. «Claro que sim». Depois saíra sozinha, ainda toda aperaltada, para nunca mais regressar. O corpo fora encontrado, muito longe, na Baixa, junto à entrada do Midtwon Tunnel. Um estudo das últimas horas de Lauren Klein e Bindy Candell mostrara que também elas tinham regressado tarde a casa, recusado entrada aos namorados e voltado a sair logo depois. Era como se estas raparigas tivessem rejeitado a própria Vida, para não faltarem ao encontro marcado com a Morte.

Saskia, Lauren e Belinda não tinham sido assaltadas. Os anéis, os brincos, as gargantilhas e as braceletes tinham sido todos encontrados no sítio. Nem tinham sido atacadas sexualmente. Não tinha emergido qualquer motivo para os homicídios, mas os três namorados tinham todos levantado a possibilidade de um perseguidor. Nos dias que precederam as mortes, todas as mulheres mortas tinham aludido a um desconhecido de panamá «a rondar de forma estranha». «É como se Sky tivesse sido executada», disse à imprensa um sombrio Brad Marsalis, a fumar charuto, durante uma sessão de fotografias e de perguntas e respostas numa suíte de hotel no porto de Vineyard. «É como se alguém a tivesse condenado à morte e levado a sentença a cabo, não sei se ‘tão a ver, a sangue-frio».

11 « Sky’s the limit» , no original. Brincadeira com o diminutivo da personagem [« Sky» = « céu»]. *(N. T)*

7

A novidade da separação de Solanka e Eleanor tinha enviado ondas de choque por todo o círculo de amigos deles. Cada casamento que se dissolve interroga os que continuam a manter-se. Malik Solanka estava consciente de haver iniciado uma reacção em cadeia de questões expressas e inexpressas às mesas de pequeno-almoço de toda a cidade, e nos quartos, e noutras cidades também: Será que ainda valemos a pena? Certo, mas será que valemos mesmo a pena? Será que há coisas que não me estás a dizer? Será que vou acordar um dia destes e tu vais dizer qualquer coisa que me fará aperceber-me de que andei a partilhar a cama com um desconhecido? Como é que o amanhã reescreverá o ontem, como é que a próxima semana desfará os últimos cinco, dez, quinze anos? Estás entediado/a? A culpa é minha? Serás tu mais frágil do que eu supunha? É por causa dele? É por causa dela? É por causa do sexo? Das crianças? Queres remediar isto? Haverá alguma coisa para remediar? Amas-me? Ainda me amas? Será que eu, oh Jesus Jesus, te amo?

Estas angústias, pelas quais inevitavelmente os amigos o consideravam culpado em grau pouco especificado, chegavam-lhe sob forma de ecos. Apesar do seu enfático embargo, Eleanor andava a dar o número de telefone dele em Manhattan a quem quer que o pedisse. Os homens, mais do que as mulheres, pareciam impelidos a ligar e a expressar reprovação. Morgen Franz, o editor budista, pós-hippie, cujo telefone Eleanor tinha, há todos aqueles anos, atendido, foi o primeiro de muitos. Morgen era californiano e tinha-se refugiado desse facto em Bloomsbury, embora jamais tivesse conseguido largar o sotaque arrastado de Haight-Ashbury.

— Não estou nada contente com isto, pá — telefonara ele para revelar a Malik, as vogais ainda mais alongadas do que o habitual, de modo a sublinhar-lhe a dor. — E mais, não conheço ninguém que esteja. Não sei por que fizeste isto, pá, e, porque não és nem um imbecil nem um merdas, estou certo de que terás as tuas razões, estou certo de que as terás, percebes?, e elas devem ser boas razões, pá, não tenho dúvidas disso, quer dizer, que posso eu dizer-te, eu adoro-te, percebes?, adoro-os aos dois, mas tenho de dizer-te que neste instante sinto uma grande cólera em relação a ti.

Solanka estava mesmo a ver o rosto avermelhado, de barba curta, do amigo, os seus olhinhos enterrados a brilhar furiosamente com a ênfase. Franz era lendariamente descontraído — «ninguém tem mais pinta do que aqui o Morg» era o seu lema —, daí que este clímax acalorado constituísse um choque. Solanka, contudo, permaneceu de cabeça fria e permitiu-se expressar os seus próprios sentimentos de forma franca e irrevogável.

— Há uns seis, sete, oito anos — replicou —, Lin costumava ligar a Eleanor debulhada em lágrimas, porque te tinhas recusado a ter um filho com ela, e sabes uma coisa?, tu tinhas as tuas razões, tinhas de lidar todos os dias com a profunda decepção com a raça humana e, no que dizia respeito a filhos, como a Filadélfia, tomavas a posição de Fields. E, Morgen, também eu, naquela altura, senti «uma grande cólera em relação a ti». Vi Lin contentar-se com gatos em vez de bebés e não gostei do que vi, e sabes que mais? Nunca te liguei para ralhar contigo ou para perguntar qual era o ensinamento budista relevante para o caso, porque decidi que não tinha de meter a porra do nariz num assunto que era entre ti e a tua mulher. Que era uma questão íntima, visto que não lhe andavas a bater ou visto que lhe andavas apenas a quebrar o espírito e não o corpo. Por isso, faz-me um favor, não chateies. Esta história não é tua. É minha.

E pronto lá se fora ela, a amizade antiga, oito, ou seriam nove, Natais passados em casa ora de um, ora de outro, o Trivial Pursuit, as charadas, o amor. Lin Franz ligou-lhe na manhã seguinte para lhe comunicar que o que ele dissera era imperdoável.

— Ficas a saber — acrescentara no seu suave murmúrio e expressão formal de vietnamita-americana — que o facto de teres abandonado Eleanor só serviu para nos unir ainda mais, a mim e a Morgen. E Eleanor é uma mulher forte e não tardará a retomar as rédeas da sua vida, depois de um período de luto. Todos nós sobreviveremos sem ti, Malik, e tu ficarás mais pobre por nos teres excluído da tua vida. Tenho pena de ti.

Não se pode mencionar a ninguém uma faca sobre as figuras adormecidas da nossa mulher e do nosso filho, e muito menos explicá-la. Uma tal faca representa um crime muito pior do que a substituição de um bebé choramingas por um felino de pêlo longo. E Solanka não tinha resposta para os comos e os porquês deste acontecimento horrorizante e enigmático. *Será um punhal o que vejo à minha frente, com o cabo dirigido a minhas mãos? Ele* estivera ali simplesmente, como o culpado Macbeth, e a arma também estivera ali simplesmente, impossível de afastar pela vontade ou de ser

arrancada da imagem posterior. O facto de não ter enterrado a faca nos corações adormecidos não fazia dele um inocente. Ter agarrado na faca assim e ter ficado ali naqueles preparos era mais que suficiente. Culpado, culpado! Mesmo ao arremessar as palavras severas, de quebra-amizade ao velho amigo, Malik Solanka estivera duramente consciente da sua hipocrisia e recebera por isso a subsequente censura de Lin sem comentário. Tinha renunciado a todos os direitos de protestar quando percorrera com o dedo a lâmina Sabatier, verificando a sua agudeza na escuridão. Essa faca era agora a sua história, e ele tinha vindo para a América para a escrever.

Não! Em desespero, para a *desescrever*. Não para ser mas para des-ser. Voara para a terra da autocriação, a casa de Mark Skywalker, o criativo Jedi de suspensórios vermelhos, o país cujo paradigma da ficção moderna era a história de um homem que se refizera a si próprio — ao seu passado, ao seu presente, às suas camisas, até ao seu nome — por amor; e aqui, neste local de cujas narrativas estava mais do que desligado, pretendia tentar a primeira fase de uma tal reestruturação, a saber — aplicava agora deliberadamente a si próprio a mesma espécie de imagética mecânica que, tão friamente, tinha usado contra as mulheres mortas —, o apagamento completo, ou «master deletion», do antigo programa. Algures no *software* existente havia um vírus, um erro potencialmente letal. Nada menos do que a despropriação do próprio serviria. Se ele conseguisse limpar toda a máquina, então, se calhar, o vírus acabaria também na reciclagem. Depois disso, poderia talvez começar a construir um homem novo. Via perfeitamente que esta era uma ambição fantástica, irrealista, se levada a sério, literalmente, em vez de por-assim-dizer; fosse como fosse, era literalmente que ele a entendia, por mais desequilibrado que isso pudesse soar. Pois qual era a alternativa? Confissão, medo, separação, polícias, médicos da cabeça, hospital-prisão psiquiátrico de Broadmoor, vergonha, divórcio, encarceramento? Os degraus que conduziam àquele inferno pareciam inexoráveis. E o pior inferno era o que deixaria para trás, a lâmina de fogo para sempre a girar na mente do filho em crescimento.

Tinha desenvolvido, naquele instante, uma fé quase religiosa no poder da fuga. A fuga salvaria os outros dele, e a ele de si próprio. Iria para onde não era conhecido e lavar-se-ia nesse desconhecimento. Uma memória da Bombaim proibida insistia peremptoriamente na sua atenção: a memória do dia, em 1955, em que Mr. Venkat — o importante banqueiro cujo filho Chandra era, aos dez anos, o melhor amigo de Malik — se tornara um

sanyasi, por ocasião do seu sexagésimo aniversário, e abandonara a família para sempre, não envergando mais do que uma tanga gandhiana, com um cajado numa mão e uma tigela de pedinte na outra. Malik gostara sempre muito de Mr. Venkat que costumava meter-se com ele, pedindo-lhe que pronunciasse, muito depressa, o seu nome completo, polissilabicamente cascateante, típico do Sul da Índia: Balasubramanyam Venkataraghavan. «Vá lá, rapaz, mais rápido», costumava instigar Malik, quando a língua infantil tropeçava nas sílabas. «Não gostarias de ter um nome tão magnificente como este?»

Malik Solanka vivia num apartamento no segundo andar, num prédio chamado Noor Ville, que ficava no Methwold's Estate, ao largo da Warden Road. Os Venkats ocupavam o outro apartamento nesse andar e davam mostras de ser uma família feliz: de tal modo que, na verdade, Malik os tinha invejado todos os dias da sua vida. Agora os dois apartamentos tinham as portas abertas, e as crianças apinhavam-se, de olhos esbugalhados e cara séria, em redor de adultos impressionados, enquanto Mr. Venkat se despedia para sempre da sua antiga vida. Das profundezas do apartamento dos Venkats chegava o ruído de um setenta e oito rotações a estrepitar: uma canção dos Ink Spots, a banda preferida de Mr. Venkat. O espectáculo de Mrs. Venkat a chorar desalmadamente no ombro da mãe dele abalara muito o pequeno Malik Solanka. Quando o banqueiro se virou para se ir embora, Malik gritara-lhe de repente. «Balasubramanyam Venkataraghavan!» E depois repetiu-o cada vez mais depressa e alto, até estar simultaneamente a entaramelar e a berrar: «Balasubramanyamvenkaraghavanb alasubramanyamvenkataraghavan *balasubramanyamvenkataraghavan*BALASUBRAMANYAMVENKATARAGHAVAN!»

O banqueiro parou solenemente. Era um homem pequeno e ossudo, de rosto bondoso e olhos brilhantes.

— Foi muito bem dito, e a velocidade também foi impressionante — comentou. — E porque o repetiste cinco vezes sem te enganares, responderei a cinco perguntas, se as quiseres fazer.

Aonde vai? «Vou em busca do conhecimento e, se possível, da paz». Por que é que não vestiu o fato do escritório? «Porque abdiquei do meu emprego». Por que está Mrs. Venkat a chorar? «Essa é uma pergunta para ela». Quando é que volta? «Este passo, Malik, é para todo o sempre». E Chandra? «Um dia ele compreenderá». Já não se importa connosco? «Essa é

a sexta pergunta. Já esgotaste as cinco. Agora sê um bom menino. Sê um bom amigo para o teu amigo». Malik Solanka lembrava-se de a mãe ter tentado, depois de Mr. Venkat ter desaparecido pela encosta abaixo, explicar-lhe a filosofia dos *sanyasi*, a decisão de um homem de abdicar de todos os bens e ligações mundanas, rompendo com a vida, de modo a aproximar-se mais do Divino antes de chegar a hora de morrer. Mr. Venkat deixara os negócios em ordem; a família ficaria bem. Ele, porém, jamais regressaria. Malik não entendeu a maior parte do que lhe estava a ser dito, mas tinha uma compreensão vívida do que Chandra quisera dizer quando, mais tarde nesse dia, partira os velhos discos dos Ink Spots que pertenciam ao pai e gritara: «Odeio o conhecimento! E a paz também. Odeio *imenso* a paz».

Quando um homem sem fé imitava as escolhas dos fiéis, o resultado tinha grandes probabilidades de ser, ao mesmo tempo, inepto e de mau gosto. O Professor Malik Solanka não vestira nenhuma tanga, não pegara em nenhuma tigela de pedinte. Em vez de se render à sorte da rua *e à* caridade de estranhos, viajara em classe executiva para o aeroporto de JFK, instalara-se durante algum tempo no Lowell, ligara a uma agência imobiliária e logo tivera a sorte de encontrar esta espaçosa casa para alugar no West Side. Em vez de rumar a Manaus, Alice Springs ou Vladivostoque, tinha aterrado numa cidade em que não era completamente desconhecido, que não lhe era completamente desconhecida, em que sabia falar a língua e orientar-se e perceber, até certo ponto, os costumes dos nativos. Agira sem pensar, tinha-se amarrado ao lugar no avião antes de se ter permitido reflectir; depois limitara-se a aceitar simplesmente a escolha imperfeita que os seus reflexos tinham feito, a concordar em prosseguir o rumo improvável que os seus pés, sem qualquer encorajamento, tinham tomado. Um *sanyasi* em Nova Iorque, um *sanyasi* com um duplex e cartão de crédito, era uma contradição em termos. Muito bem. Ele seria essa contradição e, apesar da sua natureza oximórica, perseguiria a meta que se propusera. Também andava em busca de uma quietação, de paz. Por isso, o antigo ser teria, de alguma maneira, de ser cancelado, afastado para sempre. Não lhe podia ser permitido levantar-se como um espectro do túmulo para reclamá-lo num qualquer momento futuro, arrastando-o para o sepulcro do passado. E, se ele fracassasse, então fracassava, mas como contemplar o que ficava para lá do fracasso quando ainda se estava a tentar ser bem-sucedido? Afinal, Jay Gatsby, o maior saltão da história, também fracassara no fim, mas, antes de *se* estampar, vivera em

pleno toda aquela vida americana, brilhante, frágil, coroada de oiro, exemplar.

Acordou na cama — completamente vestido, mais uma vez, com hálito a bebida forte —, sem saber como ou quando ali viera parar. Mais uma noite inexplicada. Mais chuva sem imagem na cassete vídeo. Porém, tal como noutras noites, não tinha sangue nas mãos ou na roupa, nenhuma arma na sua pessoa, nem um pedacinho de betão sequer. Pôs-se direito de um sacão, agarrou o controlo remoto e apanhou o final das notícias locais na televisão. Nada acerca do Assassino do Betão ou do Homem do Panamá ou de uma beleza privilegiada mandada desta para melhor. Nenhuma boneca de carne e osso quebrada. Deixou-se cair na cama, a respirar dificilmente e depressa. Depois, descalçando os sapatos com um arrepelão, puxou os cobertores por sobre a dor de cabeça.

Reconhecia este pavor. Há muito tempo, numa residência em Cambridge, fora incapaz de se levantar e enfrentar a sua nova existência de estudante universitário. Agora como nessa altura, o pânico e os demónios acossavam-no, vindos de todos os lados. Era vulnerável a demónios. Ouvia-lhes as asas de morcego a esvoaçar junto aos ouvidos, sentia-lhes os dedos de duendes enrolarem-se-lhe nos tornozelos para o puxarem para o inferno em que não acreditava mas que continuava a aparecer-lhe na linguagem, nas emoções, na parte dele que não era controlável. Aquela parte dele que lhe fugia selvagem, escapando-lhe das mãos fracas... onde estava Krysztof Waterford-Wajda quando precisava dele? Vá lá, Dâblio-Dâblio, bate lá à porta e tira-me da beira do Buraco sem fundo. — Dâblio-Dâblio, porém, não regressara, de além dos portões do Céu, para bater.

Não era isto, disse Solanka febrilmente de si para si. Não era esta a história que o trouxera de tão longe! Não este melodrama de Jekyll e Hyde, esta saga de secundaríssima ordem. Não havia qualquer traço gótico na arquitectura da sua vida, nada de laboratórios de cientista louco, nada de tubos de ensaio borbulhantes, nada de poções de metamorfose demoníaca engolidas de um trago. No entanto, o medo, o pavor, não o largava. Apertou os cobertores ainda mais em torno da cabeça. Sentia o cheiro da rua nas roupas. Não havia qualquer prova a ligá-lo a crime algum. Nem estava sob investigação em relação a coisa nenhuma. Quantos homens, num Verão médio de Manhattan, usavam panamás? Centenas, pelo menos? Ora então por que se estava a atormentar assim? Porque, se a faca era possível, isto também era.

E, depois, as circunstâncias: três falhas de memória nocturna, três mulheres mortas. Esta era a conjunção que exigia o seu silêncio de modo tão absoluto como a faca no escuro, mas que não podia esconder de si próprio. Mais, e aquela torrente de obscenidades ditas sem se aperceber no Café Mozart? Insuficiente para qualquer tribunal o condenar, mas ele era juiz em causa própria, e o júri ainda não regressara.

De olhos a arder, marcou um número e aguardou, durante os preliminares intermináveis de voz mecanizada, pelo seu *voice mail*. *Tem — uma! — mensagem nova. — Tem — uma ! — mensagem que ainda NÃO foi ouvida. — Primeira mensagem nova.* Depois ouviu a voz de Eleanor, pela qual há muito se apaixonara. — Malik, disseste que queres esquecer-te de ti próprio. Eu digo-te que já te esqueceste de ti próprio. Dizes que não queres ser governado pela tua cólera. Eu digo-te que a tua cólera nunca te governou tanto como agora. Lembro-me de ti, embora tu me tenhas esquecido. Lembro-me de ti antes de aquela boneca nos ter dado cabo da vida: costumavas interessar-te por tudo. Eu adorava isso em ti. Lembro-me da tua alegria, das tuas cantorias horríveis, das tuas vozes cómicas. Ensinaste-me a gostar de críquete; agora quero que Asmaan também aprenda a gostar. Lembro-me da tua vontade de saber, dos seres humanos, o melhor de que somos capazes, mas também de olhar sem ilusões para o pior. Lembro-me do teu amor pela vida, pelo nosso filho e por mim. Abandonaste-nos, mas nós não te abandonamos. Vem para casa, querido. Por favor, vem para casa.

Discurso despido, corajoso, comovente. Porém, eis aqui uma outra brecha. Quando é que falara a Eleanor de cólera e esquecimento? Talvez tivesse chegado a casa bêbedo e quisesse explicar-se. Se calhar tinha-lhe deixado uma mensagem, à qual esta era a resposta de Eleanor. E ela, como sempre, ouvira muito mais do que ele tinha dito. Ouvira, em resumo, o medo dele.

Obrigou-se a levantar-se, despiu-se e tomou um duche. Estava a fazer café na cozinha quando se apercebeu de que o apartamento estava vazio. No entanto, era um dos dias de Wislawa. Por que não viera? Solanka marcou o número dela.

— Está?

Era a voz dela, não havia dúvidas.

— Wislawa? — perguntou, autoritário. — Professor Solanka. Não era para ter vindo trabalhar hoje?

Fez-se um longo silêncio.

— Professor? — disse a voz de Wislawa, parecendo tímida e apagada. — O Senhor não se lembra?

Ele sentiu a temperatura do corpo descer a pique.

— O quê? Lembro-me do quê?

Agora a voz de Wislawa soava lacrimejante.

— O Professor despediu-me. Despediu-me, e porquê? Por nada. Claro que se lembra. E as palavras. Palavras na boca de um homem culto como eu nunca tinha ouvido. Depois disso, acabou-se para mim. Mesmo agora que me está a ligar a pedir, não posso voltar.

Alguém falou atrás dela, a voz de outra mulher, e Wislawa recobrou forças, para acrescentar com considerável determinação.

— Contudo, o custo do meu trabalho está incluído no seu contrato. Como me despediu injustamente, vou continuar a receber isto. Falei com o senhorio, e eles estão de acordo. Acho que eles vão falar consigo também. Sabe, trabalho para Mrs. Jay há muito tempo.

Está despedida. Como num filme. O cardeal de vestes vermelhas desce os degraus doirados para despachar o adeus do papa. O motorista, uma mulher, espera no seu pequeno carro, e, quando o mensageiro cruel se inclina para a janela, este enverga o rosto de Solanka.

A cidade andava a ser pulverizada com o pesticida Anvil. Diversos pássaros, a maioria dos pântanos de Staten Island, tinham morrido do vírus do Nilo Ocidental, e o presidente da câmara não queria correr riscos. Toda a gente estava em alerta máximo contra os mosquitos. Fiquem em casa ao anoitecer! Vistam roupa de manga comprida! Durante a pulverização, fechem todas as janelas e desliguem os aparelhos de ar condicionado! Tanto radicalismo intervencionista, embora nem um ser humano tivesse contraído a doença desde o início do novo milénio. (Posteriormente tinham sido notificados alguns casos, mas nada de mortes.) O receio dos Americanos diante do desconhecido, a sua sobrecompensação, tinha, desde sempre, despertado o riso nos Europeus. «O carburador de um carro explode em Paris», gostava de dizer Eleanor Solanka — até Eleanor, a menos rezinguenta das pessoas —, «e no dia seguinte já um milhão de americanos cancelou as férias».

Solanka esquecera-se da pulverização e andara horas a fio exposto ao veneno que caía invisível. Por um instante, ponderou culpar o pesticida pela perda de memória. Os asmáticos andavam a ter convulsões, as lagostas, dizia-se, andavam a morrer aos milhares, os ambientalistas andavam aos

berros; por que não ele? Porém, a sua natural imparcialidade impedia-o de prosseguir por este caminho. O mais provável era a fonte dos seus problemas ser de origem existencial e não química.

Se o diz, boa Wislawa, então é porque assim foi. Mas tem de perceber que eu não estava consciente... Aspectos do seu comportamento andavam a escapar-lhe ao controle. Caso decidisse procurar ajuda profissional, decerto que lhe seria diagnosticado um esgotamento de qualquer tipo. (Se ele fosse Bronislawa Rhinehart, apressar-se-ia a levar o diagnóstico para casa e depois começaria à procura de alguém que pudesse processar.) Percebeu com a força de um murro que um esgotamento era precisamente aquilo com que tinha andado a brincar todo este tempo. Todas aquelas rapsódias sobre a vontade de se des-fazer! Por isso, agora que certos segmentos cronológicos de si próprio tinham deixado de estar em ligação com outros — agora que se tinha literalmente desintegrado no tempo —, que razão havia para estar tão chocado? Tem cuidado com o que desejas, Malik. Lembra-te de W. W. Jacobs. A história da pata do macaco.

Viera para Nova Iorque como o Agrimensor fora para o Castelo: em ambivalência, *in extremis* e de esperanças irrealistas. Tinha achado o seu aquartelamento, aquartelamento bem mais confortável que o do pobre Agrimensor, e desde então andava a vaguear pelas ruas à procura de uma maneira de se infiltrar, dizendo a si próprio que a grande Cidade-Mundo podia curá-lo, a ele, um filho da cidade, desde que encontrasse a entrada para o seu coração mágico, invisível, híbrido. Esta proposição mística tinha claramente alterado *o continuum* em redor dele. As coisas aparentavam desenrolar-se de acordo com a lógica, em conformidade com as leis da verosimilhança psicológica e com as profundas coerências internas da vida metropolitana, mas, na verdade, tudo era mistério. Porém, talvez a dele não fosse a única identidade a romper-se pelas costuras. Por detrás da fachada desta idade de oiro, desta época de abastança, as contradições e o empobrecimento da pessoa humana no Ocidente, ou, digamos, do ser humano na América, estavam a aprofundar-se e a alargar-se. Mais, talvez essa desintegração mais alargada se tornasse visível nesta cidade de roupas faiscantes, incrustadas de jóias, e cinza secreta, nesta época de hedonismo público e medo privado.

Era necessária uma alteração de rumo. A história que acabávamos não era, se calhar, nunca a que começávamos. Sim! Tomaria novamente as rédeas da sua vida, ligando uns aos outros os fragmentos do seu ser em ruptura. As

alterações que procurava nele próprio, seria ele próprio a iniciá-las e a fazê-las. Acabara-se esta deriva miasmática, ausente. Como é que alguma vez se tinha persuadido de que este burgo louco por dinheiro o poderia salvar por si só, esta Gotham em que Jokers e Pinguins andavam a provocar distúrbios sem nenhum Batman (ou Robin sequer) para lhes frustrar os esquemas, esta Metropolis construída de kryptonite em que nenhum Super-homem ousava pôr o pé, onde a fortuna era confundida com riqueza e a alegria da posse, com felicidade, onde as pessoas viviam vidas tão polidas que as grandes e ásperas verdades da existência crua tinham sido apagadas e amortecidas e em que as almas humanas, tendo vagueado tão separadas durante tanto tempo, mal se lembravam do que fazer para se tocarem; esta cidade cuja lendária electricidade accionava as vedações eléctricas que estavam a ser erguidas entre homens e homens, e homens e mulheres também? Roma não caíra porque os seus exércitos tinham enfraquecido, mas porque os Romanos se tinham esquecido do que significava ser romano. Seria possível que esta nova Roma fosse, na verdade, mais provinciana que as suas províncias; seria possível que estes novos Romanos se tivessem esquecido do que e de como valorizar, ou será que nunca o tinham sabido? Seriam todos os impérios tão imerecedores, ou seria este particularmente grosseiro? Será que já ninguém estava, no meio de todo este esforço azafamado e plenitude material, comprometido no profundo trabalho de cabouqueiro da mente e do coração? Ó América de Sonho, será que a demanda da civilização era acabar em obesidade e trivialidade, no Roy Rogers e Planet Hollywood, no *USA Today* e no E!; ou na ganância de concursos-de-um-milhão-de-dólares e voyeurismo de quem-gosta-de-ser-mosquinha; ou no eterno confessionário da Ricki e da Oprah e do Jerry, cujos convidados se matavam uns aos outros depois do espectáculo; ou no jorro de comédias nojentas, de doidos à solta, destinadas a jovens que se sentavam no escuro, a gargalhar alarvemente a sua ignorância em frente do ecrã de cinema; ou mesmo nas mesas inacessíveis de Jean-Georges Vongerichten e Alain Ducasse? Que era feito da busca das chaves escondidas que abrem as portas da exaltação? Quem demolira a Cidade na Montanha e, em seu lugar, pusera uma fila de cadeiras eléctricas — essas traficantes na democracia da morte —, onde toda a gente, os inocentes, os deficientes mentais, os culpados, podia vir morrer lado a lado? Quem alcatroara o Paraíso e construíra um parque de estacionamento em seu lugar? Quem se contentara com a chateza de George W. Gush e os disparates de Al Bore?

Quem deixara Charlton Heston sair da jaula e depois perguntara por que andavam as crianças a ser mortas a tiro? Que fizeste, América, do Graal? Oh, vós, Galaazes ianques, Lancelotes de Indiana, Oh, Parsifais dos currais, que fizestes da Távola Redonda? Sentia uma torrente a rebentar dentro dele e não queria contê-la. Sim, ela tinha-o seduzido, a América; sim, o seu brilho excitara-o, e a sua vasta potência também, e ele ficara comprometido por esta sedução. Aquilo a que se opunha nela tinha também de atacar em si. Era isso que o fazia querer o que ela prometia e retinha eternamente. Toda a gente era agora americana ou, pelo menos, americanizada: Indianos, Iranianos, Usbequistaneses, Japoneses, Liliputianos, todos. A América era o campo de jogos do mundo, seu manual de regras, árbitro e bola. Mesmo o antiamericanismo mais não era que americanismo disfarçado, ao admitir, como fazia, que a América era o único jogo que havia, e a questão da América, a única coisa importante; e assim, como todos os demais, Malik Solanka percorria agora os corredores do poder, de chapéu na mão, um suplicante no banquete que era dela; mas isso não significava que não podia olhá-la nos olhos. Artur caíra, Excalibur estava perdida, e Mordred, o tenebroso, reinava. Ao lado dele, no trono de Camelot, sentava-se a rainha, sua irmã, a feiticeira Morgana.

O Professor Malik Solanka orgulhava-se de ser um homem prático. Hábil de mãos, sabia enfiar linha numa agulha, passajar roupa, passar a ferro uma camisa de cerimónia. Durante algum tempo, quando começara a fazer os seus bonecos-filósofos, tinha-se feito aprendiz de um alfaiate em Cambridge e aprendera a cortar as roupas que os seus pensadores de palmo e meio viriam a vestir; mesmo com as cópias de modelos em voga que criava para a Craniozinho. Com Wislawa ou sem Wislawa, sabia como manter os seus aposentos limpos. De ora em diante, aplicaria os princípios da boa economia doméstica também à sua vida interior.

Pôs-se a caminho pela Seventieth Street fora, com o saco de roupa de cor púrpura da lavandaria chinesa atirado por cima do ombro direito. Virando para a Columbus, ouviu o seguinte solilóquio:

— Tu lembras-te da minha ex-mulher, a Erin. A mãe de Tess. Pois, a actriz; nos dias que correm, faz sobretudo publicidade. Ora advinha lá. Andamos a ver-nos outra vez. Muita estranho, uh. Depois de dois anos a pensar que ela era o inimigo e de mais cinco de relações melhores mas ainda complicadas! Comecei a convidá-la às vezes para vir a minha casa com Tess. Para ser franco, Tess gosta de ter a mãe por perto. E depois uma noite.

Pois, foi uma daquelas coisas do estilo Depois Uma Noite. Chegou uma altura em que me aproximei e me sentei ao lado dela no canapé, em vez de ficar na minha cadeira habitual, do outro lado da sala. Sabes, o meu desejo por ela nunca desapareceu, estava apenas enterrado debaixo de pilhas de outras coisas, de pilhas e pilhas de cólera, para ser franco, e daí que agora tivesse jorrado tudo, catrapumba! Um oceano cheio. Para ser franco, os sete anos tinham congestionado todo um carregamento dele, de desejo, quero dizer, e se calhar a cólera tornou-o ainda mais intenso, por isso era espantosamente maior do que costumava ser. Mas a coisa foi assim. Fui até ao canapé e o que aconteceu aconteceu, e depois ela diz-me: «Sabes, quando te aproximaste, não sabia *se* ias bater-me ou beijar-me». Acho que eu também não sabia até ter chegado ao canapé. Para ser franco.

Tudo isto dito para o ar, em volume alto, por um homem de quarenta e tal anos, alto e desengonçado, de cabelo encrespado, Art Garfunkelesco, que andava a passear um cão malhado. Ainda demorou uns momentos até Solanka ver os auscultadores do telemóvel entre o halo de cabelo ruivo. Nos dias que correm, parecemos todos excêntricos ou malucos, pensou Solanka, a confiar os nossos segredos ao vento enquanto deambulamos. Eis um exemplo evidente da desintegrada realidade contemporânea que o andava a absorver por completo. Art, o passeante de cão, que, de momento, existia apenas no *Continuum* Telefónico — persistindo nos sons do silêncio —, estava totalmente alheio ao facto de que, no *Continuum* alternativo, o da Seventieth Street, estava a revelar as suas intimidades mais profundas a desconhecidos. Disto, em Nova Iorque, o Professor Solanka gostava bastante — desta sensação de ser excluído pela multidão de histórias de outras pessoas, de andar como um fantasma por uma cidade que estava a meio de uma história que não precisava dele como personagem. E a ambivalência do homem perante a mulher, Solanka pensou: por mulher, entenda-se a América. E eu, se calhar, ainda estou a dirigir-me ao canapé.

Os jornais do dia proporcionaram-lhe um conforto inesperado. Devia ter ligado o televisor demasiado tarde para ter ouvido os desenvolvimentos principais do dia na investigação do homicídio de Sky-Ren-Bindy. Agora, com um coração cada vez mais leve, leu que a equipa de detectives — três esquadras tinham juntado forças nesta averiguação — tinha rebocado os três bonzões para os interrogar. Estes tinham sido mais tarde libertados, sem terem sido ainda formalmente acusados, mas o ar dos detectives fora grave, e os jovens tinham sido avisados de que nem pensassem em rumar à pressa

para qualquer iate na Riviera ou para praias no Sudeste Asiático. Fontes não identificadas mas próximas da investigação diziam que a teoria do «Sr. Panamá» estava a ser posta em causa, o que claramente implicava estar a pensar-se que os namorados suspeitos tinham cozinhado o misterioso perseguidor entre eles. O Grosso, o Cavalo e o Moca pareciam, nas fotografias, três jovens muito assustados. Os comentários da imprensa ligavam imediatamente, sem perda de tempo, o triplo homicídio ao assassínio de Nicole Brown Simpson e à morte da pequena JonBenét Ramsey. «Em tais casos», concluía um dos editoriais, «o mais sensato é procurar perto de casa».

* * *

— Posso falar consigo?

Quando regressou ao apartamento, tonto de alívio, Mila estava à espera dele na sacada, sem companhia, mas tendo nos braços um exemplar da Craniozinho com metade do tamanho real. A transformação no comportamento dela era surpreendente. Longe ia a fanfarronice de deusa de rua, as manias de rainha do mundo. Esta era uma jovem tímida, desajeitada, com estrelas nos olhos verdes.

— O que disse no cinema. É você, tem de ser você, certo? Você é o Professor Solanka? «Craniozinho criada pelo Professor Malik Solanka». Você deu-lhe existência, deu-lhe vida. Oh, uau. Eu até tenho todas as cassetes das *Aventuras* e, quando fiz vinte e um anos, o meu pai foi a um negociante e comprou-me a primeira versão do argumento do episódio do Galileu, sabe, antes de o terem obrigado a cortar todas as blasfémias?, esse é, tipo, o meu bem mais precioso. Pronto, por favor diga que tenho razão, porque, de contrário, estou a fazer uma figura tão triste que a minha pinta foi à vida para sempre. Bem, de qualquer forma já foi bastante à vida, não faz ideia do que Eddie e a malta pensam de mim por vir aqui com uma *boneca*, por amor de Deus.

As defesas naturais de Solanka, já diminuídas por conta do seu coração aliviado, ficaram assoberbadas por paixão tão extrema.

— Sim — admitiu. — Sim, sou eu.

Ela gritou a plenos pulmões, dando um pulo no ar mais ou menos a dez centímetros do rosto dele.

— Inacreditável! — depois deu uma gargalhada, incapaz de parar de saltar para cima e para baixo. — Oh, meu *Deus*. Tenho de dizer-lhe uma coisa, Professor: o senhor é o *máximo*. E aqui esta menininha, a sua Craniozinho, tem sido, tipo, a minha *obsessão* total durante grande parte dos últimos dez *anos*. Não perco pitada do que ela faz. E, como deu conta, ela é só a *base* e a *inspiração* de todo o meu *estilo pessoal* de momento. — Ela estendeu-lhe a mão. — Mila. Mila Milo. Não se ria. Originariamente era Milosevic, mas o meu pai queria uma coisa que toda a gente soubesse dizer. Quer dizer, isto é a América, certo? Há que facilitar. Mii-la Mai-lo.

Ao esticar as vogais exageradamente, fez uma careta, depois sorriu.

— Parece, sei lá, um *fertilizante agrícola*. *Ou*, se calhar, *cereais* para o pequeno-almoço.

À medida que ela falava, sentiu a velha cólera crescer dentro dele, a enorme, imitigável cólera da Craniozinho, que permanecera inexpressa, inexpressável, todos estes anos. Esta era a cólera que levara directamente ao episódio da faca... Fez um esforço imenso e obrigou-a a conter-se. Este era o primeiro dia da sua nova fase. Hoje não haveria névoa avermelhada, nem tiradas obscenas, nem apagões de memória induzidos pela fúria. Hoje enfrentaria o demónio e lutaria com ele, até o levar ao tapete. Respira, disse a si mesmo. Respira.

Mila parecia preocupada.

— Professor? Está bem?

Acenou rapidamente, sim, sim. E disse brevemente:

— Entre, se faz favor. Quero contar-lhe uma história.

SEGUNDA PARTE

8

Os seus primeiros bonecos, as pequenas personagens que tinha feito, quando era mais novo, para povoar as casas que tinha construído, eram meticulosamente talhados em madeiras-brancas moles, roupas *e* tudo, e posteriormente pintados, a roupagem em cores vívidas e os rostos cheios de pormenores minúsculos mas significantes: uma mulher com uma bochecha inchada aqui, a indiciar dor de dentes, um leque de linhas de riso nos cantos dos olhos daquele tipo bem-disposto ali. Perdera, desde esses princípios remotos, todo o interesse pelas casas, ao mesmo tempo que as pessoas que fazia tinham crescido em estatura e complexidade psicológica. Hoje em dia, começavam por ser estatuetas de barro. Barro de que Deus, que não existia, fizera o homem que, esse sim, existia. Eis o paradoxo da vida humana: o seu criador era ficcional, mas a vida, em si mesma, era um facto.

Pensava neles como pessoas. Quando estava a dar-lhes existência, eram tão reais para ele como toda a gente que conhecia. Uma vez criados, contudo, uma vez que lhes conhecia as histórias, era de bom grado que os deixava seguir o seu caminho: outras mãos podiam manipulá-los perante as câmaras de televisão, outros artesãos podiam fazer moldes deles e replicá-los. Nada mais lhe importava senão personagem e história. O resto era apenas reinação com brinquedos.

A única das suas criações por que se apaixonou — a única em que não queria que ninguém tocasse — seria aquela que lhe partiria o coração. Tratava-se, é claro, de Craniozinho: primeiro, boneca, posteriormente, marioneta, depois, desenho animado e, mais tarde ainda, actriz ou, em diversas outras ocasiões, anfitriã de *talk-shows,* ginasta, bailarina ou supermodelo vestida de Craniozinho. A primeira série dela, ao fim da noite, da qual ninguém esperava muito, fora feita mais ou menos exactamente como Malik Solanka desejara. Naquele programa de demanda pelos tempos, a «Cezinho» era a discípula, sendo os verdadeiros heróis os filósofos que ia conhecendo. Depois da mudança para o horário nobre, contudo, a administração do canal não tardou a imiscuir-se. O formato original foi considerado demasiado intelectual. A Craniozinho era a estrela, e o espectáculo tinha agora de ser construído em torno dela, fora decretado. Em vez de viajar incessantemente, ela precisava de um espaço e de um conjunto

de personagens recorrentes, à desgarrada com ela. Precisava de ter uma paixoneta ou, melhor ainda, de uma cadeia de pretendentes, o que permitiria aos actores jovens mais na berra à data aparecerem como convidados especiais no programa, sem que isso a prendesse. Acima de tudo, precisava de comédia: comédia inteligente, comédia com miolos, sim, mas era imperativo que houvesse gargalhadas em barda. Provavelmente até riso enlatado. Podiam arranjar-se argumentistas para trabalhar com Solanka e ajudá-lo a desenvolver a sua ideia de oiro para o grande público que ia agora entrar em contacto com ela. Isto era o que ele queria, não era — avançar para as grandes audiências? Uma ideia, se não era desenvolvida, morria. Este era um facto da vida televisiva.

E foi assim que a Craniozinho se mudou para a Rua do Crânio em Vila Nova do Crânio, mais todo um destacamento de família e vizinhança: tinha um irmão mais velho, Grande Craniozinho de seu nome, havia um laboratório científico ao fundo da rua chamado Cadinho do Craniozinho, e até um lacónico vizinho, *cowboy* e estrela de cinema (John Crayne). Era uma coisa dolorosa de se ver, mas quanto mais baixo a comédia descia, mais as audiências levantavam voo. *A Rua do Crânio* apagou da memória num instante *As Aventuras da Craniozinho* e instalou-se numa vida que prometia ser longa e lucrativa. A dada altura, Malik Solanka vergou-se perante o inevitável e abandonou o programa. Porém, manteve o seu nome no genérico, assegurou-se de que os seus «direitos morais» na criação estavam protegidos e negociou uma parte choruda das receitas da comercialização dos produtos. Ele já não era capaz de ver o programa. A Craniozinho, porém, deu mostras de ficar feliz por vê-lo partir.

Tinha superado o seu criador — literalmente; agora era de tamanho real e uns bons centímetros mais alta que Solanka — e andava a fazer pela vida. Como Hawkeye ou Sherlock Holmes ou Jeeves, tinha transcendido a obra que a criara, tinha alcançado a versão de liberdade possível na ficção. Agora emprestava a imagem para publicitar produtos televisivos, inaugurava supermercados, fazia discursos em jantares, era mestre-sala em cerimónias de entrega de prémios. Quando *A Rua do Crânio* chegou ao fim, era já uma personalidade televisiva de contornos claros. Conseguiu o seu próprio *talk show*, aparecia como convidada especial em novas comédias de êxito, desfilava nas passarelas para Vivienne Westwood e era atacada, por menorizar as mulheres, por Andrea Dworkin — «mulheres inteligentes não têm de ser bonecas» —, e, por fragilizar os homens, por Karl Lagerfeld

(«que verdadeiro homem quererá uma mulher com um maior, como hei-de dizer, *vocabulário* que o dele próprio»?). Ambos os críticos concordaram depois imediatamente, em troca de elevados honorários, em juntar-se, como consultores, ao grupo de trabalho por detrás da «Cezinho», uma equipa conhecida na BBC como Cartel dos Craniozinhos. *Ondas Cerebrais, o* filme de estreia, muito mastiga-e-deita-fora, da Craniozinho constituiu um raro passo em falso, tendo sido um estrondoso fracasso, mas o seu primeiro volume de memórias (!) entrou directamente para o topo das tabelas de mais vendidos da Amazon logo que foi anunciado, meses antes de ser sequer publicado, arrebatando mais de um quarto de milhão só em encomendas de fãs histéricos, decididos a ser os primeiros. Após a publicação, bateu todos os recordes; seguiram-se-lhe um segundo, um terceiro e um quarto volumes, um por ano, que venderam, de acordo com as estimativas mais conservadoras, mais de 50 milhões de cópias em todo o mundo.

Tornara-se a Maya Angelou do mundo dos bonecos, uma autobiógrafa tão impiedosa como aquela outra ave engaiolada, a vida dela, modelo para milhões de jovens — as suas origens humildes, os anos de luta, as vitórias triunfantes; e Oh, a sua intrepidez diante da pobreza e da crueldade! Oh, a alegria dela quando o Destino a escolhera para um dos seus Eleitos! —, entre os quais se contava orgulhosamente a própria imperatriz da pinta da West Seventieth Street. (A vida não vivida dela!, pensava Solanka. A história fictiva, parte conto de fadas à Masmorras & Dragões, parte saga de gueto miserável, e tudo isto escrito para ela por pessoas anónimas de talento-fantasma! Isto não era a vida que imaginara para ela; isto não tinha nada que ver com a ante-história que sonhara para a menina dos seus olhos. Esta Cezinho era uma impostora, com o historial errado, o diálogo errado, a personalidade errada, o guarda-roupa errado, o *crânio* errado. Algures na terra dos meios de comunicação havia um Château d'If em que a verdadeira Craniozinho era mantida cativa. Algures havia uma Boneca com uma Máscara de Ferro.)

O mais extraordinário acerca do grupo dos fãs dela era a sua catolicidade: os rapazes gramavam-na tanto como as raparigas, os adultos tanto como as crianças. Atravessava todas as fronteiras de língua, raça e classe. Tornava-se, diversamente, a amante ou a confidente ou a meta ideal dos seus admiradores. O primeiro livro de memórias dela foi, a princípio, colocado pela gente da Amazon na lista da *não ficção*. A decisão de mudá-lo, e aos volumes que se lhe seguiram, para o mundo do faz de conta encontrou

resistência tanto entre os leitores como entre o pessoal. A Craniozinho, advogavam, já não era um simulacro. Era um fenómeno. A varinha mágica da fada tocara-a, e ela era real.

A tudo isto Malik Solanka assistiu de longe e com crescente horror. Esta criatura da sua própria imaginação, nascida do melhor do seu ser e do mais puro esforço, estava a transformar-se, nas suas barbas, no tipo de monstro de celebridade espalhafatosa que ele mais abominava. A Craniozinho original, e agora obliterada, fora genuinamente inteligente, capaz de estar mano a mano com Erasmo ou Schopenhauer. Era bela e tinha uma língua afiada, mas nadara num mar de ideias, vivendo a vida da mente. Esta edição revista, da qual perdera há muito tempo o controle criativo, tinha o intelecto de um chimpanzé um bocadinho acima da média. Dia após dia, tornava-se uma criatura do microverso do entretenimento, os videos musicais dela — sim, ela era agora uma artista que gravava! — batiam aos pontos os de Madonna em picante, as suas aparições em estreias sobre-Hurleyavam qualquer estreleca que alguma vez pisara a carpete vermelha com um vestido perigoso. Ela era jogo de vídeo e capa de revista, e isto — há que lembrar — era, pelo menos, nas aparições de tipo personalizado, essencialmente uma mulher cuja cabeça se ocultava completamente dentro da da boneca icónica. No entanto, muitas eram as aspirantes a competir pelo papel, ainda que o Cartel do Craniozinho — que se tornara demasiado grande para continuar a ser gerido pela BBC e se desligara para se tornar um negócio independente em florescimento, destinado a quebrar, um destes dias não muito longínquos, a barreira de um bilião de dólares — insistisse na absoluta confidencialidade; os nomes das mulheres que davam vida a Craniozinho jamais eram revelados, embora abundassem os boatos, e os *paparazzi* da Europa e da América, fazendo valer as suas competências especiais, afirmavam ser capazes de identificar esta actriz ou aquele modelo por aqueles outros atributos, não-faciais, que a Craniozinho tão orgulhosamente exibia.

Espantosamente, a transformação em lambisgóia não fez perder fãs à Craniozinho de cabeça de látex, trazendo-lhe antes uma nova legião de admiradores adultos do sexo masculino. Tinha-se tornado imparável, ora a dar conferências de imprensa em que falava de montar a sua própria produtora de cinema, ora a lançar uma revista sua em que dicas de beleza, conselhos sobre estilos de vida e cultura contemporânea de vanguarda, todos receberiam o tratamento especial da Craniozinho, ora a ter um programa de

transmissão nacional, nos E. U. A., num canal de cabo. Falava-se também de um espectáculo na Broadway — ela andava em conversações com todos os grandes nomes no campo do musical, era o querido Tim isto e o querido Elton aquilo e o querido Cameron aqueloutro e, é claro, o queridíssimo Andrew — e um novo filme de grande orçamento estava também na calha. Este não seria a repetição dos erros pirosos e adolescentes do primeiro, mas evoluiria «organicamente» a partir das memórias que se vendiam aos milhões. «A Craniozinho não é nenhuma Barbie Spice plástico-fantástica», anunciou ao mundo — começara a falar de si própria na terceira pessoa —, «e este novo filme será muito humano e transbordará de qualidade. O Marty, o Bobby, o Brad, a Gwynnie, a Meg, a Julia, o Tom e a Nic, todos mostraram interesse; a Jenny, o Puffy, a Maddy, o Robbie e o Mick também: parece que, nos dias que correm, toda a gente quer um Craniozinho».

O triunfo retumbante da Craniozinho provocou inevitavelmente muitos comentários e análises. Os admiradores foram objecto de zombaria pela sua obsessão popularucha, mas logo surgiu eminente gente do teatro a falar na tradição secular da máscara no teatro, tradição essa com origens na Grécia e no Japão. «A mulher-actor de máscara é libertada da sua normalidade, da sua quotidianidade. O seu corpo adquire notáveis liberdades novas. E é a máscara que dita tudo isto. A máscara age». O Professor Solanka permaneceu arredado, recusando todos os convites para debater esta sua criação fora-de-controle. O dinheiro, esse, foi, contudo, incapaz de recusar. Os direitos de autor continuavam a pingar para a sua conta bancária. Ficara comprometido pela ganância, e o compromisso selara-lhe os lábios. Obrigado contratualmente a não atacar a galinha dos ovos de oiro, tinha de refrear os pensamentos e, ao manter secretas as suas opiniões, encheu-se com a bílis amarga dos seus muitos descontentamentos. A cada nova iniciativa mediática encabeçada pela personagem que outrora delineara com tanta vivacidade e tanto carinho, a fúria impotente crescia.

Na revista *Hello!*, a Craniozinho — ao que corria, por uma quantia com sete algarismos — permitia aos leitores deitarem um olharzinho íntimo à sua belíssima casa de campo que, segundo parecia, era uma velha mansão ao estilo da Queen Anne no Gloucestershire, não muito longe da do Príncipe de Gales, e Malik Solanka, cuja inspiração original tinham sido as casas de bonecas do Rijksmuseum, ficou pregado ao chão pela ousadia desta última inversão. Com que então as casas grandes pertenciam agora a estas bonecas com o rei na barriga, enquanto a maior parte da humanidade vivia ainda em

alojamentos apertados? O erro — na sua perspectiva, a bancarrota moral — deste desenvolvimento em particular alarmava-o profundamente; ainda assim, ele próprio, longe de estar na bancarrota, não abria a boca e aceitava o dinheiro sujo. Durante dez anos, como o «Art Garfunkel» poderia ter dito para o auscultador, tinha acumulado pilhas de desgosto por si próprio e raiva. A fúria erguia-se sobre ele como uma onda de Hokusai antes de rebentar. A Craniozinho era a sua filha delinquente que, ao crescer, se tornara uma gigante furiosa e que representava agora tudo o que ele mais desprezava, esmagando debaixo dos pés gigantes todos os elevados princípios, para louvor dos quais ele lhe dera vida; incluindo, evidentemente, os dele próprio.

O fenómeno Cezinho tinha visto o fim dos anos 90 e não dava sinais de estar a perder vapor no novo milénio. Malik Solanka era obrigado a admitir uma verdade terrível. Odiava a Craniozinho.

Entretanto, nada daquilo a que lançara mão estava a dar muito fruto. Continuou a apresentar personagens e estruturas de histórias a empresas britânicas de animação que eram, desde há algum tempo, bem-sucedidas, mas era-lhe dito, delicada e indelicadamente, que as ideias dele não estavam em sintonia com o momento. Numa indústria de jovens, ele tornara-se pior do que meramente mais velho: era uma velharia. Numa reunião com o objectivo de debater a sua proposta de fazer longa metragem de animação com figuras de plasticina sobre a vida de Niccolò Machiavelli, esforçou-se o mais que pôde para falar a nova linguagem do comercialismo. O filme usaria, é claro, animais antropomórficos para representar os originais humanos. «Não lhe falta nada», entusiasmou-se ele, pouco à vontade. «A idade de oiro de Florença! Os Medici no seu esplendor — aristogatos de plasticina cheios de pinta! Bichonetta Vespucci, a gata mais bela do mundo, imortalizada pelo jovem cão Bãoãocelli. O Nascimento da Vénus Felina! O Rito da Primavera Bichana! Entretanto, Amiaurigo Vespucci, aquele velho leão-marinho e tio dela, parte à descoberta da América! Savona-Rolando, o Monge-Ratazana, incendeia-se na Fogueira das Vaidades! E, no coração de tudo, um ratinho. Este, contudo, não é uma versão barata do Mickey: este é o rato que inventou a *Realpolitik, o* brilhante rato-dramaturgo, o distinto roedor público, o rato republicano que sobreviveu à tortura do pelo cruel príncipe-gato e que sonhou, no exílio, com o dia do glorioso regresso...» Foi interrompido, sem cerimónias, por um executivo pertencente à malta do dinheiro, um rapaz rechonchudo que não devia ter mais de vinte e três anos.

«Florença é o máximo», disse. «Disso não há dúvida. Adoro a ideia. E Niccolò, o que é que lhe chamou?, Ratiavelli soa... possível. Mas o que tem aqui — o tratamento — deixe-me pôr as coisas assim. Não *merece* Florença. Se calhar, certo?, agora não é uma boa altura para Renascimento em plasticina».

Podia voltar a escrever livros, pensara, mas não tardou a descobrir que isso estava longe de conseguir empolgá-lo. A inexorabilidade da fortuna, o modo como os acontecimentos nos desviam da nossa rota, tinha-o corrompido e deixado sem préstimo. A antiga vida dele abandonara-o para sempre, e o novo mundo que criara tinha-se-lhe escapado também por entre os dedos. Ele era James Mason, a estrela decadente, a beber desalmadamente, a afogar derrotas, enquanto aquela maldita boneca voava bem alto no papel de Judy Garland. Com Pinóquio, os problemas de Gepeto tinham terminado quando o raio do boneco se tinha tornado um rapazinho real, vivo; com a Craniozinho, tal como com Galateia, fora então que tinham começado. O Professor Solanka,. numa ira embriagada, proferiu anátemas contra a sua ingrata Frankenboneca: Que desapareça da minha vista! Vai de retro, filha desnaturada. Olha lá, eu não te conheço de parte nenhuma. Não usarás o meu nome. Jamais me mandes procurar nem queiras a minha bênção. E nunca mais me chames pai.

E lá se fora de casa dele em todas as suas versões — os esboços, as maquetas, os quadros, a infinita proliferação dela em toda a miríade das suas versões, papel, tecido, madeira, plástico, fotograma de animação, *videotape*, filme; e, com ela, inevitavelmente, foi-se uma outrora preciosa versão dele próprio. Não tinha sido capaz de executar pessoalmente o acto da expulsão. Eleanor concordara em tomar a tarefa a seu cargo. Eleanor, que via a crise num crescendo — as fissuras vermelhas nos olhos do homem que amava, o álcool, a deambulação sem leme —, dissera no seu modo doce e eficiente: «Por que não vais passar o dia fora e deixas isso comigo?» A carreira dela no mundo editorial encontrava-se suspensa, Asmaan era toda a carreira de que precisava no momento, mas tinha sido uma profissional de elevados méritos e era muito requisitada. Também lhe escondia isto, embora ele não fosse parvo e soubesse o que significavam as chamadas de Morgen Franz e de outros que ligavam para falar com ela e ficavam ao telefone, a persuadi-la, aos trinta minutos de cada vez. Era desejada, ele percebia-o, toda a gente era desejada menos ele, mas teria, pelos menos, esta vingança irrisória —

também ele seria capaz de não desejar alguma coisa, ainda que fosse apenas aquela criatura de duas caras, aquela traidora, aquela, aquela boneca.

Por isso, no dia acordado saiu de casa, percorrendo Hampstead Heath com passadas vigorosas e a grande velocidade — viviam numa casa espaçosa, de dupla fachada na Willow Road e ambos tinham sempre rejubilado no facto de terem o Heath, o tesouro da zona norte de Londres, mesmo à porta —, e, durante a sua ausência, Eleanor mandara encaixotar tudo muito bem, para depois ser levado para umas instalações de armazenamento a longo prazo. Ele teria preferido que a tralha toda tivesse acabado na lixeira de Highbury, mas também nisto cedera ao compromisso. Eleanor insistira. Ela tinha um forte instinto arquivista e, porque precisava dela para levar a cabo o projecto, Solanka afastara com uma mão as restrições dela, como se de um mosquito se tratasse, e não discutira. Andou horas a fio, deixando que a música refrescante do Heath lhe acalmasse o peito selvagem, primeiro com os tranquilos ritmos do coração dos seus caminhos e árvores, e depois, ainda nesse dia, mais tarde, com as doces cordas de um concerto de Verão no recinto do Iveagh Bequest. Quando regressou, a Craniozinho desaparecera. Ou quase desaparecera. Pois, sem que Eleanor soubesse, uma boneca ficara trancada no armário do escritório de Solanka. E ali permaneceu.

Quando regressou, sentiu a casa esvaziada, oca, como se sente uma casa depois da morte de uma criança. Solanka sentia-se como se tivesse envelhecido uns vinte ou trinta anos, de repente; como se, divorciado do melhor trabalho dos seus entusiasmos juvenis, estivesse, por fim, frente a frente com o Tempo implacável. Há anos atrás, em Addenbrooke, Waterford-Wajda falara-lhe de um sentimento semelhante. «A vida torna-se, não sei, muito finita. Apercebemo-nos de que nada temos, de que não pertencemos a lado nenhum, de que nos limitamos a servir-nos das coisas durante algum tempo. O mundo inanimado ri-se de nós: em breve, partiremos, e ele ficará. Nada de muito profundo, Solly, eu sei, são apenas filosofices de Ursinho Winnie, mas que mesmo assim nos despedaçam o coração». Isto não era apenas a morte de um filho, pensava Solanka: era mais um assassínio. Crono a devorar a filha. Ele era o homicida do seu rebento ficcional: não carne da sua carne mas sonho do seu sonho. Havia, contudo, uma criança viva, e ainda acordada, sobreexcitada com os acontecimentos do dia: a chegada de um camião de mudanças, os carregadores, as constantes idas e vindas de caixotes.

— Eu estive a ajudar, Papá — foi o cumprimento de um Asmaan entusiasmado ao pai. — Ajudar a mandar embora a Craniozinho.

Tinha dificuldade com as consoantes duplas e dizia *c* para *cr*. C'aniozinho. É mais ou menos isso, Solanka pensou. Ela tornou-se o cano por que se esvai a minha vida.

— Pois — respondeu, de modo ausente. — Muito bem.

Asmaan, porém, ainda não tinha acabado.

— Ó Papá, por que é que ela teve de se ir embora? A Mamã disse que tu querias que ela se fosse embora.

Ai, a Mãe disse isso? Obrigado, Mamã. Lançou um olhar furioso a Eleanor que encolheu os ombros.

— Que é que tu queres? Não sabia o que havia de lhe dizer. Tu é que tens de lhe explicar.

Nos canais infantis, nos livros aos quadradinhos *e* nas versões áudio das suas lendárias memórias, a *persona* proteica da Craniozinho tinha-se projectado e cativado os corações de crianças ainda mais pequenas que Asmaan Solanka. Três anos não era demasiado cedo para alguém se apaixonar pelo mais universalmente sedutor dos ícones contemporâneos. «Cezinho» podia ser escorraçada da casa de Willow Road, mas será que podia ser expulsa da imaginação do filho do seu criador?

— Quero que volte — disse Asmaan enfaticamente. Volte era *vote*. — Quero a C'aniozinho.

A sinfonia pastoral de Hampstead Heath deu lugar à estridente dissonância da vida familiar. Solanka sentiu as nuvens voltarem a juntar-se à sua volta.

— Estava na hora de ela se ir embora — respondeu e pegou em Asmaan que se contorceu violentamente de encontro a ele, reagindo inconscientemente, como é hábito nas crianças, ao mau humor do pai.

— Não! Põe-me no chão! Põe-me no chão!

Estava exausto e rabugento, e Solanka não lhe ficava atrás.

— Quero ver um vídeo — exigiu. *Vido*. — Quero ver um vido da C'aniozinho.

Malik Solanka, desestabilizado pelo impacte da ausência do arquivo da Craniozinho, do exílio dela para uma qualquer Elba de Bonecas, uma qualquer cidade junto ao Mar Negro, à semelhança da Tomos estéril de Ovídio, para brinquedos indesejados, gastos, tinha mergulhado, muito

inesperadamente, numa condição semelhante ao luto profundo e recebeu a petulância de fim-de-dia do filho como uma provocação inaceitável.

— É tarde de mais. Tem termos — ordenou-lhe com aspereza, e Asmaan, por seu lado, acocorou-se no tapete da sala da frente e produziu o seu truque mais recente: uma explosão de lágrimas de crocodilo, impressionantemente convincentes. Solanka, que não era menos infantil que o filho, e sem a desculpa de ter três anos, virou-se para Eleanor e disse:

— Suponho que esta é a tua maneira de me castigares. Se não querias livrar-te da coisa, era só dizeres. Para quê usá-lo a ele. Devia ter percebido que, quando voltasse, haveria sarilho. Merdas manipuladoras como esta.

— Por favor, não quero que ele te oiça falares assim comigo — replicou ela, pegando em Asmaan ao colo. — Ele percebe tudo.

Solanka reparou que o miúdo deixou que a mãe o levasse para a cama sem a mais leve contorção, esfregando o nariz no longo pescoço dela.

— Na verdade — continuou ela, sem alterar o tom de voz —, depois de um dia inteiro a trabalhar para ti, pensei, pelos vistos estupidamente, que podíamos usá-lo como momento para começar de novo. Tirei uma perna de borrego do congelador e barrei-a de cominhos, liguei para a florista, oh, meu Deus, que tolice a minha, e pedi-lhes que viessem entregar nastúrcios. E encontrarás três garrafas de Tignanello na mesa da cozinha. Uma para saborearmos, outra para demasiado e a terceira para a cama. Talvez te lembres disso. A frase é tua. Mas tenho a certeza de que já não estás virado para jantares românticos à luz da vela na companhia da tua chata e já-não-muito-jovem mulher.

Tinham vindo a afastar-se, ela rumo à experiência absorvente, a tempo inteiro, da primeira maternidade, que a realizava tão profundamente que andava ansiosa por repeti-la, ele, em direcção àquela neblina de fracasso e desgosto consigo próprio que era adensada, cada vez mais, pela bebida. No entanto, o casamento não fora rompido, graças, em grande medida, ao coração generoso de Eleanor, e a Asmaan. Asmaan que adorava livros e gostava que lhe lessem horas a fio; Asmaan no baloiço do jardim, a pedir a Malik que o torcesse no assento mais e mais, para depois se destorcer numa visão indistinta, a grande velocidade e contra-relógio; Asmaan às cavalitas do pai, a baixar a cabeça nas portas («Estou a ser muito cuidadoso, Papá!»); Asmaan a perseguir e a ser perseguido, Asmaan a esconder-se debaixo das roupas de cama e pilhas de almofadas; Asmaan a esforçar-se por cantar «Rock Around the Clock» — *rot around the tot* — e, sobretudo, talvez,

Asmaan a saltar. Ele adorava saltar na cama dos pais, com os peluches a incitá-lo. «Olhem para mim», gritava nestas ocasiões — olhem era *oiem* —, «estou a saltar muito bem! Estou a saltar cada vez mais alto!»

Asmaan era a jovem encarnação do antigo amor deles, a saltar alto. Quando o filho lhes inundava as vidas de deleite, Eleanor e Malik Solanka conseguiam refugiar-se numa fantasia de intacto contentamento familiar. Noutras ocasiões, contudo, as fendas eram cada vez mais fáceis de ver. Ela achava a infelicidade auto-absorta dele, as suas queixas constantes por humilhações imaginadas, mais maçadora e mais pesada do que tivera alguma vez a crueldade de mostrar; ele, pelo seu lado, encerrado numa espiral decrescente, acusava-a de o ignorar, a ele e às suas preocupações. Na cama, sussurrando de modo a não acordar Asmaan que dormia num colchão no chão, ao lado deles, ela queixava-se de que nunca era Malik a iniciar o sexo; ele replicava que ela tinha perdido todo e qualquer interesse no sexo, excepto na altura do mês propícia a fazer bebés. E, nessa altura do mês, discutiam rotineiramente: sim, não, por favor, não posso, por que não, porque não quero, mas eu preciso tanto, bem, eu não preciso nada, mas eu não quero que este menino encantador seja filho único como eu, e eu não quero voltar a ser pai na minha idade, assim como assim, já terei mais de setenta anos antes de Asmaan fazer os vinte. E depois lágrimas e cólera *e*, era certo e sabido, uma noite no quarto de hóspedes para Solanka. Conselho para os maridos, pensou amargamente: assegurem-se de que o quarto das visitas é confortável, porque, mais cedo ou mais tarde, meus amigos, será aí que dormirão.

Junto às escadas, Eleanor aguardava, tensa, pela resposta ao convite para uma noite de paz e amor. O tempo passava em batidas lentas, tendo chegado a um momento de viragem. Ele podia, caso tivesse espírito e desejo, aceitar o convite e depois, sim, seguir-se-ia uma noite boa: comida deliciosa e, se na sua idade três garrafas de Tignanello não o mandassem direitinho para as asas de Morfeu, então não duvidava de que o acto de amor estaria à altura dos velhos padrões. Agora, porém, havia um bicho no Paraíso, e ele não passou o teste.

— Suponho que estejas a ovular — disse ele, e Eleanor afastou a cara bruscamente como se ele lhe tivesse batido.

— Não — mentiu e depois cedendo ao inevitável: —, oh, pronto, estou, que se lixe, de que serve tudo isto.

Levou Asmaan, incapaz de conter as lágrimas.

— Também me vou deitar depois de o pôr na cama, está bem? — disse, a chorar de raiva. — Faz o que te apetecer. Mas não deixes o borrego na merda do forno. Tira-o e deita-o na porra do caixote.

Enquanto Asmaan ia pelas escadas acima nos braços da mãe, Solanka ouviu-lhe a preocupação na voz jovem e cansada.

— O pai não está zangado — disse Asmaan, tranquilizando-se a si próprio, querendo ser tranquilizado. Zangado era *zagado*. — O pai não quer mandar-me embora.

Sozinho na cozinha, o Professor Malik Solanka começou a beber. O vinho era tão bom e tão potente como sempre, mas ele não estava a beber por prazer. Perseverantemente, foi dando cabo das garrafas e, ao fazê-lo, os demónios saíram-lhe rastejantes de diversos orifícios do corpo, deslizando-lhe pelo nariz e saltando-lhe das orelhas, pingando *e* espremendo-se por todas as aberturas que encontravam. Chegara ele ao fundo da primeira garrafa e já eles lhe dançavam nos globos oculares, nas unhas, tinham-lhe enrolado as línguas ásperas e salivadas à volta da garganta, as forquilhas espicaçavam-lhe os órgãos genitais, e ele não ouvia mais nada a não ser a canção escarlate que entoavam, canção de ódio estridente, hórrido. Ele tinha atravessado a autocomiseração e estava agora a entrar numa cólera terrível, culpabilizadora e, chegado ao fundo da segunda garrafa, quando já não tinha a cabeça direita no pescoço, já os demónios andavam a beijá-lo com as línguas bifurcadas e lhe tinham amarrado as caudas à volta do pénis, esfregando e apertando, e, ao ouvir a conversa nojenta deles, a culpa imperdoável pelo que se tinha tornado começara a concentrar-se sobre a mulher no andar de cima, ela que estava mais à mão, a traiçoeira que se recusara a destruir-lhe o inimigo, a sua nemésis, a boneca, ela que vertera o veneno da Craniozinho para dentro do crânio do filho dele, pondo o filho contra o pai, ela que lhe destruíra a paz na vida caseira ao preferir o filho ainda não criado da sua obsessão ao marido com existência real, ela, a que era mulher dele, a que o atraiçoara, a que era o seu grande inimigo. A terceira garrafa derramou-se, ainda por acabar, pela mesa da cozinha que ela, tão amorolamente, preparara para um jantar h *deux*, pondo a toalha de renda antiga da mãe, o faqueiro mais fino *e* um par de copos de vinho de cristal da Boémia, vermelhos, de pé longo, e ele lembrou-se de que se esquecera do maldito borrego e, quando abriu a porta do forno, o fumo saiu às golfadas e activou o detector de incêndios no tecto, e a berraria do alarme era o riso dos demónios e, para pará-lo, PARÁ-LO, teve de ir buscar um

escadotezinho de cozinha e subi-lo com pernas pouco firmes, escuras de vinho, de modo a poder tirar as pilhas à maldita e estuporada coisa, pronto, pronto, mas mesmo depois de ter feito isso sem partir o raio do pescoço, os demónios continuaram a rir o seu riso estridente, e a divisão ainda estava cheia de fumo, raios a partissem, será que ela não podia ter feito sequer esta coisinha de nada e o que é que seria preciso para parar a gritaria dentro da sua cabeça, esta gritaria que era como uma faca, como uma faca no crânio no ouvido no olho no estômago no coração na alma dele, será que a cabra não podia ter tirado a carne e tê-la posto ali, na tábua de trinchar ao pé do aço de amolar, do garfo comprido e da faca, da faca de trinchar, da faca.

A casa era grande, e o detector de incêndios não acordara nem Eleanor nem Asmaan, que já estava na cama dela, na cama de Malik. Aquele sistema de alarme servia para muito, uh. E ei-lo aqui, de pé, por sobre eles, no escuro, e ei-la, na sua mão, a faca de trinchar, e eis que não havia sistema de alarme para os avisar contra ele, pois não, Eleanor deitada de costas, a boca levemente aberta e um ligeiro sibilo de ronco a troar-lhe no nariz, Asmaan, de lado, muito enroscado nela a dormir o sono puro da inocência e da confiança. Asmaan murmurou inaudivelmente qualquer coisa durante o sono, e o som da sua vozinha rompeu através dos guinchos dos demónios e fez o pai recuperar a consciência. Diante dele estava o seu único filho, o único ser vivo debaixo deste tecto que ainda sabia que o mundo era um lugar de maravilhas e que a vida era doce e que o momento presente era tudo e que o futuro era infinito e não merecia a pena pensarmos nele, enquanto o passado era inútil e felizmente acabado de vez, e ele, uma criança embrulhada no suave manto de feiticeiro da infância, era amado para lá das palavras, e estava a salvo. Malik Solanka entrou em pânico. Que estava ele a fazer de pé, por sobre estes dois seres adormecidos com uma, com uma, faca, ele não era o tipo de pessoa que fizesse uma coisa destas, líamos acerca dessas pessoas todos os dias na imprensa sensacionalista, homens grosseiros e mulheres ardilosas que massacravam os seus bebés e comiam as avós, homicidas em série, frios, e pedófilos atormentados e desenvergonhados abusadores sexuais e padrastos malvados e idiotas primatas neanderthalenses violentos e todos os brutos mal-educados e incivilizados do mundo, e essas eram pessoas inteiramente diferentes, nenhuma pessoa dessa natureza habitava na casa, ergo ele, o Professor Malik Solanka, antigo membro do King’s College da Universidade de Cambridge, ele, acima de todas as pessoas, não podia estar aqui a segurar, na mão bêbeda, um

instrumento selvagem de morte. Q.E.D. E, além disso, eu nunca fui bom com a carne, Eleanor. Eras sempre tu que trinchavas.

A boneca, pensou com um sobressalto avinhado de arroto. Claro! A culpada era aquela boneca satânica. Tinha mandado todos os avatares do demónio feminino para fora de casa, mas um ficara. Tinha sido esse o seu erro. Ela saíra gatinhando do armário e pelo nariz dele e dera-lhe a faca de trinchar e mandara-o fazer o trabalho sangrento dela. Porém, ele sabia onde ela se escondia. Ela não conseguia esconder-se dele. O Professor Solanka virou-se e saiu do quarto, de faca na mão, balbuciando, e se Eleanor tinha aberto os olhos depois de ele se ter ido embora, ele não o sabia; se ela tinha observado as costas dele a afastarem-se e sabia e o julgava, isso teria de ser ela a dizer.

Lá fora, na West Seventieth Street, tinha escurecido. Tinha a Craniozinho ao colo quando acabou de falar. Esta tinha as roupas esfaqueadas e rasgadas, e via-se onde a faca lhe tinha feito incisões profundas no corpo.

— Mesmo depois de a ter apunhalado, não consegui, como vê, deixá-la para trás. O corpo dela veio todo o caminho para a América nos meus braços. A boneca de Mila interrogava silenciosamente a sua mutilada gémea.

— Agora já sabe tudo, e isso é muitíssimo mais do que queria saber — disse Solanka. — Sabe como esta coisa me arruinou a vida.

Um fogo ardia nos olhos verdes de Mila. Aproximou-se dele e agarrou-lhe nas duas mãos.

— Não acredito — disse ela. — A sua vida não está arruinada. E isto, então, Professor!, isto são apenas *bonecas*.

9

— Às vezes põe um ar que me recorda o meu pai antes de morrer — disse Mila despreocupadamente, sem se aperceber de como esta frase podia ser recebida pelo sujeito dela. — Um bocado indistinto, estilo uma foto em que a mão do fotógrafo tivesse tremido um pouco? Como Robin Williams naquele filme em que está sempre desfocado. Uma vez perguntei ao meu pai que significava aquele ar, e ele respondeu que era o olhar de uma pessoa que passou tempo de mais na companhia de outros seres humanos. A humanidade é uma condenação perpétua, dizia ele, é uma reclusão difícil e, ocasionalmente, todos nós precisamos de fugir da cadeia. Era escritor, sobretudo poeta mas também romancista, não deve ter ouvido falar nele, mas em servo-croata é considerado bastante bom. Mais do que bastante bom, na verdade, espantoso, um dos melhores entre os melhores. *Nobelisable,* como dizem os franceses, mas nunca o ganhou. Não viveu tempo suficiente, acho eu. Enfim. Pode acreditar em mim. Era bom. A profundidade da ligação dele ao mundo natural, o sentimento pelos Antigos, pelo folclore: era único no seu género. Tudo duendes a saltitar de flor em flor, provocava-o eu. Melhor ainda seria a flor a saltitar dentro do diabinho, respondia ele. A memória de um rio puro e luminoso que perdura no coração de Satanás. Tem de compreender que a religião era importante para ele. Viveu sobretudo em cidades, mas tinha a alma nas montanhas. Uma alma velha, era o que as pessoas lhe chamavam. Mas era também jovem de coração, percebe? Era mesmo. Era de partir o coco a rir. A maior parte do tempo. Não sei como é que conseguia. Nunca lhe deram tréguas, continuaram sempre a dar-lhe cabo do juízo. Durante uns anos vivemos em Paris depois de ele se ter livrado de Tito, eu frequentei a Escola Americana até aos oito, quase nove anos, infelizmente a minha mãe faleceu quando eu tinha três, três anos e meio, cancro da mama, que se há-de fazer, matou-a num instantinho mas sofreu muito, que Deus a tenha. Enfim, ele recebia cartas da Jugoslávia, *e* eu abria-lhas e ali, estampado na primeira página de uma carta, sei lá, da *irmã* ou de alguém via-se um carimbo oficial que dizia: *Esta carta não foi censurada.* HA! Em meados dos anos 80, vim com ele a Nova Iorque à grande conferência da PEN, aquela que ficou célebre por todas aquelas festas, uma no Temple of Dendur no Metropolitan e outra no apartamento de Saul and

Gayfryd Steinberg, e ninguém foi capaz de dizer qual fora a mais grandiosa, e em que Norman Mailer convidou George Shultz para falar na Biblioteca Pública e, por isso, os sul-africanos boicotaram o evento porque ele era, estilo, pró-apartheid, e a segurança de Shultz não queria deixar entrar Bellow, porque ele se tinha esquecido do convite e isso fazia dele um eventual terrorista, até Mailer ter garantido que não, o que Bellow deve ter gostado *disso!*, e depois as mulheres escritoras protestaram porque os oradores do pódio eram sobretudo homens, e ou Susan Sontag, ou foi Nadine Gordimer, ralhou com elas porque, disse ela, a Nadine ou a Susan, não me lembro, a literatura não é um empregador que tenha de garantir a igualdade de oportunidades. E Cynthia Ozick, acho que foi ela, acusou Bruno Kreisky de ser um anti-semita, ainda que fosse a) um judeu e b) o político europeu que acolhera a maioria dos refugiados judeus russos, *e* tudo isto porque ele tivera um encontro com Arafat, um encontro, isso faz de Ehud Barak e de Clinton anti-semitas da *pior* espécie, certo? Quer dizer, lá em baixo, em Camp David vai ser a Internacional do Antijudaísmo E, enfim, o meu pai também falou, a conferência tinha um título grandioso qualquer, do género «A Imaginação do Escritor *versus* a Imaginação do Estado», e depois de alguém dizer, esqueço-me de quem, Breytenbach ou Oz, alguém assim, que o Estado não tinha imaginação, o meu pai disse que, pelo contrário, não só tinha imaginação como também tinha sentido de humor, e ele ia dar um exemplo de uma piada do Estado, e depois contou a história da carta que não tinha sido censurada, e eu fiquei ali sentada, no público, a sentir-me tão orgulhosa porque toda a gente se riu e, afinal, fora eu que abrira a carta. Fui com ele a todas as sessões, está a brincar, não?, eu era louca por escritores, toda a minha vida tinha sido filha de um escritor e, para mim, os livros eram a melhor coisa, e teve tanta pinta porque eles me deixaram assistir a tudo, apesar de eu ser apenas miúda. Era tão bom ver finalmente o meu pai com os seus, sei lá, pares e a receber tanto respeito, e, além disso, eis que ali estavam todos aqueles nomes, a andar de um lado para o outro, ligados às pessoas reais a quem pertenciam, Donald Barthelme, Günter Grass, Czeslaw Milosz, Grace Paley, John Updike, toda a gente. Mas, no fim, o meu pai tinha aquele ar no rosto, como esse seu, e deixou-me com a Tia Kitty de Chelsea, não era minha tia a sério, ela e o meu pai tiveram um caso durante aí uns cinco minutos. Havia de vê-lo com mulheres, era um tipo grandalhão e sensual, com mãos enormes e um bigode farfalhudo parecido, acho, com o de Estaline, e ele olhava as mulheres nos olhos e começava a falar de animais

com cio, lobos, por exemplo, e, pronto, elas ficavam perdidas. Juro por Deus, as mulheres chegavam a fazer bicha, ele subia ao quarto de hotel e elas tinham feito uma fila à porta, uma verdadeira fila, bem direitinha, as mulheres mais fabulosas que possa imaginar, de joelhos a tremer de desejo; e calhava bem que eu gostasse muito de ler, além de que, para variar, havia a televisão americana para ver, por isso eu estava bem no quarto ao lado, estava óptima, embora muitas vezes me apetecesse sair e perguntar àquelas mulheres que aguardavam vez, olhem lá, as Senhoras não têm mais que fazer?, é só um pirilau, por amor de Deus, ganhem juízo. Pois, eu costumava gostar muito de chocar as pessoas, cresci depressa, acho eu, porque fomoa sempre eu e o meu pai, sempre eu e ele contra o mundo. Por isso, sei lá, acho que ele gostava da Tia Kitty, ela deve ter passado na audição, porque o prémio que recebeu foi poder passar duas semanas a cuidar de mim enquanto o meu pai partia, com dois professores, para subir os Apalaches ou coisa assim; andar pelas montanhas era o que gostava de fazer para se livrar das doses excessivas de pessoas e regressava sempre com um ar diferente, do estilo mais limpo, percebe? Eu chamava-lhe o ar de Moisés. Vindo da montanha, 'tá a ver, com o Decálogo. No caso do meu pai era, em geral, mais poesia. Enfim, concluindo e resumindo, passados cinco minutos de ter voltado das conversas ociosas com os profs. na montanha, ofereceram-lhe um lugar na Universidade de Colúmbia, e nós mudámo-nos definitivamente para Nova Iorque. O que eu adorei, claro, mas ele era tipo, como eu disse, uma pessoa rural e um europeu dos quatro costados, por isso para ele foi mais difícil De qualquer maneira, estava habituado a arranjar-se com o que havia, habituado a lidar com o que a vida tinha para lhe oferecer. É verdade que bebia como um jugoslavo e fumava aí uns cem cigarros por dia e tinha um coração fraco, sabia que nunca chegaria a velho, mas tomara uma decisão acerca da sua vida. Percebe, como no *The Nigger of the Narcissus*. Tenho de viver até morrer. E foi isso que fez, produziu uma obra óptima e teve sexo óptimo e fumou cigarros óptimos e bebeu álcool óptimo e depois começou a maldita guerra *e*, sem se saber de onde nem porquê, transformou-se nesta pessoa que eu não conhecia, neste, sei lá, sérvio. Oiça, ele desprezava o tipo a que ele chamava o outro Milosevic, odiava ter o mesmo nome que ele, e essa foi a verdadeira razão por que o modificou, se quer saber a verdade. Para separar Milo, o poeta, de Milosevic, o porco *gangster* fascista. Mas, depois de ficar tudo maluco para aquelas bandas a querer ser-ex-Jugogoslávia, ele começou a ficar todo irritado por causa da demonização

dos Sérvios, embora concordasse com a maior parte das análises acerca do que Milosevic andava a fazer na Croácia e iria fazer na Bósnia, o coração dele ficava em brasa com a propaganda anti-sérvia e, num qualquer momento tresloucado, decidiu que era seu dever regressar e ser a consciência moral do país, percebe, como Stephen Dedalus, forjar no ferreiro da sua alma et cetera et cetera ou uma espécie de Soljenitsine sérvio. Disse-lhe que se deixasse de parvoíces, quem era Soljenitsine afinal, se não um velho louco e simplório a sonhar, em Vermont, ser profeta lá na Mãe Rússia, mas, quando voltou para casa, ninguém deu ouvidos à velha canção dele, definitivamente esse não é o caminho que queres seguir, Pai, para ti são mais mulheres e cigarros e bebida e montanhas e trabalho trabalho trabalho, a ideia era deixar que estas coisas fossem a tua morte, certo, o plano era manteres-te longe de Milosevic e dos seus homicidas, já para não falar das bombas. Mas ele não me deu ouvidos e, em vez de se ater ao plano de jogo, apanhou um avião de volta para lá, para a fúria. Eu sei o que ela pode. Por causa da sua omnipresença, a América está cheia de receio; receia a fúria do mundo e rebaptiza-a com o nome de inveja, ou, pelo menos, era o que o meu pai costumava dizer. Pensam que queremos ser eles, dizia depois de estar já a meio pau, mas o que acontece é que estamos furibundos e não queremos aceitar mais merdas destas. Vê, ele sabia da fúria. Mas depois pôs de lado o que sabia e comportou-se como um maldito tolo. Porque uns cinco minutos depois de ter aterrado em Belgrado — ou se calhar foram cinco horas ou cinco dias ou cinco semanas, que *importa isso?* —, a fúria fê-lo em pedaços e não sobrou nada que se pudesse juntar e pôr num caixão. Por isso, pois sim, Professor, e anda você furibundo por causa de uma boneca. Ora, poupe-*me*.

O tempo mudara. O calor do início do Verão tinha dado lugar a uma estação agitada, sem padrão. Havia muitas nuvens e demasiada chuva, e os dias de calor matinal esfriavam abruptamente depois do almoço, fazendo estremecer as raparigas nos seus vestidinhos estivais e os patinadores em linha que, no parque, andavam de tronco nu, com misteriosas faixas de cabedal apertadas à volta do tórax, quais penitências auto-impostas, mesmo abaixo dos peitorais. Nos rostos dos seus co-cidadãos, o Professor Solanka discernia novas perplexidades; as coisas em que faziam fé, verões estivais, gasolina barata, braços lançadores de David Cone e, sim, até de Orlando Hernández, estas coisas tinham começado a deixá-los mal. Um Concorde

despenhara-se em França, e as pessoas imaginavam ver uma parte dos seus sonhos de futuro, o futuro em que também elas superariam as barreiras que as mantinham no seu lugar, o futuro imaginário da sua própria ilimitação, desfazer-se naquelas labaredas horríveis.

Esta idade de oiro tinha também de acabar, pensava Solanka, como acontece a todos os períodos na crónica humana. Se calhar, esta verdade estava a começar a insinuar-se na consciência das pessoas, qual chuva miudinha a pingar-lhes para dentro dos colarinhos levantados das garbardinas, como um punhal esgueirando-se por entre os interstícios da sua confiança revestida de armadura. Em ano de eleições, a confiança da América era moeda corrente na política. Não se podia negar a sua existência; os que estavam no poder tomavam para si os louros dela, os opositores recusavam-lhes esses louros, dizendo que a prosperidade era obra divina ou então de Alan Greespan da Reserva Federal. Porém, a nossa natureza é o que é, e a incerteza está no coração do que somos, a incerteza *per se*, em si e por si só, a sensação de que nada está escrito em pedra, tudo desmorona. Como Marx andava ainda provavelmente a dizer lá pela sucata de ideias, a St. Helena intelectual para onde fora exilado, tudo o que é sólido se desfaz em ar. Num clima público de promessas diariamente proclamadas, aonde iam esconder-se os nossos medos? De que se alimentavam eles? De nós próprios, talvez, pensava Solanka. Enquanto as notas verdes eram omnipotentes e a América cavalgava o mundo, na metrópole perturbações e aberrações psicológicas de toda a espécie estavam para lavar e durar. Sob a retórica contentinha consigo própria desta América recauchutada, homogeneizada, esta América com vinte e dois milhões de novos postos de trabalho e a taxa mais alta de aquisição de casa própria na história, esta América-Centro-Comercial de orçamento equilibrado, défice baixo e acções no bolso, as pessoas estavam a entrar em parafuso, a destrambelhar, e a falar nisso todo o santo dia em cadeias infinitas de clichés idiotas. Entre os jovens, os herdeiros da abastança, o problema era agudíssimo. Mila, com a sua educação parisiense ultraprecoce, referia-se muitas vezes desdenhosamente à confusão dos seus contemporâneos. Toda a gente andava assustada, dizia, toda a gente que conhecia, independentemente da solidez da fachada, estava a terramotar por dentro, e não fazia diferença nenhuma que toda a gente fosse rica. Entre os sexos, a atarantação não podia ser pior. «Os rapazes estão perdidos sem saber como ou quando ou onde tocar as raparigas, e as raparigas mal conseguem distinguir entre desejo *e* ataque,

namorisco e ofensiva, amor e abuso sexual». Quando tudo e todos em que tocamos se transformam instantaneamente em oiro, acabamos por não poder, tal como o Rei Midas aprendeu naqueloutra fábula típica do tem-cuidado-com-o-que-desejas, tocar em nada de nada, ou ninguém.

Mila também mudara nos últimos tempos, mas, no caso dela, a transformação era, na opinião do Professor Solanka, uma melhoria significativa em relação à catraia irresponsável, ainda a armar-se em rainha adolescente que, aos vinte e tal anos, andara a fingir ser. Para não deixar fugir o seu belo Eddie, o herói desportivo da faculdade — que descrevera a Solanka como sendo «não a estrela mais brilhante mas um coração de oiro» e para quem uma mulher-crânio culta constituiria, sem dúvida, uma ameaça e desmotivação —, baixara a própria luminosidade. Não inteiramente, havia que dizer: afinal, ela de alguma maneira tinha conseguido levar o namorado e o resto da malta a uma sessão dupla de Kieslowski, o que significava uma de duas coisas ou não serem eles tão burros como pareciam ou ter ela poderes de persuasão ainda maiores do que os que Solanka já suspeitava.

Dia após dia, ela abria-se, diante dos olhos espantados de Malik, revelando-se uma jovem de espírito e competência. Deu em visitá-lo a todas as horas: ou cedo, para o obrigar a tomar o pequeno-almoço — era um hábito dele não comer nada até à noitinha, um costume que ela apelidou de «simplesmente bárbaro e *muito* mau para si», e foi assim que, sob a tutela de Mila, ele começou a descobrir os mistérios dos flocos de aveia e do farelo e a consumir, com café acabado de fazer, pelo menos uma peça de fruta matinal diária —, ou então nas horas quentes da tarde, tradicionalmente reservadas a encontros amorosos ilícitos. Contudo, o que lhe ocupava a mente não era, pelos vistos, o amor. Envolvia-o em prazeres mais simples: chá verde com mel, passeios pelo parque, expedições de compras — «Professor, a situação é crítica; temos de tomar medidas *imediatas e drásticas* para o enfiar numas roupas que se apresentem» — e até uma visita ao Planetário. Estava ele com ela no meio do Big Bang, sem chapéu, vestido informalmente, calçado recente e flexivelmente no primeiro par de ténis que comprara em trinta anos, e sentindo-se como se ela fosse a mãe — e ele, um rapazinho da idade de Asmaan — bem, talvez só um bocadinho mais velho — quando ela se virou para ele, se inclinou um pouco, pois, de saltos, era pelo menos quinze centímetros mais alta que ele, e lhe tomou literalmente o rosto nas mãos. «Ei-lo aqui, Pofessor, mesmo no princípio das coisas. E, para mais, com bom ar. Anime-se, por amor de Deus! É bom começar de

novo». A toda a volta deles, estava a iniciar-se um novo ciclo de Tempo. Era assim que tudo começara: pum! As coisas estilhaçavam-se. O centro não era estável. Porém, o nascimento do Universo era uma metáfora reconfortante. O que daí resultava não era uma mera anarquia yeatsiana. Olhem só, a matéria juntou-se a outra matéria, a sopa primeva começou a ficar grumosa. Depois vieram as estrelas, os planetas, organismos unicelulares, peixes, jornalistas, dinossauros, advogados, mamíferos. Vida, vida. Sim, Finnegan, começa outra vez, pensou Malik Solanka. Finn MacFixe não durmas mais, a chupar no teu poderoso polegar. Finnegan, acorda.

Ela vinha também para conversar, como se movida por uma profunda necessidade de reciprocidade. Nestas alturas, falava com uma frontalidade e uma velocidade quase aterradoras, sem palavrinhas mansas; no entanto, o propósito dos solilóquios não era o pugilismo mas a amizade. Solanka, tomando as palavras no espírito em que eram proferidas, sentia-se muito serenado. Entre as coisas que ela dizia, descobria muito de importante, apanhando a sabedoria ainda no ar, por assim dizer; havia pedacinhos abandonados de prazer espalhados por toda a parte, como brinquedos postos de lado, nos cantos da conversa. Isto, por exemplo, enquanto explicava por que a tinha um antigo namorado mandado à vida, um facto que claramente achava tão improvável como Solanka: «Era podre de rico e eu não era». Encolheu os ombros. «Isso era um problema para ele. Quer dizer, eu já tinha vinte e tal anos e não tinha a bolsa quente». Bolsa? Solanka ouvira dizer — a Jack Rhinehart — que a palavra era usada em certos círculos fortemente masculinizados para designar testículos, mas presumivelmente Mila não tinha levado uma tampa por lhos faltarem. Mila definiu o termo, como se estivesse a falar para uma criança lenta mas de quem se gostava, usando aquela voz cuidadosa, de guia-para-idiotas, para que Solanka a ouvira, ocasionalmente, resvalar quando a falar com o seu Eddie. «Bolsa quente, Professor, é ter dinheiro, cem milhões de dólares». Solanka ficou encandeado com a beleza reveladora deste facto. Uma centena de números graúdos: o preço contemporâneo da admissão aos campos elíseos dos Estados Unidos. Eis a vida dos jovens na América, num terceiro milénio em incipiência. Que uma rapariga de beleza excepcional e elevada inteligência pudesse ser julgada inadequada por uma razão tão fiscalmente precisa, disse Solanka a Mila, só demonstrava que os padrões americanos em questões de coração, ou pelo menos no jogo do acasalamento, eram ainda mais elevados do que os preços dos imóveis. «Amém, Professor», replicara Mila. Depois

explodiram os dois num riso que Solanka não ouvia sair da sua boca há uma eternidade. O riso desinibido da juventude.

Percebeu que ela tinha feito dele um dos seus projectos. O talento especial de Mila veio a verificar-se ser a recolha e o reparo de pessoas marcadas pela vida. Mostrou-se honesta quando interrogada acerca disto. «É o que sei fazer. Conserto pessoas. Há quem renove casas. Eu restauro pessoas». Aos olhos dela, ele era então uma velha mansão ou, pelo menos, como este velho duplex em Upper West Side que ele alugara, este belo espaço que provavelmente não levava obras desde os anos 60, e que começara a ter um ar um pouco trágico; por dentro e por fora, disse ela, estava na hora de um aspecto completamente novo. «Desde que não me pendure andaimes cheios de decoradores do Penjabe barulhentos, asneirentos e a fumar *beedi* na fachada», assentiu ele. (Os homens das obras tinham, misericordiosamente, feito o seu trabalho e ido embora; só permanecia o barulho característico de uma rua de cidade. Mesmo esta algazarra parecia, contudo, mais abafada que antes.)

Os amigos, a vampiresca rapaziada alquebrada, também foram por ela desvelados em prol de Solanka, tornando-se um pouco mais do que meras poses. Também os tinha trabalhado e estava orgulhosa dos conseguimentos dela — deles. «Levou tempo — é que eles gostavam mesmo dos óculos à menino copinho de leite e da bombazine ugh. Mas agora tenho o privilégio de liderar um destacamento do além, o mais prà frentex em questões de moda de toda a Nova Iorque e, quando digo do além, Professor, quero dizer genial. Estes miúdos são os mais fixes, e, quando digo fixes, quero dizer do melhor. O filipino que propagou o vírus I Love You? Esqueça-o. Isso era coisa de amadores; estamos a falar da primeira divisão. Se estes meninos quisessem atacar Gates com um vírus, pode crer que ele andaria a espirrar *anos* a fio. O que tem diante de si é o tipo de rapazes e raparigas de quem o Imperador do Mal tem um medo danado, disfarçados de molengões da Geração X para sua própria segurança, de modo a escondê-los dos Darths do Império, de Vader o Negro e de Maul o Vermelho & Esganado. Ou, certo, o Professor não gosta da *Guerra das Estrelas*, nesse caso eles são os *hobbits* que estou a esconder de Sauron, o Senhor das Trevas e dos Espectros do Anel. Frodo, Bilbo, Sam Gam-gee, toda a Irmandade do Anel. Até que o dia chegue e o deponhamos e lhe queimemos o poder no Monte da Condenação. Não julgue que estou a brincar. Por que há-de Gates temer os concorrentes que tem, se já os derrotou: são escravos apenas. Apanhou-os de surpresa. O que lhe

provoca pesadelos é que algum miúdo, vindo de um qualquer prédio sem elevador nem água quente, apareça com a próxima bomba, a bomba que faça dele o jornal de ontem. Obsoleto. Por isso é que ele não pára de comprar pessoas como nós, está pronto a perder uns milhõezitos hoje, para se assegurar de que não perde biliões amanhã. Pois, eu estou com os tribunais, deite-se-lhe o palácio abaixo, divida-se-lho em dois, cá para mim quanto mais cedo melhor. Mas, entretanto, nós também temos os nossos grandes planos. Eu? Chame-me Yoda. Às avessas, eu falo. De pernas para o ar, eu penso. Virá-lo do avesso posso eu bem. Forte consigo julga que a Força está? Fortíssima em mim *se* move ela. A sério», concluiu, largando a voz de boneco de borracha, «eu limito-me a fazer a gestão. E, por agora, vendas e *marketing* e publicidade. Nada de exageros, certo? Aqueles a que chama os meus vampiros? São artistas criativos. Webspyder.net[12]. Estamos neste preciso momento a criar *sites* para Steve Martin, Al Pacino, Melissa Etheridge, Warren Beatty, Christina Ricci e Will Smith. Pois *é*. E Dennis Rodman. E Marion Jones e Christina Aguilera e Jennifer Lopez e Todd Solondz e 'N Sync. Grandes negócios? Estamos lá. Con Ed, Verizon, British Telecom, Nokia, Canal Plus, se é de comunicações que se trata, estamos em comunicação com *ela*. Quer intelectualices? Estes são os tipos cujo telefone não pára com chamadas de gente como Robert Wilson e do Thalia Theater de Hamburgo e Robert Lepage. Estou a dizer-lhe: não há como pará-los. Hoje vale a lei da fronteira, Professor, e estes aqui são o Bando do Buraco-na-Parede. Butch, Sundance, toda a Chusma dos Fora-da-Lei. Eu, eu faço de mãe de casa. E atendo os clientes.

Com que então tinha-os julgado mal, eles eram miúdos-prodígios; excepto Eddie. Eram a rapaziada alquebrada do futuro tecnologizado, futuro que ele via com tanta apreensão; excepto, mais uma vez, Eddie. Porém, Eddie fora também o projecto mais ambicioso de Mila «até o Professor aparecer. Mais», disse ela, «você e Eddie têm mais em comum do que pensa».

Eddie tinha um lançamento de braço que o trouxera para bem longe das suas origens em Vila Nova de Nenhures, percorrendo um longo caminho até Colúmbia, de facto, um longo caminho até à cama de Mila Milo, um dos bens imobiliários mais requisitados de Manhattan; mas, feitas as contas, que interessa a distância a que se consegue atirar uma bola. Não se pode atirar fora o passado e, nesse passado, lá em Vila Nova de Nenhures, estado de Népias, a jovem vida de Eddie fora carregada de tragédia. As personagens ganharam contornos para Solanka nas palavras de Mila, cuja solenidade as

imbuiu de qualquer coisa próxima de estatura grega. Eis aqui Raymond, tio de Eddie, o herói regressado do Vietname, que se escondeu durante anos num casinhoto unabomberesco nas montanhas florestadas de pinheiros para lá da cidade, acreditando ser inapto para a companhia dos homens por causa da sua alma marcada. Ray Ford era dado a raivas violentas que poderiam ser espoletadas, mesmo naquelas alturas remotas, por uma explosão no carburador de um camião no vale lá em baixo, uma árvore a cair ou uma canção de pássaro. E eis agora o irmão de Ray, uma «bandido estuporado», o mecânico que era pai de Eddie, Tobe, um jogador de cartas desagradável, um bêbedo ainda mais desagradável, um estafermo cuja traição lhes iria estropiar as vidas a todos eles. E eis, por fim, a mãe de Eddie, Judy Carver, que, naqueles tempos, ainda não começara a conviver com o Pai Natal *e* Jesus e que, por ter bom coração, ia todas as semanas desde o princípio dos anos 70 às montanhas, até, quinze anos mais tarde, quando o pequeno Eddie tinha dez anos, conseguir persuadir o homem-montanha a descer à cidade.

Eddie ficara impressionado com este tio desgrenhado, malcheiroso, e mais do que um pedacinho receoso; no entanto, as idas na infância até ao sítio onde Ray vivia eram os pontos altos da sua experiência de vida e formavam as suas mais vívidas memórias, «melhores que filmes», dizia. (Judy começara a levá-lo com ela depois de ele fazer cinco anos, esperando seduzir Ray a voltar ao mundo, mostrando-lhe o futuro, confiando que a natureza afável de Eddie conquistasse o coração do selvagem.) A caminho da montanha, Judy costumava cantar velhas canções de Arlo Guthrie e o jovem Eddie costumava acompanhá-la na cantoria: *«It was late last night the other day, I thought I'd go up and see Ray, So I went up and I saw Ray, There was only one thing Ray could say, was, I don't want a pickle, Just want to ride on my motorsickle...»*[13] Porém, este Ray não era aquele Ray. Este Ray não tinha nenhuma potente máquina da Harley e não havia nenhuma Alice com ou sem restaurante. Este Ray alimentava-se de feijão e raízes e, provavelmente, de insectos e germes, calculava Eddie, e de cobras apanhadas com as próprias mãos e de águias arrancadas ao céu. Este Ray era perneta e tinha dentes que lembravam madeira apodrecida e um hálito que, à distância de uns doze passos, podia deitar-nos abaixo. E, no entanto, este era o Ray em quem Judy Carver ainda conseguia ver o rapazinho meigo que tinha ido para a guerra, o rapazinho que sabia dobrar a prata de dentro dos maços de cigarros em figuras humanas que se tinham em pé *e* sabia fazer retratos de raparigas em pinho, que depois lhes oferecia em troca de um beijo.

(Bonecas, maravilhou-se Malik Solanka. Não há como escapar ao seu velho vodu. Eis mais uma maldita fábula de bonecreiro. E mais um *sanyasi* também. Era isso que Mila tinha querido dizer. Um *sanyasi* mais genuíno que eu, a sua retirada da sociedade feita de um modo apropriadamente ascético. Porém, tal como eu, ele quisera perder-se por causa do medo do que havia por baixo, do que podia vir borbulhando à tona a qualquer momento e destruir completamente o mundo indigno.) Judy beijara uma vez Raymond antes de cometer o terrível erro e optar por Tobe, cujos problemas de costas o tinham salvo do recrutamento, de cujos problemas de carácter ninguém a podia salvar a ela; excepto, pensava ela, Ray. Se Ray descesse do seu jejum, se calhar isso seria um sinal, e as coisas mudariam, e os irmãos poderiam ir pescar e jogar *bowling*, e Tobe ganharia juízo, e depois, se calhar, ela teria alguma paz. E Ray Ford lá veio por fim, limpo e barbeado e de camisa lavada, tão aperaltado que Eddie não o reconheceu quando ele entrou pela porta. Judy fizera o jantar de celebração por que era conhecida, o mesmo festival de rolo de carne e atum que, posteriormente, oferecera a Messrs. Natal e Cristo, e durante algum tempo tudo correu bem; não houve demasiada conversa, mas isso não tinha mal, todos estavam a habituar-se a estar em casa com todos os outros.

Iam no gelado quando o tio Ray falou. Judy não fora a única mulher a ir visitá-lo ao bosque. «Há outra pessoa», disse com dificuldade. «Uma mulher de nome Hatty, Carole Hatty, sabe que há uns quantos de nós espalhados por ali, pelo bosque, e, porque tem bom coração, vem visitar-nos e trazer roupas e tartes e coisas, ainda que haja estupores loucos lá cima capazes de dar uma machadada em qualquer coisa que se aproxime a menos de três metros, homem, mulher, criança ou cão raivoso». Ao falar da mulher, o tio Ray começou a corar e a mexer-se na cadeira. Judy disse, «Ela é importante para ti, Raymond? Queres que a convidemos?» Ao que do outro lado da mesa o bandido estuporado começou a bater na coxa *e* a rir, um riso sonoro, bêbedo, de bandido estuporado e traidor, riu-se até lhe virem as lágrimas aos olhos, depois levantou-se de um salto, atirando a cadeira ao chão, e disse, «Ohoh, Carole Hatty. A Carole da Vida-Fácil, a Carole do Big Dipper Diner na Hopper Street? *Essa* Carole Hatty? *Eia*. Homem, eu nunca sube que ela precisasse tanto de açúcar que fosse lá para as tuas bandas à procura de mais. Que diabo, Ray, ‘tás mesmo por fora. Cá a malta andamos a comer a menina Carole regularmente desde que ela fez quinze anos e começou a pedi-las». Ray olhava agora para o pequeno Eddie, um olhar horrivelmente vazio,

e mesmo aos dez anos Eddie era capaz de entender o seu significado, era capaz de sentir a profundidade com que a faca fora cravada nas costas do tio Ray, porque, à sua maneira, Raymond Ford estivera a dizer que tinha descido do seu forte na montanha não apenas por amor à família — por amor a Eddie, dizia o olhar — mas também pelo que ele pensava ser o amor de uma boa mulher; depois dos longos anos de cólera, tinha vindo na esperança de ter o coração curado por estas coisas, e o que Tobe Ford fizera fora picar estes dois balões, apunhalá-lo duas vezes no coração com um único golpe.

Bem, o grandalhão pôs-se de pé sozinho depois de Tobe acabar de falar, e Judy começou a gritar com os dois *e* a tentar pôr Eddie atrás dela ao mesmo tempo, porque o bandido estuporado do marido dela tinha um pequeno revólver na mão, apontado ao coração do irmão. «Intão, intão, Raymond», estava o velho Tobe a dizer, sorrindo, «não nos podemos esquecer do que o bom livro diz sobre o tema do amor fraternal». Ray Ford abalou porta fora, e Judy estava tão assustada que começou a cantar *«Late last night I heard the screen door slam*[14]*»*, e perante isto Tobe também se foi, dizendo que não tinha de aturar a merda que lhe estava a ser servida ali, que ela pegasse na sua atitude e fosse metê-la no olho de trás, estás a ouvir, Jude? Não te ponhas com ares superiores, grande cabra, tu 1 não és mais que a porra da minha mulher, e, se não gostas dos comentários do teu marido, por que é que não vais chupar a vara do maluquinho do Raymond. Tobe saiu de casa para ir jogar cartas no Corrigan body shop onde trabalhava, e ainda não tinha amanhecido e já Carole Hatry fora encontrada num beco de pescoço partido, morta, e Raymond Ford estava na sucata cheia de automóveis a enferrujar, nas traseiras do parque da Corrigan, com uma única ferida de tiro de caçadeira no coração e nem sinal de arma em lado nenhum. Foi então que o bandido estuporado se pirou, nunca regressou a casa do jogo de cartas, e, embora a informação acerca de Tobe Ford, armado e perigoso, tenha sido divulgada em cinco estados, nunca ninguém lhe encontrou o rasto. A mãe de Eddie era de opinião que o estafermo fora sempre, na verdade, uma cobra disfarçada e, depois do que fizera, limitara-se a sair da pele humana, atirara-a fora, e ela desfizera-se em poeira no momento em que ele a largara, e uma cobra a mais ou a menos não chamaria a atenção de ninguém em Vila Nova de Nenhures, onde as casas do Senhor estavam cheias de víboras e cascavéis, só para falar dos sacerdotes. Deixá-lo ir, disse, subesse eu que ia casar com uma cobra e antes queria beber veneno do que fazer os meus votos cristãos.

Judy encontrou consolo na sua colecção cada vez maior de garrafas de Jack Daniels and Jim Beam, mas, depois de acontecer o que tinha acontecido, Eddie Ford fechou-se na sua concha, não pronunciando mais que vinte palavras por dia. Como o tio, mas sem deixar a cidade, tinha-se sequestrado do mundo, tinha-se aferrolhado dentro do próprio corpo e, à medida que ia crescendo, concentrava todas as imensas energias daquela estrutura agora possante nos lançamentos de futebol, lançando a bola com mais força e mais longe do que alguma vez uma bola de futebol fora lançada em Vila Nova de Nenhures, como se a atirando bem para o espaço sideral pudesse preservar-se da maldição do sangue, como se um passe de vitória fosse a mesma coisa que a liberdade. E, por fim, lançou-se tão longe que veio parar a Mila que o salvou dos seus demónios, convencendo-o a sair do exílio interior, tomando, para seu próprio prazer, o belo corpo de que ele fizera prisão de si próprio e oferecendo-lhe em troca, companheirismo, comunidade, o mundo.

Para onde quer que se olhasse, pensava o Professor Malik Solanka, a fúria andava no ar. Onde quer que se escutasse, ouvia-se o bater das asas das deusas negras. Tisífone, Alecto, Megera: os Antigos Gregos tinham tanto receio destas suas mais ferozes divindades que nem se atreviam a dizer o nome verdadeiro delas. Usar esse nome, *Erínias*, Fúrias, podia muito bem ser chamar a si a ira letal daquelas senhoras. Por isso, e com ironia profunda, chamavam a esta trindade enraivecida «as Benignas»: *Euménides*. *O* nome eufemístico não correspondeu, infelizmente, a uma melhoria significativa da má disposição permanente das deusas.

* * *

Ao princípio, tentou resistir a pensar em Mila como a encarnação da Craniozinho: não da Craniozinho como recriação oca dos meios de comunicação, isso jamais, não da Craniozinho a traidora, a boneca-bebé lobotomizada de *A Rua do Crânio* e arredores, mas do seu original esquecido, a Cezinho perdida do primeiro acto da sua imaginação, a estrela de *As Aventuras da Craniozinho*. A princípio, disse a si próprio que seria errado fazer isto a Mila, abonecá-la assim, mas então — argumentava contra si próprio — não tinha ela feito isso a si mesma, não tinha ela, segundo admissão sua, feito da Craniozinho do primeiro período o seu modelo e a sua inspiração? Não andava ela a apresentar-se-lhe inequivocamente no

papel da Criatura Verdadeira que ele perdera? Era, sabia-o agora, uma jovem muitíssimo esperta; havia de ter previsto a maneira como a sua actuação seria recebida. Sim! Deliberadamente, para o salvar, estava a oferecer-lhe aquele mistério que — adivinhara-o de algum modo — responderia à sua necessidade mais profunda, ainda que nunca verbalizada. Timidamente, pois, Solanka começou a permitir-se vê-la como a criação dele, a quem, graças a qualquer milagre não procurado, fora dada vida e que estava, agora, a cuidar dele como faria a filha que nunca tivera. Depois, um lapso de língua deixara escapar o segredo, mas Mila não parecera aborrecida. Pelo contrário, sorriu um sorrisinho privado — um sorriso, Solanka via-se obrigado a reconhecer, carregado de um estranho prazer erótico, em que havia qualquer coisa da satisfação do pescador paciente quando a isca é finalmente mordida, e qualquer coisa, também, da alegria secreta do ponto quando uma deixa muito repetida é, por fim, tomada — e, em vez de o corrigir, respondeu-lhe como se a tivesse chamado pelo nome correcto e não pelo da boneca. Malik Solanka ficou muito encarniçado, sobrepujado por uma vergonha quase incestuosa, e, gaguejando, tentou pedir desculpa; ao que ela se aproximou muito dele, até os seios lhe ofegarem de encontro à camisa, e ele poder sentir o hálito que lhe vinha dos lábios aflorar o dele, e murmurou, «O Professor, chame-me o que quiser. Se isso o faz sentir-se bem, por favor saiba que por mim tudo bem». Afundavam-se assim cada dia mais na fantasia. Sozinhos no apartamento dele, nas tardes chuvosas daquele Verão arruinado, davam largas ao seu pequeno jogo de pai-e-filha. Mila Milo começou, com bastante deliberação, a ser a boneca para ele, a vestir-se, de modo cada vez mais preciso, à imagem das roupas originais da boneca e a encenar para um muito excitado Solanka uma série de cenários derivados dos primeiros programas. Ele podia fazer o papel de Maquiavel, Marx ou, mais frequentemente, o de Galileu, enquanto ela seria, oh, exactamente o que ele queria que fosse; sentava-se junto à cadeira dele e apertava-lhe os pés enquanto ele se aliviava da sabedoria dos grandes sábios do mundo; e, depois de algum tempo aos pés dele, subia-lhe para o colo ansioso, embora se assegurassem, sem que uma palavra fosse dita, que uma almofada bem cheia era sempre colocada entre os dois corpos, de modo que, se ele, que jurara não se deitar com mulher alguma, reagisse à presença dela ali como qualquer outro homem menos comprometido em renúncias, então ela nunca teria de sabê-lo, eles nunca teriam de o mencionar, e ele nunca teria de se sentir obrigado a admitir a ocasional fraqueza derramadora

do seu corpo. Tal como Gandhi, que executava os seus *brachmacharya*, as «experiências com a verdade», quando as esposas dos amigos se deitavam com ele à noite, para lhe dar a oportunidade de verificar o domínio da mente sobre o corpo, ele preservava a forma exterior de um decoro elevado; e ela também, e ela também.

12 Jogo com os sentidos literais e figurativos das palavras « web» [=teia], « spider» [=aranha], « spy» [=espião] e « net» [= rede], construindo ao mesmo tempo um endereço credível de busca na internet. *[N. T.]*

13 Noutro dia à noitinha pensei em ir lá acima ver Ray, Por isso fui lá acima e vi Ray, A única coisa que Ray soube dizer foi, Não quero um picle, Quero é andar na minha motocicle... *[N. T.]*

14 « Ontem à noite, bem tarde, ouvi bater a porta de fora.. *[N. T.]*

10

Asmaan espetava-se nele como uma faca: Asmaan de manhã, orgulhoso de executar as suas funções naturais de acordo com os mais altos padrões, diante do aplauso — ainda que desavergonhadamente parcial — de um público de dois. Asmaan nas suas encarnações diurnas como motoqueiro, campista, imperador da caixa de areia, menino bonito que come tudo, menino feio que não come nada, estrela das cantorias, estrela a fazer birras, bombeiro, homem do espaço, Batman. Asmann depois do jantar, na única hora em que lhe era permitido ver vídeos, a assistir aos filmes da Disney, vezes sem conta. *Robin dos Bosques* era popular, com a seu absurda «Notting Ham»[15], que incluía um galo cantor de Country & Western, imitações baratas de Baloo e Kaa de *O Livro da Selva*, puros sotaques americanos por toda a Floresta de Sherwood e o muito usado — ainda que antes pouco conhecido — grito em inglês medieval da Disney: «Oo-de-lally!» *Toy Story*, contudo, fora banido. «Tem um rapaz mauvado». *Mauvado* era malvado, e o rapaz era mau porque tratava mal os brinquedos. Esta traição ao amor aterrorizava Asmaan. Identificava-se com os brinquedos, não com o dono. Os brinquedos eram como os filhos do rapaz, e os maus tratos que lhes dava eram, no universo moral dos três anos de Asmaan, um crime demasiado hediondo para que se pudesse contemplar. (Tal como o era a morte. Na leitura revisionista feita por Asmaan de *Peter Pan*, o Capitão Gancho conseguia sempre escapar ao crocodilo.) E, depois do Asmaan-vídeo, vinha o Asmaan-noitinha, Asmaan na casa de banho a aguentar que Eleanor lhe lavasse os dentes e a anunciar preventivamente: «Hoje não lavamos o meu cabelo». Asmaan, finalmente, a adormecer agarrado à mão do pai.

O rapaz dera em telefonar a Solanka sem atenção à diferença horária de cinco horas. Eleanor tinha programado o número nova-iorquino no sistema de marcação rápida do telefone da cozinha de Willow Road; tudo o que Asmaan tinha de fazer era carregar num único botão. Olá, Papá chegava-lhe a sua voz transatlântica (esta primeira chamada tinha sido às cinco da manhã): Diverti-me muito no parte, Papá. *Parque, Asmaan,* tentou o meio adormecido Solanka ensinar ao filho. *Diz parque*. Parte. Onde estás, Papá, estás em casa? Não vais voltar? Eu devia ter-te posto no carro, Papá, eu

devia ter-te levado ao ecorrega. *Escorrega. Diz escorrega.* Eu devia ter-te levado ao eche-correga, Papá. O Morgen empurrou cada vez mais alto. Vais tazer uma penda p'a mim? *Diz trazer, Asmaan. Diz prenda. Tu és capaz.* Vais te-razer uma pe-renda p'a mim, Papá? Que tem lá dent'o? Vou gostar muito. Papá não te vais embora out'a vez. Eu não deixo. Comi um sovete no parte. O Morgen comprou p'a mim. Foi bom. *Sorvete, Asmaan. Diz sorvete.* Soro-vete.

Eleanor apareceu na linha.

— Desculpa, ele veio para baixo e carregou no botão sozinho. Infelizmente não acordei.

— Oh, não faz mal — retorquiu Solanka, ao que se seguiu um longo silêncio.

Depois Eleanor disse com voz pouco firme:

— Ó Malik, eu não sei o que está a passar. Estou de rastos. Será que não podemos, se não queres vir a Londres, eu podia meter-me num, podia deixar Asmaan com a avó e nós podíamos sentar-nos e tentar resolver esta coisa, seja ela o que for, oh, meu Deus, eu nem sei o que *é*!, não podemos resolvê-la? Ou será que agora me odeias, será que, de repente, te repugno por qualquer razão? Há mais alguém? Tem de haver, não é? Quem é ela? Por amor de Deus diz lá, pelo menos isso faria sentido, e depois eu podia ficar fula da vida contigo em vez de sentir que estou lentamente a perder o juízo.

A verdade era que à voz dela ainda faltava qualquer vestígio de ira verdadeira. No entanto, ele tinha-a abandonado sem uma palavra, pensava Solanka: com certeza que o sofrimento dela acabaria, mais cedo ou mais tarde, por se tornar raiva. Talvez deixasse ao seu advogado a tarefa de expressá-la, desencadeando contra ele a raiva fria da lei. Porém, não conseguia vê-la como uma segunda Bronislawa Rhinehart. Não havia predisposição para vingança na natureza dela, era tão simples quanto isso. Porém, que houvesse tão pouca cólera: isso era inumano, até um pouquinho assustador. Ou, em alternativa, prova do que toda a gente andava a pensar e que Morgen e, posteriormente, Lin Franz tinham verbalizado: que Eleanor era a melhor pessoa dos dois, boa de mais para ele, e que, uma vez superada a dor, ficaria melhor sem ele. Nada disto, contudo, constituiria qualquer espécie de consolo para ela, neste momento, ou para a criança para cujos braços ele não se atrevia — a bem da segurança do rapaz — a voltar.

Porque ele sabia não ter sacudido de si as Fúrias. Uma cólera branda, fervilhante, desligada, continuava a embebê-lo e a correr fundo dentro dele,

ameaçando amotinar-se sem aviso numa poderosa explosão vulcânica; como se fosse dona de si própria, como se ele fosse o mero receptáculo, o anfitrião, e ela, a fúria, fosse o ser sensorial, controlador. Apesar de todos os passos, aparentemente necromânticos, da ciência, estes eram tempos prosaicos, em que se acreditava ser tudo passível de explicação e entendimento; e, ao longo da vida, o Professor Solanka, o Malik Solanka que, só mais recentemente, se tornara consciente do inexplicável dentro de si, pertencera firmemente ao partido dos prosaicos, ao partido da razão e da ciência no seu sentido original e mais lato: *scientia*, conhecimento. No entanto, mesmo nestes dias microscopicamente observados e interminavelmente explicados, aquilo que lhe borbulhava no interior desafiava qualquer explanação. Há algo em nós, via-se forçado a admitir, que é caprichoso e para o qual a linguagem da explicação é inadequada. Somos feitos de sombra, assim como de luz, de calor como de pó. O naturalismo, a filosofia do visível, não consegue capturar-nos, porque somos um excesso. Tememos isto em nós, o nosso ser-sombra infractor de fronteiras, refutador de regras, metamorfoseador, transgressor, trespassador, o verdadeiro fantasma na nossa máquina. Qual vida depois da morte, qual improvável esfera imortal, é aqui na Terra que o espírito escapa aos grilhões do que sabemos ser. Pode amotinar-se em ira, inflamado pelo cativeiro e fazer terra queimada do mundo da razão.

O que era verdade nele, deu consigo a pensar mais uma vez, podia talvez ser verdade, em diverso grau, para toda a gente. O mundo inteiro andava a perder a estribeiras. Havia uma faca espetada em todas as entranhas, um flagelo para todas as costas. Andávamos todos a ser seriamente provocados. Ouviam-se explosões vindas de todos os lados. A vida humana estava agora a viver o momento que antecedia a fúria, em que a cólera aumentava, ou o momento do durante — a hora da fúria, o instante da libertação da fera — ou no seguimento em escombros de uma grande violência, altura em que a fúria diminuía e o caos se abatia, até a maré começar, outra vez, a mudar. As crateras — em cidades, em desertos, em nações, no coração — tinham-se tornado lugar-comum. As pessoas arreganhavam o dente e acocoravam-se nas ruínas dos seus delitos.

Apesar de todos os cuidados de Mila (ou, muitas vezes, por causa deles), o Professor Solanka ainda precisava, nas suas frequentes noites insones, de sossegar os pensamentos ferventes com caminhadas de horas sem conta pelas ruas da cidade, mesmo à chuva. Andavam a abrir fossas na Amsterdam

Avenue, tanto no passeio como no alcatrão, apenas a uns quarteirões dali (havia dias em que parecia que a cidade inteira era uma fossa em aberto) e, uma noite em que passava, no meio de uma chuvada que oscilava entre o médio e o forte, pelo buraco desleixadamente delimitado, deu com o dedo do pé em qualquer coisa e explodiu numa tirada de invectivas que se prolongou por uns bons três minutos, no final da qual lhe chegou, debaixo de um oleado numa sacada, uma voz admirativa: «Meu, nunca tinha aprendido tanto vocabulário de uma só vez». Solanka baixou os olhos para ver o que lhe tinha magoado o pé, e eis que ali estava, no passeio, um pedaço partido de betão do pavimento; ao ver isto, desatou numa correria deselegantemente manca, fugindo àquele pedaço de betão como um homem culpado a abandonar a cena de um crime.

Desde que a investigação dos três assassínios da sociedade se tinha concentrado nos três meninos ricos, sentira-se mais leve de espírito, mas no fundo do seu coração ainda não se tinha exonerado por completo. Seguia os relatos da investigação atentamente. Ainda não tinha havido prisões nem confissões, e os meios de informação estavam a ficar agitados; a possibilidade de um assassino em série oriundo das classes altas era apetitosamente sedutora, e a incapacidade da N.Y.P.D.[16] para deslindar o caso constituía por isso um resultado tanto mais frustrante. Interroguem a sério aqueles fanfarrões imprestáveis! Um deles há-de quebrar! Este tipo de comentários especulativos, que abundava, tinha gerado uma inapetecível atmosfera de linchamento. A atenção de Solanka fora capturada por um possível indício novo. O Sr. do Panamá fora substituído, nas *dramatis personae* do mistério irresolvido, por um grupo de personagens ainda mais estranho. Pessoas mascaradas de bonecos da Disney tinham sido avistadas perto de cada um dos locais do crime: um Pateta junto ao cadáver de Lauren Klein, um Buzz Lightyear perto do corpo de Belinda Booken Candell, e, onde Saskia Schuyler fora encontrada, um transeunte tinha visto uma raposa vermelha de verde florestal: nada mais, nada menos que Robin dos Bosques, tormentador do velho Xerife de Notting Ham, e agora também a escapar aos xerifes de Manhattan. Oo-de-lally! Os detectives admitiam ser impossível estabelecer, inequivocamente, uma ligação significante entre estas três ocorrências, mas não havia dúvida de que a coincidência era impressionante — sobretudo com o Dia das Bruxas ainda tão longe —, e não a perdiam de vista.

Nas cabeças das crianças, pensava Solanka, as criaturas do mundo imaginado — personagens de livros ou vídeos ou canções — eram, na verdade, sentidas como mais solidamente reais do que a maioria das pessoas existentes, à excepção dos pais. À medida que íamos crescendo, este equilíbrio alterava-se, e a ficção era relegada para a realidade segregada, o mundo à parte, a que, ensinavam-nos, ela pertencia. No entanto, eis aqui uma prova da capacidade da ficção para transpor essa fronteira supostamente impermeável. O mundo de Asmaan — o Mundo da Disney — estava a trespassar território nova-iorquino e a assassinar as jovens da cidade. E, escondidos algures neste vídeo, havia também um ou mais rapazes muito malvados.

Pelo menos, não havia homicídios assinados pelo Assassino do Betão fazia já algum tempo. Mais, e nisto Solanka atribuía os louros a Mila, ele andava a beber muito menos, e em resultado disso não tinha havido mais estupores amnésicos: nunca mais acordara de roupa de rua vestida, com perguntas terríveis, irrespondíveis, a martelarem-lhe a cabeça. Havia mesmo momentos em que, ao sucumbir ao feitiço de Mila, se sentira próximo, pela primeira vez em meses, de qualquer coisa parecida com felicidade. E, no entanto, as deusas tenebrosas ainda pairavam sobre ele, pingando-lhe malevolência para o coração. Enquanto Mila estava com ele, naquele espaço revestido a madeira em que, mesmo quando trovoadas escureciam o céu, eles já não se davam ao trabalho de acender luzes eléctricas, ficava dentro do círculo mágico do encantamento dela; mas, mal se ia embora, recomeçavam os ruídos na cabeça de Solanka. O murmurar, o bater de asas negras. Depois do primeiro telefonema madrugador de Asmaan e Eleanor, enquanto a faca se revirava dentro dele, os murmúrios viraram-se pela primeira vez contra Mila, o seu anjo de misericórdia, a sua boneca de carne e osso.

Eis o rosto dela à meia-luz, as afiadíssimas faces geométricas a moverem-se confortavelmente de encontro à camisa meio desabotoada dele, o cabelo curto, erecto, vermelho-dourado, a roçar-lhe a parte inferior do queixo. Tinham terminado as reconstituições dos velhos programas televisivos, um pretexto cujo propósito fora alcançado. Nos dias que corriam, nas tardes lentamente escurecidas, mal falavam e, quando o faziam, já não era de filosofia. Às vezes, por um instante, a língua dela lambia-lhe o peito. Toda a gente precisa de uma boneca para brincar, sussurrava ela. Pobre professor colérico, já lá vai tanto tempo. Psiu, não há pressa, leve o tempo que quiser,

eu não vou a lado nenhum, ninguém nos incomodará, estou aqui para si. Deixe-a ir. Já não precisa dela, de toda essa raiva. Só precisa de se lembrar como brincar. Eis os longos dedos dela, com as unhas vermelho-sangue, a explorar-lhe o caminho, cada dia um pedacinho mais ousados, no interior da camisa.

Ela tinha uma memória física extraordinária. Cada vez que o visitava sabia retomar a posição exacta que conquistara no colo almofadado, no fim da sua última visita. A colocação da cabeça e das mãos, a firmeza com que o corpo se aninhava sobre si mesmo, o peso exacto com que se encostava a ele: a lembrança de alta precisão e o ajustamento infinitesimal destas variáveis eram, por si só, actos sexuais prodigiosamente excitantes. Porque os véus do jogo que jogavam iam caindo, como Mila mostrava ao Professor Solanka a cada (diariamente mais explícito) toque. Que o efeito das carícias de Mila no Professor Solanka era electrificante, disso não havia dúvidas ele não esperara, na idade e situação de vida que eram as dele, voltar a receber tais bênçãos. Sim, ela tinha-lhe dado volta à cabeça, tinha-se proposto fazê-lo, embora fingisse não estar a fazer nada do género, e agora ele estava profundamente enredado na teia dela. A aracnóide rainha *webspyder*, dona e senhora de todo o destacamento *webspyder*, tinha-o na sua rede.

Depois deu-se outra alteração. Tal como se lhe escapara o nome da boneca, acidentalmente ou sob pressão de um desejo quase inconsciente, também ela, numa tarde, deixou uma palavra proibida passar-lhe dos lábios. De imediato, aquela sala de estar, adufada e escurecida, fora magicamente inundada por uma luz gritante, reveladora, e o Professor Solanka ficou a conhecer a ante-história de Mila Milo. Éramos sempre eu e o meu pai, dissera ela mesma, sempre ele e eu contra o mundo. Ei-la aqui nas palavras indisfarçadas dela. Ela tinha-lha apresentado sem rodeios, e ele fora demasiado cego (ou demasiado indisponível?) para ver o que ela tinha tão aberta e tão desavergonhadamente exposto. Porém, ao olhar para ela no seguimento do «lapso de língua» — que ele estava já quase convencido de que não fora lapso nenhum, porque esta era uma mulher de formidável autocontrole, a quem muito provavelmente nunca aconteciam acidentes —, aqueles planos faciais de contornos escarpados e, de algum modo, crípticos, aqueles olhos oblíquos, aquele rosto fechadíssimo mesmo quando parecia escancarado, aquele sorrisinho privado, sábio, tinham por fim revelado os seus segredos.

Papi, dissera ela. O diminutivo traiçoeiro, aquele termo de carinho carregado, dirigido ao ouvido do homem morto, servira de abre-te Sésamo para a caverna desiluminada da infância dela. Eis ali, sentados, o poeta enviuvado e a filha precoce. Ele tinha uma almofada no colo, e ela, ano após ano, a aninhar-se e a desaninhar-se, a aproximar-me dele, a beijar-lhe as lágrimas de vergonha. Eis o coração dela, da filha que procurava compensar o pai pela perda da mulher que ele amava, agarrando-se ao pai que restava, sem dúvida, para, em parte, aliviar a própria perda, mas também para suplantar aquela mulher nos afectos deste homem — para preencher o espaço maternal proibido, deixado vago, mais completamente do que fora preenchido pela mãe morta, porque ele tinha de precisar dela, tinha de precisar da Mila viva mais do que alguma vez precisara da mulher; ela mostrar-lhe-ia novas profundezas da necessidade, até ele querê-la mais do que alguma vez pensara poder querer o toque de qualquer mulher. Este pai — depois da sua experiência dos poderes de Mila, Solanka estava absolutamente seguro do que acontecera — fora lentamente cortejado pela filha, seduzido milímetro a milímetro para um território desconhecido, rumo ao seu crime jamais-conhecido. Eis o grande escritor, *l'écrivain Nobelisable*, a consciência do seu povo, a sentir aquelas mãozinhas horrendamente sabedoras a mexer-lhe nos botões da camisa, e nalguma altura a permitir o impermissível, transpondo a fronteira de que não pode haver regresso e começando, atormentada mas ansiosamente também, a participar. Fora assim que um homem religioso tinha sido levado para sempre ao pecado mortal, forçado pelo desejo a renunciar ao seu Deus e a assinar o tratado com o Diabo, ao mesmo tempo que a rapariga a desabrochar, a sua filha-demónio, a duende no coração da flor, sussurrava as palavras vertiginosas, assassinas da fé que o tinham sugado para o interior do redemoinho: isto não está a acontecer, a menos que digamos que está, e nós não o dizemos, pois não, Papi, por isso não está a acontecer. E, porque nada estava a acontecer, nada estava errado. O poeta morto entrara naquele mundo de fantasia onde tudo está sempre a salvo, onde o crocodilo nunca apanha o Gancho, e os rapazinhos nunca se cansam dos seus brinquedos. Então, Malik Solanka viu o verdadeiro ser, desvelado, da sua amante e disse: «Isto é um eco, não *é*, Mila, uma repetição. Já cantaste esta canção uma vez». E imediatamente, silenciosamente, se corrigiu. Não, não te lisonjeies. Qual uma vez, qual quê. Tu não *és* de modo nenhum o primeiro.

Psiu, disse ela, colocando-lhe um dedo nos lábios. Psiu, Papi, não. Não aconteceu nada antes e não está a acontecer nada agora. O uso, pela segunda vez, do apelido incriminador trazia um traço novo, implorante. Ela precisava disto, precisava de que ele o permitisse. A aranha estava presa na sua teia necrofílica, dependente de homens como Solanka para ressuscitar muito, muito lentamente o amante dos mortos. Graças ao Deus que não existe que não tenho filhas, pensou Malik Solanka. Depois a infelicidade cortou-lhe a respiração. Não tenho filhas e perdi também o meu filho. Elián, o Ícone, voltou para casa, para Cárdenas, Cuba, mais o seu papá, mas eu não posso regressar a casa, ao meu filho. Tinha agora os lábios de Mila no pescoço, a moverem-se sobre a maçã-de-adão, e sentiu uma doce sucção. A dor diminuiu; e mais alguma coisa lhe fora também tirada. As palavras estavam a ser-lhe arrancadas. Ela estava a extraí-las e a engoli-las, e ele jamais seria capaz de voltar a dizê-las, às palavras que descreviam o que não era, o que a feiticeira-aranha jamais permitiria, na sua majestade negra, que fosse.

E se ela, conjecturou desvairadamente Solanka, se estivesse a alimentar da fúria dele? E se ela estivesse esfomeadíssima daquilo que ele mais temia, da cólera de duende no interior? Porque também ela era movida pela fúria, ele sabia-o, pela fúria selvagem e imperiosa da sua necessidade oculta. Nesse momento de revelação, Solanka teria sido muito capaz de acreditar que esta rapariga, bela e amaldiçoada, cujo peso se deslocava com um langor tão sugestivo no colo dele, cujas pontas dos dedos lhe tocavam os pêlos do peito tão levemente como uma brisa de Verão e cujos lábios estavam a percorrer-lhe suavemente a garganta, podia, na realidade, ser a própria encarnação de uma Fúria, uma das três irmãs mortais, dos flagelos da humanidade. A fúria era a natureza divina delas, e a fervente ira humana, o seu alimento preferido. Podia ter-se persuadido de que, por detrás dos sussurros sumidos dela, por baixo dos seus tons infalivelmente temperados, podia ouvir os gritos das Erínias.

Mais uma página da sua ante-história se lhe revelava. Eis o poeta Milo mais o seu coração fraco. Este homem dotado, ambicioso, ignorara todos os conselhos médicos e continuara, com uma excessividade quase risível, a beber, fumar e engatar. A filha oferecera uma explicação de grandiosidade conradiana para o comportamento dele: a vida tem de ser vivida até às últimas consequências. Porém, à medida que os olhos se lhe abriam, Solanka via uma imagem diferente do poeta, um retrato do artista a escapar para o excesso do seu gravíssimo pecado, daquilo que devia ter acreditado

diariamente ser a morte da sua alma, a sua condenação, por toda a eternidade, ao círculo mais agonizante do Inferno. Depois viera aquela última viagem, a fuga suicida do Papi Milo rumo ao homónimo sanguinário. Também isto dizia agora a Malik Solanka uma coisa diferente da que Mila tinha dado a entender. Escapando a um mal, Milo fora enfrentar o que pensava ser o perigo menor. Escapulindo-se da Fúria que o consumia, a filha, correu para os braços do nome completo, inabreviado, de si próprio. Mila, pensava Solanka, foste tu que provavelmente levaste o teu pai ensandecido à morte. E que será que tens agora reservado para mim?

Ele conhecia uma resposta assustadora a esta pergunta. Pelo menos, um véu pendia ainda entre eles, sobre não a história dela mas a dele. Soubera, desde o primeiro minuto desta ligação ilícita, que estava a brincar com o fogo, que tudo o que enterrara bem fundo dentro de si próprio estava a ser revolvido, os selos estavam a ser violados um a um, e que ao passado que já uma vez o tinha quase destruído poderia ser dada uma segunda oportunidade de terminar o trabalhinho. Entre esta história nova, não buscada e aquela narrativa antiga, suprimida, ecoavam as ressonâncias não verbalizadas. A questão desta bonequização e da outra. A questão de se permitir ao próprio existir. De não ter outra escolha senão. Da escravidão da infância quando. Da necessidade: o mais inexorável desta daquela. Do poder dos médicos para. Da impotência infantil em presença de. Da inocência das crianças em. Da culpa da criança, da sua falta, da sua gravíssima falta. Acima de tudo, a questão de frases que não deverão jamais ser completadas, porque completá-las libertaria a fúria, e a cratera dessa explosão consumiria tudo em redor.

Oh, fraqueza, fraqueza! Ainda assim, não conseguia recusar-se-lhe. Mesmo conhecendo-a como agora conhecia, mesmo compreendendo as verdadeiras capacidades dela e intuindo o eventual perigo em que estava a incorrer, não conseguia mandá-la embora. Um mortal que faz amor com uma deusa está condenado, mas, uma vez escolhido, não pode evitar o seu destino. Ela continuou a visitá-lo, toda abonecada, tal qual ele a queria, e todos os dias havia progressos. A calota polar estava a derreter-se. O nível do oceano não tardaria a subir de mais, e eles afogar-se-iam com toda a certeza.

Hoje em dia, quando deixava o apartamento, sentia-se como um dorminhoco de tempos idos que agora se levantava. Lá fora, na América, tudo era demasiado berrante, demasiado gritado, demasiado estranho. A cidade tinha rebentado numa infecção de vacas dolorosamente dadas a

trocadilhos. No Lincoln Center, Solanka deu de caras com Muuzart e Muudama Butterfly. No exterior do Beacon Theatre, um trio de divas corneadas e entetadas tinha instituído residência: Whitney Muuston, Muuriah Vacarey e Bette Midler (a Bovina Miss M.). Desconcertado por esta infestação de gado paronomástico, o Professor Solanka sentiu-se de repente como um turista de Lilipute-Blefuscu ou da Lua ou, para ser directo, Londres. Sentia-se também alienado pelos selos de correio, pelos pagamentos mensais, e não trimestrais, das contas do gás, electricidade e telefone, pelas marcas desconhecidas de guloseimas nas lanchonetes (Twinkies, Ho Hos, Ring Pops), pelas palavras «guloseimas» e «lanchonetes», pelos polícias armados nas ruas, pelos rostos anónimos nas revistas, rostos que todos os americanos de algum modo reconheciam de imediato, pelas palavras indecifráveis das canções populares que ouvidos americanos, pelos vistos, conseguiam perceber sem esforço, pela pronúncia de fim pesado de nomes como Farrar, Harrell, Candell pelos *es* muito abertos que transformavam *expression* em *axprassion*, *I'll get the check* em *I'll gat the check;* por, resumindo, a imensidão da sua ignorância relativamente às embrulhadas tragantes da vida quotidiana na América. As memórias da Craniozinho enchiam as montras das livrarias, aqui como na Grã-Bretanha, mas isso não lhe dava alegria nenhuma. Os escritores de êxito do momento eram-lhe desconhecidos. Eggers, Pilcher: os nomes soavam mais a ementa de restaurante que a lista de mais vendidos.

Quando o Professor Solanka regressava a casa, era frequente ver Eddie Ford sentado, sozinho, na sacada vizinha — os *webspyders* estavam evidentemente ocupados com as suas redes — e, no fogo de soslaio do olhar lento do centurião louro, Malik Solanka imaginava ver os germes tardios de desconfiança. Nada era dito entre eles, contudo. Acenavam brevemente um ao outro e ficavam por aí. Depois Malik entrava no seu refúgio almofadado e aguardava a vinda da divindade. Tomava o seu lugar no enorme cadeirão de couro que se tornara o lugar preferido deles para descansar e punha sobre o colo a almofada de veludo vermelho, com a qual tinha continuado, até agora, a proteger o que restava do seu muito comprometido decoro. Fechou os olhos e escutou o tiquetaquear do relógio de corda antigo em cima do rebordo da lareira. E, a determinada altura, Mila entrava sem ruído — ele dera-lhe um molho de chaves — e o que havia a fazer, o que ela insistia não estar de modo nenhum a ser feito, era feito silenciosamente.

Naquele lugar de encantamento, durante as visitas de Mila, o quase completo silêncio era a norma. Havia murmúrios e sussurros mas nada mais.

Contudo, no último quarto de hora ou assim antes de Mila se ir embora, depois de ela lhe ter saltado bruscamente do colo, ter alisado o vestido e trazido dois copos de sumo de arando ou duas chávenas de chá verde, e enquanto ela se ajustava ao mundo exterior, Solanka podia oferecer-lhe, se assim o desejasse, as suas especulações sobre o país cujos códigos andava a ver se deslindava.

Por exemplo, a teoria inédita do Professor Solanka sobre as atitudes opostas nos Estados Unidos e na Inglaterra em relação ao sexo oral — ária que fora estimulada pela decisão inane do Presidente de começar a pedir, mais uma vez, desculpa por aquilo que deveria sempre ter sucintamente dito não ser da conta de ninguém — encontrou um ouvido compreensivo na jovem enroscada no colo dele.

— Em Inglaterra — explicou no seu estilo mais puritano —, quase nunca se oferece a mamada heterossexual antes de ter tido lugar o coito completo, com penetração, e muitas vezes nem sequer nessa altura. Considera-se isso um sinal de profunda intimidade. Ou uma recompensa sexual por bom comportamento. É *raro*. Enquanto na América, com a vossa tradição firmemente enraizada do, hã, «curtir» adolescente nos bancos de trás de variados veículos icónicos, o «bobó», para usar o termo técnico, precede, as mais das vezes, o sexo «completo», em posição de missionário; de facto, é a maneira mais comum de as raparigas preservarem a virgindade ao mesmo tempo que mantêm satisfeitos os seus amorzinhos. Resumindo, é uma alternativa aceitável à foda. Assim, quando Clinton afirma que nunca fez sexo com aquela mulher, Muunica, a Bovina Ms. L., toda a gente em Inglaterra acha que ele é um mentiroso enruborescido, enquanto a América adolescente (e grande parte da pré-e pós-adolescente) entende que ele está a dizer a verdade, tal como esta é culturalmente definida nos Estados Unidos. Sexo oral é precisamente *não-sexo*. É o que permite às rapariguinhas irem para casa e, com a mão no coração, jurarem aos pais (que diabo, provavelmente permitiu-te jurar ao teu) que não «o fizeram». Por isso, o Espertalhaço do Willy, Billy, o Clint, tem-se limitado a papaguear o que, no lugar dele, qualquer adolescente americano de sangue na guelra teria dito. Adolescência retardada? Muito bem, provavelmente é, mas foi por isso que a destituição do Presidente falhou.

— Estou a ver.

Mila Milo acenou com a cabeça quando ele terminou e voltou a abeirar-se dele para, numa escalada inesperada e esmagadora da rotina de final de tarde, lhe tirar a almofada de veludo vermelho do colo indefeso.

Naquela noitinha, encorajado pelo sussurrar de Mila, regressou com novo alento à sua velha arte. Há tanto dentro de si, à espera, dissera ela. Posso senti-lo, está a rebentar pelas costuras. Aqui e aqui. Ponha isso a render no trabalho, Papi. A *furia*. Está bem? Faça bonecas tristes se está triste, bonecas danadas se está danado. As novas bonecas com pêlo na venta do Professor Solanka. Precisamos de uma tribo de bonecas assim. Bonecas que digam alguma coisa. O Professor é capaz. Eu sei que é porque fez a Craniozinho. Faça-me bonecas que venham das vizinhanças dela — desse lugar selvagem no seu coração. O lugar que não é um tipo de meia-idade enchouriçado em roupas velhas. Este lugar. O lugar para mim. Surpreenda-me, Papi. Faça-me esquecê-la! Faça bonecas adultas, bonecas para maiores de 18. Já não sou uma miúda, certo? Faça-me bonecas com que eu possa brincar agora.

Ele compreendeu finalmente o que Mila fazia pelos seus *webspyders*, para lá de os vestir mais à moda do que se vestiriam se não fosse ela. A palavra «musa» era, mais tarde ou mais cedo, associada a quase todas as mulheres bonitas que eram vistas na companhia de homens dotados, e nenhum líder da moda com amor-próprio e a abanicar-se com leques chineses quereria, actualmente, ser apanhado morto sem uma, mas a maioria dessas mulheres eram mais musaranho de diversão do que musa. A verdadeira musa era um tesouro sem preço, e Mila, Solanka descobrira, era capaz de ser genuinamente inspiradora. Instantes após os seus incitamentos, as ideias de Solanka, tão longamente congeladas e barradas, começaram a arder e fluir. Saiu para ir às compras e regressou com lápis de cor, papel, barro, madeira, facas. Agora tinha os dias cheios, e a maior parte das noites também. Agora, quando acordava totalmente vestido, não havia cheiro a ruas nas suas roupas, nem o odor de bebida forte lhe apodrecia o hálito. Acordava à mesa de trabalho com as ferramentas do ofício na mão. Novas estatuetas estavam a observá-lo de olhos maliciosos, brilhantes. Um mundo novo estava a formar-se nele, e ele tinha de agradecer a Mila a inspiração divina: o sopro de vida.

Alegria e alívio percorriam-no em longos estremecimentos incontroláveis. Tal como aquele outro estremecimento no fim da última visita de Mila, quando a almofada se desprendera do colo dele. O final por que esperara como o toxicodependente em que se tornara. A inspiração também suavizava

um outro problema crescente dentro dele. Começara a albergar receios sobre Mila, a conjecturar um egoísmo nela, grande *e* perigoso, uma ambição muito abrangente que a fazia ver os outros, incluindo ele próprio, como meros degraus na sua peregrinação até ao firmamento. Precisariam aqueles rapazes brilhantes mesmo dela? tinha Solanka começado a interrogar-se. (E andara muito perto da questão seguinte: *E eu preciso?)* Vislumbrara uma eventual nova encarnação da sua boneca de carne e osso — em que Mila era Circe e, aos pés, tinha os porcos a grunhir —, mas agora afastava de si essa visão negra; assim como a sua companheira ainda mais feroz, a visão de Mila como Fúria, como Tisífone, Alecto ou Megera, descida à Terra num manto de carne sumptuosa. Mila tinha-se autojustificado. Fornecera-lhe o estímulo que o empurrara de novo para o trabalho.

Na folha de rosto de um caderno de apontamentos de capa de couro, Solanka escrevinhara as palavras «Os Espantosos Reis-marionetas Sem Fios do Professor Kronos». Depois acrescentou: «Ou a Revolta dos Bonecos de Carne e Osso». E depois, «Ou As Vidas dos Césares-bonecos». Depois riscou tudo, excepto a palavra composta «Reis-marionetas», abriu o caderno e começou, numa grande pressa, a escrever a ante-história do génio demente que seria o seu anti-herói.

Akasz Kronos, o grande, o amoral, especialista em cibernética de Rijk, começou ele, *criou os Reis-marionetas em resposta à crise terminal da civilização Rijk, mas, devido a um erro profundo e imperfectível no seu temperamento que o tornara incapaz de considerar a questão do bem comum, não pretendia que eles garantissem a sobrevivência ou boa fortuna de mais ninguém que não a dele.*

Jack Rhinehart ligou-lhe na tarde seguinte, parecendo estar com uma tosga.

— Malik, então, pá? Ainda a viver como um guru numa caverna de gelo? Ou um náufrago no *Big Brother Não Está a Vigiar-te? Ou* será que as notícias do mundo exterior ainda te chegam de tempos em tempos... Sabes aquela do monge budista que vai a um bar? Vai directo ao clone do Tom Cruise que tem um copo misturador na mão e diz: «Faça-me um com tudo»... Ouve, conheces uma tipa de nome Lear? Diz ter sido tua *mulher.* A mim parece-me que *ninguém* merece a má sorte de ser casado com *aquela* querida. Tem aí uns cento e dez anos e um feitiozinho do caraças. Oh, e já que estamos a falar de mulheres? Estou divorciado. Acabou por ser fácil. Limitei-me a dar-lhe tudo.

Tudo era realmente tudo, foi ampliando a explicação: a casa em The Springs, a lendária adega e várias centenas de milhar de dólares.

— E tu não te importas? — perguntou Solanka, espantado.

— *Não*, não— gaguejou Rhinehart. — Devias ter visto a cara da Bronnie. Queixo no *chão*. Agarrou a oferta tão depressa que pensei que ia herniar. Então, dá para acreditar, ela *foi-se*. *Está feita*. É a Neela, pá. Nem sei como hei-de dizer isto, mas ela aliviou qualquer coisa em mim. Acalmou-me.

A voz dele ganhou contornos arrapazado-conspiradores.

— Alguma vez viste alguém *fazer realmente parar o trânsito?* Quer dizer, cem por cento, sem qualquer dúvida, *imobilizar veículos motores* só por estar ali? Ela tem esse poder. Sai de um táxi, e cinco automóveis e dois carros de bombeiros param abruptamente com um ranger de pneus? Mais, ir de encontro a candeeiros de rua. Jamais acreditei que acontecesse, a não ser nas comédias antigas, muito-bolo-na-cara, de Mack Sennett. Agora vejo tipos a fazer isso todos os dias. Às vezes, nos restaurantes — confidenciou-lhe Rhinehart, a fervilhar de júbilo —, costumava pedir-lhe que fosse à casa de banho e voltasse, só para poder observar os homens nas outras mesas a ficarem com torcicolos. Consegues imaginar, Malik, meu amigo infelizmente celibatário, o que é estar com *isto?* Quer dizer, *todas as noites?*

— Sempre tiveste uma queda para as expressões de mau gosto — disse Solanka, retraindo-se. Mudou de tema. — E a Sara? Isso é que foi uma visita além-túmulo. Em que cemitério é que a encontraste?

— Oh, o costume — replicou Rhinehart, de modo tenso. — Southampton.

A ex-mulher, veio Solanka a saber, tinha, aos cinquenta anos, casado com um dos homens mais ricos da América, o magnata de rações para gado, Lester Schofield III, agora com noventa e dois anos, e no seu cinquagésimo sétimo aniversário, que ocorrera recentemente, tinha dado início a um processo de divórcio com base no adultério de Schofield com Ondine, uma modelo brasileira de passarela, de vinte e três anos.

— Schofield conseguiu o seu bilião por ter percebido que o que resta de uma uva depois de fazer sumo dava um grande jantar para as vacas — disse Rhinehart, que prosseguiu numa imitação exageradíssima de Uncle Remus[17]. — E num é c'a tua antiga patroa teve a mesma ideia? Cá no mê entenderi, deu uma espremidela mas foi a *ele*. Vai daí que quem acabou com o bandulho cheio foi Ms. Lear.

Um pouco por toda a costa leste, os jovens andavam numa fona, ao que parecia, a subir para colos de velhos, oferecendo aos agonizantes o cálice

envenenado de si próprios e causando toda a espécie de infortúnios. Casamentos e fortunas naufragavam diariamente de encontro a estas rochas jovens.

— Miz Sara deu uma entrevista — disse Rhinehart a Solanka, com uma alegria excessiva — em que anunciou a intenção de esquartejar o marido em três partes iguais, plantando-as separadamente em cada uma das maiores propriedades dele, e depois passar um terço do ano com cada uma delas, para poder expressar o seu apreço pelo amor dele. Tu teve uma ganda sorte em escapá à velhota quando eras pobre, mê filho. A Noiva de Wildenstein? A Miz Patricia Duff? Nô lhe chegam aos calcanhares nas 'limpíadas do Divórcio. 'Sta minina arrebatô a medalha de ouro, nô haja dúvida. Perfessor, ela leu *Shakespeare* de uma ponta à outra.

Corriam boatos de que toda esta coisa mais não era que uma cínica golpada — que, resumindo, fora Sara Lear Schofield que instigara o cisne brasileiro —, mas não fora encontrada qualquer prova de uma tal conspiração.

Que se passava com Rhinehart? Se estava tão profundamente satisfeito como dizia, tanto com o divórcio como com *l'affaire* Neela, por que estava a oscilar, a uma velocidade tão temerária, entre a grosseria sexual — que, na verdade, era muitíssimo avessa ao seu estilo habitual — e esta coscuvilhice desastrada sobre Sara Lear?

— Jack — Solanka perguntou ao amigo —, tu estás mesmo bem, certo? Porque se...

— Estou óptimo — interrompeu-o Jack na sua voz mais arrastada e frágil. — O Malik? Daqui é o Br'er Jack, minina. *Nacido e criado num espinhêro.* Calmex.

Neela Mahendra telefonou uma hora mais tarde.

— Lembras-te de mim? Conhecemo-nos durante aquele jogo de futebol. Os holandeses deram uma sova à Sérvia.

— Nos círculos futebolísticos ainda lhe chamam Jugoslávia — declarou Solanka — por causa do Montenegro. Mas sim, é claro que me lembro. Não és fácil de esquecer.

Ela nem sequer se referiu ao cumprimento, recebendo uma tal lisonja como o mínimo: aquilo que lhe era meramente devido.

— Podemos encontrar-nos? É por causa de Jack. Preciso de falar com alguém. É importante.

Ela queria dizer imediatamente, habituada como estava a que, mal acenasse, os homens largassem quaisquer planos que tivessem feito.

— Estou mesmo do lado do parque oposto ao teu — informou-o. — Podemos encontrar-nos à porta do Metropolitan Museum daqui a, digamos, uma meia hora?

Solanka, já preocupado com o bem-estar do amigo, mais preocupado ainda no seguimento deste telefonema e — pois, muito bem! — incapaz de resistir ao chamamento da lindíssima Neela, levantou-se para sair, embora estas se tivessem tornado as horas mais preciosas do dia: o tempo de Mila. Vestiu um sobretudo leve — estava um dia seco mas nublado e, ao arrepio da estação, fresco — e abriu a porta do apartamento. Mila estava ali, de chave sobressalente na mão.

— Oh — fez ela, ao ver o casaco. — Oh. Está bem.

Naquele instante inicial, quando fora tomada de surpresa, antes de ter tempo para recuperar, pôde ver-lhe o rosto nu, por assim dizer. O que ali viu foi, sem dúvida, fome decepcionada. A fome vulpina de um animal a quem fora negada — tentou não pensar na palavra, mas ela abriu caminho à força — a sua presa.

— Não me demoro — disse ele em tom pouco convincente, mas agora ela já tinha recuperado a compostura e encolheu os ombros.

— Não tem importância.

Saíram do prédio juntos, e ele afastou-se rapidamente rumo à Columbus Avenue, sem olhar para trás, sabendo que ela estaria com Eddie, na sacada vizinha, a enfiar colericamente a língua sedenta pela garganta estupidificada e deliciada dele abaixo. Por todo o lado se viam cartazes a anunciar *A Célula, o* novo filme de Jennifer Lopez. Nele, Lopez era miniaturada e injectada no cérebro de um assassino em série. Parecia um *remake* de *Viagem Fantástica* com Raquel Welch, mas e depois? Ninguém se lembrava do original. Tudo era uma cópia, um eco do passado, pensou o Professor Solanka. Uma canção para Jennifer: Porque estamos a viver num mundo retro e eu sou uma rapariga retrógada.

15 Brincadeira com o nome da cidade de Robin dos Bosques, Nottingham. Literalmente, « Notting Ham» significa Fiambre de Notting. *[N. T.]*
16 New York Police Department (= polícia nova-iorquina). *[N. T.]*
17 Narrador negro das histórias infantis em que a personagem central é Br'er Rabbit. *[N. T.]*

11

— No futuro, é cierto e sabido, que não bão a oubir a este tipo de rádio de conbiersa. Ou, sabes lo que yo atcho? Talbez o rádio nos bá a oubir a *nosotros*. Bamos a ser una espécie de entretenimiento, e las máquinas bão a ser o público e a nossa estaccion, nosotros todos bamos tipo a trabalhar para ellas.

— Ó pá, abre-me os orelhames. Que merda de onda era aquela que o Speedy Gonzalez da ficção científica estava-nos a querer impingir? Cá p'ra mim alugou o *Matrix* vezes de mais. Aqui onde estou, macacos me mordam se o futuro já chegou. Tá tudo na mesma. Quer dizer, na mesma como a lesma. Toda a gente na mesma habitação, a receber a mesma educação, a fazer a mesma recreação, à procura da mesma... impregação. A gente andamos a receber as mesmas contas, a namorar as mesmas garinas, a ir para as mesmas choldras; andamos a ser mal pagos, mal fodidos e tornados maus, tenho ou não tenho razão? Cor-r-r-rectíssimo, senor. E a *minha* rádio? Olha, chefe, ela veio com um botão de ligar e desligar, e quando me dá na gana desligo aquela porra.

— Hombre, aquele non perciebe nada de nada. Este tipo aqui, elle non perciebe miesmo, si fuera una cobra le mordia. Tienes de tener juício, hermano. Eles têm agora una máquina que come comida en bez de combustíbel, me escutchas? Nada de gasolina. Come comida humana como tu e yo. Piza, catchorros con chili, pasta de atum, tudo. Daqui a nada a Sr.ª Máquina bá a sentar-se a la miesa num restauran. Bá a ser tipo, quiero la mejor miesa. Agora me lo diz qual es la diferencia? Se ella come, está biba, digo yo. O futuro está aqui, hombre, agora miesmo, há que tener cuidado. Daqui a nada a Sr.ª Máquina Biba bá a benir a buscar aquella empregacion de que falabas, talbez até a tua namorada, quien sabe?

— Eia lá, o que p'raí vai, ó meu amigo latino e paranóico, meu Ricky Ricardo, não ouvi o teu nome, calma, 'tá bem, Desi? Isto não é a Cuba comunista de onde fugiste mais o teu barco de borracha, para te refugiares na terra da liberdade...

— Non me insultes, por fabor, está bien? Yo digo por fabor, porque me die-ram la educacion, non? O irmão aqui, como se iama?, Senor Cleef Hoxtaboo' ou Sr. Não-Presta—Para-Nada lá do bairro, talbez a madre nunca

lo educou como debe a ser, mas nosotros estamos en el aire, estamos a hablar para toda la region del mietro, bamos a mantener la educacion.

— Posso dizer uma coisinha? Perdão? Estou p'ràqui a ouvir isto tudo, hã?, e dou comigo a pensar, agora a televisão tem locutores gerados electronicamente?, e há actores mortos a vender veículos motorizados?, o Steve McQueen naquele carro?, por isso estou do lado do nosso amigo cubano, hã?, a tecnologia assusta-me? E então no futuro?, estilo, será que alguém vai sequer pensar nas nossas, tipo, necessidades? Sou actriz?, faço sobretudo anúncios?, e agora esta greve do Sindicato?, e durante meses não posso ganhar nem um dólar?, e isso não vai impedir nem um anúncio de ir para o ar?, porque vão buscar a Lara Croft, o Jar Jar Binks?, podem ir buscar o Gable ou o Bogey ou a Marilyn ou o Max Headroom ou o HAL de *2001?*

— Vou ter de interrompê-la, minha Senhora, porque o nosso tempo está a acabar, e esta é uma questão acerca da qual muitas pessoas têm sentimentos fortes. Não se pode culpar a inovação tecnológica de ponta pelos acordos em que o nosso sindicato nos meteu. A Senhora optou pelo socialismo, o sindicato fez-lhe a cama *e* agora tem de se deitar nela. A minha perspectiva pessoal sobre o futuro? Não se pode andar para trás, por isso há que acompanhar os tempos e estar na crista da onda. Acolha a novidade. Goze o dia. Há mar e mar, há ir e voltar.

Sentado nos degraus do grande museu, envolto numa explosão repentina de luz solar vespertina, oblíqua e doirada, passando os olhos pelo *Times* enquanto esperava por Neela, o Professor Malik Solanka sentiu-se mais do que nunca como um refugiado num barquinho, apanhado entre marés altas: razão e desrazão, guerra e paz, o futuro e o passado. Ou como um rapazinho num pneu de borracha que viu a mãe ser engolida pelas águas negras e morrer. E depois do terror e da sede e da insolação, havia o ruído, o zunido incessante, adversário, de vozes na rádio do taxista, a afogar-lhe a voz interior, tornando impossível o pensamento, ou a escolha, ou a paz. Como derrotar os demónios do passado se os demónios do futuro estavam todos à sua volta numa gritaria sem tréguas? O passado estava a amotinar-se; não havia como negá-lo. Para além de Sara Lear, eis que na programação da TV, estava a pequena Ms. Pinocada de Krysztof Waterford-Wajda, regressada dos mortos. Perry Pincus — devia agora andar pelos quê?, quarenta anos — escrevera um livro de revelações sobre os seus anos de arquigroupie de intelectuais, *Homens com Canetas*, e Charlie Rose ia, nessa mesma noite

falar com ela sobre o livro. Oh, pobre Dâblio-Dâblio, pensou Malik Solanka. Eis a rapariga com quem querias assentar, e ela vai agora dançar sobre a tua campa. Se hoje à noite é Charlie Rose — «Fale—me das hesitações que este projecto lhe levantou, Perry; sendo você uma intelectual, deve ter tido sérias apreensões. Conte-nos como ultrapassou esses escrúpulos» —, amanhã será certamente Howard Stern: «As miúdas gramam escritores. Mas também bué de escritores gramaram esta miúda». Dia das Bruxas, Walpurgisnacht pareciam, de facto, ter chegado mais cedo este ano. As bruxas estavam a juntar-se para o seu sabat.

Mais uma história estava a ser meia contada nas suas costas; mais um conto de fadas urbano de uma desconhecida a encher-lhe os ouvidos indefesos.

— Pois, correu muito bem, amor. Não, nenhum problema, estou a caminho da reunião de administradores, por isso é que te estou a ligar do telelé. Sempre consciente mas drunfada, é claro. Por isso, semiconsciente. Pois, a faca vem direita ao teu olho, mas os químicos fazem-te pensar que é uma pena. Não, nada de equimoses, e deixa-me dizer-te que é espantoso o que o meu mundo visual agora abarca. Graça espantosa, pois, boa. Era cega mas agora vejo. É mesmo. Olha-me só tudo isto aqui. Tenho andado a perder tanta coisa. Bem, pensa só. Ele é mesmo o rei do laser. Fartei-me de pedir opiniões, como sabes, e era sempre o mesmo nome que aparecia. Um pouquinho de secura, mais nada, mas isso desaparece daqui a umas semanas, disse ele. Okay, amo-te. Vou chegar tarde. Que se há-de fazer? Não esperes por mim.

E, é claro, ele virou-se e, é claro, viu que a jovem não estava sozinha, estava um homem a beijocá-la ainda estava ela a desligar o telemóvel. Ela, alegremente, permitindo que ele a beijocasse, encarou Solanka; e, vendo-se apanhada na mentira, sorriu com ar culpado e encolheu os ombros. Que se há-de fazer, como ela tinha dito ao telefone. O coração tem razões, e todos nós somos servos do amor.

Vinte minutos para as dez em Londres. Asmaan estaria a dormir. Cinco horas e meia mais tarde na Índia. Ponha-se o relógio de pernas para o ar em Londres e ficam a saber-se as horas na cidade natal de Malik Solanka, a Cidade Proibida junto ao mar da Arábia. Também isso estava a regressar. Só de pensar ficava atemorizado: com o que, impelido pela sua fúria há muito fechada a sete ferrolhos, podia tornar-se. Mesmo depois destes anos todos, ela definia-o, não perdera poder nenhum sobre ele. E se ele completasse as

frases daquela história por narrar?... Essa pergunta teria de ficar para outro dia. Abanou a cabeça. Neela estava atrasada. Solanka pousou o jornal, sacou de um pedaço de madeira e de um canivete suíço de um bolso do sobretudo e começou, completamente absorvido, a talhar.

— Quem é ele?

A sombra de Neela Mahendra desceu sobre ele. Tinha o sol nas costas e em silhueta parecia ainda mais alta do que ele se lembrava.

— É um artista — respondeu Solanka. — O homem mais perigoso do mundo. Ela limpou o pó de um espacinho nos degraus do museu e sentou-se ao lado dele.

— Não acredito — replicou. — Conheço imensos homens perigosos, e nenhum deles criou uma só obra de arte credível. Mais, podes confiar em mim, nenhum deles era de madeira.

Ficaram alguns minutos sentados em silêncio, ele a talhar, ela simplesmente quieta, a oferecer ao mundo o dom da sua existência. Posteriormente, Malik Solanka, ao lembrar-se dos primeiros momentos que tinham passado sozinhos, deter-se-ia particularmente no silêncio e na quietude, em como tinham sido fáceis.

— Apaixonei-me por ti enquanto não disseste palavra — declarou. — Como havia eu de saber que eras a mulher mais faladora à face da Terra? Conheço imensas mulheres faladoras e, confia em mim, comparadas contigo, todas elas são de madeira.

Passados uns minutos, guardou a figura meio acabada e pediu desculpa por estar tão distraído.

— Não há por que pedir desculpa — retorquiu ela. — Trabalho é trabalho.

Levantaram-se para descer o grande lance de escadas em direcção ao parque, e, quando Neela se pôs de pé, um homem escorregou num degrau um pouco acima dela e rolou, pesada e dolorosamente, aí por uns doze ou mais degraus, por pouco não embatendo em Neela no seu tombo; a queda foi amortecida por um grupo de raparigas estudantes que, sentadas no caminho dele, começaram a gritar. O Professor Solanka reconheceu no homem o indivíduo que tinha estado a namoriscar tão entusiasticamente com a prevaricadora do portátil. Olhou em seu redor, à procura da Ms. Telemóvel e, um momento mais tarde, deu com ela a desaparecer intempestivamente rumo à zona alta da cidade, fazendo sinais a táxis fora de serviço que ignoravam o braço colérico dela.

Neela trazia um vestido-lenço de seda cor de mostarda que lhe chegava até aos joelhos. Tinha o cabelo negro apanhado num carrapito apertado, e os longos braços estavam nus. Um táxi parou e expulsou o passageiro, não fosse dar-se o caso de ela precisar de boleia. Um vendedor de cachorros quentes ofereceu-lhe tudo o que quisesse, grátis: «Coma lá aqui, só para eu a poder ver a mastigar». Experimentando pela primeira vez o efeito em relação ao qual Jack Rhinehart fora tão alarvemente efusivo, Solanka sentiu-se a escoltar um dos bens mais importantes do Met por uma respeitosa Fifth Avenue abaixo. Não: a obra-prima em que estava a pensar estava no Louvre. Com uma leve brisa a soprar-lhe o vestido de encontro ao corpo, ela parecia a Vitória Alada de Samotrácia, só que com cabeça.

— Nike[18] — disse ele alto, deixando-a perplexa. — É quem tu me lembras — clarificou ele.

Ela franziu o sobrolho. 1

— Faço-te pensar em artigos de desporto?

Os artigos de desporto estavam, sem dúvida, a pensar nela. Quando iam a virar para o parque, um jovem equipado para correr aproximou-se deles, humildado positivamente pela força da beleza de Neela. Incapaz a princípio de falar directamente com ela, dirigiu-se antes a Solanka.

— Meu caro Senhor — disse —, por favor não pense que estou a tentar engatar a sua filha, isto é, não estou a pedir-lhe nenhum encontro ou assim, é só que ela é a mais, eu tinha de lhe dizer a ela — e aqui virou-se por fim para Neela —, de lhe dizer que é a mais...

Um grande bramido estava a subir pelo peito de Malik Solanka. Como lhe apetecia arrancar a língua à vil boca de carne do jovem. Como lhe apetecia ver que aspecto teriam aqueles braços musculados quando separados daquele tronco altamente definido. Cortados? Desmembrados? E se ele fosse cortado e desmembrado nuns milhões de pedaços? *E se eu lhe trincasse o raio do coração?*

Sentiu a mão de Neela pousar-lhe ao de leve no braço. A fúria amainou tão depressa quanto se desencadeara. O fenómeno, a imprevisível escalada e apaziguamento do mau génio, fora tão rápido que deixou Malik Solanka a sentir-se tonto e confuso. Será que isto tinha mesmo acontecido? Tinha ele estado à beira de despedaçar este tipo super em forma? E, se sim, então como é que Neela lhe tinha dissipado a cólera — cólera essa que, para combate-la, Solanka tinha por vezes de se deitar em quartos escurecidos horas a fio, fazendo exercícios de respiração e visualizando triângulos

vermelhos — com o mais ligeiro dos toques? Podia uma mão de mulher possuir realmente esse poder? E, se sim (o pensamento ofereceu-se-lhe e não aceitava ser negado), não era esta a mulher que quereria manter ao seu lado e estimar durante o resto da sua vida assombrada?

Abanou a cabeça para a libertar de tais noções e voltou a concentrar-se no desenrolar da cena. Neela estava a agraciar o jovem corredor com o seu mais deslumbrante sorriso, um sorriso, depois do qual, o melhor seria morrer, pois o resto da vida seria de certeza uma grande decepção.

— Ele não é meu pai — disse ela ao portador de artigos de desporto, cego pelo sorriso. — É o homem com quem vivo.

Esta informação atingiu o pobre homem como uma machadada; no seguimento do que, como para sublinhar a questão, Neela Mahendra plantou na boca impreparada, mas mesmo assim grata, de um Solanka ainda toldado um longo e explícito beijo.

— E sabe que mais? — disse ela, ofegante, em busca de ar para aplicar o *coup de grâce*. — Ele é absolutamente fantástico na cama.

— Que foi *aquilo?* — perguntou-lhe estonteadamente um lisonjeado e mais do que um bocadinho assarapantado Professor Solanka, com o ar de quem estava a caminho de ir estripar-se com um pau de bambu rombo. Ela riu-se, dando uma gargalhada que era um grande cacarejo perverso e fazia até o riso rouco de Mila parecer sofisticado.

— Percebi que estavas à beira de te passares — disse ela. — E eu preciso de ti aqui e agora a prestar atenção e não no hospital ou na cadeia.

O que explicava cerca de oitenta por cento da coisa, pensou Solanka quando a cabeça lhe parou de andar à roda, mas não traduzia completamente o sentido de tudo o que ela andara a fazer com a língua.

Jack! Jack! repreendeu-se. O assunto esta tarde era Rhinehart, o seu compinxa, o seu melhor amigo, e não a língua da namorada do companheiro, independentemente de esta ser muito longa e ginasticada. Sentaram-se num banco, perto do lago, e, a toda a volta deles, homens a passear cães colidiam com árvores, praticantes de Tai Chi perdiam o equilíbrio, patinadores iam de encontro uns aos outros, e as pessoas que andavam a passear iam direitinhas ao lago, como se se tivessem esquecido de que ele estava ali. Neela Mahendra não deu sinais de reparar em nada disto. Um homem passou por eles com um gelado de cone que, devido à repentina mas completa perda de coordenação entre a boca e a mão, errou totalmente a língua, estabelecendo caoticamente contacto com a orelha. Um outro tipo jovem

começou, dando mostras de emoção genuína, a chorar copiosamente ao passar por eles, enquanto fazia *jogging*. Só a mulher afro-americana, de meia-idade, sentada no banco ao lado do deles (quem sou eu para dizer «de meia-idade»? Ela é provavelmente mais nova do que eu, pensou Solanka decepcionado), parecia imune ao factor Neela enquanto ia comendo uma longa baguete de salada de ovo, publicitando a cada dentada o seu prazer com sonoros *mms* e *uh-uhs*. Entretanto, Neela só tinha olhos para o Professor Malik Solanka.

— A propósito, que beijo surpreendentemente bom! — afirmou ela. — A sério. De primeira.

Afastou os olhos dele para a água brilhante do outro lado do caminho.

— Está tudo acabado entre mim e o Jack — prosseguiu rapidamente. — Se calhar ele disse-te. Já acabou há algum tempo. Eu sei que ele é muito teu amigo, e tu tens de ser um bom amigo para ele nesta altura, mas eu não consigo ficar com um homem depois de perder o respeito por ele.

Uma pausa. Solanka não disse nada. Estava a passar em revista o último telefonema de Rhinehart e a ouvir o que lhe tinha escapado: a nota elegíaca por baixo da bazófia sexual. O uso do pretérito. A perda. Não pressionou Neela para lhe contar a história. Ela virá, pensou. Não tarda nada.

— Que pensas das eleições? — perguntou-lhe ela, apresentando uma das dramáticas estratégias conversacionais a que Solanka muito em breve se viria a acostumar. — Vou dizer-te o que penso. Penso que os eleitores americanos têm uma obrigação para com o resto do mundo: a de não votar em Bush. É dever deles. Vou dizer-te o que mais detesto — acrescentou. — Detesto quando as pessoas dizem não haver diferença entre os candidatos. Aquela história do Gush e Bore já tem *barbas*. Põe-me completamente fora de mim.

Não era o momento, pensou Solanka, de confessar as suas culpas secretas. Neela contudo, não estava, realmente à espera de resposta.

— Ai, não há diferença? — exclamou. — Que tal, por exemplo, a *geografia?* Que tal, por exemplo, saber onde fica a minha pobre e pequena terra natal na porcaria do mapa-mundo?

Malik Solanka lembrou-se de que George W. Bush tinha sido apanhado por uma pergunta tortuosa de um jornalista durante um debate sobre política externa, um mês antes da convenção republicana: «Dada a instabilidade crescente da situação étnica em Lilipute-Blefuscu, será que podia mostrar-

nos onde essa nação fica no mapa? E como era mesmo o nome da capital?» Duas bolas curvas, dois pontos.

— Vou dizer-te o que pensa *Jack* sobre as eleições. — Neela voltou com uma guinada ao tema, a cor a subir-lhe pelo rosto ia acompanhando o tom da voz. — O novo Jack, o Rhinehart Truman Capote, do Baile Negro e Branco, de primeiríssima água, ora, este Jack pensa o que quer que os seus muito amados «Césares» nos seus «Palácios» querem que ele pense. Salta, Jack, e ele salta em flecha. Dança para nós, Jack, és tão bom dançarino, e ele mostra-lhes todos os passos obsoletos, de há trinta anos, que as pessoas brancas de idade gostam, ele nada e pede boleia e passeia o cão, ele dança o *mash*, o *funky chicken* e a *locomotion* toda a santa noite. Faz-nos rir, Jack, e ele conta-lhes piadas como qualquer bobo da corte que se preze. Provavelmente conheces as favoritas dele. «Depois de o FBI ter analisado o vestido da Monica, anunciaram que não podiam fazer uma identificação positiva da mancha, porque toda a gente no Arkansas tem o mesmo DNA». Pois, eles gostam dessa, os Césares. Vota republicano, Jack, sê pró-vida, Jack, lê o que a Bíblia diz sobre os homossexuais, Jack, e as armas não matam pessoas, não é verdade, Jack, e ele diz, sim, senhora, são as pessoas que matam pessoas. Cachorro bonito, Jack. Deita-te de barriga para cima. Apanha. Senta-te e implora, c'um raio. Implora, Jack, não é que leves nada, mas nós gostamos tanto de ver um pretinho de joelhos. Cachorro bonito, Jack, pronto, agora toca a andar, vai dormir para o canil, nas traseiras. Oh, querido, atiras um ossozito ao Jack, por favor? Ele foi tão dócil. Sim, ela serve, é do Sul».

Oh, com que então Rhinehart tinha-se andado a portar mal, pensou Solanka, e imaginava que Neela não estivesse nada habituada a ser enganada. Estava habituada a ser o Tocador de Flauta de Hamelin, com filas de rapazes a segui-la para onde quer que ela lhe apetecesse levá-los.

Ela acalmou-se, estendendo-se para trás no banco, e fechou os olhos por instantes. A mulher do banco ao lado acabou a sanduíche, inclinou-se para Neela e disse:

— Oh, larga *esse* rapaz, querida. Cancela-lhe o *cu* ainda hoje. Tu precisas lá de perder tempo com o *poodle* de estimação de quem quer que seja. Neela virou-se para ela, como se para cumprimentar uma velha amiga.

— O Minha Senhora — começou ela em tom sério —, a Senhora tem leite no frigorífico com uma vida mais longa que esta relação.

— Vamos andar — comandou ela, e Solanka pôs-se de pé.

Quando se assegurou estarem fora do campo de audição dos transeuntes, disse:

— Olha, eu estar danada com o Jack é uma coisa, mas também estou com muito medo por ele. Ele precisa mesmo de um amigo a sério, Malik. Está metido numa destas alhadas.

Tal como Solanka adivinhara a partir do telefonema, Rhinehart estava deprimido e não era só por causa do colapso do seu caso amoroso com jeitos de pacote de leite deteriorável. O encontro com Sara Lear, que começara por ser uma entrevista para um artigo sobre os grandes divórcios da era, tinha-se virado ferozmente contra Jack. Sara antipatizara com ele, e a inimizade dela tinha-o deixado muito abalado. Após a perda da casa de Springs para Bronislawa, arranjara a mais minúscula das caixinhas de fósforos no meio de um campo de golfe lá para os lados de Montauk Point.

— Sabes da fixação dele por Tiger Woods — disse Neela. — O Jack é competitivo. Não descansará até a Nike... a outra Nike, quero dizer — explicou ela, corando de prazer indisfarçado —, a Nike que ele ainda não desgostou, comece a patrocinar também o seu jogo, sem esquecer sequer o símbolo no boné.

Aquando da terceira visita de Rhinehart ao local — o representante da imobiliária dera-lhe a chave —, a polícia apareceu passados menos de dez minutos e convidou-o a deixar-se revistar. Os vizinhos tinham declarado haver um intruso na propriedade — era dele que se tratava. Persuadir os polícias de que não era um ladrão mas um comprador de boa-fé levou-lhe quase uma hora. Uma semana mais tarde, o clube de golfe votou contra a sua admissão como membro. O braço de Sara era longo. Rhinehart, para quem, como ele dizia, «ser negro já não é tema», redescobrira, da maneira mais dura, que ainda era.

— Há por aí um clube que foi criado para que os judeus pudessem jogar golfe — declarou Neela com desprezo. — A brancura dos velhos protestantes anglo-saxónicos ainda encandeia. O Jack devia saber somar dois mais dois. Quer dizer: o Tiger Woods pode ser de raça miscigenada, mas ele sabe que tem os tomates pretos. Mas isto não é o pior.

Tinham alcançado a Fonte de Bethesda. Os olhares de espanto e os números cómicos em redor deles não paravam; continuaram a andar até chegarem a um declive arrelvado.

— Senta-te — disse Neele. Ele sentou-se. Neela baixou a voz. — Ele meteu-se com uns tipos malucos, Malik. Deus sabe porquê, mas quer muito

pertencer ao grupo, e eles são os miúdos brancos mais burros e chanfrados que podes imaginar. Alguma vez ouviste falar de uma sociedade secreta, supostamente nem sequer existe, chamada S & M? Até o nome é uma piada de mau gosto. «Solteiros e Machos». Pois sim. Ora, esses miúdos são completamente passados do juízo. É como aquela coisa da Caveira e das Tíbias Cruzadas que há em Yale?, estás a ver?, em que compram coisas como o bigode de Hitler e a pila do Casanova? Só que esta não é uma coisa de escola nem colecciona fetiches. A S & M colecciona miúdas, raparigas jovens com determinados interesses e aptidões. Ficarias surpreendido com os números, especialmente se soubesses os joguinhos em que se espera que participem, e não é de jogar póquer nu que estou a falar. Safanões, beliscões & bofetões. Selas, rédeas, arreios, elas provavelmente ficam com ar de charrete com cobertura de franjas. Coisas como, percebes, chicoteia-me com chicotes e ata-me com cordas, estas são algumas das minhas coisas favoritas. Meninas ricas. Juro. A tua família tem cavalos, vai daí que gostas de ser tratada como um cavalo? Que sei eu! Há tanta coisa tão desejável que, para estas miúdas, cai do céu — Neela não podia ter mais que cinco anos que as raparigas mortas, pensou Solanka — que já nada as estimula. Têm de ir cada vez mais longe em busca de estímulos, cada vez para mais longe de casa, cada vez mais longe da segurança. Os sítios mais loucos do mundo, os químicos mais loucos, o sexo mais louco. Pronto, esta é a minha análise de cinco cêntimos, à maneira de Lucy. Menininhas ricas entediadas deixam meninos ricos e burros fazer-lhes coisas estranhas. Os meninos ricos e burros nem acreditam na sua sorte.

Solanka reflectiu sobre o uso da palavra «miúdas» por parte de Neela, para descrever o que eram afinal membros da geração dela. A palavra parecia honesta na sua boca. Comparada a, digamos, Mila — Mila, o seu segredo pecaminoso —, esta era uma mulher adulta. Mila tinha os seus encantos, mas estes radicavam num capricho infantil, numa excentricidade gananciosa nascida desta mesma crise de resposta embotada, desta mesma necessidade de ir aos extremos além dos extremos, de modo a achar o que precisava em matéria de excitabilidade. Se o fruto proibido é uma dieta diária, onde procurar sensações? Feliz Mila, pensou Solanka. O namorado rico não tinha percebido o que poderia ter feito com ela e tinha-a deixado partir. Se estes outros meninos ricos soubessem da existência dela, do que estava disposta a fazer, que tabus estava disposta a ignorar, ela podia ter-se

tornado a deusa deles, a rainha mulher-criança do seu culto oculto. Podia ter acabado no Midtwon Tunnel com o crânio fracturado.

— Os desafectados a brincar — disse Solanka alto. — Uma tragédia de insolação. A vida inexaminada da malta que tem a bolsa quente.

Teve de explicar-lhe isto e gostou de voltar a ouvi-la rir.

— Não admira que tantos destes gorilas com cio, estes Grossos, Mocas e Cavalos, queiram entrar, não? — Neela suspirou. — A questão é: por que quer Jack?

O Professor Malik Solanka sentiu o estômago apertar-se-lhe.

— O Jack é membro desta coisa da S & M? — perguntou. — Mas não foram esses homens que...

— Ele ainda não é membro — atalhou ela, impelida pela necessidade de partilhar um fardo terrível. — Mas está a bater desalmadamente à porta, a implorar que o deixem entrar, o grande estupor estúpido que nem uma porta. E isto depois da merda terrível que apareceu na imprensa. Quando soube disto, não pude continuar com ele. Vou dizer-te uma coisa que não saiu em nenhum jornal — acrescentou, baixando ainda mais a voz. — Sabes, as três raparigas que morreram? Não foram violadas, não as roubaram, certo? Mas alguma coisa lhes fizeram, e é isso que liga realmente os três crimes, só que a polícia não quer isto nos jornais por causa do problema dos imitadores.

Solanka estava a começar a ficar genuinamente assustado.

— Que é que lhes aconteceu? — perguntou debilmente.

Neela cobriu os olhos com as mãos.

— Foram escalpadas — sussurrou e desatou a chorar.

Ser escalpado era permanecer um troféu, mesmo depois de mortas. E, porque a raridade era criadora de valor, o escalpe de uma rapariga morta no nosso bolso — Oh, mais hediondo dos mistérios — podia mesmo possuir mais *cachet* do que nos concederia a mesma rapariga, viva e a respirar, a entrar de braço dado connosco num baile deslumbrante ou mesmo enquanto parceira consentidora em quaisquer riscos sexuais que gostássemos de conceber. O escalpe era um significante de dominação e, removê-lo, ver uma tal relíquia como desejável, era valorizar o significante sobre o significado. As raparigas, começava Solanka a entender no seu horror revoltado, tinham, na realidade, valido mais mortas que vivas, para os homicidas.

Neela estava convencida da culpa dos três namorados; convencida também de que Jack sabia muitíssimo mais do que dizia a toda a gente, incluindo a ela.

— É como heroína — disse ela, secando os olhos. — Está tão metido nisto que não sabe como sair, não *quer* sair, embora ficar signifique a destruição dele. A minha preocupação *é:* que estará ele pronto a fazer e a quem está ele pronto a fazê-lo? Estaria *eu* calhada para o deleite daqueles estafermos ou quê? E, quanto aos assassínios, sabe-se lá porquê. Se calhar, os joguinhos sexuais foram longe de mais. Se calhar, é uma daquelas manias de sexo e poder que os meninos ricos têm. Uma merda qualquer do tipo fraternidade de sangue. Fode a rapariga, mata-a e fá-lo com tanta esperteza que, raios te partam, te consigas safar. Não sei. Se calhar, isto é só ressentimento da minha parte. Se calhar, vi filmes a mais. O *Génio do Mal*. *A Corda*. 'Tás a ver? «Para quê uma coisa destas?» «Porque podemos». Porque querem provar como são uns verdadeiros cesarzinhos. Como estão acima e além, como são superiores, quase deuses. A lei não lhes pode pôr a mão em cima. Tudo *tretas* bárbaras, mas o Sr. Cão Ofegante Rhinehart continua leal. «Tu não sabes merdas nenhumas acerca deles, Neela, eles são uns tipos decentes». Tretas. Está tão cego que não consegue ver que vão deixá-lo mal quando se pirarem ou, pior ainda, se calhar andam a tramá-lo. Ele arcará com as culpas deles e irá para a cadeira a cantar-lhes louvores. Jack das Merdas. Bom nome para aquele cona de unto. Neste preciso momento, é isto que ele significa para mim.

— Por que tens tanta certeza disto? — inquiriu Solanka. — Desculpa lá, mas também estás a parecer um bocadinho demente. Os três homens foram interrogados, mas não foram presos. E, tanto quanto sei, todos eles têm álibis sólidos para a altura em que as respectivas namoradas morreram. Testemunhas, *et cetera*. Um deles foi visto num bar e por aí adiante, já não me lembro bem.

Tinha o coração desenfreado. Durante um tempo que parecera uma eternidade, tinha-se acusado destes crimes. Sabendo da desordem no seu coração, da tempestade fervilhantemente incoerente, tinha-a ligado à desordem da cidade e chegado próximo de se declarar culpado. Agora, ao que parecia, a exoneração estava ao virar da esquina, mas o preço da sua inocência podia bem ser a culpa de um bom amigo. Uma enorme turbulência estava a fazer-lhe o estômago num oito, pondo-o à beira do vómito.

— E essa história dos escalpes — forçou-se a perguntar —, onde raio é que soubeste uma coisa dessas?

— Oh, meu Deus — gemeu, deixando o pior vir por fim ao de cima. — Pus-me a arrumar-lhe o maldito do armário. Sabe Deus porquê. Eu *nunca*

faço tarefas dessas a um homem. Que arranjem uma governanta, percebes? Não nasci para *isso*. Eu gramava-o mesmo, por isso acho que durante uns cinco minutinhos me permiti... enfim, estava a pôr-lhe as coisas em ordem e achei, achei...

Lágrimas de novo. Desta vez, Solanka pôs-lhe a mão no braço, e ela chegou-se a ele e, abraçando-se-lhe muito, soluçou.

— Pateta — disse. — Achei-os a todos os três. As malditas roupas de Carnaval, de tamanho de adulto. O Pateta e o Robin dos Bosques e o Buzz.

Confrontara Rhinehart, e ele tinha barafustado, desajeitadamente. Era assim, para pregarem uma partida às namoradas, Marsalis, Andriessen e Medford por vezes vestiam aqueles fatos e iam espiá-las à distância. Tudo bem, pronto, se calhar era uma partida de mau gosto, mas isso não fazia deles assassinos. E não tinham vestido os fatos nas noites dos homicídios, isso era uma parvoíce: reportagens atabalhoadas. Porém, tinham ficado assustados, quem não ficaria, e tinham pedido a Jack que os ajudasse.

— Fartou-se de defender a inocência deles, negando que o seu querido clube fosse uma fachada para as práticas libidinosas da classe privilegiada. — Neela recusara-se a deixar cair o assunto. — Expus tudo o que sabia, adivinhava, intuía e suspeitava, empilhei tudo isto diante dele e disse-lhe que não descansaria enquanto ele não dissesse o que tinha para dizer.

Por fim, ele tinha entrado em pânico e exclamara:

— Pensas que sou o tipo de homem que anda pela calada da noite a arrancar o topo de cabeças a mulheres?

Quando ela lhe perguntara o que significava *aquilo*, pareceu ficar morto de medo e afirmou que era uma coisa que tinha lido no jornal. O silvo do *tomahawk*. O saque dos despojos pelo guerreiro vitorioso. Ela, porém, tinha ido examinar os arquivos *on-line* de todos os jornais da zona de Manhattan e sabia.

— Não está lá nada.

Neela tinha-se vestido para ficar bonita e não para estar agasalhada, e a tarde tinha perdido o brilho. Solanka despiu o casaco e pôs-lho sobre os ombros a tremer. À sua volta, no parque, as cores estavam a diluir-se. O mundo estava a tornar-se um lugar de negros e cinzentos. As roupas das mulheres — invulgarmente para Nova Iorque, esta tinha sido uma estação de cores luminosas — diluíam-se em monocromia. Sob um céu de um

metalizado de arma, o verde das árvores espalhadas baldeava a cena. Neela precisava sair deste ambiente repentinamente fantasmagórico.

— Vamos tomar uma bebida — propôs, levantando-se e, no mesmo instante, afastando-se em longas passadas. — Há um bar porreiro num hotel da Seventy-seventh.

E Solanka apressou-se atrás dela, ignorando os já familiares choques e catástrofes que ela deixava, quais danos de tufão, atrás de si.

Ela tinha nascido «em meados dos anos 70» em Mildendo, a capital de Lilipute-Blefuscu, onde a família ainda vivia. Eram *girmityas*, descendentes de um dos primeiros emigrantes — o bisavô — que assinara um documento público, o *girmit*, já em 1834, um ano depois da abolição da escravatura. Biju Mahendra, oriundo da aldeiazinha indiana de Titlipur, viera de longe com os seus irmãos até esta manchinha geminada no remoto Pacífico do Sul. Os Mahendras tinham encontrado trabalho em Blefuscu, a mais fértil das duas ilhas e centro da indústria do açúcar.

— Como indo-liliana — disse ela, depois de um segundo *cosmopolitan* —, o papão da minha infância era Coolumber, que era grande e branco e não falava com palavras mas com números e, à noite, comia as menininhas que não fizessem os trabalhos de casa e não lavassem as partes pudibundas. Ao crescer, aprendi que os «coolumbers» eram os capatazes da mão-de-obra nas plantações de cana-de-açúcar. O que faz parte da história da minha família era um branco chamado Sr. Huge[19] (devia ser Hughes, suponho eu) que era «um demónio da Tasmânia», para quem o meu bisavô e os meus tios-avós mais não eram que algarismos na lista que ele lia em voz alta, todas as manhãs. Os meus antepassados eram algarismos, os filhos dos algarismos. Só os Elbeses indígenas eram chamados pelos verdadeiros nomes. Levou-nos três gerações para recuperar os nossos nomes de família desta tirania numérica. Por essa altura, é óbvio, já as coisas entre nós e os Elbeses tinham azedado muitíssimo. «Nós comemos verdes», costumava dizer a minha avó, «mas aqueles gordalhões dos Elbeses comem carne humana». Havia, de facto, um historial de canibalismo em Lilipute-Blefuscu. Eles ficam ofendidos quando se lhes chama a atenção para este facto, mas a verdade é esta. E, para nós, a mera presença de carne na cozinha era uma profanação. Comer carne humana parecia-nos alimentação do próprio Diabo.

Os nomes de bebidas tinham um papel perturbadoramente importante na «ante-história» dela. Em questões de grogue, *yagona*, cava, cerveja, como

em pouco mais, os Indo-liliputianos e os Elbeses falavam a uma só voz: as duas comunidades sofriam de alcoolismo e dos problemas daí resultantes. O próprio pai de Neela era um grande beberrão, e ela tinha ficado contente por lhe escapar. Em Lilipute-Blefuscu, havia pouquíssimas bolsas disponíveis para estudar na América, mas ela conseguira ganhar uma, e de imediato se apaixonara por Nova Iorque, como acontecia a toda a gente que procurava — e aqui encontrava — uma casa longe de casa, entre outros viajantes que procuravam exactamente a mesma coisa: um porto de abrigo em que pudessem abrir as asas. No entanto, as raízes chamavam-na, e ela sofria muito com aquilo a que chamava a «culpa do alívio». Tinha escapado ao bêbedo do pai, mas a mãe e as irmãs, não. E à causa da sua comunidade permanecia também apaixonadamente ligada.

— As marchas são no domingo — disse ela, ao mesmo tempo que pedia um terceiro *cosmopolitan*. — Vens comigo?

E Solanka — embora fosse já quinta-feira — inevitavelmente assentiu.

— Os Elbeses dizem que somos gananciosos e que queremos tudo e que ainda os iremos expulsar da sua própria terra. Nós dizemos que eles são preguiçosos e que, se não fôssemos nós, passavam o dia sentados sem fazer nada e morreriam de fome. Eles dizem que o único lado de um ovo levemente cozido que se pode partir é o pequeno. Ao passo que nós (ou, pelos menos, aqueles que entre nós comem ovos) somos da facção do lado grande, porque vimos da Grande Mãe Índia.

Cacarejou mais uma *vez*, divertida com a sua própria piada.

— Vêm aí sarilhos.

Era uma questão, como o eram tantas coisas, de terra. Embora fossem os Indo-liliputianos que tinham agora a seu cargo toda a agricultura em Blefuscu, que eram responsáveis pela maior parte das exportações do país e que, por isso, arrecadavam a maior parte das divisas; embora tivessem prosperado e olhado pelos seus, construído as suas próprias escolas e hospitais, ainda assim a terra em que tudo isto se erguia era pertença dos Elbeses «indígenas».

— Detesto esta palavra, «indígena» — exclamou Neela. — Sou indo-liliana de quarta geração. Por isso, também sou indígena.

Os Elbeses temiam um golpe — uma tomada revolucionária da terra pelos Indo-lilianos, a quem a Constituição elbesa ainda negava o direito à propriedade em qualquer das ilhas; a facção do lado grande, pela sua parte, temia a mesma coisa ao contrário. Tinham medo de que, quando os seus

arrendamentos de cem anos expirassem, no decurso da próxima década, os Elbeses simplesmente lhes tirassem a terra arável, agora valiosa, ficando com ela para si e deixando os indianos, que a tinham tornado produtiva, sem nada.

Porém, havia uma complicação que Neela, apesar da lealdade étnica e de três *cosmopolitans* uns atrás dos outros, era suficientemente honesta para admitir.

— Isto não se resume a uma questão de antagonismo étnico, nem sequer a de saber quem possui o quê — afirmou. — A cultura elbesa é realmente diferente, e eu percebo por que têm eles medo. São colectivistas. A terra não é pertença de latifundiários individuais mas dos chefes elbeses, por delegação de todo o povo elbês. E depois chegamos nós, os *wallahs* da facção do lado grande, mais o nosso à-vontade nos negócios, a nossa sagacidade empresarial, o nosso mercantilismo de mercado livre e a nossa mentalidade de lucro. E agora o mundo fala a nossa língua e não a deles. Esta é a era dos números, não *é?* Então nós somos os números, e os Elbeses são palavras. Nós somos a matemática, e eles são a poesia. Nós estamos a ganhar, e eles estão a perder: e, por isso, é claro que têm medo de nós, é como a luta na própria natureza humana, entre o mecânico e utilitário em nós e a parte que ama e sonha. Todos nós receamos que o lado frio e maquinal da natureza humana destrua a nossa magia e as nossas canções. Por isso, a batalha entre os Indo-lilianos e os Elbeses é também a batalha do espírito humano e, com os diabos, no meu coração estou provavelmente com o outro lado. Mas o meu povo é o meu povo, e justiça é justiça e, depois de termos dado couro *e* cabelo durante quatro gerações e de continuarmos a ser tratados como cidadãos de segunda, temos o direito de estar encolerizados. Se chegar a tanto, volto para lá. Se tiver de ser, lutarei com eles, lado a lado. Não estou a brincar, é que vou mesmo.

Solanka acreditava nela. E estava a pensar: como é que se explica que, na companhia desta mulher apaixonada que mal conheço, me sinta tão completamente à vontade?

A cicatriz era o legado de um grave acidente de viação na auto-estrada interestadual, perto de Albany; quase tinha perdido um braço. Neela guiava, ela próprio o admitia, «como um *maharani*». *Os* outros utilizadores da estrada é que tinham a responsabilidade de se afastar do seu caminho imperioso, supra-legal. Em áreas onde ela e o carro se tornavam conhecidos — Blefuscu ou nos arredores da elegante faculdade que frequentava em

Nova Inglaterra —, acontecia frequentemente os condutores, quando viam vir Neela Mahendra, abandonarem os veículos e desatar a correr. Depois de uma série de pequenos toques e de mais-um-pouco-e-tinha-passado, teve um muito desengraçado Acidente Grave. Ter sobrevivido foi um milagre (e mesmo à justa); a preservação da sua beleza dilacerante constituiu um espanto ainda maior.

— Que me importa a cicatriz? — dizia ela. — Tenho sorte em tê-la. E serve de lembrete para uma coisa que não posso esquecer.

Em Nova Iorque, felizmente, era desnecessário, para ela, guiar. A sua postura régia — «a minha mãe sempre me disse que eu era uma rainha, e eu acreditei nela» — significava que, de qualquer forma, preferia que a guiassem, muito embora também fosse uma terrível passageira de banco de trás, sempre a soltar gritinhos e a arquejar. O êxito rápido que alcançara na produção televisiva possibilitara-lhe poder pagar um serviço de transporte, cujos motoristas se habituavam depressa aos seus frequentes gritos de medo. Também não tinha nenhum sentido de orientação e, por isso — de modo notável para qualquer nova-iorquino —, nunca sabia onde ficava nada. As lojas favoritas, os restaurantes e clubes nocturnos preferidos, a localização dos estúdios de gravação e as salas de montagem que utilizava regularmente: podiam ser em qualquer lugar.

— Onde o carro pára é onde os sítios ficam — disse ela diante de um quarto coquetel, toda ela grandes olhos de inocência. — É espantoso. Ficam sempre ali. Mesmo do lado de fora da porta.

O prazer é a mais doce das drogas. Neela Mahendra inclinou-se para ele na cabina de couro preto do bar onde se encontravam e disse:

— Estou a divertir-me tanto. Nunca me tinha apercebido de como é fácil estar ao pé de ti, pareceste-me tão enfatuado na casa de Jack, a ver aquele jogo estúpido.

A cabeça dela veio-lhe repousar no ombro. Agora tinha o cabelo caído, e de onde ele estava sentado, a cabeleira velava-lhe grande parte do rosto. Ela fez as costas da mão direita deslocarem-se lentamente sobre as costas da mão esquerda dele.

— Às vezes, quando bebo de mais, ela sai para brincar, a outra, e depois não há nada que eu possa fazer. Ela toma as rédeas e pronto.

Solanka estava perdido. Ela tomou a mão dele na dela e beijou-lhe as pontas dos dedos, selando o seu pacto tácito.

— Tu também tens cicatrizes — disse Neela —, mas nunca falas delas. Eu conto-te todos os meus segredos, e tu não dizes uma palavrinha que seja. Dou comigo a pensar: por que nunca fala este homem do filho? Sim, é claro que Jack me disse, pensas que não perguntei? Asmaan, Eleanor, até aí sei eu. Se eu tivesse um menino, estaria sempre a falar dele. Tu, pelos vistos, nem a fotografia dele trazes contigo. Dou comigo a pensar: este homem deixou a mulher de muitos anos, a mãe do filho, e mesmo o amigo não sabe porquê. Dou comigo a pensar: parece ser um bom homem, um homem bondoso, e não um bruto, por isso deve haver uma boa razão, se calhar se me abrir para ele, ele contar-ma-á, mas, *Baba*, tu continuas mudo e calado. E depois dou comigo a pensar: eis aqui um indiano, indiano da Índia, e não indo-liliano como eu, um filho da terra-mãe, mas, pelos vistos, este também é um tópico proibido.

Nascido em Bombaim, mas sobre o local de nascimento ele permanece silencioso. Quais serão as suas circunstâncias familiares? Irmãos, irmãs? Pais vivos ou mortos? Ninguém sabe. Será que vai visitá-los? Parece que não. Falta de interesse. Porquê? A resposta tem de ser: mais cicatrizes. Malik, penso que tiveste mais acidentes do que eu, e se calhar foste ainda mais seriamente ferido algures no caminho. Mas, se não falares, que posso eu fazer? Não tenho nada para te dizer. Só posso dizer: eis-me aqui, e se os seres humanos não podem salvar-te, então nada pode. É tudo o que tenho a dizer. Fala, não fales, a decisão é tua. Eu estou a divertir-me e, de qualquer forma, agora está aqui a outra, por isso cala-te, não sei por que razão os homens têm de falar tanto quando é óbvio que as palavras não são necessárias. Neste preciso momento não são mesmo nada necessárias.

18 Nike (em português, Nice) é a personificação da vitória. Optou-se por manter a designação inglesa para viabilizar o equívoco. *(N. T.)*
19 Jogo de sentidos que assenta na proximidade gráfica entre o apelido « Hughes» e o adjectivo « huge» [=enorme]. *[N. T.]*

12

QUE SOBREVIVAM OS MAIS FORTES: A VINDA DOS REIS-MARIONETAS

Akasz Kronos, o grande, o amoral, especialista em cibernética dos Rijk criou os Reis-marionetas em resposta à crise terminal da civilização rijk, mas, devido a um erro no seu temperamento que o tornava incapaz de considerar o bem comum, utilizava-os apenas para garantir a sua própria sobrevivência ou boa fortuna e a de mais ninguém. Naqueles tempos, as calotas polares de Galileu-I, o planeta-casa dos Rijk, estavam nas últimas fases de derretimento (tinha sido avistada uma enorme extensão de mar alto no Pólo Norte) e, independentemente da altura a que se construíam os diques, não vinha longe o momento em que a glória dos Rijk, a mais alta das culturas localizada nas regiões mais baixas, cultura que estava, naquela mesmíssima altura, a gozar a idade de oiro mais rica e mais prolongada da sua história, seria arrastada pelas águas.

Os Rijk entraram em declínio. Os seus *artistas* poisaram de vez os pincéis, pois como podia criar-se arte — que dependia, como o bom vinho, do julgamento da posteridade —, se a posteridade tinha sido cancelada? A *ciência* falhara igualmente o desafio. O sistema solar de Galileu ficava num *«quadrante escuro»* junto à orla da nossa própria galáxia, uma zona misteriosa em que poucos outros sóis ardiam, e, apesar do seu elevado nível de conseguimentos tecnológicos, os Rijk nunca tinham tido êxito na localização de um planeta-casa alternativo. Uma selecção representativa da sociedade rijk fora despachada, congelada criogenicamente, na Max-H, uma nave espacial controlada por computador e programada para acordar a sua preciosa carga se um planeta satisfatório surgisse no raio dos seus sensores. Quando esta nave espacial teve problemas técnicos e acabou por explodir a alguns milhares de quilómetros no espaço, as pessoas perderam o ânimo. Naquela sociedade, que era um modelo de abertura, tolerância e razoabilidade, surgia agora um sem-número de *profetas* da desgraça que culpavam a impiedade da cultura rijk pela catástrofe vindoura. Muitos foram os cidadãos que sucumbiram ao feitiço destes homens novos e estreitos.

Entretanto, o mar continuava a subir. Quando acontecia abrir-se uma fenda no dique, a água forçava a saída com tal violência que, antes de as reparações estarem concluídas, regiões inteiras eram por vezes inundadas. A economia colapsou. A ilegalidade aumentou. As pessoas ficavam em casa à espera do fim.

O único retrato de Akasz Kronos que nos chegou mostra um homem com uma farta e longa cabeleira prateada a enquadrar um rosto doce, redondo e surpreendentemente juvenil, dominado por uma boca em arco de Cupido cor de vinho. Veste uma túnica cinzenta que lhe chega aos pés, com bordados a ouro nos punhos e no decote, sobre uma camisa de folhos, branca, de colarinho alto: a imagem acabada de um génio digno. Porém, os olhos são de louco. Se atentarmos na escuridão à sua volta, conseguimos distinguir filamentos ténues, brancos, a flutuarem-lhe das pontas dos dedos. Só após estudo aturado, notamos a figurinha cor de bronze de um homem-marioneta no fundo, à esquerda da fotografia, e mesmo então ainda levamos algum tempo a apercebermo-nos de que a marioneta se conseguiu libertar do controlo do marionetista. O homúnculo vira costas ao seu autor e parte para forjar o seu próprio destino, enquanto Kronos, o criador abandonado, se despede não só da sua criação mas também da sanidade.

O Professor Kronos não era apenas um grande cientista, era também um empresário de coragem e habilidade maquiavélicas. À medida que as terras rijk se afundavam, deslocou discretamente o seu centro de operações para duas pequenas ilhas-montanhas que formavam a nação, primitiva mas independente, de *Baberia*, nos antípodas galileicos. Aqui negociou e assinou um tratado vantajoso com o governante local, o *Mogol*. Os Baberianos preservariam a posse do seu território, mas a Kronos seriam concedidos arrendamentos a longo prazo dos pastos das montanhas altas, pelos quais concordou pagar o que parecia ao Mogol uma renda de facto muito alta: um par de sapatos de madeira por ano para cada homem, mulher ou criança baberiana. Adicionalmente, Kronos comprometia-se a garantir a defesa de Baberia do ataque que era quase certo mal as terras dos Rijks se afundassem nas ondas alterosas. Por isto foi-lhe atribuído o título de *Salvador Nacional* e concedido *droit de seigneur* sobre todas as novas noivas das ilhas. Tudo isto acordado, Kronos procedeu à criação das obras-primas que se viria a provar serem a sua desgraça, a chamada *Monstruosa Dinastia dos Césares-marionetas*, também conhecidos por *Reis-marionetas Sem Fios do Professor Kronos*.

A sua amante, *Zameen,* a beldade legendária dos Rijk e a única cientista que Kronos considerava à sua altura, recusou-se a acompanhá-lo para este novo mundo antípode. O lugar dela era com o seu povo, dissera, e morreria com ele, se isso fosse o que o destino decretara. Akasz Kronos abandonou-a sem mais delongas, preferindo talvez a multiplicidade sexual disponível do outro lado do mundo.

Os fios partidos no retrato de Kronos são puramente metafóricos. As formas de vida artificial do Professor tinham estado livres de fios desde o começo. Falavam e andavam: tinham *«estômagos»,* centros sofisticados de combustível que processavam comida e bebidas vulgares, e *sistemas de apoio* dotados de células solares que lhes possibilitavam manter-se alerta e trabalhar mais horas do que qualquer ser humano de carne e osso. Eram mais rápidos, mais fortes, mais espertos – «melhores», disse-lhes Kronos – do que os seus anfitriões humanos, antípodes. «Vocês são reis e rainhas», ensinava às suas criaturas. «Tenham termos. Vocês agora são os senhores». A cada humanóide foram facultados os planos de construção dele ou dela, de modo a poder, em teoria, recriar-se infinitamente à sua própria imagem. Porém, no programa principal, Kronos acrescentou uma *Directiva Máxima:* qualquer que fosse a ordem que ele desse, os humanóides, e as suas réplicas, eram obrigados a obedecer, mesmo se chamados a aquiescer na sua própria destruição, caso ele a considerasse necessária. Adornou-os e deu-lhes a ilusão de liberdade, mas eram escravos dele. Não lhes deu nomes. Tinham *algarismos de sete dígitos* marcados nos pulsos, e era por estes que eram conhecidos.

Não havia duas criações kronosianas iguais. A cada uma eram dados traços de personalidade próprios e claramente delineados: *o Filósofo Aristocrático; a Promíscua Mulher-Criança; a Primeira Ex-mulher Rica* (uma Cabra); *a Groupie a Envelhecer, o Motorista do Papa; o Canalizador Subaquático; o Avançado Traumatizado; o Golfista de Tomates Negros; as Três Meninas da Sociedade; os Playboys; a Criança de Ouro e a Mãe Ideal; o Editor Capcioso; o Professor Encolerizado;* a *Deusa da Vitória* (um humanóide excepcionalmente belo cujo modelo era Zameen de Rijk, a amante abandonada de Kronos); *os Corredores; a Mulher do Telemóvel; o Homem do Telemóvel; as Aranhas Humanas; a Mulher Que Tinha Visões; o Astro-publicitário;* e até um *Bonecreiro.* E, além de caracteres — forças, fraquezas, hábitos, memórias, alergias, apetências —, deu-lhes um sistema de valores por que se reger. A grandeza de Akasz Kronos, que foi também a

sua perdição, pode ser avaliada com base no seguinte: as virtudes e os vícios que inculcou nas suas criações não eram todos, ou exclusivamente, dele. Egoísta, oportunista, inescrupuloso, ele, não obstante, permitiu às suas formas de vida cibernética um certo grau de independência ética. Fora-lhes outorgada a possibilidade de idealismo.

Leveza, rapidez, exactidão, visibilidade, multiplicidade, consistência: eis os seis arqui-valores kronosianos, mas, em vez de incrustar definições únicas destes princípios nos *default programs* dos humanóides, ele pôs à disposição das suas criações uma série de opções de escolha múltipla. Assim, *«leveza»* podia ser definida como «fazer levemente o que na realidade é um dever pesado», o mesmo é dizer: graça; mas também podia significar «tratar frivolamente o que é sério» ou mesmo «aligeirar o que é grave«, isto é, amoralidade. E *«rapidez»* podia ser «fazer depressa o que for necessário», por outras palavras, eficiência; contudo, se a ênfase fosse colocada na segunda parte dessa expressão, podia resultar daí uma certa crueldade. *«Exactidão»* podia tender para «necessidade» ou «tirania», *«visibilidade»* podia ser «clareza de acção» ou «busca de atenções», *«multiplicidade»* era capaz de ser tanto «tolerância» como «duplicidade» e *«consistência»*, a mais importante das seis, podia significar ou «confiabilidade» ou «obsessão» — a consistência de — podemos aplicar aos modelos do nosso próprio mundo, por via de uma comparação fácil — Bartleby, o escrivão, que preferia não, ou de Michael Kohlhaas e a sua busca, inexorável e desestabilizadora do mundo, de reformas. Sancho Pança é consistente no sentido da palavra que remete para o sentido «de ser de confiança», mas consistente também é, por outro lado, o Quixote errático, de ideias fixas, enlouquecido com os preceitos da cavalaria. E note-se também a consistência trágica do Agrimensor, eternamente almejando o que jamais alcançará, ou a de Ahab na sua perseguição à baleia. Esta é a consistência que destrói o consistente: pois os Ahabs morrem, enquanto os inconsistentes, os lshmaels, sobrevivem. «A plenitude de um ser vivo é inexpressível, obscura», dizia Kronos às suas ficções mecânicas. «Nesse mistério reside a liberdade, que é o que lhes dei. Nessa obscuridade há luz».

Por que terá ele permitido aos Reis-marionetas uma tal autonomia psicológica e moral? Talvez porque o cientista e o erudito que havia nele não conseguiram resistir a ver como estas novas formas de vida solucionariam a batalha que se desencadeia dentro de todas as criaturas sensíveis, entre claro e escuro, coração e mente, espírito e máquina.

A princípio, os Reis-marionetas serviram fielmente Kronos. Faziam os sapatos que pagavam os alugueres de terra, tratavam do gado e lavravam o solo. Ele tinha-os adornado a todos como para a corte, mas as saias e as túnicas dos uniformes, compridas e de brocado, depressa ficaram conspurcadas e rasgadas, tendo eles feito roupas novas, mais adequadas ao seu trabalho. À medida que as calotas polares continuavam a derreter e os níveis de água a subir, prepararam-se para defender a sua nova casa em contracção contra o previsto *ataque rijk*. Nesta altura, já tinham aprendido a modificar os seus próprios sistemas sem a ajuda de Kronos e, todos os dias, lhes acrescentavam novas capacidades e aptidões. Uma dessas inovações permitiu-lhes utilizar a aguardente local como *fuel para voar*. Traziam sempre consigo garrafas de grogue, não fosse dar-se o caso de quererem encher o depósito, podendo a força aérea dos humanóides voar sem necessidade de aviões. Apanhavam e destruíam os aviões rijk que iam chegando nas suas *redes de aranha*, teias gigantes de metal armadilhado que estendiam no céu. Também *subaquaticamente* haviam colocado semelhantes armadilhas aracnóides (tinham modificado os «pulmões» para uso submarino e eram, por isso, capazes de sabotar e afundar toda a frota rijk a partir de baixo). Venceram a chamada *Batalha dos Antípodas*, e céus e mares emudeceram. Nos confins de Galileu-1, as águas diluviais tragaram os Rijk. Se Akasz Kronos sentiu alguma compaixão pelos compatriotas que estavam a morrer afogados, não deixou registo disso.

Depois da vitória, contudo, as coisas mudaram. Os Reis-marionetas regressaram das guerras com um novo entendimento de valor individual, mesmo de «direitos». Para os fazer entrar na linha, Kronos anunciou uma calendarização urgente de manutenção e reparações. Muitos foram os humanóides que não compareceram à hora marcada na oficina, preferindo — no caso dos marcados pela batalha — viver com as suas incapacidades: os servo-mecanismos avariados e os circuitos parcialmente queimados. Grupos de Reis-Marionetas tornaram-se amigos do secretismo, conspirativos, rabugentos. Kronos suspeitou de que andavam a reunir-se pela calada para intrigar contra ele e chegaram-lhe boatos de que, nestas assembleias, se dirigiam uns aos outros não pelo número mas por novos nomes que tinham escolhido para si próprios. Kronos tornou-se tirânico e, quando uma das Três Meninas da Sociedade foi insolente mesmo nas barbas dele, fez dela um exemplo, aplicando-lhe o tão temido «master blaster», que provocava o

apagamento instantâneo e irreversível de todos os programas: por outras palavras, a morte cibernética.

A execução foi contraproducente. A dissensão espalhou-se ainda mais rapidamente do que até aí. Muitos foram os humanóides que entraram para a clandestinidade, erigindo, em redor dos seus esconderijos, sofisticados escudos electrónicos de antivigilância, em que nem Kronos conseguia penetrar com facilidade, e mudando regularmente de poiso, de modo que, quando o Professor conseguia descodificar um conjunto de defesas, os revolucionários já tinham desaparecido por detrás do seguinte. Não sabemos dizer ao certo quando foi que o Bonecreiro – que Akasz Kronos tinha criado à sua imagem e em quem tinha incutido muitas das suas características – aprendeu a dominar a Directiva Máxima. Porém, pouco tempo passado sobre o avanço, quem desapareceu foi o Professor Aksz Kronos. Já não se sentindo seguro no meio das suas criações, teve de ir para a clandestinidade, ao mesmo tempo que a revolução dos Ré-mês emergia triunfantemente à luz do dia, para ser saudada pelos gritos de júbilo de todos os humanóides de Baberia.

As chamadas *últimas palavras* de Kronos só existem em forma de uma mensagem electrónica enviada ao usurpador, o humanóide Bonecreiro. É um texto desconchavado e incoerente, que recusa responsabilidades, cheio de acusações de ingratidão, ameaças e maldições. Contudo, há boas razões para supor que este texto foi forjado, obra talvez do próprio Bonecreiro. A criação de um «Kronos louco», cuja imagem espelhada mas sã era ele mesmo, adequava-se perfeitamente aos propósitos do humanóide: e tal é o apetite da história pelo chocante que esta versão foi largamente aceite. (Aquele único retrato de Kronos é notável, tal como já observámos, pelos olhos insanos do cientista.) Recentemente, a descoberta de fragmentos dos diários do Professor Kronos lançou nova luz sobre o seu estado mental. Um Kronos muito diferente emerge destes fragmentos, cuja autenticidade parece indisputável: a letra é claramente a do Professor. «Os deuses também mataram os titãs que os fizeram», escreve Kronos. «Aqui a vida artificial limita-se a espelhar o genuíno. Pois o homem nasce acorrentado, mas procura, em toda a parte, ser livre. Também outrora tive fios. Eu amava as minhas marionetas, sabendo que, como filhos, um dia se afastariam de mim. Porém, elas não podem pôr-me para trás das costas. Fi-las com amor, e o meu amor está em cada uma delas, nos seus circuitos e plásticos. Na

madeira». No entanto, este Kronos, tão livre de amargura, parece demasiado bom para ser verdade.

O Professor, um mestre da dissimulação, pode ter estado a planear a sua vingança por detrás de uma fachada de fatalismo.

Depois do desaparecimento de Kronos, uma delegação de RM, liderada pelo Bonecreiro e a sua amante, a Deusa da Vitória, tomou o lugar do cientista no *Dia Anual dos Sapatos* e informou o Mogol de que o contrato do Professor deveria ser considerado nulo. De ora em diante, os «Rã-mês» e os Baberianos deveriam viver nas ilhas-gémeas como iguais. Antes de sair da presença do Mogol (em vez de arrastar os pés em direcção à saída, como mandava o protocolo — um costume que nem Kronos se tinha atrevido a ignorar), a Deusa da Vitória lançou o desafio que ainda reverbera entre as duas comunidades: «Que sobreviva o mais forte».

Alguns dias mais tarde, um barco anfíbio, pequeno e amolgado, atracou sem ser notado num canto florestado da ilha norte de Baberia. Zameen de Rijk escapara à destruição da sua civilização perdida e pusera-se a caminho, contra probabilidades esmagadoras, da ilha onde se refugiara o homem que a deixara entregue à morte. Teria ela vindo para renovar o amor deles ou para se vingar do seu abandono? Estaria ela aqui como amante ou assassina? A espantosa semelhança com a Deusa da Vitória, a amante humanóide do Bonecreiro, fez com que os Reis-marionetas se submetessem a ela sem questão, acreditando ser ela a sua nova rainha. Que aconteceria quando as duas mulheres se confrontassem uma com a outra? Como reagiria o Bonecreiro à versão «real» da mulher que amava? Como reagiria ela, a mulher verdadeira, a este avatar mecânico do antigo amante dela? Que fariam dela os novos inimigos dos Reis-marionetas, os antípodas, cujo território aqueles vinham agora reivindicar de forma tão extensa? Como lidaria ela com eles? E o que se teria realmente passado com o Professor Kronos? Se estava morto, como teria morrido? Se vivo, qual seria a extensão dos poderes que lhe restavam? Teria ele sido genuinamente deposto ou seria o desaparecimento dele uma espécie de estratagema diabólico? Tantas perguntas! E por detrás delas, o maior enigma de todos. Kronos oferecera aos Reis-marionetas uma escolha entre o que era o seu ser original, mecânico, e pelo menos algumas das ambiguidades da natureza humana. Qual seria a escolha deles: sabedoria — ou fúria? Paz — ou fúria? Amor — ou fúria? A fúria do génio, da criação, ou a do homicida ou tirano, a fúria descontroladamente gritante que jamais deve ser nomeada?

A história contínua das deusas-gémeas e dos professores em duplicado, da busca do sumido Akasz Kronos por Zameen e da luta pelo poder entre as duas comunidades de Baberia será relatada neste *site* em boletins regulares. Clique nos *links* para mais info sobre os RM ou nos ícones abaixo para as 101 Perguntas Mais Frequentes ou para acesso a interactividades, e visite o grande leque de *merchandise* dos RM disponível JÁ para envio IMEDIATO. Aceitam-se os mais importantes cartões de crédito.

13

Em jovem, no início dos anos 60, Malik Solanka devorara os romances de ficção científica daquela que veio mais tarde a ser reconhecida como a idade de oiro dessa forma literária. Ao fugir da realidade feia da sua vida, encontrou no fantástico — nas suas parábolas e alegorias, mas igualmente nos seus voos de pura invenção, nos seus conceitos volteados, espiralados — um mundo alternativo, em metamorfoses incessantes, onde se sentia instintivamente em casa. Assinou revistas lendárias *(Amazing* e *F&ST),* comprou tantos números da colecção, de capa amarela, de ficção científica de Victor Gollancz quanto o dinheiro lhe permitia e sabia praticamente de cor os livros de Ray Bradbury, Zenna Henderson, A. E. van Vogt, Clifford D. Simak, Isaac Asimov, Frederik Pohl e C. M. Kornbluth, Stanislaw Lem, James Blish, Philip K. Dick e L. Sprague de Camp. A ficção científica da idade de oiro e a fantasia científica eram, na perspectiva de Solanka, o melhor veículo popular alguma vez concebido para o romance de ideias e da metafísica. Aos vinte anos, a obra de ficção que mais o empolgava era uma história chamada «The Nine Billion Names of God»[20], em que um mosteiro tibetano, tendo-se proposto contar os nomes do Todo-Poderoso —, acreditando ser esta a única razão para a existência do universo — adquire um computador de topo de gama para acelerar o processo. Para ajudar os monges a instalar e a entender a grande máquina, chegam ao mosteiro uns quantos peritos da indústria, pragmáticos e pouco impressionáveis. Estes acham a ideia de enumerar os nomes bastante ridícula e preocupam-se com o que poderá ser a reacção dos monges quando o trabalho ficar pronto e o universo continuar a existir; daí que, mal acabadas as suas tarefas, se esgueirem discretamente dali para fora. Mais tarde, já no avião para casa, calculam que o computador deve ter terminado a tarefa. Olham pela janela para o firmamento nocturno, onde — Solanka jamais se esquecera da última linha — «uma a uma, muito tranquilamente, as estrelas estavam a apagar-se».

Para um leitor destes — e admirador, no cinema, da ficção científica intelectual de *Fahrenheit 451 e de Solaris* —, George Lucas era uma espécie de Anticristo e o Spielberg dos *Encontros Imediatos,* um miúdo a brincar na caixa de areia dos adultos, ao passo que os filmes do *Exterminador Implacável* e, sobretudo, o poderoso *Blade Runner* eram portadores da

chama sagrada. E agora era a vez dele. Naqueles dias de Verão pouco fiáveis, o Professor Malik Solanka costumava trabalhar no mundo dos Reis-marionetas — nos bonecos bem como nas suas histórias — como um possesso. A história do cientista louco Akasz Kronos e da sua belíssima amante, Zameen, enchia-lhe a mente. Ao fundo, Nova Iorque diluía-se; ou, melhor, tudo o que lhe acontecia na cidade — qualquer encontro fortuito, qualquer jornal que abrisse, qualquer pensamento, qualquer sentimento, qualquer sonho — alimentava-lhe a imaginação, como se prefabricado para se encaixar na estrutura que ele já tinha concebido. A vida real começara a obedecer aos ditames da ficção, fornecendo-lhe precisamente as matérias-primas de que precisava para a transmutação, através da alquimia, da sua arte renascida.

Foi buscar o nome Akasz ao *aakaash*, «céu» em hindi. Céu como em Asmaan (urdu), como na pobre Sky Schuyler, como nos grandes deuses do céu: Úranos-Varuna, Brama, Javé, Manitu. E Cronos era o Tempo grego, o devorador dos filhos. Zameen era terra, o oposto do firmamento, que, no horizonte, abraça o céu. Akasz tinha resultado de uma visão clara desde o princípio, tendo Solanka imaginado logo todo o arco da sua vida. Zameen, todavia, surpreendera-o. Nesta narrativa de um mundo a afogar-se, não esperara de uma deusa da terra — mesmo de uma cujo modelo era Neela Mahendra — que ocupasse um lugar central. No entanto, ei-la indubitavelmente aqui, adensando valiosamente o enredo com a sua aparição. Esta presença parecia ter sido prefigurada, ainda que ele não a tivesse planeado de todo. Neela/Zameen de Rijk/Deusa da Vitória: as três versões da mesma mulher enchiam-lhe os pensamentos, e ele apercebeu-se de que tinha finalmente achado a sucessora da famosa criação da sua juventude. «Olá a Neela», disse para si próprio, «e, assim, por fim, adeus, Craniozinho».

O que era o mesmo que dizer adeus às tardes com Mila Milo. Quando o vira sair para o encontro com Neela nos degraus do Met, Mila tinha sentido de imediato, e por intuição, a mudança nele. Ela soube o que eu queria antes de eu o ter sequer admitido a mim mesmo, reconheceu Solanka. Foi ali, naquele momento, que provavelmente acabou tudo entre nós. Mesmo se não tivesse havido nenhum milagre, mesmo se Neela não me tivesse tão impredizivelmente escolhido, o que Mila tinha visto bastara. Possui uma beleza genuína, muito sua, e orgulho, e não está para ser prémio de consolação para ninguém. Após uma noite infinitamente surpreendente,

passada com Neela num quarto de hotel do outro lado do parque — uma noite cuja maior surpresa era o facto de ter sequer acontecido —, Solanka encontrou, ao regressar a West Seventieth Street, Mila ostensivamente enrolada no belo e estúpido Eddie na sacada da casa ao lado; Eddie, um guarda-costas por natureza, a brilhar de alegria por ter recuperado a guarda do único corpo para o qual não se estava nas tintas. O olhar que Eddie lançou a Solanka por cima do ombro de Mila era impressionantemente eloquente. Dizia: Ó amigo, você deixou de ter acesso privilegiado a esta morada; entre você e esta senhora há agora um cordão de veludo vermelho, *e* a sua acreditação foi anulada, por isso nem pense em vir até aqui, a menos, é claro, que queira que eu lhe lave os dentes utilizando a sua coluna vertebral como escova.

Contudo, na tarde seguinte, ela bateu-lhe à porta. «Leva-me a um sítio fantástico *e* caro. Preciso de me aperaltar e de comer quantidades industriais de comida». Comer era a reacção normal de Mila à infelicidade beber, a resposta à cólera. Triste era provavelmente melhor do que danada, ponderou Solanka desgenerosamente. Mais fácil para ele, pelo menos. Para compensar este pensamento egoísta, ligou para um dos sítios mais badalados do momento, um restaurante-bar novo, decorado com temas cubanos, que ficava em Chelsea e se chamava Gio em honra da Dona Gioconda, uma diva idosa cuja estrela brilhava intensamente naquele Verão de Buena Vista e em cuja voz lânguida, acigarrada, ressuscitava a velha Havana para uma vida reboladora de ancas, bamboleante, sedutora, beijoqueira. Solanka conseguiu uma mesa com tanta facilidade que até comentou esse facto com a mulher que lhe aceitou a reserva. «De momento esta cidade é uma cidade-fantasma», concordou ela, de modo distante. «É tipo Vila Nova dos Fracassados. Cá lo espiero a las nuebe da noche».

«Deixaste-me, e eu estou a morrer», cantava Gioconda no sistema de som do restaurante quando Solanka e Mila entraram, «mas, passados três dias, ressuscitarei. Não te quero no meu funeral, parvalhão, que eu andarei a dançar com alguém melhor que tu. Ressurreição, ressurreição, e, querido, vou assegurar-me de que sabes quando será». Mila traduziu a letra para Solanka. «E perfeito», acrescentou. «Estás a ouvir, Malik? Porque, se eu pudesse pedir um tema, seria este. Como dizem na rádio, a mensagem está nas palavras. «Oh, tu pensaste que podias quebrar-me, e é verdade que estou despedaçada agora, mas, passados três dias, hão-de acordar-me, à distância

ver-me-ás fazer uma vénia. Ressurreição, ressurreição, um destes dias vou arranjar uma vida nova».

No bar, engoliu um mojito de um trago e pediu outro. Solanka percebeu que isto ia ser muito mais difícil do que antecipara. Encontrado o fundo do segundo copo, ela dirigiu-se à mesa, pediu os pratos mais picantes da ementa e começou a desancá-lo.

— És um fulano com sorte — disse-lhe, atirando-se ao guacamole que era oferta da casa —, porque és evidentemente um optimista. Tens de ser, porque te é tão fácil deitar coisas fora. O teu filho, a tua mulher, a mim e o que mais vier. Só um profundo optimista, uma estúpida duma Pollyanna ou dum Pangloss a quem tenha sido diagnosticada morte cerebral, é que deita fora o que tem de mais precioso, de mais raro e lhe satisfaz a necessidade mais profunda que, tu sabes e eu sei, nem sequer és capaz de nomear ou enfrentar sem fechar as persianas e apagar as luzes, sem pôr uma almofada no colo para a esconder, até aparecer alguém suficientemente esperto para saber o que fazer, alguém cuja indizível necessidade acontece encaixar perfeitamente na tua. E agora, agora que chegámos lá, agora que baixaste as defesas, e o fingimento acabou, e nós estamos realmente naquele quarto que nunca nos permitimos acreditar que podia mesmo existir para qualquer um de nós, o quarto invisível do nosso maior medo, mesmo no momento em que descobrimos não ser preciso ter receio dentro daquele quarto, que podemos ter tudo o que quisermos durante o tempo que quisermos *e* que, se calhar, quando tivermos a nossa conta, vamos acordar e reparar que somos pessoas reais, que não somos as marionetas dos nossos desejos, mas apenas esta mulher, este homem, e depois vamos poder deixar-nos de joguinhos, abrir as persianas, apagar as luzes e sair de mão dada para as ruas da cidade... é *nesta* altura que decides engatar uma puta qualquer no parque e, por amor de Deus, vê lá se arranjas uma porra de um quarto. Um optimista é um homem que abre mão de um prazer impossível porque está certo de que o voltará a encontrar ao virar da esquina. Um optimista pensa que a picha tem mais razão do que, oh, esquece. Ia a dizer do que a namorada, referindo-me estupidamente a mim. Já eu, por exemplo, sou uma pesssimista. A minha perspectiva é a de que estas coisas não só não acontecem duas vezes como habitualmente não acontecem sequer uma. Daí que isto, para mim, fosse para valer, o que aconteceu entre nós era mesmo *para valer,* e tu, tu só, raios te partam. Eu podia ter ficado contigo, alguma vez pensaste nisso? Oh, não muito tempo, só uns trinta ou quarenta anos, mais do que tens de vida,

provavelmente. Em vez disso, vou casar-me com Eddie. Conheces o ditado: a caridade começa em casa.

Ofegante, interrompeu-se e dedicou-se ao carnaval de comida que tinha diante de si. Solanka aguardou; o arrazoado não terminara, vinha mais aí. Estava a pensar, Não podes casar com ele, não deves, mas este era um conselho que já não tinha direito de lhe dar.

— Deves estar a convencer-te de que o que fizemos estava errado — afirmou ela. — Eu conheço-te. Estás a utilizar a culpa para te libertares. Daí que agora possas deixar-me, convicto de que é a única coisa moral a fazer. Mas nós não fizemos nada de errado — e aqui os olhos encheram-se-lhe de lágrimas. — Nada de errado mesmo. Limitámo-nos a consolar-nos um ao outro da nossa terrível sensação de perda. Aquilo da boneca foi só uma maneira de chegar lá. O quê, tu pensas mesmo que eu fodi o meu pai, imaginas que dei ao cu no colo dele e lhe meti a unha no mamilo e lhe lambi a pobre e doce garganta? É do que te andas a convencer para te facilitar a saída ou será que foi para facilitar a entrada? Será que isso foi o que te excitou, o seres o fantasma do meu pai? Ó Professor, és tu que estás doente. Vou dizer-to outra vez. Nós não fizemos nada de errado. Foi uma brincadeira. Brincadeiras sérias, brincadeiras perigosas, se calhar, mas só brincadeiras. Julguei que entendesses. Julguei que podias ser essa criatura impossível, um homem sexualmente sábio, que me podia proporcionar um sítio seguro, um sítio onde eu pudesse ser livre e libertar-te também, um sítio onde pudéssemos emancipar-nos de todo o veneno e a cólera e a dor acumulados, deixá-los simplesmente ir *e* ficarmos livres deles, mas parece, Professor, que és apenas mais um tonto. A propósito, hoje estiveste no Howard Stern.

Esta era uma viragem que ele não tinha esperado, uma guinada rápida para fugir ao trânsito emocional que vinha ao seu encontro. Perry Pincus, apercebeu-se, com um peso repentino.

— Com que então sempre conseguiu. Que foi que ela disse?

— Oh — disse Mila, a falar com a boca cheia de um borrego encharcado num molho verde —, um montão de coisas.

Mila tinha uma excelente memória e era frequentemente capaz de repetir conversas inteiras quase palavra por palavra. A Perry Pincus dela, a que se lançava agora com um zelo feroz de uma jovem Bernhardt, de uma Stockard Channing ali à mão de semear, era por isso, Solanka tinha de admitir com o

coração na boca, capaz de ser extremamente fidedigna em todos os seus pormenores.

— Por vezes, as chamadas grandes cabeças masculinas são ilustrações paradigmáticas de um patético atraso mental — dissera Perry a Howard e ao vastíssimo público dele. — Tome-se como exemplo o caso de Malik Solanka, *não* das maiores cabeças, o tipo desistiu da filosofia e meteu-se na televisão, e devo desde já esclarecer que é um dos que eu nunca, percebes. Não o tenho no meu currículo. Qual era o problema dele? *Bem.* Deixa-me dizer-te que o tal Solanka tinha a sala cheia, e há que não esquecer de que estamos a falar de um docente do King's College, de Cambridge, Inglaterra, a transbordar de bonecas, e, quando digo bonecas, estou a referir-me a bonecas no sentido literal. Quando reparei nisso, pus-me logo na alheta. Deus me livre de que ele se enganasse e me confundisse com uma bonequinha e me apertasse a barriga até eu dizer *Ma-mã.* Foi do estilo, desculpe, mas eu nunca gostei de bonecas, nem mesmo quando era pequena, e eu sou rapariga, certo? O quê? Não, não. Com *gays* sinto-me eu bem. Sem dúvida. Sou da California, Howard. Claro. Isto não era nada *gay.* Isto era... xexé. Era (como hei-de dizer?) *bleargh.* Como piada, ainda mando ao tipo peluches pelo Natal. O urso polar da Coca-Cola. Estás a perceber a coisa. Ele nunca acusa a recepção, mas sabes que mais? Ele também nunca mos devolveu. Homens. Quando lhes descobrimos os segredos, é difícil não nos rirmos.

— Interroguei-me se havia de dizer-te ou não — confiou-lhe Mila —, mas depois pensei, que se lixe, quem vai à guerra dá e leva.

Dona Gio ainda estava a cantar, mas a gritaria das Fúrias tinha-lhe momentaneamente abafado a voz. As deusas famintas esvoaçavam-lhes sobre as cabeças, alimentando-se da raiva de ambos. A entrevista da Pincus bramia dentro dele, e a expressão de Mila mudou.

— Psiu — fez ela. — Pronto, peço desculpa, mas podes, por favor, parar com esse barulho? Vamos ser postos na rua, e eu ainda nem comi sobremesa.

Era óbvio que o bramido se lhe tinha escapado para a sala. As pessoas estavam a olhar. O gerente-proprietário, um sósia de Raul Julia, vinha a atravessar a sala direito a eles. Um copo partiu-se na mão de Malik Solanka. Havia um rio sujo, misturado de vinho e sangue. Tornou-se necessário sair. Ligaduras apareceram, a assistência de um médico foi recusada, a conta foi apressadamente apresentada e paga. Lá fora, tinha começado a chover. A fúria de Mila amainou, ultrapassada que fora pela dele.

— A mulher que foi ao Howard, sabes? — disse ela no táxi que acabaram por tomar, rumo à zona alta. — A imagem que ela projectou foi basicamente a de uma ninfo que, agora que está a envelhecer, anda a gabar-se das suas proezas sexuais. Tu já não *és* criança, devias saber como é a vida. Há pontas soltas por todo o lado e, de vez em quando, elas estalam e batem-te na cara. Não lhe ligues. Ela agora não significa nada para ti, se é que alguma vez significou, e com a quantidade de mau *karma* que está a acumular, as probabilidades dela são tudo menos boas. Chega de gritar em público! Jesus. Às vezes, és assustador. Em geral, acho que não farias mal a uma mosca, mas depois, de repente, transformas-te nesta criatura tipo Godzilla, oriunda do lago negro, que parece capaz de arrancar o pescoço a um Tyrannosaurus rex. Tens de controlar essa coisa, Malik. Seja de onde for que vem, precisas de mandá-la embora.

— O islão purificará a sua alma da cólera imunda — interrompeu o taxista — e revelar-lhe-á a ira sagrada que move montanhas. — Depois acrescentou, mudando de línguas, quando um carro se aproximou inaceitavelmente do seu táxi. — Eia lá! Ó americano duma figa! O seu violador homossexual e ateu da cabra de estimação da tua avozinha.

Solanka começou a rir-se, o riso terrível e sem alegria da descarga emocional: soluços duros, dolorosos, aflitivos.

— Olá, outra vez, Amado Ali — tossicou ele. — Fico contente por te ver em tão boa forma.

* * *

Uma semana mais tarde, Mila supreendeu-o ao ligar-lhe para o convidar a visitá-la, «para falarmos de outra coisa». Os seus modos eram amigáveis, profissionais, excitados. Tinha recuperado de um pulo, maravilhou-se Solanka, aceitando o convite. Era a primeira visita dele ao minúsculo apartamento de Mila, que ficava num quarto andar sem elevador, apartamento que se esforçava por ser cem por cento americano, falhando rotundamente nesse propósito: cartazes de Latrell Sprewell e Serena Williams estavam desconfortavelmente afixados de cada um dos lados das estantes, estas ocupavam toda a parede de alto a baixo, gemendo sob volumes de literatura sérvia e da Europa de Leste no original e em traduções francesas e inglesas — Kis, Andric, Pavic, alguns dos klokotrizanos transgressores das convenções e, do período clássico, Obradovic e Vuk

Stefanovic Karadzic; também Klima, Kadaré, Nádas, Konrad, Herbert. Não havia nenhum retrato do pai à vista; Solanka não pôde deixar de reparar na significativa omissão. Uma fotografia monocromática emoldurada de uma jovem mulher num vestido de padrão floral, apertado com um cinto, sorria abertamente para Solanka. A mãe de Mila, que parecia a irmã mais nova de Mila. «Olha como está feliz», disse Mila. «Isto foi no último Verão antes de ela saber que estava doente. Tenho agora a mesmíssima idade que ela tinha quando faleceu, ora aí está um pesadelo a menos com que me ralar. Passei a fasquia. Durante anos e anos, pensei que não ia conseguir». Ela queria pertencer a esta cidade, a este país nesta época, mas tinha os velhos demónios europeus a guincharem-lhe aos ouvidos. Num aspecto, contudo, Mila fazia incontestavelmente parte da sua geração de americanos. A secretária com o computador era o ponto focal do quarto: o Mac PowerBook, o Macintosh mais antigo empurrado para trás, libertando a superfície de trabalho, o *scanner* de textos, o leitor de CDs, o sistema áudio de ligação fácil, o sequenciador de música, a *drive Zip* de apoio, os manuais, as prateleiras de CD-ROMs, DVDs e muitas outras coisas que Solanka era menos capaz de identificar. Mesmo a cama parecia resultar de um pensamento *a posteriori*. Agora era certo e sabido que ele jamais iria conhecer os prazeres que escondia. Ela fizera-o vir até aqui, apercebia-se, para pôr tudo isso atrás das costas. Era mais um exemplo do sistema de sinais invertidos dela. O pai morto era a pessoa mais importante da vida dela; portanto, nada de retratos do pai à mostra. Solanka ia passar a ser nada mais que o professor do prédio ao lado; *ergo*, convida-o para o teu quarto para tomar um cafezinho.

Era óbvio que tinha preparado um discurso e estava num estado de alerta máximo, fervilhando por começar. Depois de lhe ser dada uma caneca de café, foi-lhe oferecido o claramente planeado ramo de oliveira. «Porque sou um ser humano superior», disse Mila, com um vestígio do antigo humor, «porque consigo elevar-me acima da tragédia pessoal e funcionar num plano mais alto e também porque acho mesmo que és óptimo naquilo que fazes, falei com a malta acerca do teu novo projecto. As figuras espectaculares de ficção científica que tens vindo a criar: o especialista louco em cibernética, a ideia do planeta a afundar-se, os humanóides contra os lotófagos dos confins do mundo, a luta até à morte entre a falsificação e o real. Gostaríamos de nos encontrar contigo para falar da possibilidade de construir um *site*. Nós podemos fazer uma apresentação do que fazemos, e tu

ficas com uma ideia do que é possível. Para perceberes melhor, vou dizer-te só isto: eles descobriram uma maneira de comprimir material em vídeo que te dá *on-line* uma qualidade próxima da do DVD e que, daqui a uma geração, estará, pelo menos, à altura deste. Já é mais avançada que qualquer outra coisa que arranjes noutro lado. Não é possível abarcar a velocidade a que estas coisas agora evoluem, cada ano é a Idade da Pedra do ano que se lhe segue. Só o potencial criativo, aquilo que se pode fazer agora com uma ideia! Os melhores *sites* são inexauríveis, as pessoas não se cansam de lá voltar, é como lhes estivesses a disponibilizar um mundo a que podem pertencer. É claro que tens de acertar os mecanismos de vendas e distribuição, tem de ser fácil comprar o que tens para oferecer, e também nessa matéria criámos oportunidades bestiais. Mas a questão é torná-lo fácil para ti. Tu já tens a ante-história e as personagens. Que nós adoramos. Depois para controlares a coisa, terás de elaborar um manual, parâmetros de evolução das personagens, regras do tratamento, leis para o universo que imaginaste. Dentro desse enquadramento, há imensos miúdos brilhantes que adorariam criar toda a espécie de, nem sei dizer do quê, estão todos os dias a inventar um meio totalmente novo. Se resultar, é claro, que os velhos meios de comunicação virão a correr, livros, discos, TV, filmes, musicais, sei lá. Adoro estes tipos. São tão ávidos que podem pegar numa ideia e levá-la a, sei lá, uma quinta dimensão ou assim, e a ti basta-te deixar que realizem o que pensaste, és o monarca absoluto, não acontece nada que tu não queiras; só tens de ficar sentadinho e ir dizendo sim, não, sim, sim, não... parem, parem.

Ela ia fazendo gestos ora tranquilizantes, ora insistentes com as mãos.

— Ouve-me até ao fim. Por amor de Deus, ouve-me até ao fim, é o mínimo que podes fazer por mim, Malik, eu sei como andavas (andas) infeliz com toda aquela saga da Craniozinho. Estás a falar comigo, lembras-te? Malik, *eu sei disso*. É o que estou pr'àqui a tentar dizer-te. Desta vez, não perdes o controle. Desta vez, tens um veículo melhor do que os que *existiam* quando criaste a Craniozinho e és tu que o diriges, completamente. Tens aqui a tua hipótese de corrigir o que antes correu mal, e, se resultar, há que chamar os bois pelos nomes, a questão financeira será muito, muito forte. Todos nós pensamos que isto pode ser uma bomba, se for feito como deve ser. Já agora, quanto à Craniozinho, eu não concordo cem por cento com a tua posição, porque a acho fantástica, como tu sabes, e as coisas estão a mudar, todo o conceito de propriedade no que diz respeito às ideias é agora

tão diferente, é muito mais cooperativo. Tens de ser um poquinho mais flexível, só um bocadinho mais, 'tá bem? Deixa que, de vez em quando, outras pessoas entrem no teu círculo mágico. Tu continuas a ser o mágico, mas deixa os outros brincar um bocadinho com as varinhas mágicas. A Craniozinho? Deixa-a voar, Malik, deixa-a ser o que é. Ela já é crescidinha. Deixa-a ir. Podes continuar a amá-la. Ela ainda é tua filha.

Ela tinha-se levantado, os dedos voavam-lhe pelo computador portátil fora, solicitando a ajuda dele. A transpiração perlava-lhe o lábio. É o sétimo véu que cai, pensou Solanka. Embora estivesse completamente vestida na roupa desportiva que usava durante o dia, Mila estava, por fim, nua diante dele. *Furia*. Este era o ser que ela nunca mostrara totalmente, Mila como Fúria, a engole-mundo, o ser como pura energia transformadora. Nesta encarnação, era simultaneamente aterradora e maravilhosa. Ele nunca conseguira resistir a uma mulher que corria para ele assim, deixando que a abundância fluvial dela o encantasse. Era isto que procurava nas mulheres: ser dominado, ser derrotado. Esta inexorabilidade gangética, mississipiana, cuja diminuição, sabia-o tristemente, era o que tinha corrido mal no casamento dele. O encantamento não dura sempre. Independentemente de quão espantoso é o contacto inicial, no fim o ser amado espanta-nos menos. Passa meramente a cantar e, mais além no caminho, desencanta. Porém, desistir da sua necessidade de excesso, da coisa imensa, da coisa que o fazia sentir-se como um surfista na neve, cavalgando na crista de uma avalancha! Dizer adeus àquela necessidade seria aceitar que estava, em questões de desejo, de acordo em estar morto. E, quando os vivos chegam a acordo dentro de si mesmos em estarem mortos, então começa a fúria tenebrosa. A fúria tenebrosa da vida, recusando-se a morrer antes do tempo destinado.

Estendeu os braços para Mila. Ela afastou-lhos com um repelão. Ela tinha os olhos a brilhar: já tinha recuperado dele e ressuscitara como rainha.

— Isto é o que nós podemos agora ser um para o outro, Malik. É pegar ou largar. Se disseres não, nunca mais quero falar contigo. Mas, se embarcares nesta, daremos o couro por ti e não haverá ressentimentos da minha parte. Este novo mundo é a minha vida, Malik, é a coisa do meu tempo, que está a crescer enquanto cresço, a aprender enquanto aprendo, tornando-se enquanto me torno. É onde me sinto mais viva. Ali, dentro da electricidade. Eu já te tinha dito: precisas de aprender a brincar. Brincar a sério é o que me interessa. É o busílis do que está a acontecer, *e eu* sei como fazê-lo e, se tu me deres o material de que preciso para trabalhar, bem, querido, isso para

mim é melhor do que aquilo de que eu estava à espera debaixo da almofada no teu colo. Não me interpretes mal, não digo que isso não fosse bom. Não que isso não fosse indubitavelmente bom. Pronto, acabei. Não respondas. Vai para casa. Pensa nisto. Deixa-nos fazer uma apresentação completa. É uma grande decisão. Leva o tempo que quiseres. Toma-a quando estiveres preparado. Mas não demores muito.

O ecrã do computador rebentou numa explosão de vida. As imagens corriam para ele como comerciantes de bazar. Eis a tecnologia como prostituta a oferecer o que tinha para vender, pensou Solanka; ou, como se numa *boite* escura, a rodopiar insinuante para ele. O portátil como bailarina versátil. O sistema áudio secundário fazia cair sobre ele um ruído de alta definição, qual chuva doirada.

— Não preciso de pensar — disse-lhe. — Vamos a isto. Mãos à obra.

20 « Os Nove Biliões de Nomes de Deus» . *[N. T]*

14

Eleanor ligou, e a fasquia emocional de Solanka subiu mais um ponto.

—Tu sabes como gerar amor, Malik — disse-lhe a mulher. — Só não sabes é o que fazer com ele, uma vez conquistado. — Porém, ainda nada de cólera naquela voz melíflua. — Dei comigo a pensar como era maravilhoso ser amada por ti. Andava com saudades tuas, imagino eu, por isso ainda bem que te encontrei em casa. Vejo-nos aonde quer que vá, não é estúpido, vejo-nos a divertir-nos tantas vezes. O teu filho é tão especial. Toda a gente que o vê acha isso. Morgen pensa que ele é a melhor coisa que há, e tu sabes o que Morgen pensa de miúdos. Mas tem uma adoração por Asmaan. Toda a gente tem. E, sabes, ele está sempre a perguntar, «Que diria o Papá? Que pensaria o Papá?» Estás sempre na cabeça dele. E na minha. Por isso, só queria dizer que nós os dois te mandamos carradas de amor.

Asmaan veio ao telefone.

— Quero falar com o papá. Olá, Papá. Tenho o nariz entupido. É por isso que estava a chorar. É por isso que Olive não está cá.

É por isso era porque. *Porque Olive não está cá.* Olive era a pessoa que ajudava a mãe, por quem Asmaan tinha uma paixão assolapada.

— Fiz um desenho pa ti, Papá. É pa a Mamã e pa ti. Vou-te mostrar. Tem encanado, amaelo e banco. Fiz um desenho pò Avô. O avô morreu. É por isso que esteve doente muito tempo. A avó ainda não morreu. Ela está boa. Se calhar morre amanhã. Vou ser um menino bem compotado, Papá. É por isso que qualquer dia vou pa uma boa ‘cola. Não é já amanhã! Não. Nouto dia. É uma queche. Não é muito gande. É por isso eu tenho de ser mais gande para a ‘cola gande. Não vou hoje! Hum. Tens uma pa-renda, Papá? Se calhar tem um gande efelante lá dento. Talvez é um gande efelante. Bem: adeus!

Despertou de madrugada, sozinho na cama, acordado por uma angústia no soalho do andar de cima. Não havia dúvidas de que alguém era madrugador lá em cima. Todos os sentidos de Solanka pareciam estar em alerta máximo. A audição tinha-se-lhe tornado tão apurada que conseguia ouvir os bipes do atendedor de chamadas lá de cima, a água do regador da vizinha a cair nas floreiras da janela e nos vasos das plantas de interior. Uma mosca pousou-lhe no pé destapado, e ele saltou literalmente da cama como se tocado por um fantasma e ficou no meio do quarto, nu, tolo, cheio de medo. Dormir era

impossível. A rua já estava barulhenta. Tomou um longo duche quente e chamou-se à pedra. Mila tinha razão. Tinha de pôr freio a esta coisa. Um médico, tinha de ir ao médico que lhe receitasse a medicação adequada. Que lhe chamara Rhinehart na brincadeira? Um ataque de coração ambulante. Bem, apague-se *coração*. Tornara-se um ataque ambulante. O seu mau génio podia no passado ter sido cómico, mas agora não tinha piada nenhuma. Se ele ainda não fizera nada, isso não queria dizer que não o pudesse fazer a qualquer momento; se a fúria não o tinha já conduzido ao território da irreversibilidade, não tardaria a fazê-lo, ele sabia que não. Ele próprio tinha medo de si, e muito em breve teria afugentado de susto toda a gente em seu redor. Não haveria necessidade de ele se pôr à margem do mundo; este é que fugiria dele a sete pés. Tornar-se-ia a pessoa que levaria as outras a mudar de passeio, de modo a evitá-lo. E se Neela o encolerizasse? E se, num momento de paixão, ela lhe tocasse no alto da cabeça?

Agora, no dealbar do terceiro milénio, havia medicação disponível para lidar com a erupção, no ser adulto, do ultrajante e do indistinto. Outrora, se tivesse bramido como um feiticeiro num espaço público, teria com certeza sido queimado como demónio ou sido carregado de pedras para ver se flutuava no East River, como uma bruxa. Outrora, no mínimo dos mínimos, teria sido com certeza colocado no pelourinho e bombardeado com fruta podre. Agora tudo o que se exigia era que pagasse rapidamente a conta e saísse. Além de que qualquer americano que se prezasse conhecia os nomes, pelo menos, de meia dúzia de medicamentos eficazes na gestão de humores. Esta era uma nação em que a recitação diária das marcas de produtos farmacêuticos — Prozac, Halcion, Seroquil, Numcrânio, Lobotomina — funcionava como um enigma zen ou a asserção de uma espécie de patriotismo amalucado: *Juro fidelidade à droga americana*. Por isso, o que lhe estava a acontecer era eminentemente preventível. Portanto, diria a maioria das pessoas, era dever dele preveni-lo, de modo que pudesse deixar de ter medo de si próprio, deixar de ser um perigo para os outros, começasse a voltar a andar em direcção à sua vida. Em direcção a Asmaan, a Criança de Oiro. Asmaan o céu, que precisava do afecto protector do pai.

Pois sim, mas a medicação era uma névoa. Era um nevoeiro que se engolia e se nos encaracolava à volta da mente. A medicação era uma prateleira, e tínhamos de nos sentar nela enquanto o mundo continuava à nossa volta. Era um cortinado de banho translúcido, como o do *Psycho*. As coisas ficavam opacas; não, não, não era isso. O que se tornava opaco

éramos nós. O desprezo de Solanka pelos médicos desta época voltou a surgir. Quer ser mais alto? Bastava ir a um médico das alturas, e deixá-lo pôr-lhe extensões metálicas nos seus ossos longos. Para quem queria ser mais magro, havia o médico das magrezas, o médico da boniteza para quem queria ser mais bonito, e por aí adiante. Será que não havia mais nada para além disto? Era só isto? Será que éramos agora apenas carros, carros que podiam levar-se a si próprios ao mecânico e ser transformados da maneira que desejassem? À medida do cliente, com assentos a imitar pele de leopardo e som envolvente? Tudo nele se eriçava contra a mecanização do humano. Não seria exactamente a isto que o mundo imaginado que ele estava a criar se vinha opor? Que podia dizer-lhe um médico da cabeça sobre si próprio que ele já não soubesse? Os médicos não sabiam coisa nenhuma. Só queriam era gerir-nos, domesticar-nos à maneira de cãezinhos ou pôr-nos um caparão como aos falcões. Os médicos queriam-nos de joelhos e queriam quebrar-no-los, e, depois de começarmos a usar aquelas muletas químicas que nos tinham dado, nunca mais voltaríamos a andar por nosso pé.

A toda a volta dele, o ser americano estava a reconceber-se em termos mecânicos, mas o descontrolo era evidente um pouco por toda a parte . Este ser estava constantemente a falar de si, mal tocando qualquer outro tópico. Uma indústria de controladores — médicos-feiticeiros cujo papel era aumentar e «preencher as lacunas» do trabalho dos médicos já de si afeiticeirados — surgira para lidar com os problemas de actuação do ser. A redefinição era o *modus operandi* básico da indústria. A infelicidade era redefinida como impreparação física, o desespero como uma questão de bom alinhamento espinal. A felicidade era uma melhor alimentação, uma mais sábia ordenação da mobília, uma mais profunda técnica de respiração. Felicidade era desgenerosidade. Dizia-se ao ser sem leme que fosse o seu próprio mecanismo de direcção, instruía-se o ser desenraizado no sentido de se enraizar em si próprio sem, obviamente, deixar de pagar os serviços dos novos guias, os cartógrafos dos estados alterados da América. É claro que as antigas indústrias de controle ainda estavam disponíveis, ainda a tratar dos seus próprios casos, mais familiares. O candidato a vice-presidente do Partido Democrático culpava os filmes pelo mal-estar da nação e louvava, por contraste, Deus. Deus tem de estar mais perto do centro da vida do nosso país. (Mais perto?, pensou Solanka. Para que o Todo-Poderoso chegasse mais perto da presidência, só indo viver para o fundo da Pennsylvania Avenue e deitando Ele próprio mãos à porcaria da obra.) George Washington

fora exumado para se tornar um soldado de Jesus. Não há moralidade sem religião, ribombava George, de pé, pálido e terroso, na campa, mais a sua machadinha. E, no país de Washington, mais de noventa por cento da massa de cidadãos, supostamente pouco piedosa, dizia, quando isso lhe era perguntado, que votaria num judeu ou num homossexual, embora só quarenta e nove por cento dos mesmos cidadãos votasse num ateu. O Senhor seja louvado!

Apesar de toda a tagarelice, de todos os diagnósticos, de toda a nova consciência, as mais poderosas comunicações feitas por este novo e muito eloquente ser nacional eram ineloquentes. Pois o verdadeiro problema eram os danos não da máquina mas do coração desejoso, e a linguagem do coração estava a perder-se. A questão era um excesso destes danos do coração, não a tonificação dos músculos, não a comida, nem o *feng shui* nem o *karma*, nem a impiedade nem Deus. Era esta a Dança dos Nervos que deixava as pessoas ensandecidas: excesso não de bens de consumo mas de esperanças desfeitas e frustradas. Aqui, na América do *Boom*, da manifestação real das fabulosas esferas de oiro de Keats, aqui no pote cheio de dobrões ao fundo do arco-íris, as expectativas humanas nunca tinham atingido níveis tão altos na história humana, e o mesmo acontecia, é claro, com as decepções humanas. Quando incendiários começavam fogos que punham o Oeste a arder, quando um homem pegava numa espingarda e desatava a matar desconhecidos, quando uma criança pegava numa espingarda e desatava a matar amigos, quando pedaços de betão esmagavam os crânios de jovens ricas, esta decepção, para a qual a palavra «decepção» era demasiado fraca, era o motor que dirigia a expressividade-de-língua-presa dos assassinos. Este era o único tema: o esmagar de sonhos numa terra em que o direito a sonhar era a pedra angular da ideologia nacional, a anulação estilhaçante das possibilidades pessoais numa altura em que o futuro estava a abrir-se, revelando paisagens de tesouros inimagináveis, reluzentes, com que nunca nenhum homem ou mulher tinha sonhado antes. Nas chamas atormentadas e nas balas angustiadas, Malik Solanka ouvia uma pergunta crucial, ignorada, irrespondida, talvez irrespondível — a mesma pergunta, tão sonora e estilhaçante de vida como um grito de Munch, que ele tinha acabado de fazer a si próprio: será que não há mais nada para além disto? O quê, é só *isto? Isto é tudo?* As pessoas andavam a acordar como Krysztof Waterford-Wajda e a aperceber-se de que as suas vidas não lhes pertenciam. Os seus *corpos* não lhes pertenciam, e os corpos dos outros

também não pertenciam a ninguém. Já não viam razões para não premir o gatilho.

Aqueles que os deuses querem destruir primeiro ensandecem-nos. As Fúrias pairavam sobre Malik Solanka, sobre Nova Iorque e a América, e guinchavam. Nas ruas lá em baixo, o trânsito, humano e inumano, devolvia os gritos num assentimento enraivecido.

De duche tomado, um pouquinho mais equilibrado, Solanka lembrou-se de que ainda não tinha ligado a Jack. Deu conta de que não lhe apetecia telefonar-lhe. O Jack desvelado por Neela tinha-o decepcionado e enervado, o que, por si só, não devia ter feito diferença. Certamente que o Jack já se devia ter sentido decepcionado muitas vezes com ele, até repelido pelas famosas «solankarices» do seu génio. Os amigos existiam para superar tais obstáculos; no entanto, Solanka não pegou no telefone. Com que então também era um mau amigo; mais uma para pôr na sua conta cada vez mais extensa. Agora havia Neela entre eles. Esse é que era o busílis. Não interessava que ela tivesse rompido a relação com Jack antes de alguma coisa ter começado entre ela e Solanka. O que importava era como Jack veria a coisa, e ele vê-la-ia como uma traição. E, se ele quisesse ser honesto consigo próprio, admitiu Solanka silenciosamente, também ele a via como cilada.

Acrescia que Neela era agora igualmente um obstáculo entre ele e Eleanor. Ele abandonara o lar por uma razão óbvia e uma subjacente: o facto horrorizante da faca na escuridão e, por baixo da superfície do casamento, a erosão do que outrora encantara. Era difícil abrir mão do desejo furioso e recém-atiçado a favor de uma velha chama mais tranquila, mais doce. «Tem de haver mais alguém», dissera Eleanor; e agora havia, havia. Neela Mahendra, a última grande aposta emocional da sua vida. Para além dela, se a perdesse, como era provável que sim, via um deserto, com dunas brancas e lentas a ondular até a uma sepultura arenosa. Os perigos da empresa, acentuados pelas diferenças de idade e antecedentes, pelas marcas nele próprio e a excentricidade dela, eram consideráveis. Como decide uma mulher, por quem todos os homens anseiam, que um chega? Quase ao fim da primeira noite que tinham passado juntos, ela dissera, «Eu não andava à procura disto. Não estou certa de estar pronta para isto». Queria ela dizer que tinha começado com um sentimento tão profundo tão rápido que a assustava. «O risco é capaz de ser muito grande». Ele torcera a boca, um

tudo-nada carracundo de mais. «Interrogo-me qual de nós», perguntara ele, «estará a correr o maior risco emocional». Essa não era uma questão que a confundisse. «Oh, és tu», disse.

Wislawa regressou ao trabalho. O falinhas-mansas do Simon Jay tinha ligado a Solanka da quinta, para lhe dizer que ele e a mulher tinham acalmado a colérica mulher-a-dias, mas que um telefonema contrito de Solanka não cairia mal. Polido como era, Mr. Jay não deixou de lhe chamar a atenção para o facto de o aluguer exigir que o apartamento fosse conservado adequadamente limpo. Solanka rangeu os dentes e fez a ligação. «Está bem, eu vou, por que não», concordara Wislawa. «Tem sorte porque eu sou grande de coração». O trabalho dela deixava ainda mais a desejar do que antes, mas Solanka não dizia nada. Havia um equilíbrio de poder no apartamento. Wislawa entrava como uma rainha — qual Deusa da Vitória que tivesse cortado os fios — e, passadas algumas horas a vaguear pelo duplex como um monarca numa marcha majestática, abanando o pano do pó como um lenço real, partia com uma expressão desdenhosa na cara ossuda. Aqueles que antes eram os servos são agora os senhores, pensou Solanka. Em Nova Iorque como em Galileu-1.

O mundo que imaginava absorvia-o cada vez mais. Desenhava furiosamente, modelava em barro, talhava madeiras moles; sobretudo, e furiosamente, escrevia. A rapaziada de Mila Milo começara a tratá-lo com uma espécie de reverência surpreendida: quem havia de ter pensado, pareciam dizer os modos deles, que um jarreta como Solanka seria capaz de se sair com coisas tão espectaculares como estas? Até o lento, o ressabiado, Eddie tinha acompanhado a nova postura. Solanka, desprezado pela própria mulher-a-dias, ficava muito enternecido com o respeito dos jovens rapazes, e a determinação em provar estar à altura desse sentimento foi crescendo. Embora Neela lhe ocupasse as noites, trabalhava horas sem conta durante o dia. Três ou quatro horas de sono eram mais do que suficientes. O sangue parecia pulsar-lhe com mais força nas veias. Era isto, pensou, maravilhando-se com a sua imerecida boa sorte, renovação. A vida tinha-lhe inesperadamente dado uma mão fortíssima, e ele havia de gozá-la ao máximo. Estava na altura de um acesso longo e concentrado, talvez até curativo, daquilo a que Mila chamava brincadeira a sério.

A ante-história dos acontecimentos em Galileu-1 tinha ganho uma vida própria, muito proliferante. Nunca antes tinha Solanka precisado — querido

— entrar em tanto pormenor. A ficção tinha-o na mão, e mesmo as estatuetas começaram a parecer-lhe secundárias: não fins em si mas meios. Ele, que tinha olhado a vinda do admirável mundo novo da electrónica com tanta desconfiança, apaixonara-se pelas possibilidades oferecidas pelas novas tecnologias, mais a sua preferência formal por saltos laterais e relativo desinteresse pela progressão linear, uma inclinação que já desenvolvera nos utilizadores um interesse muito maior pela variação do que pela cronologia. Esta libertação do relógio, da tirania do que acontecia a seguir, era inebriante, permitindo-lhe desenvolver ideias em paralelo sem se preocupar com a sequência ou a causalidade de degrau a degrau. Os *links* eram o agora electrónico e não narrativo. Tudo existia de uma vez. Isto era, apercebia-se Solanka, um espelho exacto da experiência divina do tempo. Até ao advento dos *hyperlinks*, só Deus fora capaz de olhar simultaneamente para o passado, o presente e o futuro, sem distinção; os seres humanos eram prisioneiros do calendário dos seus dias. Agora, contudo, uma tal omnisciência estava à mão de todos, bastava para isso um mero clique de rato.

No *website*, quando este surgiu, os visitantes podiam vaguear à vontade entre os diversos tratamentos e temas do projecto: a procura de Akasz Kronos por Zameen de Rijk, Zameen *versus* a Deusa da Vitória, o Conto dos Dois Bonecreiros, Mogol o Baberiano, Revolta dos Bonecos de Carne e Osso I: a Queda de Kronos, Revolta dos Bonecos de Carne e Osso II (Desta Vez É Guerra, a Humanização das Máquinas *versus* a Mecanização dos Humanos, a Batalha dos Duplos, Mogol Captura Kronos (ou Será o Bonecreiro?), a Retractação do Bonecreiro (ou Seria de Kronos?) e o grande final, Revolta dos Bonecos de Carne e Osso III: a Queda do Império do Mogol. Por sua vez, todos eles individualmente remeteriam para outras páginas, mergulhando com uma profundidade cada vez maior no mundo multidimensional dos Reis-marionetas, pondo à disposição jogos, segmentos de vídeo, grupos de conversa e, naturalmente, coisas que se podiam comprar.

O Professor Solanka ficava inebriado horas a fio com os molhos de dilemas éticos dos Reis-marionetas; ficava, a um tempo, fascinado e revoltado pela personalidade emergente de Mogol, o Baberiano, que viera a revelar-se um poeta competente, um astrónomo especializado, um cultivador apaixonado de jardins, mas também um soldado sedento de sangue, da estirpe de Coriolano, e o mais cruel dos príncipes; e estava delirantemente arrebatado com as possibilidades (intelectuais, simbólicas, confrontacionais,

mistificatórias, até sexuais) de jogos de sombra que os dois conjuntos de duplos lhe permitiam, os encontros entre «real» e «real», «real» e «duplo», «duplo» e «duplo», que demonstravam, de modo feliz, a dissolução das fronteiras entre categorias. Deu por si a habitar um mundo que preferia de longe àquele que existia fora da sua janela, e foi assim que chegou ao entendimento daquilo que Mila quisera dizer quando declarara ser era aqui que se sentia mais viva. Aqui, dentro da electricidade, Malik Solanka emergia da meia vida que era o seu exílio em Manhattan, viajava diariamente para Galileu-1 e começava, mais uma vez, a viver.

Desde as observações censuradas da Craniozinho sobre Galileu Galilei que as questões do saber e do poder, da rendição e provocação, dos fins e meios tinham atormentado Solanka. Os «momentos-Galileu», aquelas ocasiões dramáticas em que a vida perguntava aos vivos se queriam manter-se perigosamente leais à verdade ou prudentemente retractar-se, pareciam-lhe residir cada vez mais perto do coração do que era ser humano. *Ó pá, só por cima do meu cadáver é que deixava fazerem-me isso. Eu cá tinha começado logo uma porra de uma revolução.* Quando o possuidor da verdade era fraco e o defensor da mentira era forte, seria melhor torcer diante de uma força maior? Ou, opondo-nos firmemente a ela, poderíamos descobrir uma força mais profunda em nós próprios e enfraquecer o déspota? Quando os soldados da verdade lançavam ao mar milhares de barcos e queimavam as torres sem topo da mentira, deveriam ser vistos como libertadores ou ter-se-iam eles, ao usar as armas do inimigo contra ele, tornado os bárbaros (ou até Baberianos) que desprezavam e a cujas casas tinham pegado fogo? Quais eram os limites da tolerância? Até onde podíamos ir, na busca do bem, antes de pisarmos a linha, chegados aos antípodas de nós próprios, e de nos tornarmos o mal?

Solanka, perto do clímax da ante-história de Galileu-1, incrustou um desses momentos definidores. Akasz Kronos, um fugitivo das próprias criações, fora numa idade provecta capturado pelos soldados do Mogol e levado em grilhões para o tribunal baberiano. Nesta altura, já os Reis-marionetas e os Baberianos estavam em guerra há uma longuíssima geração, presos num impasse tão debilitante como a Guerra de Tróia, e o vetusto Kronos, enquanto criador dos humanóides, estava a ser acusado de todos os feitos deles. A explicação que deu da chegada das suas criações à autonomia foi rejeitada pelo Mogol com um grunhido de descrença. Seguiu-se-lhe, nas páginas que Solanka escreveu, uma longa disputa entre os dois homens

acerca da natureza da própria vida — a vida criada por um acto biológico e a vida que ganhava existência na imaginação e nas aptidões dos vivos. Era a vida «natural» ou poderia dizer-se do «desnatural» que estava vivo? Era o mundo imaginado necessariamente inferior ao orgânico? Kronos ainda era um génio criativo, apesar da sua destituição e do longo período de vida secreta e indigente, e defendeu orgulhosamente os seus humanóides: qualquer que fosse a definição de existência sensível, eles tinham evoluído e eram agora formas plenas de vida. Tal como o *Homo faber,* faziam uso de utensílios; tal como o *Homo sapiens,* raciocionavam e envolviam-se em debates morais. Eram capazes de cuidar dos doentes e reproduzir a sua espécie e, ao terem-se livrado dele, o seu criador, tinham-se libertado. O Mogol rejeitava estes argumentos peremptoriamente. Uma máquina de lavar loiça avariada não se tornava um lavador de pratos, defendia. Pela mesma ordem de ideias, uma marioneta, ainda que pulha, não deixava de ser um boneco, um robô renegado não deixava de ser um robô. Este não era o rumo que as discussões deles deviam tomar. Antes, era obrigação de Kronos retractar as suas teorias e depois fornecer às autoridades baberianas a informação tecnológica necessária para controlar as máquinas ré-mês. Caso ele se recusasse a isto, acrescentou o Mogol, mudando o tom à conversa, seria, é claro, torturado e, se necessário, desmembrado.

A «retractação de Kronos», a sua declaração de que as máquinas não tinham alma enquanto o homem era imortal, foi saudada pelo profundamente religioso povo baberiano como uma vitória poderosa. Armado com a informação fornecida pelo cientista abatido, o exército baberiano criou novas armas que paralisavam os neurossistemas dos humanóides e os deixavam inoperacionais. (O termo «matado» era proibido; o que não estava vivo não podia estar morto.) As forças ré-mês fugiram em desordem, e parecia assegurada uma vitória dos Baberianos. O próprio humanóide Bonecreiro contava-se entre os caídos. Demasiado egotista — demasiado «consistente» — para ter criado uma réplica alguma de si próprio, o Bonecreiro continuava a ser único; foi assim que a personagem foi apagada com o seu extermínio. A única pessoa que podia tê-lo recriado era Akasz Kronos, cujo destino permanecia obscuro. Talvez o Mogol o tivesse matado, mesmo após a rendição abjecta daquele; ou talvez o tivesse cegado como a Tirésias e lhe tivesse permitido, à laia de uma humilhação ainda maior, vaguear pelo mundo, mendigando de tijela na mão, com a consciência de ser «terrível o saber quando não traz vantagem possuí-lo», chegando-lhe, de

todos os lados, narrações do colapso dos seus grandes empreendimentos, da redução dos grandes Reis-marionetas kronosianos — os humanóides sensíveis de. Rijk, as primeiras máquinas que alguma vez tinham transposto a fronteira entre as entidades mecânicas e os seres vivos — a grandes pilhas de sucata inútil. E, embora ninguém acreditasse agora na verdade que ele próprio tinha negado, ele não tinha escolha senão aceitar a realidade da catástrofe que a sua própria cobardia, a sua falta de determinação moral, provocara.

Na hora, contudo, a maré mudou. Os Reis-marionetas reagruparam-se sob uma nova liderança dual. Zameen de Rijk e a sua equivalente humanóide, a Deusa da Vitória, uniram forças, quais Ranis de Jhansi gémeas a amotinar-se contra a opressão imperialista, ou como a Craniozinho, numa nova encarnação, toda ela sarilhos e cadilhos, a liderar a prometida revolução. Utilizaram o brilhantismo científico de uma e outra para produzir escudos electrónicos que protegessem os RM das novas armas baberianas. Depois, com Zameen e a Deusa à cabeça, o exército rê-mê deu início a uma grande ofensiva e investiu contra a citadela do Mogol. Assim começou o Cerco de Baberia, que não acabaria até passarem uma ou mais gerações...

No mundo da imaginação, no cosmos criativo que começara com a simples elaboração de bonecas e depois proliferara para esta besta multimédia, de muitos braços, não era necessário responder a perguntas; muito melhor era encontrar maneiras interessantes de as reformular. Nem era necessário terminar a história — mais, era vital para as perspectivas do projecto a longo prazo que a história fosse capaz de um prolongamento quase indefinido, com novas aventuras *e* temas a serem-lhe enxertados a intervalos regulares *e* com personagens novas que se venderiam depois em formato de boneca, brinquedo ou robô. A ante-história era um esqueleto a que periodicamente cresciam novos ossos, a estrutura de uma besta ficcional capaz de metamorfoses constantes, que se alimentava de todos os pedacinhos que encontrava: a história pessoal do seu criador, pedacinhos de má-língua, saber profundo, notícias do dia, cultura erudita e cultura popular e a dieta mais nutritiva de todas — a saber, o passado. A pilhagem do armazém mundial de velhas histórias e Histórias antigas era inteiramente legítima. Poucos eram os utilizadores da *web* que estavam familiarizados com os mitos, ou mesmo com os factos, do passado; bastava dar aos velhos materiais um toque fresco, contemporâneo. A transmutação era o que estava a dar. O *website* dos Reis-marionetas ficou disponível *on-line* e, de

imediato, não só alcançou como conseguiu suster um elevado nível de «êxitos». Os comentários chegavam em catadupa, e o rio da imaginação de Solanka alimentava-se de milhares de correntes. Começou a engrossar e a crescer.

Porque o trabalho nunca assentava, nunca deixava de ser um projecto em construção mas permanecia numa condição de perpétua revolução, era inevitável um certo grau de desarrumação. Os historiais das personagens e dos lugares, os seus nomes até, mudavam por vezes à medida que a visão de Solanka acerca do seu universo fictivo se clarificava e acentuava. Certas possibilidades dos tratamentos vinham a revelar-se mais fortes do que ele a princípio se apercebera e eram grandemente ampliadas. A vertente Zameen/Deusa da Vitória era, entre estas, a mais importante. Na sua concepção inicial, Zameen fora simplesmente uma beldade e não uma cientista. Mais tarde, contudo, quando Solanka — estimulado, tinha de admitir, por Mila Milo — compreendera como Zameen podia ser importante na fase climática da história, voltou atrás e acrescentou muito material à sua vida passada, fazendo dela uma congénere científica de Kronos bem como um ser sexual e moralmente superior a este. Outros caminhos revelavam-se becos sem saída e eram postos de lado. Por exemplo, num esboço inicial da ante-história, Solanka imaginara que a figura «galileiana» capturada pelo Mogol seria o humanóide Bonecreiro e não o sumido Akasz Kronos. Nesta variante, a negação pelo Bonecreiro do seu direito a ser designado «forma de vida», a confissão da sua própria inferioridade, tornava-se um crime contra si próprio e a sua raça. Mais tarde, o Bonecreiro conseguia escapar aos seus carcereiros baberianos e, quando a máquina de propaganda do Mogol começara a espalhar as novas da sua «retractação», com o objectivo de lhe minar a liderança, os humanóides tinham negado encaloradamente tais acusações, anunciando que não fora ele o prisioneiro em questão, mas que, de facto, fora o seu avatar humano, Akasz Kronos, fora o verdadeiro traidor da verdade. Ainda que tivesse posto de lado esta versão, Solanka continuara a ter um fraquinho por ela, perguntando-se frequentemente se não teria errado ao excluí-la. Depois, beneficiando do culto da diversidade que caracterizava a *web*, acabou por acrescentar a história amputada ao *site*, como uma versão alternativa dos factos.

Também as designações Baberia e Mogol tinham sido acrescentos tardios. Mogol, é claro, vinha de «Mughal», e Baber fora o primeiro dos imperadores mogóis. Porém, o Baber em que Malik Solanka tinha andado a

pensar não era um velho rei morto. Era o proclamado líder do abortado desfile-manifestação dos indo-lilianos em Nova Iorque, com quem, na opinião de Solanka, Neela Mahendra perdera já demasiado tempo. O desfile tinha começado por ser uma coisa pobrezinha e acabara em escaramuça. Na esquina noroeste de Washington Square, sob o escrutínio vagamente interessado de um sortido de vendedores de bebidas frescas, escroques mais os seus truques de magia, acrobatas em monociclos e amigos do alheio, tinham-se juntado uma centena ou assim de homens e um punhado de mulheres de origem indo-liliputiana, o seu número aumentado por amigos, amantes, esposos americanos, membros dos habituais grupelhos de esquerda, «células de solidariedade» simbólicas de outras comunidades da diáspora indiana em Brooklyn e em Queens e os inevitáveis curiosos das manifestações. Mais de um milhar na totalidade, afirmavam os organizadores; cerca de duas centenas e meia, dizia a polícia. A manifestação paralela dos elbeses «indígenas» tinha sido ainda menos frequentada e tinha-se dispersado envergonhadamente sem marchar. Contudo, grupos de homens elbeses, descontentes e bem lubrificados, tinham-se dirigido a Washington Square para provocar os homens indo-lilianos e lançar insultos às mulheres. Irromperam zaragatas; a N.Y.P.D., parecendo pasmada por um acontecimento tão minúsculo ter gerado tanta confusão, tardou uns segundos a actuar. Enquanto a multidão fugia à intervenção dos polícias, ocorreram vários esfaqueamentos rápidos, nenhum deles fatal. Em breves instantes, a praça ficou vazia de manifestantes, à excepção de Neela Mahendra, Malik Solanka e um gigante sem cabelo, nu da cintura para cima, com um megafone numa mão e, na outra, um pau com a nova bandeira verde e cor de açafrão da proposta «República do Fillbistão» — FILLB eram as iniciais de «Federação Indiana Livre de Lilipute-Blefuscu», e o resto fora acrescentado porque soava como uma palavra «lá das nossas bandas». Eis Baber, o jovem líder político que viajara das suas ilhas distantes para vir falar no «comício» e que parecia agora tão triste, tão curto de propósito como de cabelo, tão inexpressado, que Neela Mahendra se apressou a ir para junto dele, deixando Solanka onde estava. Quando viu Neela aproximar-se, o jovem gigante largou o pau de bandeira que lhe bateu na cabeça ao cair. Cambaleou, mas, louvor lhe seja feito, permaneceu em pé.

Neela era toda ela solicitude, acreditando evidentemente que, ao dar a Baber o benefício total da sua beleza, podia compensá-lo da sua longa e inútil viagem. E, efectivamente, Baber animou-se e começou, passados

alguns momentos, a dirigir-se a Neela como se ela fosse a assembleia pública enorme e politicamente significativa que ele julgara que estaria à sua espera. Falou de um Rubicão que estava a ser atravessado e de *abaixo as soluções de compromisso* e *abaixo a rendição.* Agora que a Constituição por que tinham lutado tão duramente fora revogada e a participação indo-liliana no governo de Lilipute-Blefuscu fora tão desavergonhadamente revogada, dizia ele, restava recorrer a medidas extremas. «Os direitos nunca são dados por aqueles que os têm», declamava, «mas conquistados pelos que deles necessitam». Os olhos de Neela iluminaram-se. Falou-lhe no seu projecto televisivo, e Baber acenou gravemente com a cabeça, vendo que alguma coisa ainda podia ser salva dos escombros do dia. «Venha daí», disse ele, tomando-lhe o braço. (Solanka reparou na facilidade com que ela meteu o braço no do conterrâneo.) «Venha. Temos de discutir tudo isto longamente. Há imensa coisa a fazer». Neela foi-se embora com Baber, sem um olhar para trás.

Naquela noite, Solanka ainda se encontrava em Washington Square à hora do fecho, sentado miseravelmente num banco. Quando um carro-patrulha lhe estava a ordenar que saísse, o telemóvel tocou.

— Lamento muito, querido — disse Neela. — Ele estava tão infeliz, e é o meu trabalho, precisávamos de falar. Seja como for, não preciso explicar. És um homem inteligente. Tenho a certeza de que percebeste tudo. Tens de conhecer Baber. É tão cheio de paixão que até mete medo, e depois da revolução talvez venha mesmo a ser presidente. Oh, podes esperar um segundo, querido? É a outra linha.

Ela falara da revolução como de uma inevitabilidade. Com um profundo ronco de alarme, Solanka, à espera, lembrou-se da declaração de guerra que ela própria tinha feito. *Se tiver de ser, lutarei com eles, lado a lado. Não estou a brincar, é que vou mesmo.* Olhou para as manchas de sangue a secar na praça escurecida, prova aqui, na cidade de Nova Iorque, da força de uma fúria a acumular-se no outro extremo do mundo: uma fúria de grupo, nascida da longa injustiça, ao pé da qual o seu próprio génio imprevisível era uma coisa de insignificância patética, a indulgência, talvez, de um indivíduo privilegiado com demasiado interesse por si mesmo. E demasiado tempo para queimar. Não podia abdicar de Neela a favor desta raiva antípoda, mais alta. Volta, queria ele dizer. Volta para mim, minha querida, por favor não vás. Porém, ela estava de novo em linha, e a voz tinha mudado.

—.É Jack — disse. — Está morto, com a cabeça desfeita por um tiro, e tem uma confissão na mão.

Já vimos a Vitória Alada sem cabeça, pensou Solanka estupidamente. Ouvimos falar do Cavaleiro sem Cabeça. Um grande aplauso para o meu amigo sem cabeça Jack Rhinehart, a Derrota Desasada, sem Cavalo.

TERCEIRA PARTE

15

Nada fazia sentido. O corpo de Jack fora encontrado na Empreitada de Spassky Grain, obra em Tribeca, na esquina de Greenwich com N Moore, cujos empreiteiros tinham recentemente estado debaixo do fogo dos sindicatos por empregarem trabalhadores não sindicalizados. Do apartamento de Jack na Hudson Street até lá era uma caminhada de quinze minutos, *e*, pelos vistos, ele tinha-a feito com uma espingarda na mão, tinha atravessado o Canal — ainda azafamadamente apinhado, apesar da hora tardia — sem atrair atenções, arrombado depois a entrada da localização escolhida, tomado um elevador até ao quarto andar, tinha-se posicionado junto a uma janela que dava para oeste e tinha uma bela vista para o rio iluminado pela lua, colocado o focinho da espingarda na boca, puxado o gatilho e caído no chão acidentado, ainda por acabar, largando a arma, mas agarrando firmemente a nota de suicídio. Estivera a beber muito: Jack Daniels e Coca-Cola, uma bebida absurda para um enófilo como Rhinehart. Quando o descobriram, tinha o fato e a camisa dobrados meticulosamente no chão e envergava apenas meias e cuecas que, por alguma razão, ou talvez por acaso, estavam vestidas ao contrário. Tinha lavado recentemente os dentes.

Neela decidiu abrir o jogo e contou aos detectives tudo o que sabia — os fatos de Carnaval no armário de Jack, as suspeitas dela, tudo. Podia ter-se metido em sarilhos, pois reter informação era um delito grave, mas a polícia tinha peixe mais graúdo com que se entreter, e, além disso, os dois agentes que tinham vindo ao apartamento dela em Bedford Street, para a entrevistar e a Malik Solanka, estavam a ter as suas dificuldades na presença dela. Não paravam de partir lápis e de se pisar mutuamente e de derrubar objectos e de desatar a falar ao mesmo tempo, ficando depois coradamente em silêncio — Neela não prestou a mais pequena atenção a tudo isto. «A questão *é*», concluiu enquanto os dois polícias batiam com a cabeça um no outro, num assentimento ansioso, «que este pretenso suicídio cheira a esturro».

Malik e Neela sabiam que Jack tinha uma espingarda, embora nunca a tivessem visto. Pertencia ao seu período de caça e pesca, de Hemingway negro, período que tinha precedido a fase Tiger Woods. Agora, como o pobre Ernest, o mais feminino dos grandes escritores homens americanos,

destruído pela incapacidade de fazer jus ao ser, postiço e macho, de Papa que escolhera habitar, Jack tinha partido numa caçada pessoal, a maior aventura de todas. Isso, pelo menos, era o que estavam a ser convidados a acreditar. Contudo, quando vista mais de perto, esta versão dos acontecimentos tornava-se cada vez menos convincente. O prédio de Jack tinha um porteiro que o vira sair sozinho do edifício por volta das sete da tarde, sem sacos, e vestido para uma noitada na cidade. Uma segunda testemunha, uma jovem gorducha de barrete que estivera à procura de um táxi no passeio, apareceu em resposta a um apelo da polícia, dizendo ter visto um homem que correspondia à descrição de Jack a entrar para uma viatura todo-o-terreno, enorme e negra, com vidros fumados; pela porta aberta, tinha vislumbrado brevemente pelo menos dois outros homens com — e ela fora bastante clara neste ponto — grandes charutos na boca. Um veículo idêntico fora visto a afastar-se na Greenwich Street, logo depois da hora que se determinara ser a da morte. Uns dias mais tarde, a análise dos dados técnicos recolhidos naquela que estava a ser já provisoriamente referida como cena do crime revelou que os danos feitos à porta de acesso temporário à Empreitada Spassky Grain não tinham tido origem na espingarda de Rhinehart. Não fora encontrado junto do corpo nenhum outro instrumento capaz de deitar abaixo a porta, que era bastante sólida — madeira com uma estrutura de reforço de metal. Acresce que havia a forte suspeita de não terem sido os danos causados à porta o processo que dera acesso ao espaço. Houvera alguém na posse de uma chave.

Todavia, foi a nota de suicídio que provou ser fundamental no estabelecimento da inocência de Jack. Rhinehart era famoso pela precisão polida da sua prosa. Raramente fazia um erro de sintaxe *e* nunca, mas nunca, dava erros de ortografia. No entanto, aqui, entre as suas últimas palavras, havia solecismos da pior espécie. «Desde os meus tempos de corespondente de guerra», dizia a nota, «tenho tido impulsos violentos. Às vezes, a meio da noite parto o telefone. O Cavalo, o Moca e o Grosso estão inocentes. Matei-lhes as miúdas pq elas não quiseram foder comigo, provavelmente pq sou de Cor». E um final de partir o coração, «Digam a Nila que a amo. Eu sei que meti a pata na possa, mas amo-a de verdade». Malik Solanka, quando chegou a vez de ser entrevistado pelos polícias, disse-lhes enfaticamente que, embora a nota tivesse sido escrita pela mão forte e inconfundível de Jack, esta escrita não podia ter resultado da sua livre vontade. «Ou foi-lhe ditada por alguém com um nível de língua bastante inferior ao do Jack ou, então, ele

estupidificou deliberadamente o seu estilo para nos deixar uma mensagem. Não vêem? Até nos disse o nome dos três homicidas».

Quando se descobriu que Keith «Moca» Medford, o último amante da falecida Lauren Klein, era filho do abastado empreiteiro e *bête noire* dos trabalhadores sindicalizados, Michael Medford, sendo que era uma das suas empresas que estava encarregada da conversão da Empreitada de Spassky Grain numa mistura de sofisticadíssimas mansardas e casas de luxo num estilo urbano, e que Keith, a quem fora pedido que organizasse a festa de inauguração do projecto, possuía um molho de chaves, tornou-se claro que os assassinos tinham cometido um erro irremediável. A maioria dos homicidas são estúpidos, e uma vida de privilégios não constituía protecção contra a idiotice. Mesmo as escolas mais caras deitavam cá para fora anormais pouco instruídos, e Marsalis, Andriessen e Medford não eram senão uns palermas jovens, semiletrados e arrogantes. E homicidas, também. O Moca, ao ser confrontado com os factos acumulados, fora o primeiro a confessar. As defesas dos amigalhaços tinham-se desmoronado umas horas mais tarde.

Jack Rhinehart foi a enterrar nas profundezas de Queens, a trinta e cinco minutos de carro do *bungalow* que tinha comprado para a mãe e para a irmã solteira, em Douglaston. «Uma casa com vista», brincara ele na altura. «Se formos até ao fundo do quintal e nos debruçarmos bastante para a esquerda, conseguimos apanhar, o quê?, chamemos-lhe um *cheirinho* ao Sound». Agora as vistas dele seriam para sempre a destituição urbana. Neela e Solanka tinham alugado um carro para os levar até lá. O cemitério era apertado, desarborizado, desconsolador, húmido. Os fotógrafos rodopiavam à volta do pequeno grupo de enlutados, como poluição a flutuar nas margens de um lago escuro. Solanka não sabia como, mas tinha-se esquecido de que o funeral de Jack despertaria o interesse mediático. A partir do momento em que as confissões tinham sido feitas *e* que a história do clube S & M se tornara o escândalo social do Verão, o Professor Solanka tinha perdido interesse na dimensão pública do acontecimento. Estava de luto pelo amigo Jack Rhinehart, o grande, o corajoso jornalista que tinha sucumbido ao deslumbramento e à riqueza. Ser seduzido por aquilo que odiávamos era um destino duro. Perder a mulher que amávamos para o nosso melhor amigo era talvez ainda mais duro. Solanka fora um mau amigo para Jack, mas também ser traído tinha sido o fado de Jack. As preferências sexuais secretas, que nunca tinha infligido a Neela Mahendra, mas que tinham significado que nem

mesmo Neela lhe teria, afinal de contas, bastado, tinham-no levado para más companhias. Tinha sido leal para com homens que não mereciam a lealdade dele, tinha-se persuadido da inocência deles — e que grande esforço isso devia ter sido para um descortinador e remexedor de merda nato, que delirante brilhantismo devia ter empregado! — e, consequentemente, ajudara a escondê-los da lei, e a sua recompensa fora ser morto por eles numa tentativa desastrada de arranjar um bode expiatório: ser sacrificado no altar do orgulho invencível, ególatra, deles.

Uma cantora de *gospel* tinha sido contratada para cantar uma rapsódia de despedida que incluía espirituais e algum material mais contemporâneo: a «Fix Me, Jesus» seguiu-se a homenagem de Puff Daddy a Notorious B.I.G., «Every Breath You Take (I'll Be Missing You)»; depois foi a vez de «Rock My Soul (In the Bosom of Abraham)». A chuva parecia iminente, mas o tempo estava a aguentar-se. O ar estava orvalhado, como se cheio de lágrimas. Eis ali a mãe e a irmã de Jack; também Bronislawa Rhinehart, a ex-mulher, com um ar simultaneamente devastado e sensual num curto vestidinho preto e véu de alta costura. Solanka acenou a Bronnie, a quem nunca tivera nada para dizer, e murmurou umas palavras vazias às enlutadas. As mulheres Rhinehart não pareciam tristes; pareciam encolerizadas. «O Jack que eu conheço», disse a mãe de Jack concisamente, «teria percebido num ápice quem eram aqueles rapazes brancos». «O Jack que eu conheço», acrescentou a irmã, «não precisava de chicotes ou correntes para se divertir à grande». Estavam danadas com o homem que amavam pelo escândalo, mas ainda mais danadas com ele por não ter sabido proteger-se do perigo, como se não o tivesse feito para as magoar, para as deixar com uma dor de vida inteira pela sua perda. «O Jack que eu conheço», disse Solanka, «era um homem muito decente e, se neste momento está nalgum lado, eu diria que está feliz por se ter libertado dos seus erros». Jack estava era ali mesmo com eles, é claro. Jack numa caixa da qual jamais saltaria. Solanka sentiu uma mão apertar-se-lhe à volta do coração.

Com os olhos do sofrimento, Solanka imaginou Jack estendido num chiquíssimo apartamento reconvertido enquanto o mundo inteiro coscuvilhava sobre o seu cadáver, e os fotógrafos andavam por ali a cirandar. Junto a Jack estavam as três raparigas mortas. Libertado do medo do seu próprio envolvimento nas suas mortes, Solanka chorou também por elas. Aqui jazia Lauren, que tinha começado a recear o que era capaz de fazer aos outros e de permitir que os outros lhe fizessem a ela. Bindy e Sky

tinham tentado, e falhado, mantê-la dentro do círculo encantado de prazer e dor, mas ela tinha selado o seu fado ao ameaçar os membros do clube com a vergonha de uma exposição pública. Aqui jazia Bindy, a primeira a compreender que a morte da amiga não tinha sido um assassínio ao acaso mas uma execução a sangue-frio: compreensão que constituiu a sua própria sentença de morte. E aqui jazia a Sky da zona fina da cidade, Sky, a atleta sexual, pronta para o que desse e viesse, a mais selvagem das três condenadas e a mais desinibida sexualmente, chegando mesmo os seus excessos masoquistas — agora meticulosamente pormenorizados numa imprensa deliciada — a alarmar por vezes o amante sádico, Brad, o Cavalo. Sky que acreditava ser imortal, que nunca pensara que chegaria a vez dela, porque era a imperatriz do mundo deles, eles a seguiam aonde quer que os levasse, e porque os níveis de tolerância dela, os limiares dela, eram os mais elevados que eles alguma vez tinham conhecido. Sabia dos homicídios e ficara loucamente excitada por eles, murmurando ao ouvido de Marsalis que não tinha intenção nenhuma de denunciar um homem e pêras, e sussurrava ora ao Grosso, ora ao Moca que não se importaria nada de substituir as amigas mortas da maneira que quisessem, é só pedires, menino, e eu dou-te. Também explicou aos três homens, em encontros separados *e* recontados em pormenores escabrosos, que os assassínios os uniam para a vida; tinham passado o ponto do qual não havia regresso possível, e o pacto de amor entre eles fora assinado com o sangue das amigas. Sky, a rainha vampiresca. Morreu porque os assassinos estavam demasiado assustados com a fúria sexual dela, para a deixarem viver.

Três raparigas escalpadas. Nas ruas, falava-se de vodu e fetichismo e, sobretudo, da crueldade gelada dos crimes, mas Solanka preferia ponderar sobre a morte do coração. Estas jovens, tão desesperadamente desejosas do desejo, só tinham sido capazes de encontrá-lo no lado de lá dos extremos do comportamento sexual humano. E estes três jovens, para quem o amor se tinha tornado uma questão de violência e posse, de dar e receber mocadas, tinham chegado à fronteira entre amor e morte, e a fúria deles tinha-a diluído, a fúria que não sabiam expressar, nascida do que eles, que tinham tanto, nunca tinham sido capazes de adquirir: menosidade, quotidianidade. Vida real.

Em milhares, dezenas de milhar, centenas de milhar de conversas horrorizadas, a zumbir sobre os mortos como moscas atraídas pelo mau cheiro, a cidade discutia os pormenores mais ínfimos dos homicídios.

Assassinaram as namoradas uns dos outros! Lauren Klein tinha sido acompanhada por Medford numa última noitada na cidade. Ela mandou-o para casa, como ele planeara, por causa de uma briga que ele tinha deliberadamente provocado quase ao fim da noite. Uns instantes mais tarde, ligou-lhe, fingindo ter tido um acidente mesmo ao virar da esquina. Ela correu em seu auxílio, encontrou o Bentley *vintage* dele, sem matrícula e à espera com a porta aberta. *Pobre menina. Pensava que ele queria pedir-lhe desculpa.* Aborrecida com o ludíbrio mas não alarmada, entrou no carro e foi atacada com repetidas pancadas na cabeça por Andriessen e Marsalis, enquanto Medford bebia *margaritas* num bar, ali nas proximidades, anunciando em voz alta que estava a dar de beber à dor porque a cabra da namorada não queria carambolar, de tal modo que obrigou o empregado a pedir-lhe que se calasse ou saísse, assegurando-se assim de que a sua presença seria lembrada. *E o escalpar Devem ter posto uma cobertura de plástico, para terem a certeza de que o carro não ficaria manchado. E o corpo atirado para a rua como lixo.* A mesma técnica funcionou com Belinda.

Sky, contudo, era diferente. Como era seu hábito, foi ela que tomou a iniciativa, sussurrando a Bradley Marsalis os planos para a noite, aquando do último jantar. Hoje não, disse ele, e ela encolheu os ombros. «Muito bem. Vou ligar ao Grosso ou ao Moca e ver se lhes apetece divertirem-se». Furioso, insultado, mas forçado a não se desviar do plano de jogo, Brad deu-lhe as boas-noites à porta do vestíbulo e telefonou-lhe uns minutos mais tarde a dizer: «Pronto, venceste, mas aqui não. Vai ter comigo ao quarto». (O quarto era uma suíte à prova de som, num hotel de cinco estrelas, reservado o ano inteiro pelos membros do Clube S & M para utilização pelos seus membros mais ruidosos. Bradley Marsalis, veio a revelar-se, tinha feito a marcação com vários dias de avanço, o que servia para provar premeditação.) Sky nunca chegou ao quarto. Uma viatura todo-o-terreno negra e enorme, encostou ao lado dela, e uma voz que ela reconheceu disse: «Olá, princesa. Vem daí. O Cavalo pediu-nos para te darmos uma boleiazita».

Vinte, dezanove, dezanove, contou Solanka. A idade combinada das raparigas só perfazia mais três anos do que a dele.

E Jack Rhinehart que sobrevivera a uma dúzia de guerras só para vir morrer miseravelmente em Tribeca, que escrevia tão bem sobre tanta coisa que importava e com tão bom estilo sobre tanta coisa que não importava, e

cujas últimas palavras tinham sido, deliberadamente ou por necessidade, ao mesmo tempo pungentes e tolas? Também a história de Jack andava pelas bocas do mundo. O roubo da espingarda por Cavalo Marsalis. O convite a Jack para a cerimónia da iniciação ao Clube S & M. *Conseguiste, meu. Foste admitido.* Mesmo quando chegaram à Empreitada de Spassky Grain, Rhinehart não fazia ideia de que a morte estava próxima. Estava provavelmente a pensar na cena da orgia em *De Olhos Bem Fechados,* imaginando raparigas nuas, com máscaras, em pódios, à espera da picada do seu doce chicote. Agora Solanka estava a chorar. Ouvia os assassinos a insistir em que, como parte do ritual, Rhinehart precisava de beber, com grande rapidez, um jarro a transbordar de Jack e Coke, a poção dos meninos mimados. Ouviu-os ordenarem a Jack que, em nome da tradição do clube, se despisse e vestisse as cuecas ao contrário. Como se estivesse a ser-lhe atada à volta dos olhos, Solanka sentiu a venda que tinham usado em Jack (e, posteriormente, removido). As lágrimas ensoparam a seda imaginada. *Pronto, Jack, estás pronto, isto vai rebentar contigo. — Que está a passar-se, malta, qual é a jogada? — Abre lá a boca, Jack. Lavaste os dentes como te dissemos? Bom trabalho. Faz aah, Jack. Isto vai dar cabo de ti, boneca.* Como fora pateticamente fácil atrair este homem, que era bom e fraco, para a morte. Como se dispusera — dando cá mais cinco em cima, recebendo cinco em baixo — a meter-se no próprio carro funerário e a dar a sua última e breve voltinha. *Lord, rock my soul*[21], gritava a cantora. Adeus, Jack, disse Solanka silenciosamente ao amigo. Vai andando para casa. Eu hei-de ir visitar-te.

Neela levou Malik de volta para Bedford Street, abriu uma garrafa de vinho tinto, puxou os cortinados, acendeu muitas velas perfumadas e desrespeitosamente seleccionou um CD de clássicos de Bollywood, dos anos 50 e princípio dos anos 60 — música do passado proibido de Malik. Este era um dos aspectos da profunda sabedoria emocional dela. Em tudo o que se relacionava com o sentimento, Neela Mahendra sabia o que funcionava. *Kabhi méri gali aaya karó.* A canção provocadoramente romântica ondulava pela sala escurecida. *Vem visitar-me um dia destes.* Não tinham falado desde que tinham saído do cemitério. Ela puxou-o para uma carpete coberta de almofadas e pôs-lhe a cabeça entre os seios, recordando-lhe sem palavras a existência continuada de felicidade, mesmo em pleno sofrimento.

Falou da sua beleza como de uma coisa um pouco separada dela própria. Tinha simplesmente «aparecido». Não era resultado de nada que ela tivesse feito. Não a via como um mérito seu, estava grata pelo dom que lhe fora dado, cuidava muito bem dele, mas, geralmente, pensava em si própria como uma entidade desencorpada a viver por detrás dos olhos deste extraordinário alienígena que era o corpo dela: espreitando pelos grandes olhos dele, manipulando-lhe os membros longos, sem ser bem capaz de acreditar na sorte dela. O seu impacte no meio envolvente — os limpa-janelas que caíam de pernas abertas nos diversos passeios, com baldes enfiados na cabeça, os carros que derrapavam, o perigo para os magarefes de cutelo em punho quando ela entrava para comprar carne — era um fenómeno de cujos resultados, pese embora a sua despreocupação aparente, estava agudamente, precisamente consciente. Conseguia controlar, em certa medida, «o efeito». «Não sabe como desligá-lo», dissera Jack, e isso era verdade, mas era capaz de atenuá-lo com a ajuda de roupa largueirona (que detestava) e chapéus de aba larga (que, como criatura que odiava o sol, adorava). Mais impressionante, porém, era a maneira como era capaz de intensificar a reacção do mundo relativamente a si própria, fazendo pequeníssimos ajustamentos ao comprimento das suas passadas, à inclinação do queixo, à boca, à voz. Quando a intensidade atingia o máximo, ameaçava reduzir circunscrições inteiras a zonas de desastre, e Solanka tinha de pedir-lhe que parasse, sendo uma das razões (e não a menos importante) o efeito que estava a ter sobre o estado do corpo e da mente dele próprio. Gostava que a elogiassem, descrevia-se como «uma rapariga de manutenção exigente» e, às vezes, estava pronta a admitir que esta sua compartimentalização em «forma» e «conteúdo» era uma ficção útil. O facto de se referir ao seu lado sexual como «a outra» que, periodicamente, saía para caçar e não aceitava um não como resposta era um estratagema inteligente, a maneira de uma pessoa tímida se iludir, para alcançar a extroversão. Permitia-lhe colher as recompensas da sua excepcional presença erótica sem ser incomodada com o embaraço social paralisante que a tinha flagelado quando jovem rapariguinha titubeante. Demasiado astuta para falar directamente do forte sentido do certo e do errado que enformava tranquilamente todas as suas acções, preferia citar a bomba sexual da animação, Jessica Rabbit: «Não sou má», gostava ela de ronronar discretamente. «Fui é desenhada assim».

Ela apertou-o de encontro a si. O contraste entre esta relação e a que tivera com Mila era impressionante. Com Mila, Solanka tinha-se permitido

afundar-se nos encantos doentios do indizível, do intolerado, ao passo que, quando Neela se enrolava nele, o oposto era verdade, tudo se tornava dizível e era dito, tudo era tolerável e tolerado. Esta não era uma mulher-criança, e o que estava a descobrir com ela eram as alegrias adultas do amor desproibido. Ele pensara na dependência de Mila como numa fraqueza; este novo elo parecia-lhe uma força. Mila acusara-o de optimismo e tinha razão. Neela era a apologia do optimismo. E, sim, ele estava grato a Mila por ter encontrado a chave para as portas da sua imaginação. Porém, se Mila Milo tinha desaferrolhado a comporta, Neela Mahendra era a torrente.

Nos braços de Neela, Solanka sentia que começava a mudar, sentia os demónios interiores que tanto temia a ficarem cada dia mais fracos, sentia a raiva imprevisível dar lugar à previsibilidade deste novo amor. Façam as malas, Fúrias, pensou ele, vocês já não habitam nesta morada. Se ele estava certo em supor que a origem da fúria residia nas decepções acumuladas ao longo da vida, então tinha encontrado o antídoto que transformava o veneno no seu oposto. Pois a *furia* podia ser êxtase também, e o amor de Neela era a pedra filosofal que possibilitava a alquimia transmutadora. A raiva nascia do desespero: mas Neela era a esperança concretizada.

A porta para o passado permanecia fechada, e ela tinha a graciosidade de não a forçar ainda. A necessidade que tinha de um certo grau de privacidade pessoal e psicológica era considerável. Depois da noite inicial passada num quarto de hotel, ela insistira em usar a sua própria cama para os encontros entre eles, mas deixou claro que Solanka não era convidado a passar lá a noite. Tinha o sono repleto de pesadelos; no entanto, não queria o conforto da presença dele. Preferia batalhar sozinha com as invenções-sonhos e, no fim de cada uma das guerras nocturnas, acordar devagarinho e definitivamente só. Não tendo alternativa, Solanka aceitou as condições dela e começou a acostumar-se a lutar contra as ondas de sono que habitualmente o invadiam depois de fazer amor. Disse a si próprio que para ele também era melhor assim. A bem dizer, tornara-se, de repente, um homem muito ocupado.

Ia-a conhecendo melhor cada dia que passava, explorando-a como se ela fosse uma cidade nova em que ele tinha subalugado um espaço e onde esperava um dia fazer uma aquisição. Ela não estava completamente à vontade com essa ideia. Como Solanka, era uma criatura de altos e baixos, e ele estava a tornar-se o meteorologista pessoal dela, predizendo o tempo que faria, estudando a duração das ventanias internas dela e os seus efeitos

laterais, sob a forma de tempestades que assolavam as doiradas praias do amor dos dois. Por vezes, ela gostava de ser vista num pormenor microscópico, adorava ser entendida sem ter de falar, ver as suas necessidades satisfeitas sem ter de as expressar. Noutras ocasiões, isso aborrecia-a. Ele veria então uma nuvem no sobrolho dela e diria, «Que se passa?» Em resposta, ela poria um ar exasperado e diria, «Oh, nada. Que diacho, tu julgas que sabes ler-me os pensamentos, mas estás tantas vezes tão errado. Se houver alguma coisa para dizer, eu digo. Não queiras ir ao encontro de sarilhos». Investira imenso no esforço de construir uma imagem de força e não ia deixar que o homem que amava visse as fragilidades dela.

A medicação, não tardou a descobrir, constituía também um problema para Neela, e isto era outra coisa que tinham em comum: estavam determinados a derrotar os seus demónios sem entrar no vale das bonecas. Por isso, quando se sentia em baixo, quando precisava de lutar consigo própria, ela costumava retrair-se, costumava não querer vê-lo nem explicar porquê, e esperava que ele compreendesse, que fosse suficientemente crescido para lhe permitir ser o que ela precisava de ser; resumindo, pela talvez primeira vez na sua vida, estavam a pedir-lhe que agisse de acordo com a idade que tinha. Neela era uma mulher muito tensa e, às vezes, admitia que devia ser um pesadelo viver com ela, ao que ele respondia: «É, mas há compensações». «Espero que sejam grandes», dizia ela, parecendo genuinamente preocupada. «Se não fossem, eu seria bastante estúpido, ou não?» Ele sorria, e ela descontraía-se e aproximava-se mais. «Isso é verdade», consolava-se ela. «E lá isso tu não és».

Ela possuía uma imensa descontracção física e ficava, na verdade, mais feliz nua do que vestida. Mais do que uma vez, ele tivera de recordar-lhe que era preciso vestir-se quando alguém batia à porta. Porém, ela queria preservar alguns segredos, proteger o mistério que era seu. As frequentes retiradas para dentro de si própria, o hábito que tinha de recuar para não ser vista intensamente de mais, tinha que ver com esta muito inamericana — esta positivamente inglesa — consciência do valor da discrição. Insistia em que não tinha nada que ver com o facto de ela o amar ou não, o que fazia profundamente, desconcertantemente. «Olha, é óbvio», replicou, quando lhe perguntou porquê. «Poderás ser muito criativo lá com os teus bonecos e *websites* e tudo isso, mas, no que me diz respeito, a única função que te pertence é meteres-te na minha cama sempre que eu te mando e realizares todo e qualquer capricho meu». E, perante esta sentença imperiosa, o

Professor Solanka, que toda a vida quisera ser um objecto sexual, sentiu-se agradado de um modo a roçar o absurdo.

Depois de fazer amor, acendeu um cigarro e foi sentar-se nua à janela, a fumar, sabendo do ódio dele pelo fumo de tabaco. Vizinhos sortudos, pensava Solanka, mas ela rejeitava tais considerações como burguesas e muito abaixo dela. Regressou, com uma cara séria, à pergunta que ele tinha feito. «O teu mal», declarou ela, «é teres coração. Isso é uma qualidade rara no tipo contemporâneo. Vê Baber, por exemplo: um homem espantoso, brilhante mesmo, mas totalmente apaixonado pela revolução. As pessoas reais são apenas fichas no jogo dele. Com a maioria dos outros tipos é o estatuto, o dinheiro, o poder, o golfe, o ego. Exemplo: Jack». Solanka detestou a referência laudatória ao porta-bandeira de corpo liso de Washington Square e sentiu um forte apertão de culpa ao ser favoravelmente comparado com o amigo morto e disse-o. «Estás a ver», maravilhou-se ela, «tu não só sentes como és mesmo capaz de falar disso. Uau. Finalmente, um homem que merece a pena». Solanka tinha a impressão de estar a ser obscuramente gozado, mas não conseguia identificar bem a piada. Sentindo-se tolo, contentou-se com o afecto patente na voz dela. Poção de Amor Número Nove. Esse era o bálsamo cicatrizante.

A Índia ocupava presença insistente no apartamento da Bedford Street, à maneira sobreenfatizada da diáspora: a música dos *filmi,* as velas e o incenso, o calendário com Crisna *e* as ordenhadoras, os *dhurries*[22] no chão, o quadro da Company Schoo1[23], o narguilé enrolado no alto de uma estante como uma cobra verde embalsamada. O alter ego de Neela em Bombaim, ponderava Solanka enquanto punha a roupa, teria provavelmente optado por uma simplicidade fortemente ocidentalizada, minimalisto-californiana... mas bastava de Bombaim. Neela também se estava a vestir, pondo um fato preto, «aerodinamicamente» juntinho ao corpo, feito de um tecido inominado, da era espacial. Precisava de ir ao escritório, apesar do adiantado da hora. A fase da pré-produção do documentário sobre Lilipute estava quase no fim, e ela estaria em breve de abalada para os antípodas. Havia ainda muito que fazer. Habitua-te a isto, pensou Solanka. A necessidade de ausência que a caracteriza é tanto profissional como pessoal. Estar com esta mulher é também aprender a estar sem ela. Apertou os atacadores dos sapatos de desporto brancos — ténis com rodinhas metidas nas solas — e pôs-se a andar a grande velocidade, com o longo rabo-de-cavalo preto a voar atrás

dela, à medida que se afastava a passadas largas. Solanka ficou no passeio, a vê-la desaparecer. O «efeito», reparou, à medida que o caos habitual começava, funcionava quase tão bem no escuro. Foi à loja de brinquedos FAO Schwarz e mandou um elefante a Asmaan por correio. Em breve, os últimos vestígios da velha fúria teriam sido dissipados pela nova felicidade, e ele sentir-se-ia suficientemente confiante para reentrar na vida do filho. Para o fazer, teria, contudo, de enfrentar Eleanor e confrontá-la com o facto que ela ainda se recusava a aceitar. Teria de enterrar a finalidade como uma faca no coração bom e afectuoso dela.

Telefonou para dizer a Asmaan que esperasse uma surpresa. Delírio total.

— Que está lá dento? Que diz ele? Que vai Morgen dizer?

Eleanor e Asmaan tinham estado a veranear com os Franzes em Florença.

— Não há uma praia. Não. Há um rio, mas não pude nadar. Se calhar, quando for mais grande, vou lá outra vez e nado. Não tive medo, Papá. É por isso que Morgen e Lin estavam a gritar.

Maior.

— A Mamã não ‘tava. A Mamã não ‘tava a gritar. Ela disse para eu não ter medo. A Lin é tão quida. A Mamã também é tão quida. É isso que eu acho, pelo menos. Ele fez-me um bocadinho de medo. O Morgen. Um bocadinhoinho. ‘Tava a tentar fazer-me rir? Acho que sim. Sabes, Papá? O que é que ele ‘tava a dizer? Fomos ver as estátas, mas a Lin não pôde vir. É por isso que ‘tava turiste. Ficou em casa. Não na nossa casa, mas. Num membro.

Isto, Solanka percebeu momentos depois, era *Não me lembro.*

— Ficámos lá. Sim. Foi muito bom. Tinha um quarto só p’a mim. Gosto disso. Tenho um arco e uma seta. Eu gosto de ti, Papá, vens p’a cá hoje? Sábado, terça-feira? Devias vir. ‘deus.

Eleanor pegou no telefone.

— Sim, foi difícil. Mas Florença estava um encanto. Como estás?

Ele pensou por um instante.

— Óptimo — respondeu. — Estou óptimo.

Ela pensou por um instante.

— Não devias prometer-lhe que vais voltar, se não vais — disse, à caça de informação.

— Que se passa? — perguntou ele, mudando de assunto.

— Que se passa *contigo?* — replicou ela.

Não foi preciso mais nada. Ele já tinha ouvido a erroneidade reveladora na voz dela, e ela, na dele. Desestabilizado pelo que tinha acabado de perceber, Solanka fez o erro de jogar à defesa, enveredando por um diálogo à Neela.

— Oh, que diacho! Julgas que sabes ler-me o pensamento, mas estás tantas vezes tão errada. Se houver alguma coisa para dizer, eu digo. Não queiras ir ao encontro dos sarilhos.

Vindo de Neela isto parecera bastante genuíno, mas na boca dele soara como mera barafusta. Eleanor estava desdenhosamente divertida.

— «Que diacho?» — quis ela saber. — Como em «Homessa, essa agora!» ou «Mas que raio?» Quando é que começaste a usar expressões à Ronald Reagan?

Os modos dela eram mais bruscos, mais irritáveis, inconciliadores. Morgen e Lin, pensou Solanka. Morgen, que se tinha dado ao trabalho de lhe ligar para o repreender por abandonar a mulher, mulher que, por sua vez, tinha informado Solanka de que o comportamento deste a tinha aproximado e ao marido mais do que nunca. Hum hum. Morgen e Eleanor e Lin em Florença. *Era por isso que ela 'tava turiste.* O testemunho de Asmaan não deixava qualquer dúvida. *Porque ela estava triste.* Por que estava ela triste, Morgen? Eleanor? Não se importam de me elucidar sobre este ponto? Não te importas de explicar, Eleanor, por que andam o teu novo amante e a mulher a discutir na presença do meu filho?

A fúria estava a despedir-se dele, mas todos os outros pareciam estar com um humor excessivamente mau. Mila estava em mudanças. Eddie contratara uma carrinha a uma empresa chamada Van-Go e andava a carregar, sem queixume, os pertences dela do quarto andar enquanto ela, na rua, fumava um cigarro, bebia uísque irlandês pela garrafa e não parava de embirrar. Tinha o cabelo agora vermelho e mais espetado do que nunca: até a cabeça parecia encolerizada.

— Para onde é que julgas que estás a olhar? — berrou ela em direcção a Solanka quando deu com ele a observá-la da janela do escritório, no segundo andar. — O que quer que seja que queiras de mim, Professor, está indisponível. Percebeste? Sou uma pessoa que está noiva e vai casar e, acredita, tu não queres ver o meu noivo danado.

Não dando ouvidos ao bom senso — ela já tinha enfiado para o bucho quase os sete e meio da Jameson's —, desceu até à rua para falar com ela. Ia

mudar-se para Brooklyn, ia juntar os trapinhos com Eddie num apartamentozinho em Park Slope, onde os *webspyders* também tinham aberto um escritório. A data de lançamento do *site* dos Reis-marionetas estava a aproximar-se a passos largos, e as coisas estavam a correr de feição.

— Não te rales, Professor — disse ela, entarameladamente. — Os negócios vão de vento em popa. Eu não te suporto é a ti.

Eddie Ford desceu as escadas da frente com um monitor de computador nos braços. Quando viu Solanka, pôs um ar teatralmente carrancudo. Era uma cena que andava para fazer há muito tempo.

— Ela não quer falar contigo, meu — disse, poisando o monitor. — Será que estou a ser claro? Ms. Milo não deseja ter conversas de merda. Estás a apreender o sentido à coisa? Queres vê-la, liga para o escritório e marca uma merda de uma reunião de trabalho. Manda-nos um *e-mail*. Mostras a fuça na porra do sítio onde ela mora e tens de te haver comigo. Tu e a senhora já não têm relação nenhuma. Estão zangados, com um raio. Se queres saber, eu cá acho que ela é um raio duma santa para ainda querer ter alguma coisa que ver contigo. Mas eu, eu não sou do tipo santinho. Eu, eu só quero cinco minutos. Trezentos segundos sozinho contigo chegariam para a merda das minhas necessidades. Sim, senhor. Estás a seguir-me, Professor? Estamos na mesma frequência, tu e eu? Estou a fazer-me entender?

Solanka baixou tranquilamente a cabeça *e* virou-se para se ir embora.

— Ela disse-me o que tentaste fazer com ela — gritou-lhe Eddie para as costas. — És um sacana dum velhadas triste e doente.

E que foi que ela te disse, Eddie, do que tentou fazer comigo? Oh, deixa lá.

— Ah, Professor.

No corredor em que ficava a porta dele, deu de caras com o canalizador, Schlink; ou, melhor, Schlink estava à espera dele, a acenar com um documento e a rebentar de palavras.

— Está tudo bom no aparrtamento? Nenhum prroblema com a casa de banho? *So, so.* Aquilo que Schlink arranja, fica gearranjado — acenou com a cabeça e sorriu furiosamente. — Se calharr, não se lembrra — prosseguiu. — Eu fui frranco com o zenhor, eh? a histórria da minha fida eu parrtilhei com o zenhor de grraça. Depois o zenhor fez um piada cruel. Talfez um filme, disse, pudesse ser feito da minha pobrre histórria. O zenhor nau estafa a falar a zério. Falou, tenho a certeza, a brrincar. Tau imporrtante, Prrofessor, tau paternalista, seu merrdoso.

Solanka ficou completamente atónito.

— Zim — sublinhou Schlink. — Faço a liberrdade de o dizerr. Fim aqui de prropósito para lhe dizerr. Zabe, Prrofessor, eu zegui o zeu conzelho, o conzelho que para zi foi só uma piada schtupida, e, grraças a Deus, fui abençoado com o êx-sito. Um contrrato parra um filme! Feja com os zeus olhos, está aqui prreto no brranco. Feja aqui, o nome do estúdio. Feja aqui, o lado financeiro. Zim, uma comêdia, imagine só. Depois de uma fida zem humor, fão fazer rirr com a minha histôrria. Billy Crystal zerá prrotagonista, já aceitou e tudo, adorra o arrgumento. Fai ser um êx-sito, eh? A sairr em brreve. Estreia na Prrimafera. Com muito alarrido. Zucesso imediato. Fim-de-zemana da estreia em grrande. Espere para fer. Prronto, adeusinho, Prrofessor Eschtafermo, e obrrigado pelo título. *O Barco dos Judeus*. HA, ha, ha, HA.

21 O Senhor, embala a minha alma. *[N. T]*
22 Tapete grosso, tipicamente indiano. *[N. T]*
23 Escola de pintura que se desenvolveu durante o domínio britânico na Índia e que cruzava aspectos da pintura de miniatura indiana com personagens e roupagens ocidentais. *[N. T]*

16

O inadequado Verão fechou da noite para o dia, como um fracasso na Broadway. A temperatura caiu como uma guilhotina; o dólar, contudo, subia em flecha. Para onde quer que se olhasse, nos ginásios, clubes, galerias, escritórios, nas ruas, e no espaço do NYSE[24], nos grandes estádios desportivos da cidade e nos centros de entretenimento, as pessoas estavam a preparar-se para a nova estação, fazendo exercícios de aquecimento para entrarem em acção, flectindo corpos, mentes e guarda-roupas, colocando-se em posição de partida. Está na hora do espectáculo no Olimpo! A cidade era uma corrida. Meros ratos não precisavam sequer de se incomodar a entrar nesta competição de alta intensidade. Este era o acontecimento por excelência, o rei dos concursos, o mundial. Esta era a corrida dos senhores, e os vencedores seriam equiparados a deuses. O segundo lugar era nenhures: «Vila Nova dos Falhados». Não seriam cunhadas medalhas de prata ou bronze, a única regra era vitória ou ruína.

Os atletas andavam por tudo o que eram ondas hertzianas naquele Outono olímpico: bebedores de sangue de tartaruga chineses caídos em desgraça, a boca de Marion Jones a murmurar a um microfone, o marido de Marion Jones a acusar nandrolona no sangue, Michael Johnson a correr ao lado de um telefone e a bater recordes. Aquilo a que Jack Rhinehart chamara as Olimpíadas do Divórcio também estava a aquecer. A antiguidade que era Lester, o segundo marido de Sara Lear Schofield, a ex-mulher de Solanka, morreu, durante o sono, antes do último dia deles no tribunal, mas não antes de a ter riscado do testamento. A amarga guerra de palavras entre Sara, a supermodelo brasileira, Ondine Marx, e os filhos adultos de Schofield, rebentos de casamentos anteriores, empurrou, por fim, os Homicídios do Assassino do Betão para fora das primeiras páginas. Sara aparecia como a vencedora clara destas hostilidades verbais preliminares. Autorizou a publicação de extractos fotocopiados dos diários privados de Schofield, para provar que o defunto tinha detestado verdadeiramente todos os filhos por igual e jurado nunca deixar a nenhum deles o suficiente sequer para pagar a portagem na Ponte de Tribo-rough. Contratou também detectives privados para descobrirem os podres de Ondine, a única beneficiária do último e calorosamente contestado testamento. Pormenores da promiscuidade

bissexual da modelo e da sua predilecção pelo aperfeiçoamento cirúrgico inundaram a imprensa. «Não é que ela seja o meu género, mas dizem que é uma grande queca, para quem gosta de elásticas», comentara Sara. de modo ácido. O historial de abuso de estupefacientes de Ondine e um passado imoral na indústria porno foram também relatados em lugar proeminente; e, o melhor de tudo, os Pinkertons desenterraram uma ligação secreta dela com o belo descendente paraguaio de um criminoso de guerra nazi. Estas revelações levaram a modelo a ser investigada pelos agentes dos serviços de imigração e a rumores sobre a revogação iminente da sua autorização de residência. Eu continuo a ser um soldado raso, mas a bife da Sara comanda batalhões, pensou Malik Solanka, com uma espécie de admiração. Sou apenas mais um rosto na multidão, mas ela é uma das suas rainhas-assassinas.

PlanetaGalileu.com, o projecto dos Reis-marionetas, a última investida em grande de Solanka, tinha adquirido aliados poderosos. Os *webspyders* tinham lançado bem as suas redes. Apoiantes e patrocinadores estavam ansiosos por entrar, a partir da primeira hora, neste novo e importante lançamento do criador da lendária Craniozinho. Já estavam posicionados acordos de produção, distribuição e *marketing* em larga escala com jogadores-chave — Mattel, Amazon, Sony, Columbia, Banana Republic. Um universo de brinquedos estava na calha, tudo desde bonecos de pano até a robôs de tamanho real, com vozes e luzes a piscar, já para não falar de máscaras especiais para o Dia das Bruxas. Havia jogos em caixa e *puzzles* e mil e uma naves espaciais e neutralizadores de humanóides e modelos à escala de todo o planeta Galileu-1 e, para os verdadeiros maluquinhos, de todo o sistema solar em que ele se encontrava. Na Amazon, as pré-encomendas do livro com a ante-história, intitulado *Revolta dos Bonecos de Carne e Osso*, rondavam os níveis de excitação que tinham quebrado todos os recordes do fenómeno Craniozinho. O jogo da Playstation estava em fase de pré-distribuição e já estava a ser fortemente publicitado; uma nova linha de moda, com a etiqueta Galileu, estava pronta a ser mostrada durante a 7.ª semana de moda na Sixth; e, impelidos pelo medo de uma greve geral de actores e argumentistas na Primavera seguinte, os estúdios estavam prestes a dar luz verde a um filme de grande orçamento. Os bancos competiam uns com os outros para lhes emprestarem dinheiro, baixando, cada dia que passava, as taxas de juro sobre os enormes empréstimos, naquilo que era uma espiral invertida. O maior ISP[25] da China continental solicitara-lhes uma

reunião. Mila, enquanto representante dos *webspyders*, estava a trabalhar vinte e quatro horas sobre vinte e quatro horas, com resultados extraordinários. As relações dela com Solanka permaneciam, contudo, gélidas. Era evidente que estava mais encolerizada por ter levado uma tampa do que se permitira inicialmente mostrar. Solanka era mantido por ela bem informado acerca de todos os desenvolvimentos e fora instruído para se preparar para um *blitz* mediático, mas, no que dizia respeito ao contacto humano, era como se tivessem colocado arame farpado entre as pontes de Manhattan e Brooklyn, com versões duplicadas, de três cabeças, de Eddie Ford a guardar uma e outra. No mundo electrónico, Solanka e os *webspyders* trabalhavam, lado a lado, muitas horas por dia. Fora dele, eram estranhos. Era assim, pelos vistos, que tinha de ser.

Felizmente, Neela ainda se encontrava na cidade, embora a razão para a presença continuada dela fosse perturbante e a distraísse muitíssimo. Tinha havido um golpe em Lilipute-Blefuscu, liderado por um tal Skyresh Bolgolam, um mercador elbês indígena cujos empreendimentos tinham todos falhado e que, em conformidade com isso, detestava os prósperos comerciantes indo-lilianos com uma paixão que se poderia apelidar de racista, caso não estivesse tão obviamente enraizada na inveja profissional e no despeito pessoal. O golpe parecia espectacularmente desnecessário; sob a pressão dos bolgolamitas, o presidente do país, o liberal Golbasto Gue, que fizera valer um programa de reformas constitucionais concebido para dar aos indiano-liliputianos direitos de voto e propriedade iguais, já tinha sido forçado a inverter o curso e a desfazer-se da nova Constituição, semanas apenas após ter sido aprovada. Bolgolam, contudo, suspeitava de estratagema e, no princípio de Setembro, marchara sobre o Parlamento Liliputiano, no coração da cidade de Mildendo, acompanhado por duzentos rufiões armados, e fizera reféns cerca de cinquenta parlamentares e membros do staffpolítico de origem indo-liliana bem como o próprio Presidente Gue. Ao mesmo tempo, esquadrões bolgalamitas de desordeiros tinham atacado e encarcerado membros destacados da liderança política indo-liliana. As estações de rádio e de televisão do país e a principal central telefónica estavam agora em poder dos rebeldes. No Aeródromo Internacional de Blefuscu, as pistas estavam barricadas; as estradas fluviais para o porto de Mildendo estavam igualmente bloqueadas. O principal servidor da internet na ilha, o Lilicon, fora encerrado pelo bando de Bolgolam. Contudo, alguma actividade electrónica ia prosseguindo.

O paradeiro do amigo que Neela fizera na manifestação de Nova Iorque não era conhecido; mas, à medida que as notícias iam lentamente chegando de Lilipute, apesar das mordaças de Bolgolam, ficou claro que Baber não estava entre os que tinham sido feitos reféns no Parlamento, nem na prisão. Se não tinha sido assassinado, então tinha entrado na clandestinidade. Neela decidiu que esta era a alternativa mais provável. «Se estivesse morto, este canalha do Bolgolam já teria posto a notícia a correr, tenho a certeza. Só para ainda desmoralizar mais a oposição». Solanka viu-a muito pouco durante os dias pós-golpe, uma vez que ela estava a esforçar-se, muitas vezes durante as horas mortas da noite, por causa da diferença horária de treze horas, por estabelecer contacto, via ligações à World Wide Web e ao satélite, com o que agora era o Movimento Fillbistanês de Resistência (o MFR, também conhecidos por «Emeferres»). Investigava também azafamadamente a possibilidade de efectuar uma entrada ilegal em Lilipute-Blefuscu, pela Austrália ou pelo Bornéu, acompanhada por um esqueleto de equipa de filmar. Solanka começou a temer muito pela segurança dela e, apesar da grande importância histórica dos acontecimentos que actualmente reclamavam a atenção dela, também pela felicidade recém-encontrada. De repente enciumado pelo trabalho dela, alimentou ofensas imaginárias, disse para si próprio que estava a ser humilhado e ignorado. Ao menos a sua ficcional Zameen de Rijk, quando chegara secretamente a solo baberiano, fora porque andava à procura do seu homem (embora não fosse claro, ele admitia, com que intenção). Uma terrível possibilidade adicional avolumava-se. Talvez Neela fosse à procura de um homem em Lilipute e tão-só de uma história. Agora que o manto histórico tinha caído sobre os ombros inadequados do acenador de bandeira, calvo e de peito nu, que ela tanto admirava, não seria possível que Neela tivesse começado a pensar neste Baber de grandes músculos como uma proposta muitíssimo mais atraente do que um mercador de contos de fadas e brinquedos, sedentário e de meia-idade? Pois por que outra razão é que ela estaria a planear arriscar a vida para entrar à socapa em Lilipute-Blefuscu para o encontrar? Só por causa de um documentário? Ha! Isso soava a falso. Era um pretexto, se se quisesse. E Baber, o desejo desabrochante dela por Baber, era o texto.

Uma noite, já tarde, e só depois de ele ter feito um escarcéu, ela veio visitá-lo à West Seventieth Street. «Estava a ver que nunca mais convidavas», disse ela a rir-se quando chegou, esforçando-se por dissipar a nuvem escura de tensão no ar, com um tom ligeiro. Ele não podia dizer-lhe a

verdade: que, no passado, a presença de Mila ali ao lado o inibira. Estavam ambos demasiado tensos e exaustos para fazer amor. Ela tinha andado a seguir as pistas dela, e ele tinha passado o dia a falar com jornalistas sobre a vida em Galileu-1, um tipo de trabalho enervante e esvaziante, no decurso do qual se ouvira a si próprio soar a falso, com a consciência de que que as reacções dos jornalistas às suas palavras lhes acrescentariam ainda uma segunda camada de falsidade. Solanka e Neela puseram-se a ver o programa de Letterman, sem falar. Inabituados a dificuldades na relação, não tinham forjado nenhuma linguagem para lidar com os sarilhos. Quanto mais longo o silêncio entre eles, mais feia a coisa ficava. Depois, como se um sentimento mau lhes tivesse rebentado da cabeça e tomado forma física, ouviram um grito penetrante. Depois o som de alguma coisa a estilhaçar-se. Depois um segundo guincho, ainda mais alto. Depois, durante muito tempo, nada.

Saíram para investigar. O vestíbulo do prédio de Solanka tinha uma porta interior que geralmente só podia ser aberta com chave, mas a estrutura de metal estava de momento empenada e a fechadura não engatava. A porta exterior, a porta da rua, nunca estava trancada. Isto era preocupante, mesmo nesta nova e mais segura Manhattan. Se o perigo andava a cirandar lá fora, em teoria nada o impedia de entrar. Porém, a rua estava sossegada e vazia, como se mais ninguém tivesse ouvido coisa alguma. O que era certo é que ninguém viera ver o que estava a passar-se. E, apesar do sonoro estrondo, não havia nadinha no passeio, nem vaso nem jarra partidos. Neela e Solanka olharam à sua volta, estupidificados. Outras vidas tinham tocado as deles e depois tinham sumido. Era como se tivessem ouvido uma discussão de fantasmas. A janela de guilhotina daquele que fora o apartamento de Mila estava, contudo, aberta, e, quando olharam para cima, viram aparecer uma silhueta de homem e fechá-la firmemente. Depois as luzes apagaram-se. Neela disse: «Teve de ser ele. É como se não tivesse conseguido acertar-lhe à primeira, mas à segunda não falhou». E o som de coisas a partirem-se, perguntou Solanka. Ela abanou a cabeça, entrou no prédio e insistiu em que chamassem a polícia: «Se eu estivesse a ser assassinada, e os meus vizinhos não fizessem nada, eu ficaria bastante decepcionada, não achas?»

Em resposta à chamada, apareceram, ainda não passara uma hora, dois polícias que tomaram conta da ocorrência e se foram embora para investigar e nunca mais regressaram.

— Era de pensar que eles voltariam para nos contar o que se passou — exclamou Neela, frustradíssima. — Hão-de ter percebido que estamos aqui

raladíssimos a meio da noite.

Solanka perdeu as estribeiras e deu largas ao ressentimento.

— Acho que não devem ter-se apercebido de que era dever deles apresentarem-te relatório — disse, sem fazer qualquer esforço para disfarçar o tom cortante da voz.

Ela, de imediato, lhe saltou em cima, completamente à altura dele em agressividade.

— Mas afinal que bicho te mordeu? — exigiu saber. — Estou farta de fingir que não ando com um urso intratável.

E lá começou o infeliz redemoinho humano de recriminações e contra-recriminações, o velho jogo letal da acusação: tu disseste não tu disseste, tu é que disseste não foi nada foste tu, deixa-me que te diga que já não estou só farta estou *fartíssima* porque precisas de tanto e dás tão pouco, ai é então deixa-me que eu *te* diga que podia oferecer-te todo o conteúdo do Fort Knox e de Bergdorf Goodman e isso ainda não seria suficiente, e o que é que queres dizer com *isso*, se é que me é permitido perguntar, sabes muitíssimo bem o que quero dizer. Oh. Pois. Oh então tudo bem, acho que ficamos por aqui. Claro, se é isso que tu queres. O que *eu* quero? É o que me estás a forçar a dizer. Não, é o que tens estado mortinho para pôr cá para fora. Santo *Deus* pára de me pôr palavras na boca. Eu devia ter imaginado. Não, eu é que devia ter imaginado. Bem, devíamos os dois ter imaginado. Muito bem então. Muito bem.

Naquele instante, em que se defrontavam como gladiadores ensanguentados, inflingindo e recebendo ferimentos que não tardariam a deixar o amor que os unia morto no chão deste Coliseu emocional, o Professor Malik teve uma visão que lhe calou a língua fustigante. Um enorme pássaro negro poisou no telhado da casa, as asas lançando uma sombra profunda sobre a rua. A Fúria está aqui, pensou. Uma das três irmãs veio buscar-me por fim. Aqueles gritos que ouvimos não eram de medo; eram o chamamento da Fúria. O ruído de alguma coisa a estilhaçar-se na rua — um som explosivo, como o que um pedaço de betão poderia fazer, se lançado de uma grande altura com uma força inimaginável — não era uma maldita duma jarra. Era o som da vida a partir-se.

E quem sabe o que poderia ter acontecido ou do que é que, nas garras da fúria regressada à vida, ele poderia ter-se tornado capaz, se não tivesse sido Neela, se ela não tivesse ficado ali, uns bons dois palmos mais alta do que ele, nos seus sapatos de salto alto, a olhá-lo de cima, como uma rainha,

como uma deusa, para a cabeça dele, de farto e comprido cabelo prateado; ou se lhe tivesse faltado o espírito para ver o terror a inundar-lhe o rosto suave, redondo, juvenil, o medo a tremer-lhe nos cantos da boca de arco de Cupido; ou se, naquele último de todos os instantes possíveis, ela não tivesse encontrado a ousadia inspirada, o puro brilhantismo emocional, para quebrar o último tabu que ainda se erguia entre eles, para entrar em território não cartografado, com toda a coragem do seu amor, de modo a provar, para lá de qualquer dúvida, que o amor deles era mais forte do que a fúria, ao estender um braço comprido e desfigurado e começar, com grande deliberação, e pela primeira vez na vida dela, a afagar-lhe o cabelo proibido, o cabelo prateado e comprido que lhe brotava do alto da cabeça.

O feitiço quebrou-se. Ele soltou uma gargalhada. Um grande corvo negro abriu as asas e voou para fora da cidade, só para cair morto uns minutos mais tarde, junto à estátua de Booth no Parque de Gramercy. Solanka compreendeu que a sua cura, a sua recuperação desta raríssima aflição, estava agora completa. As deusas da ira tinham partido; o domínio delas sobre ele fora quebrado por fim. Muito fora o veneno que lhe tinha sido sugado das veias e muita coisa que estivera guardada tempo de mais ia agora ser libertada.

— Quero contar-te uma história — disse ele; e Neela, pegando-lhe na mão, levou-o para o sofá.

— Conta-me à vontade, mas julgo que é capaz de ser alguma coisa que já sei.

* * *

No final do filme de ficção científica *Solaris*, a história de um planeta coberto de água, que funciona como um único cérebro gigante, que consegue ler as mentes dos homens e realizar-lhes os sonhos, o herói-astronauta regressa por fim a casa, ao pórtico da sua datcha russa há muito perdida, com os filhos a correr alegremente por ali e com a mulher, belíssima e morta, viva outra vez, ao seu lado. Quando a câmara se afasta, infinitamente, impossivelmente, vemos que a datcha está numa ilhazinha minúscula incrustada no grande oceano de Solaris: uma ilusão, ou talvez uma verdade mais profunda do que a verdade. A datcha diminui até não ser mais que uma manchazinha e some-se, e nós ficamos com a imagem de um poderoso e sedutor oceano de memórias, imaginação e sonho, onde nada morre, onde

tudo de que precisamos está sempre à nossa espera num pórtico ou a atravessar, a correr em nossa direcção, uma relva vívida com gritos infantis e braços felizes, abertos.

Diz-me. Eu já sei. Neela, na sua sabedoria do coração, tinha adivinhado por que razão, para o Professor Solanka, o passado não era uma alegria. Quando ele vira *Solaris,* tinha achado aquela última cena horrífica. Tinha conhecido um homem como aquele, pensara, um homem que vivia dentro de uma ilusão de paternidade, preso num erro cruel acerca da natureza do amor paternal. Também conhecia uma criança como aquela, pensara, a correr para o homem que fazia as vezes de pai, mas esse papel era uma mentira, uma mentira. Não havia pai. Este não era um lar feliz. A criança não era ela própria. Nada era o que parecia.

Sim, Bombaim inundava-o de novo, e Solanka estava lá a viver outra vez ou, pelo menos, na única parte da cidade que verdadeiramente lhe dizia alguma coisa, no pedacinho de passado, a partir do qual era possível evocarem-se infernos inteiros, o seu amaldiçoado Yoknapatawpha, a sua maldita Malgudi, que lhe configurara o destino e cuja recordação suprimira durante mais de metade da sua vida. Methwold's Estate: chegava e sobrava para as suas necessidades. E, em especial, um apartamento num quarteirão chamado Noor Ville, em que, durante muito tempo, tinha sido criado como rapariga.

Ao princípio, não era capaz de encarar a sua história de frente, só conseguia aproximar-se dela pelos lados, e falava da trepadeira de buganvília a subir pela varanda como um ladrão de Arcimboldo ou como o teu padrasto junto à tua cama à noite. Ou então descrevia os corvos que vinham crocitar como prenúncios junto à vidraça dele, e a sua convicção de que teria sido capaz de compreender os avisos deles, se ao menos não fosse tão desinteligente, se ao menos conseguisse concentrar-se um bocadinho mais, e depois podia ter fugido de casa antes de alguma coisa ter acontecido, por isso a culpa não era senão dele, a culpa estúpida era dele por não ter conseguido fazer uma coisinha tão simples, ou seja, compreender a linguagem dos pássaros. Ou falava do seu melhor amigo, Chandra Venkataraghavan, cujo pai tinha saído de casa quando ele tinha dez anos. Malik, sentado no quarto de Chandra, interrogava o perturbado rapaz. Diz-me como te dói, suplicava Malik a Chandra. Preciso de saber. Era assim que me devia doer a mim. Também o pai de Malik levara sumiço quando ele tinha menos de um ano; a jovem e bonita mãe, Mallika, queimara todas as

fotografias dele e voltara a casar em menos de um ano, agradecidamente adoptando o nome do segundo marido e dando-o também a Malik, roubando Malik à história e ao sentimento que eram seus. O pai fora-se, e ele nem sabia qual era o nome dele, que também era o seu. Se dependesse da mãe, Malik nunca teria sabido da existência do pai, mas o padrasto contara-lhe logo que ele atingira a idade de perceber. O padrasto que precisava de se desculpar da acusação de incesto. Pelo menos disso.

Que fizera o pai para ganhar a vida? Malik nunca fora informado. Era gordo ou magro, alto ou baixo? Tinha o cabelo ondulado ou liso? Só lhe restava olhar-se ao espelho. O mistério do aspecto do pai seria solucionado à medida que ia crescendo e que o rosto no vidro lhe respondia às perguntas. «Agora somos Solankas», repreendia-o a mãe. «Que importa essa pessoa que nunca existiu e que certamente não existe agora? Este é o teu verdadeiro pai, que te põe comida no prato e roupas no corpo. Beija-lhe os pés e faz-lhe a vontade».

O Dr. Solanka, o segundo marido, era interno no Hospital Breach Candy e um compositor dotado nas horas vagas, e era de facto generoso no sustento. Contudo, como Malik viria a descobrir, o padrasto exigia mais do que simplesmente que lhe beijasse os pés. Tinha Malik seis anos quando Mrs. Mallika Solanka — que nunca mais voltara a engravidar, como se o primeiro marido fugido tivesse levado o segredo da fertilidade com ele — foi declarada incapaz de voltar a ter filhos, e o tormento do rapaz começou. *Arranja-lhe roupas e deixa que o cabelo lhe cresça, e assim ele será não só o nosso filho como a nossa filha. Não mas, marido, como pode isso ser, quer dizer, isso assim estará certo? Claro que não! Porquê? Na privacidade do lar todas as coisas decretadas pelo pater famílias são sancionadas por Deus*. Oh, minha mãe fraca, compraste-me laços e vestidos. E, quando o estafermo te disse que a tua constituição frágil, toda ela arquejos e constipações, beneficiaria com exercício diário, quando ele te prescreveu longos passeios nos Jardins Suspensos ou na pista de corridas de Mahalaxmi, será que não pensaste em perguntar-lhe por que não ia ele contigo; por que, tendo despedido a *ayah*, insistiu em cuidar sozinho da sua «filhinha»? Oh, minha pobre mãe morta que traíste o teu único filho. Passado um ano disto, Malik tinha finalmente reunido a coragem suficiente para perguntar o imperguntável. *O Mamã, por que é que o Doutor Sahib me empurra para baixo? Que empurra para baixo, como te empurra para baixo, que absurdo vem a ser este? Mamã, quando ele fica ali e me põe a*

mão na cabeça e me empurra para baixo e me obriga a ajoelhar-me. Quando, Mamã, ele desaperta o pijama, quando, Mamã, o deixa cair. Nessa altura ela tinha-lhe batido, com força e repetidamente. *Nunca mais quero voltar a ouvir as tuas mentiras diabólicas ou bato-te até ficares surdo e mudo. Por qualquer razão resolveste embirrar com este homem que é o único pai que conheceste. Por qualquer razão não queres que a tua mãe seja feliz, por isso dizes estas mentiras, não penses que eu não te conheço e à maldade que tens no coração; como achas que me sinto quando as outras mães me dizem, o teu Malik, querida, que imaginação, pergunta-se-lhe uma coisa e nunca se sabe com o que é que ele se vai sair. Oh, eu sei o que isso significa: significa que andas a contar patranhas por toda a cidade e que eu tenho um filho que é um mentiroso da pior espécie.*

Depois disto, ficou surdo e mudo. Depois disto, sempre que sentia os empurrões no alto da sua cabeça cheia de lacinhos, caía obedientemente de joelhos, fechava os olhos e abria a boca. Porém, uns longos meses mais tarde, as coisas mudaram. Um dia, o Dr. Solanka recebeu a visita do pai de Chandra, Mr. Balasubramanyam Venkataraghavan, o importante banqueiro, e ficaram fechados mais do que uma hora. As vozes elevaram-se, depois baixaram rapidamente. Mallika foi chamada, depois rapidamente mandada embora. Malik permaneceu no extremo de um corredor, de olhos esbugalhados, sem fala, agarrado a uma boneca. Por fim, Mr. Venkat saiu, com ar de trovão, parando apenas para pegar em Malik e abraçá-lo (que estava vestido para a visita de Venkat numa camisa branca e calções) e para murmurar, com uma cor viva a queimar-lhe o rosto: «Não te preocupes, meu rapaz. *Disse o corvo: nunca mais*». Nessa mesma tarde, todos os vestidos e os laços foram levados para serem queimados; mas Malik insistiu em que o deixassem ficar com as bonecas. O Dr. Solanka nunca mais lhe tocou com um dedo. Quaisquer que tivessem sido as ameaças feitas por Mr. Venkat, elas surtiram efeito. (Quando Balasubramanyam Venkataraghavan abandonara a sua casa para se tornar um *sanyasi*, um Malik Solanka de dez anos temera muito que o padrasto pudesse retomar a práticas antigas. Porém, o Dr. Solanka parecia ter aprendido a lição. Malik Solanka, contudo, nunca mais dirigiu palavra ao padrasto.)

Desse dia em diante, a mãe de Malik também ficara diferente, sempre a desculpar-se interminavelmente perante o filho e chorando sem parar. Ele mal conseguia falar com ela sem provocar um grito terrível de dor culpada. Isto alienava Malik. Ele precisava de uma mãe, não de uma Companhia das

Águas como a que existia no tabuleiro do Monopólio. «Por favor, Ammi», ralhou-lhe quando ela embarcou numa das suas frequentes festas de abraços e soluços. «Se eu consigo controlar-me, tu também consegues». Picada, ela largou-o e, depois disso, começou a chorar em privado, abafando o som nas almofadas. A vida retomou então à superfície o ar de normalidade, o Dr. Solanka tratava da sua vida, Mallika tratava da casa e Malik, aferrolhando os pensamentos, confidenciava tão-só em sussurros, tão-só nas horas de escuridão, às bonecas que se apinhavam à volta dele na cama, quais anjos-da-guarda, quais parentes de sangue: a única família em que se permitia confiar.

— O resto não importa — disse ele, no fim da confissão. — O resto é quotidiano: levar a vida em diante, crescer, afastar-me deles, ter a minha vida. — Um enorme fardo saíra-lhe dos ombros. — Já não tenho de carregar com eles — acrescentou, maravilhado.

Neela pôs-lhe os braços à volta e chegou-se ainda mais a ele.

— Agora sou eu que te tenho prisioneiro — disse. — Sou eu que te peço para ires aqui e ali, fazeres isto e aquilo. Mas desta vez é o que ambos queremos. Nesta prisão, és finalmente livre.

Descontraiu-se nos braços dela, ainda que soubesse que havia ainda uma última porta que não tinha desaferrolhado: a porta da revelação total, da verdade absoluta, brutal, por detrás da qual havia a coisa estranha que acontecera entre ele e Mila Milo. Porém, isso, persuadiu-se catastroficamente, ficaria para outro dia.

Por todo lado, na Terra — na Grã-Bretanha, na Índia, na distante Lilipute —, as pessoas andavam obcecadas pelo tema do sucesso na América. Neela era uma celebridade, lá na terra dela, simplesmente porque tinha arranjado um bom emprego — «vencido na vida» — nos meios de comunicação americanos. Na Índia, tinha-se grande orgulho nos conseguimentos de indianos a residir nos E.U. nas áreas da música, da edição (embora não na da escrita), de Silicon Valley e Hollywood. Os níveis da histeria britânica ainda eram mais elevados. Jornalista britânico consegue trabalho nos E.U.A.! Inacreditável! Actor britânico fará papel secundário em filme americano! Uau, que superestrela! Cómico transformista britânico ganha dois Emmys! Espantoso — nós sempre soubemos que o travesti britânico era o melhor do mundo! O sucesso na América tornara-se a única validação real do valor de cada um. Ah, genuflexão, pensava Malik Solanka. Ninguém sabia

como fazer frente ao dinheiro nos dias que corriam, e todo o dinheiro estava aqui, na Terra Prometida.

Tais reflexões tinham-se tornado actuais porque, aos cinquenta e tal anos, estava a passar pela experiência da força superlativa de um verdadeiro êxito americano, uma força que lhe escancarara todas as portas da cidade, lhe desaferrolhara os segredos, e o convidava a banquetear-se até rebentar. O lançamento do Galileu, um empreendimento comercial interdisciplinar, sem precedentes, tinha atingido marcas intergalácticas desde o primeiro dia. Revelara-se um daqueles acidentes felizes: um mito necessário. T-shirts com QUE SOBREVIVA O MAIS FORTE andavam a cobrir alguns dos peitos mais elegantes da cidade, tornando-se, para a geração do ginásio, um *slogan* triunfa-lista que alcançara uma popularidade estrondosa do dia para a noite. Era envergado orgulhosamente também por algumas das barrigas mais flácidas dos arredores como prova de que quem o envergava tinha sentido de ironia e graça. A procura do jogo de vídeo da Playstation ultrapassou rapidamente todas as previsões, deixando até Lara Croft a cambalear à sua passagem. No auge do fenómeno da *Guerra das Estrelas*, a comercialização dos produtos derivados representara um quarto do volume de negócios da indústria dos brinquedos ao nível mundial; desde essa altura, só o fenómeno da Craniozinho se tinha aproximado. Agora a saga do Galileu-1 estava a bater novos recordes, e desta vez a loucura global estava a ser impulsionada não por filmes ou pela televisão mas pelo *website*. *O* novo meio de comunicação estava finalmente a mostrar valer a pena. Após um Verão céptico acerca do potencial de muitas empresas de *internet*, que apresentavam prejuízos maciços, aqui estava por fim o profetizado admirável mundo novo. A mula surpreendentemente dócil de Professor Solanka, chegada por fim a sua hora, estava vagarosamente a dirigir-se para Belém, a fim de nascer. (Não obstante, havia arestas a limar: nos primeiros tempos era normal o *site* sucumbir sob o enorme volume de consultas, que parecia multiplicar-se mais depressa do que a capacidade dos *webspyders* para aumentar o acesso por replicação e processos especulares, urdidura de novos fios da brilhante teia.)

Mais uma vez, as personagens ficcionais de Solanka começavam a querer rebentar com as gaiolas em que se encontravam e sair para a rua. De todos os lados do mundo, chegavam notícias das suas imagens, agora gigantescas, a ocupar, à altura de muitos andares, as paredes das cidades. Faziam aparições públicas enquanto celebridades, cantavam o hino nacional em

jogos de futebol, publicavam livros de culinária, iam ao programa de Letterman na qualidade de convidadas. As jovens actrizes mais em voga no momento rivalizavam publicamente pelo papel de Zameen de Rijk e da sua dupla, a humanóide Deusa da Vitória. E desta vez Solanka não sentia nenhuma da velha frustração dos tempos da Craniozinho, porque, como Mila Milo prometera, ele era mesmo dono e senhor deste espectáculo. Maravilhava-se com o seu próprio entusiasmo. Reuniões criativas e de sócios preenchiam-lhe os dias. A relação ao largo, por correio electrónico, com os *webspyders* terminara. Tornara-se essencial o «tempo frente a frente» regular. A cólera continuada, possivelmente até crescente, de Mila, a enjeitada sexual com uma fixação na figura paterna, era a única pedra no sapato nesta situação rica, até cresoesca. Mila e Eddie chegavam carrancudos a reuniões cruciais e saíam sem dizer uma palavra amável a Solanka. Contudo, o cabelo e os olhos dela não podiam ser mais eloquentes. Mudavam frequentemente de cor, um dia ardiam como labaredas, para, no seguinte, olharem furiosamente negros. Muitas vezes as lentes de contacto chocavam violentamente com o cabelo, sugerindo que o humor de Mila era, nesse dia em particular, muitíssimo mau.

Solanka não tinha tempo para lidar com o problema Mila. Os parceiros iniciais do projecto Galileu estavam a rebentar de ideias para diversificar a actividade: uma cadeia de restaurantes! Um parque temático! Um hotel gigantesco em Las Vegas, mais um centro de diversões e um casino com a forma das duas ilhas de Baberia, a serem incrustados num «oceano» criado artificialmente no coração do deserto! O número de empresas a bater-lhes desalmadamente à porta, suplicando que as deixassem participar, era quase tão difícil de determinar como a exacta expressão decimal de It. Quase todos os dias, os *webspyders* criavam *e* recebiam novas propostas para o futuro da empresa, e Malik Solanka perdia-se no êxtase, *na faria,* do trabalho.

Não tinham, contudo, podido prever a intromissão dos bonecos de carne e osso, oriundas do imaginário planeta Galileu-1, nos assuntos públicos da Terra que existia de facto. Foi Neela quem trouxe as notícias a Solanka. Ela chegara a West Seventieth Street num estado de grande excitação. Os olhos brilhavam-lhe enquanto falava. Houvera um contragolpe em Lilipute. Começara como um assalto: homens mascarados tinham atacado a maior loja de brinquedos de Mildendo e tinham-se pirado com todo o fornecimento, acabadinho de importar, de máscaras e fatos dos Humanóides Kronosianos. Curiosamente — dado o nome do amigalhaço porta-bandeira, de peito

brilhante, de Neela —, nenhum fato baberiano tinha sido levado. Os radicais do MFR, os revolucionários «Emeferres» indo-lilianos que tinham orquestrado o ataque, como veio a revelar-se posteriormente, identificavam-se bastante com os Reis-marionetas, cujo direito inalienável a serem tratados como iguais — como seres morais e sensíveis de pleno direito — lhes fora negado por Mogul, o Baberiano, o seu inimigo mortal, de quem Skyresh Bolgolam era acusado de ser um avatar.

Até aqui as notícias tinham soado como uma mera bizarria, uma aberracão exótica e desimportante lá nas lonjuras, e por isso facilmente desdenhável, do Pacífico Sul. Porém, o que se seguiu não pôde ser tão prontamente ignorado. Milhares de revolucionários «fillbistaneses» altamente organizados tinham feito assaltos armados e coordenados a edifícios-chave de Lilipute-Blefuscu, apanhando de surpresa o exército elbês que era, em grande medida, decorativo, e travando combate com os bolgolamitas que ocupavam o Parlamento, as estações de rádio e de televisão, a companhia dos telefones e as instalações do Lilicon, o servidor de *internet,* bem como o aeródromo e o porto de mar, numa luta feroz e prolongada. Os soldados rasos envergavam os habituais barretes, óculos escuros e lenços para esconder os rostos, mas alguns oficiais apresentavam vestes mais grandiosas. Os humanóides de Akasz Kronos abriam veredas naquela que era, Malik Solanka apercebia-se agora, nada menos do que uma terceira «revolta dos bonecos de carne e osso». Eram vistos muitos «Bonecreiros» e «Zameens» a dirigir confiantemente as operações. «Que sobreviva o mais forte!», ouviam-se os Emeferres gritar ao atacarem posições bolgolamitas. No fim deste dia sangrento, o MFR tinha obtido a vitória, mas o preço fora elevado: centenas de mortos, ainda mais centenas de feridos graves ou de feridos classificados como ambulantes. As instalações médicas de Lilipute-Blefuscu estavam a ter grande dificuldade em tratar as vítimas com a urgência que os ferimentos reclamavam. Alguns dos feridos morriam enquanto esperavam a sua vez para serem tratados. O ruído da dor e do medo encheu, a noite inteira, os corredores do hospital da pequena nação.

Quando Lilipute-Blefuscu retomou o contacto com o mundo exterior, soube-se que tanto o Presidente Golbasto Gue como o líder do golpe original, e agora fracassado, Skyresh Bolgolam, tinham sido capturados vivos. O líder da revolta organizada pelo MFR, que se apresentava vestido dos pés à cabeça num fato de Kronos/Bonecreiro e que se referia a si próprio apenas como Comandante Akasz, apareceu brevemente na RTLB

para anunciar o êxito da operação, para louvar os mártires e para anunciar, de punho cerrado, que «Sobreviveram os mais fortes!» Depois anunciou as suas condições: a restituição da Constituição revogada de Golbasto e o julgamento do bando de Bolgolam por alta traição, o que, segundo a lei elbesa, era punível com a morte, embora não houvesse memória de execuções nos tempos recentes e ninguém esperasse que viesse a chegar-se agora a tanto. Mais declarou que ele, o «Comandante Akasz dos Emeferres», exigia o direito de ser consultado sobre o próximo governo de Liliputе-Blefuscu, pois tinha uma lista própria de candidatos para inclusão nas hostes executivas do país. Não especificou nenhum lugar para si próprio, um exemplo de falsa modéstia que não enganou ninguém. Bal Thackeray em Bombaim e Jõrg Haider na Áustria tinham provado que um homem não precisava de ter um cargo público para dirigir os destinos de uma nação. Tinha emergido um verdadeiro homem forte. Até que as suas condições fossem concretizadas, concluía o «Comandante Akasz», iria «instar o respeitado Presidente e o traidor Bolgolam a pern anecerem no edifício do Parlamento como seus convidados pessoais».

Solanka ficou perturbado; o velho problema dos fins e dos meios outra vez. O «Comandante Akasz» não lhe parecera o servidor de uma causa justa e, embora, Solanka tinha de conceder, Mandela e Gandhi não fossem os únicos modelos de revolucionário possível, havia que reconhecer as tácticas de rapaz brigão por aquilo que eram. Não obstante, Neela andava eufórica. «O mais incrível é que isto não parece nada coisa de indo-lilianos: militarizados, disciplinados, agindo em sua própria defesa em vez de se limitarem a chorar e a torcer as mãos. Mas que milagre que ele conseguiu, não achas?» Ela ia partir para Mildendo na manhã seguinte, disse. «Fica feliz por mim. Este golpe vai fazer do meu filme uma coisa *sexy*. O telefone não tem parado de tocar o dia inteiro». Malik Solanka, que estava num dos picos altos da sua vida, sentindo-se, qual Gulliver ou Alice, um gigante entre pigmeus, invencível, invulnerável, sentiu de repente uns dedos minúsculos e invisíveis a puxarem-lhe pelas roupas, como se uma horda de duendezinhos estivesse a tentar arrastá-lo para as profundezas do Inferno. «É ele, sabes», acrescentou Neela. «O Comandante Akasz», quero eu dizer. Vi a gravação, e não há dúvidas. Aquele corpo: reconhecê-lo-ia em qualquer parte. Ele é mesmo um tipo e pêras».

A velocidade da vida contemporânea, pensou Malik Solanka, excedia a capacidade de resposta do coração. A morte de Jack, o amor de Neela, a derrota da fúria, o elefante de Asmaan, a dor de Eleanor, a mágoa de Mila, o triunfalismo desdenhoso do canalizador Schlink, o fim do Verão, o golpe de Bolgolam em Lilipute-Blefuscu, a ciumeira de Solanka do radical Baber do MFR, a sua discussão com Neela, os gritos na noite, a narração da sua «ante-história», o desenvolvimento de velocidade máxima do projecto dos Reis-marionetas de Galileu e o seu êxito gigantesco, o contragolpe do «Comandante Akasz», a partida iminente de Neela: uma tal aceleração do fluxo temporal era quase comicamente sufocante. Já Neela não sentia nada disto; sendo uma criatura de velocidade e movimento, uma filha da época sobreexitada que era a dela, aceitava a taxa actual de mudança como normal. «Pareces tão velho quando falas dessa maneira», repreendia-o. «Pára já com isso e vem cá». O acto de amor da despedida foi inapressado, delirantemente prolongado. Por esse lado, nenhum problema com a excessiva rapidez da pós-modernidade. Havia, parecia evidente, umas quantas áreas em que a lentidão ainda era valorizada pelos jovens.

Deslizou para um sono sem sonhos mas acordou, duas horas mais tarde, para um pesadelo. Neela ainda ali estava — gostava muitas vezes de ficar a dormir em casa de Solanka, embora continuasse a detestar acordar ao lado dele na cama dela, um critério com dois pesos e duas medidas que ele aceitara sem objecções —, mas havia um estranho no quarto, na verdade havia um homem grande, não, um homem muito grande, de pé, junto à cama, do lado de Solanka a segurar — oh, espelho terrível do delito do próprio Solanka! — uma faca de aspecto pouco convidativo. Despertando logo completamente, Solanka sentou-se direito que nem um fuso na cama. O intruso saudou-o, acenando ligeiramente a lâmina em direcção dele. «Professor», disse Eddie Ford, não sem cortesia. «Ainda bem que pôde estar connosco esta noite».

Uma vez, há alguns anos, em Londres, um miúdo negro espalhafatoso, que saltara de um descapotável e insistira em utilizar a cabina telefónica em que Solanka estava a entrar, tinha apontado uma faca a Solanka. «É uma mulher, meu», argumentou ele. «É urgente, certo?» Quando Solanka disse que a sua chamada também era importante, o jovem passou-se. «Eu corto-te aos pedaços, meu estafermo, não penses que não o faço. Olha que a mim não me aquece nem me arrefece. Foda-se». Solanka tinha trabalhado bem a linguagem corporal. O importante era não parecer nem demasiado assustado

nem demasiado confiante. Tinha de se percorrer uma linha finíssima. Também se esforçou por manter a voz uniforme. «Isso seria mau para mim», dissera, «mas também para ti». Depois seguira-se um combate de olhares que Solanka, não sendo estúpido, não quis ganhar. «Na boa, vai-te foder, seu conaça, *okay?*», dissera o homem da faca e entrara para fazer a chamada. «Ó amorzinho, esquece-o, ó amor, deixa-me mostrar-te o que aquele monte de merda não seria capaz». Começou a contarolar para o auscultador uns versos que Solanka reconheceu serem de Bruce Springsteen. «*Tell me now, baby, is your daddy home, did hego and leave you all alone, uh-huh, I got a bad desire; oh, oh, oh, oh, I'm on fere*»[26]. Solanka afastou-se rapidamente, virou a esquina e encostou-se à parede, a tremer.

Então ei-lo que aqui estava novamente, mas desta vez a coisa era pessoal, e a linguagem corporal e as aptidões vocais podiam não bastar. Desta vez havia uma mulher a dormir ao lado dele, na cama. Eddie Ford começara a andar devagar de um lado para o outro, aos pés da cama.

— Eu sei o que te está a passar pela cabeça, meu — disse ele. — A um gajo tão tarado por cinema como tu. Lincoln Plaza, et cetera, claro, claro. *A Faca no Escuro*, acertaste logo à primeira, o segundo filme da Pantera Cor-de-Rosa, com a encantadora Elke Sommers, acertei?

O filme chamara-se *Um Tiro no Escuro*, mas Solanka decidiu que aquele não era o momento de corrigir Eddie.

— A merda dos filmes com facas — ponderou Eddie. — A Mila gostou de Bruno Ganz em *Faca na Cabeça*[27], mas para mim não há como o velho clássico, o primeiro filme de Polanski, *A Faca na Água*. Um homem começa a brincar com uma faca para impressionar a mulher. Ela tinha ideias naquele merdas louro que andava à boleia. Isso foi um grande erro de merda, menina. Isso foi insultuoso.

Neela estava a mexer-se, a chorar docemente no sono, como era frequente fazer.

— Psiu — Solanka fez-lhe uma festa nas costas. — Está tudo bem. Psiu. Eddie acenou sabiamente com a cabeça.

— Acho que ela daqui a nada está a juntar-se a nós, meu. E, raios me partam se não estou mortinho por que o faça. — Depois retomou as suas ruminações. — Nós costumamos classificar os filmes, a Mila e eu. Assustador, mais assustador, assustadoríssimo, e por aí fora. Para ela, é *O Exorcista* meu, *Exorcista* que vai voltar a ser lançado com material inédito até hoje, uh—uh, mas eu cá replico, não. Tem de se ir mais para trás, até ao

período clássico, até ao melhor dos gajos, o Roman Polanski. *A Semente do Diabo*, meu. Esse é mesmo dos diabos, meu. Agora de diabinhos percebes tu a rodos, estou certo, Professor? Um diabinho como tu com meninas sentadas, por exemplo, na porra do colo dia após merda de dia. Não me respondeste, Professor. Permite-me que reformule. Andaste a brincar com o que não era teu e com aquilo em que não podias tocar, e cá no meu ver todo o pecador será castigado. A vingança é minha, disse o Senhor. A vingança é do Eddie, não *é*, Professor, não achas que deves *admitir*, enquanto estamos aqui a olhar um para o outro, que essa é a merda da realidade dos factos? Enquanto olhamos um para o outro aqui, tu indefeso mais a tua menina aí, e eu com este caralho de facalhão assassino na mão, pronto para te cortar os tomates, não achas que deves aceitar que a porra do Dia do Juízo Final está próxima?

Os filmes estavam a infantilizar o público, pensou Solanka, ou talvez fossem os facilmente infantilizáveis que eram atraídos por filmes de um certo tipo simplificado. Talvez a vida diária — a sua correria, o seu sobrecarrego — acabasse por entorpecer e anestesiar as pessoas que, depois, entravam nos mundos mais simples dos filmes, para se lembrarem de como era sentir. Em resultado disso, nas cabeças de muitos adultos, a experiência oferecida nos cinemas parecia agora mais real do que a disponível no mundo exterior. Para Eddie, os lugares-comuns dos patifes do cinema possuíam mais autenticidade do que qualquer padrão de discurso mais «natural», mesmo do que do discurso ameaçador, à sua disposição. Ele era, na cabeça dele, Samuel L. Jackson, prestes a espancar um rufia. Era um homem de fato preto, com nome de cor, a esquartejar uma vítima amarrada, ao som da canção «Stuck in the Middle with You». Nada disto significava que uma faca não era uma faca. A dor continuava a ser dor, a morte continuava a ser o fim, e havia um jovem, indubitavelmente louco, a acenar-lhes, a ele e a Neela, com uma faca no escuro. Neela estava agora acordada, sentada ao lado de Solanka, a puxar o lençol à volta da sua nudez, tal como as pessoas fazem nos filmes.

— Conhece-lo? — sussurrou ela.

Eddie riu-se.

— Oh, se conhece, menina bonita — exclamou. — Temos tempo para um joguinho de perguntas e respostas. O professor e eu, nós somos *colegas*.

— Eddie — disse uma Mila desconcertante, de globos oculares vermelhos, cabelo azul e ar reprovador da porta aberta. — Roubaste-me as chaves. Ele roubou-me as chaves — disse, virando-se para Solanka que

continuava na cama. — Desculpa lá isto. Ele tem, tipo, sentimentos fortes. Adoro isso num homem. Ele cultiva sobretudo sentimentos fortes acerca de ti. O que até é compreensível. Mas a faca? Está mal, Eddie. — Virou-se para o noivo. — M-a-l. Como é que queres casar, se vais acabar atrás das grades?

Eddie ficou de crista caída e, como um rapazinho repreendido, ficou para ali a passar o peso de um pé para o outro, transformando-se num instante de cão raivoso assassino em cachorrinho a ganir.

— Espera lá fora — ordenou-lhe ela, e ele lá foi, a arrastar os pés, mudo. — Ele espera lá fora — disse para Solanka, ignorando completamente a outra mulher no quarto. — Temos de falar.

A outra mulher, contudo, não estava acostumada a ser apagada de qualquer cena de que fazia parte.

— Que quis ela dizer quando disse que ele lhe tinha roubado as chaves? — exigiu Neela saber. — Por que é que ela tinha as tuas chaves? Que queria ele dizer quando afirmou que vocês eram colegas? O que quer ela dizer com «o que até é compreensível»? Por que é que ela tem de falar?

Ela tem de falar, respondeu-lhe o Professor Solanka silenciosamente, porque pensa que eu penso que ela fodeu o pai, ao passo que eu sei ter sido, de facto, o pai que a fodeu a ela, pois esta é uma área de investigação em que fiz muita pesquisa de campo. Ele fodeu-a todos os dias como a uma cabra — como a um homem — e depois deixou-a. E, porque ela o amava tanto como o odiava, anda, desde então, à procura de versões da mesma canção, imitações de vida. É uma especialista nas manhas da época dela, esta época de simulacros e falsificações, em que é possível encontrar qualquer prazer conhecido por mulheres e homens em material sintético, à prova de doença ou culpa — uma versão brilhantemente falsa, de baixas calorias e baixa-fidelidade, do canhestro mundo de sangue e vísceras reais. Foi isso que eu fui: a contrafacção dela.

Passavam dezassete minutos das três da manhã. Mila, de gabardina e botas, sentou-se à beira da cama. Malik Solanka gemeu. O desastre chegava sempre quando as nossas defesas estavam baixas: atacando-nos, como o amor.

— Diz-lhe — disse Mila, permitindo por fim que Neela existisse. — Explica-lhe por que me deste as chaves deste teu pequeno reino. Explica-lhe a almofada no teu colo.

Mila preparara-se cuidadosamente para este confronto. Desapertou o cinto da gabardina e despiu-a, revelando, oh, coisa mais disparatada, um *baby-doll* absurdamente curto. Eis um exemplo do uso da roupa como arma letal: a Mila ferida estava vestida para matar.

— Vá lá, Papi — incitou-o ela —, fala-lhe de nós. Fala-lhe de Mila à tarde.

— Sim, conta lá — acrescentou Eleanor Solanka com ar severo, acendendo a luz ao entrar, acompanhada por uma coruja budista, pesadona, grisalha, de óculos, a piscar os olhos, o seu ex-amigo Morgen Franz. — Estou certa de que será fascinante para todos nós.

Oh, porreiro, pensou Malik. Parece que, por estas bandas, hoje é o dia da porta aberta. Por favor, entrem todos, não se ralem comigo, façam como se estivessem em vossa casa. Eleanor tinha o cabelo, solto e castanho, mais comprido que nunca; trazia vestido um casaco comprido de caxemira, preto e de gola subida, e um clarão nos olhos. Tinha um aspecto espantoso, tendo em conta que eram três da manhã, reparou Malik. Também notou que Morgen Franz estava de mão dada com ela; e que Neela estava a sair da cama e a vestir-se, descontraidamente. Também ela tinha os olhos a arder, e os de Mila, é claro, já eram de um vermelho vivo. Solanka fechou os seus e recostou-se, pondo uma almofada na cara por causa do resplendor súbito que se fizera no quarto.

Eleanor e Morgen tinham deixado Asmaan com a avó e apanhado um voo para o aeroporto de JFK, nessa tarde. Tinham alugado um quarto num hotel na cidade, tencionando contactar Solanka de manhã para o familiarizar com as diferentes circunstâncias nas vidas deles. (Isto, pelo menos, já Solanka intuíra antecipadamente: ou, melhor, Asmaan tinha-o informado disso.)

— Ora bem, eu não conseguia adormecer — disse Eleanor para a almofada. — Daí que tenha pensado: que se lixe, vou lá e acordo-o. Estou a ver, contudo, que já estás a receber; o que torna muito mais fácil dizer-te o que vim dizer.

A doçura desaparecera-lhe da voz. Tinha os punhos cerrados, os nós dos dedos esbranquiçados. Estava a lutar duramente consigo mesma para manter a voz sob controle. A qualquer momento, iria abrir a boca e, em vez de palavras, desprender-se-ia o grito ensurdecedor, destruidor de mundos, da Fúria.

Ele devia ter sabido, pensava Solanka, empurrando a almofada mais firmemente de encontro ao rosto. Que hipótese tinha um homem mortal

quando confrontado com a malícia tortuosa dos deuses? Ei-las aqui, as três Fúrias, as próprias «Benignas», na posse completa dos corpos físicos das mulheres a que a vida dele estava mais profundamente ligada. As formas externas eram-lhe muito familiares, mas o fogo que jorrava dos olhos destas criaturas metamorfoseadas provava que já não eram as mulheres que ele tinha conhecido mas antes receptáculos para a descida do Divino malévolo a Upper West Side...

— Oh, por amor de Deus, sai da cama — respingou Neela. — Levanta-te imediatamente, para que possamos deitar-te abaixo.

O Professor Malik Solanka pôs-se de pé, nu, sob os olhos incandescentes das mulheres que amara. A fúria que outrora o possuíra era agora delas; e Morgen Franz fora apanhado por este campo magnético, Morgen que tinha tão pouco de que se orgulhar no seu próprio comportamento, à excepção de que também ele aprendera o que era ser escravo do amor. Morgen, a quem Eleanor concedera o dom do seu ser ferido e a guarda do seu filho. Crepitando com a energia que corria para ele vinda das Fúrias, aproximou-se do homem nu como uma marioneta com fios de relâmpago e atirou-lhe com o braço não-violento. Solanka caiu, como uma lágrima.

24 New York Stock Exchange, a bolsa nova-iorquina. *(N. T)*
25 Internet Service Provider (Servidor da Internet). *[N. T]*
26 1 « Ora diz-me, querida, o teu pai está em casa, não me digas que te deixou sozinha, uh-uh, o meu desejo é grande; oh, oh, oh, estou em brasa» . *[N. T]*
27 Referência a um filme de Reinhard Hauff, que não passou no circuito comercial português. Título original: *Messer im Kopf.* Eddie cita-o com o título americano, *Knife in the Head. [N. T]*

17

Três semanas mais tarde, Solanka saía, no Aeródromo Internacional de Blefuscu, de um Airbus de longo curso para um dia primaveril do hemisfério sul, quente mas com uma brisa amena. Um ramalhete complexo de odores encheu-lhe as narinas — hibisco, loendro, jacarandá, transpiração, excrementos, óleo de carro. Agora a grande loucura das suas acções atingia-o com mais força ainda que o soco do amante pacifista da sua mulher, o murro do k.o., o golpacifístico que o deixara estendido, sem sentidos, no chão do seu próprio quarto. Que pensava ele andar a fazer, ele um homem de cinquenta e cinco anos, respeitável e agora extremamente rico, a perseguir, por esse mundo fora, uma mulher que o tinha deixado literalmente de rastos? Pior ainda, por que o enervava tanto que os revolucionários nesta terra, os filbstaneses, o MFR, os Emeferres — por que não seriam eles capazes de decidir de uma vez por todas como se chamavam? —, tivessem assumido as identidades das suas ficções, quais bombeiros ou operários numa central nuclear a vestir roupa de protecção contra os perigos do seu trabalho? Os fatos dos Reis-marionetas podiam ter-se tornado pate do que se estava a passar nestas bandas, mas nada disso era da responsabilidade dele. «Tu não fazes parte destes acontecimentos», repreendeu-se o Professor Solanka pela enésima vez, ao que ele próprio respondia: «Ai não? Então por que é que aquele Baber, acenador de bandeiras, sem um pêlo no corpo, que anda a sair com a minha miúda, passa a vida com uma máscara de látex da minha cara?»

A máscara de «Zameen de Rijk» tinha sido modelada em Neela Mahendra, isso era óbvio, mas, no caso de «Akasz Kronos», parecia a Solanka que o oposto era verdade: à medida que o tempo ia passando, ele tinha vindo a assemelhar-se cada vez mais à sua criação. O cabelo prateado e longo, os olhos ensandecidos pela perda. (A boca tinha sido sempre a dele.) No palco desta ilha remota estava a ser representado uma estranha peça de teatro de máscaras, e o Professor Solanka tinha sido incapaz de se livrar da noção de que a acção estava intimamente relacionada com ele, de que o grande, ou talvez trivial, enredo da sua vida, vida essa talvez significante mas mais provavelmente bastante lamentável — mas, ainda assim, a sua vida! —, estava a chegar, aqui no Sul do Pacífico, ao acto final. Esta não era uma ideia razoável, mas ele andava, desde os acontecimentos ligeiramente

trágicos mas sobretudo fárcicos da Noite das Fúrias, num estado de espírito irrazoável, depois de ter recuperado a consciência com um molar partido que lhe dava bastante que fazer e um coração despedaçado e uma vida ferida que lhe causavam ainda maior sofrimento do que o dente latejante. Na cadeira do dentista, tentara abstrair-se da gravação com canções da primeira fase de Lennon-McCartney e da tagarelice agradável do cabouqueiro neo-zelandês, profundamente enfronhado no interior do maxilar — viera-lhe de algures a recordação de que os Beatles tinham começado a vida como Quarryme[28]. Concentrou-se em Neela: no que estaria a pensar, em como recuperá-la. Ela tinha demonstrado que, em matéria de coração, era muito como o homem que as mulheres sempre o tinham acusado de ser. Ela estava lá, até deixar estar. Quando amava, amava a cem por cento, sem reservas; mas era evidente que também era uma homicida de machado em riste, capaz de cortar, a qualquer momento, a cabeça de um amor subitamente rejeitado. Confrontada com o passado dele — um passado que, na opinião de Solanka, não tinha qualquer influência no amor dele por ela —, atingira o ponto de saturação, enfiara as roupas, saíra e, quase de imediato, embarcara numa viagem de avião de vinte e quatro horas para o outro extremo do globo, sem um telefonema solícito sobre o maxilar dele, já para não falar de uma palavrinha de despedida amorosa ou até a promessa reservada de tentar resolver as coisas mais tarde quando a história acalmasse e lhe deixasse um bocadinho de tempo. Porém, também era ela uma mulher familiarizada com a perseguição. Talvez até estivesse um bocadinho dependente disso. De qualquer forma — Solanka ia-se persuadindo enquanto a clamorosa perfuradora do neo-zelandês lhe martelava o maxilar —, ele tinha o dever para consigo próprio, tendo achado uma mulher tão notável, de não a perder por inacção.

Voar para leste era investir, a toda a brida, rumo ao futuro — as horas propulsionadas pelo jacto passavam num ápice, o dia seguinte chegava alado —, mas Solanka sentia-o como um regresso ao passado. Estava a avançar rumo ao desconhecido e rumo a Neela, mas, durante a primeira metade da viagem, fora o passado que lhe dera uns puxões ao coração. Quando viu Bombaim lá em baixo, pôs a venda e fechou os olhos. O avião ficou parado uma hora inteirinha na cidade em que nascera, mas ele recusou o cartão de trânsito e permaneceu a bordo. Contudo, mesmo no seu lugar, não estava protegido do sentir. A venda para dormir não servia para nada. As mulheres da limpeza vieram a bordo, tagarelando e estardalhaçando, um batalhão de

mulheres em púrpuras e rosas gastos, e a Índia chegou com elas, como uma doença: o aprumo do porte, a sonora entoação nasal dos discursos, os panos do pó, os olhos duros de quem trabalha, o perfume lembrado de unguentos e especiarias meio esquecidos — óleo de coco, erva-doce, *kalonji* — que se entranhavam na pele. Sentia-se tonto, a asfixiar, como se sofresse de mal-estar de deslocação, embora nunca enjoasse, sendo que, para mais, o avião estava em terra, a meter combustível, com todos os motores parados. Depois da descolagem, à medida que se dirigiam para leste, atravessando o Decão, começou de novo a respirar. Quando voltou a haver água lá em baixo, começou, aos pouquinhos, a descontrair-se. Neela quisera ir com ele à Índia, excitada com a ideia de partir à descoberta da terra dos seus antepassados, com o homem da sua eleição. Ele fora o homem da eleição dela, tinha de se agarrar a isso. «Espero», dissera-lhe ela muito séria, «que sejas o último homem com quem durmo». A força de tais promessas é grande e, sob o encantamento delas, ele tinha-se até permitido sonhar com o regresso, tinha-se autorizado a acreditar que o passado podia ser — tinha sido — esvaziado de poder, de modo que, no futuro, não havia nada que não pudesse ser alcançado. Porém, Neela tinha agora desaparecido como uma assistente de mágico, *e* a força que ele sentira tinha-se ido com ela. Sem Neela, estava convencido, jamais voltaria a percorrer as ruas da Índia.

O aeródromo, tal como o nome antiquado prevenia, era aquilo a que um turista, determinado em apresentar cara alegre diante da catástrofe, chamaria «pitoresco» ou «bizarro». Na realidade dos factos, era uma pocilga, decrépito, malcheiroso, com paredes inchadas e baratas de cinco centímetros a estalarem como cascas de nozes debaixo dos pés. Devia ter sido deitado abaixo há anos e, na verdade, a sua demolição tinha estado prevista — afinal estava na ilha errada, e os helicópteros que faziam a ligação à capital, Mildendo, tinham um ar preocupantemente delapidado —, mas o novo aeroporto, GGI (Golbasto Gue Intercontinental) tinha batido aos pontos o velho recinto ao entrar em derrocada completa um mês apenas depois de ter ficado pronto, graças à reformulação sobreimaginativa, ainda que financeiramente compensadora, da relação correcta, na mistura do betão, entre água e cimento, por parte dos empreiteiros indo-lilianos.

Uma tal reformulação criativa veio a revelar-se um traço marcante da vida em Lilipute-Blefuscu. Mal o Professor Solanka entrou na zona da alfândega do Aeródromo de Blefuscu, as cabeças começaram a virar-se, por razões que, embora exausto pelo voo e estupidificado como estava pelo degosto de

coração, tinha antecipado e compreendido imediatamente. Um agente indo-liliano da alfândega, num branco resplandecente, avançou para ele, olhando-o duramente.

— Não é possível. Não é possível. Não foi recebida qualquer notificação. Quem é você? O seu nome, por favor? — disse desconfiadamente, estendendo a mão, a pedir o passaporte.

— Era como eu pensava — disse o agente, por fim. — Não é você. Isto era, no mínimo, enigmático, mas Solanka limitou-se a inclinar a cabeça, num gesto de ligeiro assentimento.

— É impróprio — acrescentou misteriosamente o agente — querer-se enganar o público de um país onde se é apenas convidado, dependente da nossa famosa tolerância e boa vontade.

Fez um gesto peremptório para Solanka que, obedientemente, abriu as malas. O agente da alfândega fitou vingativamente o conteúdo delas: os catorze pares de peúgas e cuecas cuidadosamente embalados, catorze lenços, três pares de sapatos, sete pares de calças, sete camisas, sete camisas de safari, sete camisas pólo, três gravatas, três fatos de linho dobrados e envoltos em papel de seda e uma gabardina, para o que desse e viesse. Depois de uma pausa judiciosa, sorriu abertamente, revelando um conjunto de dentes perfeitos que encheram Solanka de inveja.

— Pesadíssima taxa de alfândega — disse, sorridente. — Tantos artigos a declarar.

Solanka franziu o sobrolho.

— É apenas a minha roupa. Com certeza que não obrigam as pessoas a pagar por trazerem aquilo de que precisam para cobrir a nudez.

O agente da alfândega deixou de sorrir e franziu o sobrolho de modo bastante mais feroz que Solanka.

— É favor evitar afirmações obscenas, Sr. Vigarista — foram as ordens dele. — Há aqui muitas coisas que não são roupa. Está aqui uma câmara de vídeo, relógios de pulso também, máquinas fotográficas, jóias. Artigos que têm taxas pesadíssimas. Se desejar apresentar queixa, está é claro no seu direito democrático. Esta é a Federação Indiana Livre de Lilipute-Blefuscu: Fillbistão! Naturalmente, se quiser queixar-se, convidá-lo-emos a sentar-se na sala de interrogatórios e a discutir todas as questões com o meu chefe. Ele estará livre muito em breve. Vinte e quatro, trinta e seis horas.

Solanka percebeu a jogada.

— Quanto? — perguntou e pagou. Em *sprugs* locais, parecia imenso, mas, traduzido para americano, eram dezoito dólares e cinquenta cêntimos. Com um grande floreado, o agente da alfândega desenhou um imenso X a giz nas malas de Solanka.

— Chega num momento histórico — disse a Solanka pomposamente. — O povo indiano de Lilipute-Blefuscu começa finalmente a lutar pelos nossos direitos. A nossa cultura é antiga e superior e, de ora em diante, prevalecerá. Que sobreviva o mais forte, não é. Durante cem anos, os imprestáveis dos canibais elbeses andaram a beber grogue — *kava, glimigrim, flunec,* Jack Daniels *e* Coca-Cola, toda a espécie de bebidas pecaminosas — e obrigavam-nos a comer a merda deles. Agora que comam eles a nossa. Por favor: boa estada.

No helicóptero de ligação a Mildendo, na ilha de Lilipute, os outros passageiros fitaram o Professor Solanka, tão incredulamente como o agente da alfândega. Ele decidiu ignorar esse comportamento e concentrou-se na paisagem aos pés dele. Ao sobrevoarem as plantações de cana-de-açúcar de Blefuscu, reparou nuns grandes montee de seixos negros, ígneos, mais ou menos no centro de cada campo. Outrora, trabalhadores indianos contratados, identificados por números, tinham quebrado as costas a desbravar esta terra, a erigir estes montes de pedras sob a supervisão glacial dos Coolumbers australianos e a armazenar nos corações o ressentimento profundo nascido do seu suor e da anulação dos seus nomes. As pedras eram ícones da ira vulcânica acumulada, profecias, oriundas do passado, de erupção da fúria indo-liliana, cujos efeitos podiam ver-se um pouco por todo o lado. O periclitante helicóptero da LB Air procedeu por fim à aterragem, para imenso alívio de Solanka, na pista ainda intacta do arruinado Aeroporto Intercontinental Golbasto Gue, e a primeira coisa que viu foi uma representação, num cartaz gigantesco, do «Comandante Akasz», o que é o mesmo que dizer do líder do MFR, Baber, na sua máscara e manto de Akasz Kronos. Enquanto contemplava esta imagem, Solanka interrogava-se com um coração palpitante se, ao fazer esta viagem transglobal, não teria agido como um tonto infeliz aos amores e um ingénuo político. Pois a imagem dominante em Lilipute—Blefuscu — um país à beira da guerra civil, onde o próprio presidente tinha sido feito refém e onde estava em vigor um estado de sítio de alta tensão e podia ocorrer a qualquer momento uma evolução imprevisível — era, como devia ter imaginado que seria, uma reprodução muito fiel dele próprio. O rosto que o olhava de cima, do topo de um cartaz

recortado, de metro e meio — aquele rosto de longo cabelo prateado, de olhos selvagens e boca em arco de Cupido com lábios escuros, era o seu rosto.

Estavam à espera dele. As notícias de um sósia do Comandante tinham ultrapassado o helicóptero e chegado primeiro à meta. Aqui, no Teatro das Máscaras, o original, o homem sem máscara, era visto como o imitador da máscara: a criação era real enquanto o criador era a falsificação! Era como se estivesse presente na morte de Deus, e se o deus que tivesse morrido fosse ele. Homens e mulheres mascarados, de armas automáticas em riste, aguardavam-no à saída do helicóptero. Acompanhou-os, sem protesto.

Foi levado para uma «sala de detenção» sem cadeiras, sendo o único artigo de mobiliário uma mesa de madeira em mau estado, vigiado pelos olhos implacáveis de lagartos e com moscas sequiosas a zunir-lhe junto à humidade nos cantos dos olhos. Uma mulher, com a cara escondida por detrás de uma máscara do rosto da mulher que ele amava, tirou-lhe o passaporte, o relógio e o bilhete de avião. Ensurdecido pelas estridentes marchas militares que se faziam incessantemente ouvir por todo o aeroporto, através de um sistema de som primitivo, regulado para um volume altíssimo, conseguia ainda assim distinguir o terror eufórico nas vozes dos jovens guardas — pois havia guerrilheiros carregados com armas para onde quer que olhasse — e também via provas da instabilidade extrema da situação nos olhos inquietos dos civis desmascarados no edifício do terminal e nos corpos em sobressalto dos combatentes mascarados. Tudo isto fez Solanka aperceber-se claramente de que estava como peixe fora de água, tendo deixado para trás todos os signos e códigos pelos quais o sentido e a forma da sua vida se tinham até aqui orientado. Aqui o «Professor Malik Solanka» não tinha existência enquanto ser, enquanto homem com um passado *e* futuro e com pessoas que se importavam com o seu destino. Era meramente um zé-ninguém inconveniente, com um rosto que toda a gente conhecia e, a menos que pudesse rapidamente reverter em vantagem aquela fisionomia alarmante, a sua posição deteriorar-se-ia, resultando na melhor das hipóteses numa deportação prematura. O pior era alguma coisa que ele se recusava a contemplar. A ideia de ser expulso sem ter chegado perto de Neela já era suficientemente perturbadora. Estou novamente nu, pensou Solanka. Nu e estúpido. A avançar mesmo na direcção do murro que me deixará sem sentidos.

Passada uma hora ou mais, uma carrinha Holden australiana aproximou-se do barracão em que estava detido, e Solanka foi convidado, não ternamente mas sem aspereza indevida, a entrar para o banco de trás. Guerrilheiros de uniformes de combate apertaram-se dos dois lados dele; mais dois meteram-se na zona das bagagens e sentaram-se de costas para a frente, com as espingardas espetadas pela porta de trás que ia levantada. No percurso por Mildendo, Malik Solanka teve uma forte sensação de *déjà vu*, e foi preciso passar um instante até ter percebido que era da Índia que estava a ser lembrado. De, para ser mais específico, Chandni Chowk, o coração agitado da Velha Deli, onde os comerciantes se apinhavam neste mesmo estilo desordeiro, onde as fachadas das lojas eram de cores vivas e os interiores iluminados de modo rudimentar, onde a estrada estava ainda mais densamente povoada de vida que andava, pedalava, se acotovelava, gritava, onde animais e seres humanos lutavam por espaço e onde buzinas de carros se juntavam para executar a invariável sinfonia diária das ruas. Solanka não esperara tais multidões. Mais fácil de prever, mas ainda assim enervante, era a desconfiança palpável entre as comunidades, os bandos murmurantes de homens elbeses e indo-lilianos que se olhavam de maneira desagradável, a sensação de se estar a viver num paiol de pólvora, à espera da explosão. Era este o paradoxo e a maldição dos problemas comunais: quando surgiam, eram os teus amigos e vizinhos que vinham para te matar, as mesmíssimas pessoas que te tinham ajudado, uns dias antes, a fazer pegar o motor gaguejante da tua motocicleta, que tinham aceitado as carnes doces que tinhas distribuído quando a tua filha ficara noiva de um homem decente e instruído. O gerente da sapataria, ao lado da qual funcionava, há dez anos ou mais, a tua tabacaria: era este o homem que te pontapearia quando te encontravas caído, que conduziria os homens com tochas à tua porta e encheria o ar com o fumo doce da Virgínia.

Não se viam turistas. (O voo para Blefuscu tinha vindo mais de dois terços vazio.) Poucas eram as mulheres na rua, à excepção do número surpreendentemente grande de membros femininos do MFR, e nenhumas crianças. Muitas lojas estavam fechadas e barricadas; outras permaneciam cautelosamente abertas, e ainda havia pessoas — homens — a andar na sua lida diária. As espingardas, contudo, estavam por todo o lado e, à distância, de tempos em tempos, ouviam-se tiroteios esporádicos. A força policial colaborava com o pessoal do MFR, de modo a manter um certo grau de legalidade e ordem; a piada ruritânica a que chamavam exército permanecia

nas casernas, embora os generais estivessem envolvidos em complexas negociações que tinham lugar nos bastidores, todos os dias, horas sem conta. Os negociadores do MFR andavam a reunir tanto com os chefes étnicos dos elbeses como com os líderes religiosos e económicos. O «Comandante Akasz» estava pelo menos a tentar dar a impressão de ser um homem à procura de uma solução pacífica para a crise. Porém, a guerra civil fervilhava sob a superfície. Skyresh Bolgolam podia ter sido derrotado e capturado, mas grande parte da juventude elbesa que apoiara o falhado golpe bolgolamita andava a lamber as feridas e, sem dúvida, a planear a próxima jogada. Entretanto, a comunidade internacional estava a caminhar a passos largos para declarar Lilipute-Blefuscu o mais pequeno estado pária do mundo, suspendendo acordos comerciais e congelando os programas de auxílio. Nestas jogadas, Solanka vira a sua oportunidade.

Batedores de motorizada cercaram a carrinha, escoltando-a até aos muros bem defendidos do recinto parlamentar. Os portões abriram-se, e o veículo entrou, dirigindo-se a uma entrada de serviço, nas traseiras do complexo central. A entrada da cozinha, pensou Solanka, com um sorriso irónico de si para si, era o verdadeiro portal do poder. Muitas eram as pessoas, funcionários e suplicantes, que entravam nas grandes casas do poder pela porta da frente. Porém, entrar pelo monta-cargas, observado por *chefs* e *sous-chefs* de chapéu branco, ser levado lentamente para cima numa caixa desornamentada com homens e mulheres mascarados e silenciosos a toda a volta: isso era realmente importante. Sair num corredor burocrático e indistinto e ser levado por uma série de salas crescentemente despretensiosas era descer pelo verdadeiro caminho até ao centro. Nada mal para um bonecreiro, disse para si próprio. Estás dentro. Vamos ver se serás capaz de sair com o que queres. Na verdade, vamos ver se conseguirás sair, ponto final.

No fim da sequência de salas nas traseiras, despidas e com ligação umas às outras, chegaram a uma divisão com uma só porta. Lá dentro, o mobiliário espartano, agora já familiar: uma secretária, duas cadeiras de lona, uma lâmpada no tecto, um armário de arquivo, um telefone. Deixaram-no sozinho à espera. Levantou o auscultador; havia linha, e uma pequena etiqueta no aparelho dizia para marcar 9 para chamadas para o exterior. Como precaução, tinha procurado e memorizado diversos números: o de um jornal local, o das embaixadas americana, britânica *e* indiana, o de um escritório de advogados. Tentou marcar estes números, mas ouvia de cada vez uma voz

gravada de mulher a dizer em inglês, hindi e liliputiano: «A ligação que pretende não é possível a partir deste telefone». Tentou marcar o número dos serviços de urgência. Não teve sorte. «A ligação que pretende não está disponível». O que temos aqui, disse para si próprio, não é um telefone, mas apenas a aparência exterior ou máscara de um telefone. Tal como esta sala só está a envergar o disfarce de um escritório, mas é de facto uma cela de prisão. Não havia puxador do lado de dentro da porta. A única janela: pequena e gradeada. Foi até ao armário de arquivo e abriu uma gaveta. Vazio. Pois, estes eram adereços de palco, ele tinha sido escolhido para uma peça, mas ninguém lhe dera o guião.

O «Comandante Akasz» entrou de rompante, quatro horas mais tarde. Nesta altura, já a confiança que restava a Solanka se tinha praticamente evaporado. «Akasz» vinha acompanhado de dois Emeferres de patente demasiado baixa para estarem mascarados e, atrás dele, apareceram um operador de Steadicam, um sonoplasta de microfone de haste em riste e — o coração de Solanka saltou de entusiasmo — uma mulher de camuflado e uma máscara de «Zameen de Rijk»: a ocultar o rosto por detrás de uma imitação dele próprio.

— Esse corpo — saudou-a Solanka, a esforçar-se por parecer ligeiro —, reconhecê-lo-ia em qualquer lugar.

Isto não caiu muito bem.

— Que fazes aqui? — explodiu Neela, depois controlou-se. — Perdão, Comandante, peço desculpa.

Baber, no fato de «Akasz Kronos», já não era o jovem cabisbaixo e embaraçado de que Solanka se lembrava de Washington Square. Falava com uma voz vociferante de quem não esperava contradição. *A máscara age*, lembrou-se Solanka. O «Comandante Akasz», o grande homem-montanha, tornara-se um homem importante neste laguinho pequeno e estava a agir em conformidade com o papel. Não tão importante, reparou Solanka, que fosse imune ao efeito Neela. Baber andava com passadas grandes e largas, mas, após uma dúzia e tal de passos, conseguiu de alguma forma meter o pé na bainha do manto ondulante, o que obrigou o pescoço a fazer um movimento desajeitado para trás. Também conseguiu colidir, um minuto depois de ter entrado na cela de Solanka, com a mesa e as duas cadeiras. E isto quando Neela tinha o rosto escondido por uma máscara! Ela estava sempre a superar as expectativas de Solanka. Ele, contudo, decepcionara as dela. Agora tinha de ver se seria capaz de surpreendê-la.

Baber já tinha adquirido o nós majestático.

— Nós estamos naturalmente familiarizados consigo — disse sem mais delongas. — Quem não conhece, hoje em dia, o criador dos Reis-marionetas? Sem dúvida que terá boas razões para se apresentar aqui — afirmou, virando ligeiramente o corpo em direcção a Neela Mahendra. Não é parvo, portanto, pensou Solanka. Não há razão para negar o que já sabe ser verdade. — A nossa perplexidade é: o que havemos de fazer consigo? Irmã Zameen? Tem alguma coisa a dizer?

Neela encolheu os ombros.

— Mandem-no para casa — replicou numa voz embotada, desinteressada, que abalou Solanka. — Não tenho serventia para ele.

Baber riu-se.

— A irmã diz que és inútil, Professor Sahib. És mesmo? Catita! Que tal se o atirássemos para o lixo?

Solanka lançou-se na argumentação que tinha preparado.

— A proposta — disse ele — que me trouxe de tão longe é a seguinte: deixe-me ser o seu intermediário. A sua relação com o meu projecto não carece de comentários da minha parte. Podemos oferecer-lhe um elo de ligação com um público global, para que conquiste corações e mentes. Isto é uma coisa que tem urgentemente de fazer. A indústria do turismo já está tão morta como o vosso lendário pássaro Hurgo. Se perder os mercados de exportação e o apoio das maiores potências regionais, não dou mais que umas semanas, uns meses no máximo, para este país ficar na bancarrota. Tem de persuadir as pessoas de que a sua causa é justa, de que está a lutar por princípios democráticos e não contra eles. Pela Constituição repudiada de Golbasto, quero eu dizer. Tem de dar um rosto humano a essa máscara. Deixe que Neela *e* eu tratemos disso com a minha gente em Nova Iorque, com os cumprimentos da casa. Considere isso trabalho *pro bano* em prol de um movimento pela liberdade.

Isto era o que estava preparado para fazer em nome do amor, diziam os seus pensamentos não verbalizados a Neela. A causa que ela defendia era também a dele. Se ela lhe perdoasse, ele seria o servo de todos os desejos dela.

O «Comandante Akasz» rejeitou a ideia com um gesto.

— A situação evoluiu — afirmou. — Os outros grupos (ovelhas negras, todos eles!) mostraram-se intransigentes. Em resultado disso, nós também endurecemos as nossas posições.

Solanka não estava a perceber.

— Exigimos total autoridade executiva — declarou. — Acabou-se a papa doce. Aquilo de que o Fillbistão precisa é de que um tipo a sério tome as rédeas ao poder. Não *é*, Irmã?

Neela permaneceu calada.

— Irmã? — repetiu Baber, virando-se para a enfrentar e elevando a voz. E ela, baixando a cabeça, respondeu quase inaudivelmente.

— Sim.

Baber acenou.

— Um período de disciplina — disse. — Se dissermos que a Lua é feita de queijo, então de que é ela feita, Irmã?

— De queijo — retorquiu Neela na mesma voz baixa.

— E se te dissermos que o mundo é plano? Que forma tem ele?

— Plana, Comandante.

— E se amanhã decretarmos que o Sol anda à volta da Terra?

— Então, Comandante, será o Sol que anda à volta.

Baber acenou com satisfação.

— Catita! É esta a mensagem que o mundo tem de perceber — declarou ele. — Apareceu um líder no Fillbistão, e as pessoas têm de segui-lo ou sofrer as consequências necessárias. Oh, a propósito, Professor, o Senhor estudou ideias na Universidade de Cambridge, em Inglaterra, não foi? Faça, portanto, o favor de nos esclarecer um ponto controverso: é melhor ser amado ou temido?

Solanka não respondeu.

— Então, então, Professor — incitou Baber. — Faça lá um esforçozinho! O Senhor é capaz.

Os membros do MFR que acompanhavam o «Comandante Akasz» começaram a mexericar nas suas Uzis. Numa voz inexpressiva, Solanka citou Maquiavel.

— «Os homens hesitam menos em prejudicar um homem que se torna amado do que outro que se torna temido» — começou depois a ganhar animação e olhou directamente para Neela Mahendra —, «pois o amor mantém-se por um laço de obrigações que, em virtude de os homens serem maus, se quebra quando surge ocasião de melhor proveito. Mas o medo mantém-se por um temor do castigo que nunca nos abandona».

Baber animou-se.

—Grande homem — exclamou, dando uma pancadinha nas costas de Solanka. — Afinal o Professor não é inútil de todo! Pronto, pronto. Vamos ponderar a sua proposta. Catita! Fique uns tempos. Como nosso convidado. Já cá temos a residir o Presidente e Mr. Bolgolam. Também o Senhor irá testemunhar as primeiras horas brilhantes do nosso muito amado Fillbistão, no qual o Sol nunca se põe. Irmã, não te importas de confirmar? Quantas vezes se põe o Sol?

E Neela Mahendra, que sempre se comportara como uma rainha, baixou a cabeça como uma escrava e disse:

— Nunca, Comandante.

A cela — deixara de pensar nela como uma sala — não incluía uma cama e não tinha nem mesmo a mais rudimentar das instalações sanitárias. A humilhação era a especialidade do «Comandante Akasz», tal como demonstrara amplamente o tratamento que dera a Neela. Solanka percebeu que também ele iria ser humilhado. O tempo passou; não tinha relógio por que medi-lo. A brisa desvaneceu-se e morreu. A noite — a noite inexistente e ideologicamente incorrecta — fez-se húmida, adensou-se e alargou-se. Fora-lhe dada uma tigela com um papa inidentificável e um caneca de água suspeita. Tentou resistir a ambos, mas a fome e a sede eram tiranas, e lá acabou por comer e beber. Depois disso, lutou com a natureza até ao inevitável momento da derrota. Quando já não era capaz de aguentar mais, mijou e cagou miseravelmente num canto, tirando a camisa e limpando-se com ela o melhor que podia. Era difícil não cair no solipsismo, difícil não ver estas degradações como um castigo por uma vida desastrada, cruel. Lilipute-Blefuscu reinventara-se à sua imagem. As ruas eram a sua biografia, patrulhadas por produtos da sua imaginação e versões alteradas das pessoas que tinha conhecido: Dâblio-Dâblio e Perry Pincus estavam aqui nas suas versões de ficção científica, também havia encarnações de máscara-e-fato de Sara Lear e Eleanor Masters, Jack Rhinehart e Sky Schuyler e Morgen Franz. Até havia Wislawas e Schlinks da era espacial a percorrer as ruas de Mildendo, assim como Milas e Neelas e ele próprio. As máscaras da vida de Solanka formavam um círculo severo à volta dele, julgando-o. Fechou os olhos, e as máscaras ainda ali estavam, a rodopiar. Baixou a cabeça perante o veredicto delas. Desejara ser um homem bom, levar uma vida de homem bom, mas a verdade é que não fora capaz de dar conta do recado. Como Eleanor tinha dito, ele traíra todos aqueles cujo único crime fora terem-no

amado. Quando tentara escapar a este ser mais escuro, ao ser da sua fúria perigosa, esperando superar os erros por um processo de renúncia, de *abnegação,* tinha meramente caído num novo e mais grave erro. Ao procurar a redenção no acto criativo, oferecendo aos deuses um mundo imaginado, vira os seus habitantes sair para o mundo e transformarem-se em monstros; e o maior monstro deles todos envergava o seu próprio rosto culpado. Sim, o perturbado Baber era um espelho de si próprio. Ao procurar corrigir uma injustiça grave, ser um servo do Bem, o «Comandante Akasz» tinha descarrilado, tornando-se grotesco.

Malik Solanka disse a si próprio que não merecia melhor do que isto. Que viesse o pior. No meio da fúria colectiva destas ilhas infelizes, de uma fúria muito maior, que ia muito mais fundo do que a sua ira ridícula, ele descobrira um inferno pessoal. Que assim fosse. É claro que Neela jamais regressaria para ele. Ele não era digno de felicidade. Quando viera vê-lo, ela tinha escondido o rosto encantador.

Ainda estava escuro quando o auxílio chegou. A porta da cela abriu-se e um jovem indo-liliano entrou, de cara destapada, envergando luvas de borracha e trazendo um rolo de sacos de lixo bem como um balde, um bacio e uma esfregona. Limpou a porcaria de Solanka sem pestanejar e com grande delicadeza, jamais procurando apanhar o olhar do perpetrador. Quando acabou, regressou com roupas lavadas — uma *kurta*[29] de um verde-pálido e umas calças brancas largueironas — assim como com uma toalha limpa, mais dois baldes, um vazio, um cheio de água, e uma barra de sabão. «Por favor», disse, e «Desculpe» e depois foi-se embora. Solanka lavou-se e mudou de roupa e sentiu-se um bocadinho melhor. Depois chegou Neela, sozinha, desmascarada, num vestido cor de mostarda, com uma íris azul no cabelo.

Era óbvio que a atormentava o facto de Solanka ter testemunhado as reacções timoratas dela ao tratamento de Baber.

— Tudo o que fiz, tudo o que estou a fazer, faço-o pela história — declarou ela. — Envergar a máscara foi um gesto de solidariedade, uma maneira de ganhar a confiança dos combatentes. Acresce que, como sabes, estou aqui para ver o que eles andam a fazer e não para tê-los a olhar para mim. Percebi que pensaste que me estava a esconder de ti atrás dela. Não era isso. O mesmo se passa com Baber. Não vim cá para discutir. Estou a fazer um filme.

Parecia à defesa, tensa.

— Malik — disse ela abruptamente —, não quero falar de nós, está bem? Neste momento estou metida numa coisa maior. A minha atenção tem de estar concentrada nisso.

Ele atirou-se de cabeça, reuniu forças e fez a sua jogada. Tudo ou nada, ou Hollywood ou racha: nunca mais teria outra oportunidade. Podia bem ser que, de qualquer maneira, as hipóteses já não fossem muitas, mas pelo menos ela tinha vindo vê-lo, tinha-se mesmo aperaltado para a ocasião, e isso era um bom sinal.

— Isto tornou-se para ti muito mais do que um projecto de documentário — afirmou. — Isto fala-te ao coração. Tens aqui muito em jogo, as tuas raízes desenraizadas estão a puxar-te com força. O teu desejo paradoxal de fazeres parte do que deixaste. E, não, eu não pensei que estavas a envergar a máscara para esconderes o rosto de mim ou, pelo menos, não foi a única coisa que pensei. Também pensei que te estavas a esconder de ti própria, da decisão que tomaste, algures ao longo do caminho, de pisar o risco e de te tornares participante nesta coisa. Não me pareces uma observadora. Estás metida até aos cabelos. Se calhar começou com um sentimento pessoal por Baber (e não te rales, isto não é o ciúme a falar, pelo menos estou a esforçar-me para que não seja), mas a minha intuição diz-me que, quaisquer que tenham sido os teus sentimentos pelo «Comandante Akasz», eles são agora muitíssimo mais ambíguos. O teu problema é que és uma idealista a tentar ser extremista. Estás convencida de que o teu povo, se me é permitido usar um termo tão antiquado, foi prejudicado pela história, que merece aquilo por que Baber tem vindo a lutar: direito de voto, direito à propriedade, e toda a lista das mais legítimas exigências humanas. Pensaste que este era um combate pela dignidade humana, uma causa justa, e ficaste mesmo orgulhosa de Baber por ele estar ensinar aos seus passivos conterrâneos e conterrâneas como vencer as próprias batalhas. Por consequência, estavas disposta a fechar os olhos a um certo grau de, como havemos de lhe chamar, iliberalismo. Guerra é guerra e por aí em diante. Há subtilezas que são tripudiadas. Tudo isto disseste a ti própria, e durante todo este tempo havia uma outra voz na tua cabeça a dizer-te, num sussurro, o que não querias ouvir, que estavas a transformar-te na puta da História. Sabes como *é*. Depois de te venderes, só te resta uma capacidade limitada para negociar o preço. Quanto é que estarias disposta a aguentar? Quanta merda autoritária em nome da justiça? Quantos anéis estavas disposta a perder sem perder a

mão? Então, agora estás metida, como dizes, numa coisa maior e tens razão, ela merece-te atenção, mas isto também: que só vieste até aqui por causa da fúria que as possuiu a todas de repente no meu quarto noutra cidade noutra dimensão do universo. Não consigo verbalizar exactamente o que aconteceu naquela noite, só sei que uma espécie qualquer de pista de ressonância psíquica se estabeleceu entre ti e Mila e Eleanor, a fúria deu voltas e voltas, duplicando e reduplicando. Fez Morgen dar-me um murro e a ti soprou-te para o outro lado do planeta, para os braços de um pequeno Napoleão que irá oprimir «o teu povo», se sair desta por cima, ainda mais que a etnia dos Elbeses que tem sido, pelo menos a teus olhos, a vilã desta história. Ou oprimi-lo-á apenas tanto mas de uma maneira diferente. Por favor, não me interpretes mal. Eu sei que, quando as pessoas se separam, geralmente usam os mal-entendidos como uma arma, agarrando deliberadamente o lado errado do pau, empalando-se no seu bico, de modo a provar a perfídia do outro. Não estou a dizer que vieste para cá por minha causa. Tu já estavas para vir, certo? Era a nossa grande noite de despedida, e, tanto quanto me lembro, tinha corrido bastante bem até o meu quarto se transformar na Grand Central Station. Por isso, tu estarias aqui de qualquer maneira, e as pressões de estares aqui ter-te-iam afectado, quer eu existisse ou não. Mas acho que o que te empurrou para o precipício foi o amor decepcionado. Decepcionaste-te em mim e comigo, o que é o mesmo que dizer, com o amor, com o grande amor desagrilhoado que começavas a permitir-te sentir por mim. Tinhas começado a confiar suficientemente em mim, a confiar suficientemente em ti própria para te deixares ir, e depois, de súbito, o príncipe revela-se um velho sapo gordo. O que aconteceu foi que o amor que jorraste azedou, talhou e agora estás a usar essa fermentação, esse desencanto e cinismo, para te impelir para o beco sem saída de Baber. Por que não, hem? Se a bondade é uma fantasia, e o amor, um sonho de revista, por que não? Os bons tipos acabam sempre em segundo lugar, o vencedor é que leva os despojos, et cetera. O teu sistema está a lutar consigo próprio, o amor com equimoses está a virar-se contra o idealismo, sovando-o até já não poder levantar a cabeça. E sabes que mais? Isso deixa-te numa posição impossível, em que estás a arriscar mais que a tua vida. Estás a arriscar a tua honra e o teu amor-próprio. Ei-lo aqui, Neela, o teu momento galileico. A Terra move-se? Não me digas. Eu já sei a resposta. Mas é a pergunta mais importante que alguma vez te farão, excepto a que eu vou fazer-te agora: Neela, ainda me amas? Porque, se não me amas, por favor vai-te embora, vai de encontro ao teu

destino, e eu aguardarei aqui o meu, mas acho que não és capaz de fazer isso. Porque eu te amo tanto quanto precisas de ser amada. És tu que escolhes: no canto certo, está o teu belo príncipe encantado que também, por um pequeno infortúnio, se vem a revelar um porco megalomaníaco e psicótico. No canto errado, está o velho sapo gordo que sabe como te dar aquilo de que precisas e que precisa, tanto tanto, do que tu, por sua vez, tens para lhe dar. Será que o certo pode ser errado? É a coisa errada o certo para ti? Acredito que tenhas vindo aqui esta noite para descobrir a resposta, para ver se consegues conquistar a tua fúria, como me ajudaste a conquistar a minha, para descobrir se podes achar maneira de regressar do precipício. Fica com Baber, e ele encher-te-á de ódio. Mas tu e eu: nós talvez tenhamos hipótese. Eu sei que é estúpido fazer este tipo de declaração quando, há coisa de uma hora, estava a tresandar à minha própria merda e quando ainda não tenho uma sala com um puxador do lado de dentro, mas que se há-de fazer, foi para te dizer isto que atravessei o mundo.

— Uau — disse ela, depois de um momento adequadamente respeitoso de silêncio. — E eu que pensava ser a palradora desta parceria.

Ela pescou uma tablete meio derretida de Toblerone da mala, e Solanka atirou-se a ela avidamente.

— Ele está a perder a confiança dos homens — contou a Solanka. — O rapaz que te ajudou esta noite? Há muitos mais como ele, se calhar perfazem já metade do número total, e por alguma razão é a mim que vêm sussurrar. *Bsh-bsh, bsh-bsh.* É tão triste. «Minha Senhora, nós somos pessoas decentes». *Bsh-bsh.* «Minha Senhora, o Comandante Sahib anda a agir de modo estranho, não *é?» Bsh-bsh.* «Por favor, minha Senhora, não conte os meus pensamentos a ninguém». Não sou a única idealista por estas bandas. Estes miúdos não pensavam que iam para a guerra para tornar a Terra plana ou abolir as horas de escuridão. Estavam a lutar pelas famílias, e toda esta coisa podre os enerva. Daí que venham ter comigo, queixar-se, e isso deixa-me numa posição muito perigosa. Não interessa que conselhos dou, só ser um segundo ponto focal, um centro rival, já é suficientemente perigoso. Bastaria um submarino, um infiltrado, e, já que estamos a falar de sapos, sim, amo-te, muitíssimo. Entretanto, o que eu vi no exterior antes de trazer para aqui a equipa foi um exército que está farto de ser motivo de chacota geral. Segundo as minhas informações, têm andado a falar com os Americanos e os Britânicos. O boato diz que os *marines* e membros do SAS podem até já estar em Mildendo, na verdade, há umas semanas que ando a

sentir-me bastante parva por ter fugido de ti assim. Há um porta-aviões britânico mesmo à beira das águas territoriais, e Baber também não controla os campos aéreos militares em Blefuscu. A verdade é que estou há uns tempos a pensar que está na hora de me ir embora, mas não sei como é que Baber vai reagir. Metade dele quer foder-me em directo na estação nacional e a outra metade quer espancar-me por fazê-lo sentir-se assim. Portanto, agora já conheces a razão verdadeira por que estava de máscara: a seguir a enfiar a cabeça num saco de papel, é a melhor solução, e tu percorreste todo este caminho à minha procura e entraste na jaula dos leões. Isso deve querer dizer que também me curtes, hem. Estou a ver se consigo sair. Se conseguir os Emeferres certos nos sítios certos, acho que pode ser feito, e tenho contactos no exército que podem, pelo menos, meter-nos no barco britânico ou, se calhar, num avião militar. Entretanto, vou assegurar-me de que cuidam de ti. Continuo sem ter a certeza sobre Baber, até onde é que já foi. Se calhar, pensa que és um refém precioso, ainda que eu esteja sempre a dizer-lhe que não vales o esforço, que és apenas um civil que tropeçou numa coisa que não percebe, um peixinho que ele devia voltar a atirar ao mar. Se não me beijas rapidamente, ver-me-ei obrigada a matar-te com as minhas próprias mãos. Pronto, já chega. Agora fica quietinho. Eu volto.

Em Atenas, pensava-se que as Fúrias eram irmãs de Afrodite. A beleza e a ira vingadora, como Homero bem sabia, nasceram da mesmíssima fonte. Essa era uma das histórias. Hesíodo, contudo, dizia que as Fúrias tinham nascido da Terra e do Ar e que, entre os irmãos, contavam o Terror, o Conflito, as Mentiras, a Vingança, a Intemperança, a Altercação, o Medo e a Batalha. Naqueles dias, vingavam crimes de sangue, perseguiam aqueles que faziam mal (especialmente) às mães — Orestes, longamente perseguido por elas depois de ter matado uma Clitemnestra de mãos sujas de sangue, que o diga. *O leirion,* ou íris azul, às vezes aplacava as Fúrias, mas Orestes não tinha flores no cabelo. Até o arco de corno que a Pitonisa, o Oráculo Délfico, lhe dera para repelir os ataques delas se revelara de pouca utilidade. «Com cabelo de serpente, cabeça de cadela e asas de morcego», as Erínias perseguiram-no durante o resto da vida, negando-lhe a paz.

Nos dias que corriam, as deusas, menos consideradas, estavam mais famintas, mais descontroladas, lançando as suas redes cada vez mais além. Com o enfraquecimento dos elos familiares, as Fúrias começavam agora a

intervir em toda a vida humana. De Nova Iorque a Lilipute-Blefuscu, não havia como escapar ao bater das asas delas.

Ela não voltou. Jovens homens e mulheres tratavam das necessidades diárias de Solanka. Estes eram alguns dos combatentes exaustos, emparedados, que, temendo o próprio líder, Baber, tanto como ao inimigo fora dos muros do recinto, tinham procurado aconselhar-se com a Afrodite morena; mas, quando Solanka lhes perguntava por Neela, faziam gestos calados de não-sei e iam-se embora. Também o «Comandante Akasz» nunca mais apareceu. O Professor Solanka, esquecido, naufragado na margem dos acontecimentos, dormitava, falava alto consigo mesmo, deslizava para a irrealidade, ziguezagueando entre o sonhar acordado e os ataques de pânico. Pela janelinha gradeada, chegava-lhe o ruído da batalha, cada vez mais frequente, a aproximar-se. Pilares de fumo elevavam-se bem alto no ar. Solanka penava na Craniozinho. *Eu ter-lhe-ia deitado fogo a casa. Ter-lhe-ia reduzido a cidade a cinzas.*

A acção violenta é pouco clara para a maioria dos que são apanhados por ela. A experiência é fragmentária; causa e efeito, porquê e como, aparecem-nos separados. Só a sequência existe. Primeiro isto, depois aquilo. E, posteriormente, para aqueles que sobrevivem, uma vida inteira a tentar compreender. O ataque aconteceu no quarto dia de Solanka em Mildendo. Nessa madrugada, o chão da cela abriu-se. Ali estava o mesmo jovem taciturno — agora com uma arma automática na mão e duas facas metidas no cinto — que tinha, tão sem queixume, limpo a porcaria dele, uns dias antes. «Venha depressa, por favor», pediu ele. Solanka seguiu-o, e depois lá vieram outra vez o labirinto, as salas sombrias, com ligação entre si, e combatentes mascarados a guardar o caminho, aproximando-se de cada porta como se esta estivesse armadilhada, virando cada esquina como se uma emboscada estivesse a espreitá-los do outro lado; e, à distância, Solanka ouvia a conversação ineloquente da batalha, a tagarelice das espingardas automáticas, os resmungos da artilharia pesada e, sobre tudo isto, o bater curtido de asas de morcego e os guinchos das Três de cabeça de cadela. Depois foi metido no monta-cargas, impelido através das cozinhas destruídas e empurrado para dentro de uma carrinha sem janelas nem matrícula; depois do que, durante muito tempo, nada. Movimento a grande velocidade, paragens alarmantes, vozes alteradas, movimento retomado. Ruído. De onde vinham aqueles gritos? Quem estava a morrer, quem estava a

matar? *Qual era a história aqui?* Saber tão pouco era sentir-se insignificante, mesmo um tudo-nada louco. Atirado para um lado e para outro naquela carrinha que andava e guinava a grande velocidade, Malik Solanka chorou bem alto. Mas isto, afinal, era um salvamento. Alguém — Neela? — tinha-o declarado digno. A guerra apaga o indivíduo, mas ele estava a ser salvo da guerra.

A porta abriu-se; ele franziu os olhos diante da ofuscante luz do dia. Um oficial saudou-o — um membro da etnia elbesa, com um bigode exótico e um uniforme absurdamente engalanado do exército liliputiano. «Professor. Fico contente por vê-lo em segurança». Lembrava a Solanka de Sergius, o oficial rígido de *Arms and the Man* de Shaw. Sergius que nunca pedia desculpa. Este sujeito tinha sido claramente destacado para servir de pau-de-cabeleira a Solanka, tarefa que cumpria vigorosamente, marchando à sua frente como um boneco a quem tinham dado corda de mais. Levou Solanka a um edifício que apresentava as insígnias da Cruz Vermelha Internacional. Mais tarde, veio a comida. Uma aeronave militar britânica estava à espera, para o levar, juntamente com um grupo de outros portadores de passaporte estrangeiro, de volta a Londres.

— Ficaram-me com o passaporte — disse Solanka a Sergius.

— Nada disso importa agora — replicou o oficial.

— Não posso partir sem Neela — prosseguiu Solanka.

— Disso nada sei— disse Sergius. — As minhas ordens são para o meter naquela aeronave, sem demoras.

Todos os assentos no avião britânico estavam virados para a cauda. Solanka, ao sentar-se no lugar que lhe fora destinado, reconheceu os homens do outro lado da coxia como sendo o operador de câmara e o sonoplasta de Neela. Quando eles se levantaram e o abraçaram, percebeu que as notícias eram más.

— Inacreditável, pá — disse o homem do som. — Ela também o conseguiu tirar de lá. Que mulher espantosa.

Que é feito dela. Nada disto importa, a tua vida, a minha, pensou. Será que ela ainda demorará.

— Ela orquestrou esta coisa toda — disse o operador de câmara. — Organizou os Emeferres que estavam fartos de Baber, contactou o exército pela rádio de onda curta, conseguiu os salvo-condutos, tudo. O Presidente safou-se, Bolgolam também. Esse estupor ainda tentou agradecer-lhe, chamou-lhe heroína nacional. Ela interrompeu-o logo. Aos seus olhos, é uma

traidora, a atraiçoar a única causa em que alguma vez acreditou. Estava a ajudar os maus da fita a ganhar, e isso deu cabo dela. Mas ela via aquilo em que Baber se tinha tornado.

Malik ficara muito quieto e calado.

— O exército cansou-se das piadas — disse o engenheiro de som. — Convocaram todos os militares na reserva e limparam o pó a uma quantidade de instrumentos velhos mas ainda utilizáveis da artilharia pesada. Helicópteros equipados com armas da era do Vietname, adquiridos em segunda mão aos Estados Unidos há anos, morteiros de terra, uns quantos tanques pequenos. A noite passada retormaram o controle do complexo do Parlamento. Ainda assim, Baber não ficou preocupado.

O operador de câmara apontou para a caixa prateada.

— Está tudo aqui — disse. — Ela conseguiu um acesso inacreditável. Inacreditável mesmo. Ele nunca acreditou que eles fizessem uso do material pesado contra o edifício do Parlamento *e* com certeza que não enquanto ele tivesse os reféns em seu poder. Estava errado em relação ao edifício. Subestimou a determinação deles. Mas os reféns foram a chave, e Neela foi quem a rodou na fechadura. Nós os quatro saímos juntos. E depois houve ainda todo o segundo percurso que ela montou só para si.

Depois disso nada mais foi dito. O terrível pendia entre eles como uma luz feroz, mas era uma luz demasiado brilhante para se poder contemplar. O homem do som começou a chorar. Que aconteceu, perguntou por fim Solanka. Como puderam deixá-la. Por que não correu ela convosco em direcção à segurança. Em direcção a mim. O operador de câmara abanou a cabeça.

— O que ela fez — disse ele — despedaçou-a. Ela traiu-o, mas não foi capaz de correr. Isso teria sido deserção debaixo de fogo.

Mas ela não era um soldado! Oh meu Deus. Deus. Ela era jornalista. Será que não sabia disso? Por que é que ela teve de pisar o maldito risco? O homem do som pôs um braço à volta de Solanka.

— Havia mais uma coisa que ela tinha de fazer — disse ele. — O plano não teria resultado se ela não ficasse cá.

— Para distrair Baber — afirmou o operador de câmara, com voz embotada, e ei-la ali, a coisa pior do mundo. Para distraí-lo: como? Que significava isso? Por que tinha de ser ela?

— O Professor sabe como — disse o homem do som. — E sabe o que isso significa. E sabe por que tinha de ser ela.

Solanka fechou os olhos.

— Ela manda-lhe isto — estava a dizer o operador de câmara.

Helicópteros armados e pesados morteiros, autorizados pelo Presidente entretanto liberto, Golbasto Gue, estavam a abrir buracos no Parlamento liliputiano. Um bombardeiro largou o seu carregamento. O edifício estava a explodir, a desintegrar-se, em fogo. Fumo sujo e nuvens de poeira de alvenaria subiam bem alto, rumo ao céu. Três milhares de homens na reserva e tropas da linha da frente atacaram o complexo, sem intenções de fazer prisioneiros. Amanhã o mundo condenaria esta acção impiedosa, mas o hoje destinava-se à sua concretização. Algures nos escombros havia um homem que envergava o rosto de Solanka e uma mulher que envergava o dela. Nem mesmo a beleza de Neela Mahendra podia afectar a trajectória dos morteiros, as bombas como peixes mortos a nadar pelo ar, num percurso descendente. Vem até mim, murmurava ela a Baber, eu sou a tua assassina, a homicida das minhas próprias esperanças. Vem cá e deixa-me ver-te morrer.

Malik Solanka abriu os olhos e leu a nota manuscrita. «Professor Sahib, eu sei a resposta à sua pergunta». As últimas palavras de Neela. «A Terra move-se. A Terra anda à volta do Sol».

28 Cabouqueiros. *[N. T]*
29 Túnica de manga comprida, usada pelos homens na Índia. *[N. T]*

18

À distância, o cabelo do rapaz ainda era doirado, embora as raízes por baixo fossem mais escuras. Quando, em breve, fizesse quatro anos, o cabelo amarelo teria desaparecido quase completamente. O sol brilhava enquanto Asmaan andava de triciclo, com grande ímpeto, pelo caminho descendente num Heath primaveril, em flor. «Olhem para mim!», gritava ele. «Estou a andar muito depressa!» Tinha crescido, e a dicção estava muito mais clara, mas ainda estava vestido com a fulguração da infância, esse mais brilhante dos mantos. A mãe corria para se manter a par dele, o cabelo longo enrolado e metido num enorme chapéu de palha. Estava um dia de Abril perfeito, no auge da epidemia da febre aftosa. O governo ia simultaneamente à frente nas sondagens e era impopular, e o primeiro-ministro, Tony Ozymandias, parecia chocado com o paradoxo: o quê, vocês não gostam de nós? Mas somos *nós*, malta, nós, os tipos porreiros! Gente, gente: sou *eu!* Malik Solanka, viajante de terras antigas, a observar o filho da privacidade de um arvoredo de carvalhos, permitiu sem um queixume que um labrador negro o farejasse. O cão prosseguiu, depois de ter comprovado que Solanka não era adequado para os seus propósitos. O cão estava certo. Havia poucos propósitos para que Solanka se sentia agora adequado. *Nada mais que despojos.*

Morgen Franz não corria. Não «era dado a corridas». Sorrindo de maneira míope, o editor descia com dificuldade o declive, rumo à mulher e à criança que aguardavam. «Viste aquilo, Morgen? Foi uma condução muito boa, não foi? Que diria o Papá?» A tendência de Asmaan para falar sempre no volume máximo fez com que as suas palavras chegassem ao esconderijo de Solanka. A resposta de Franz foi inaudível, mas Malik não tinha dificuldade em escrever as falas dele. «Espectacular, Asmaan, pá. Muito bem». A velha merda hippie. Para seu crédito eterno, o rapaz franziu o sobrolho. «Mas o que diria o Papá?» Solanka sentiu um pequeno surto de orgulho paternal. Boa, miúdo. Recorda a esse hipócrita desse budista quem é quem.

O Heath de Asmaan — ou, pelo menos, Kenwood — estava salpicado de árvores mágicas. Um carvalho gigantesco caído, as raízes a contorcerem-se no ar, era uma dessas zonas encantadas. Uma outra árvore, com um buraco na base do tronco, albergava um conjunto de criaturas de livro de histórias, com as quais Asmaan entabulava diálogos rituais, cada vez que por aqui passava.

Uma terceira árvore era a casa do Ursinho Winnie. Mais perto de Kenwood House, havia rododendros de grande porte dentro dos quais viviam bruxas e onde os ramos caídos se tornavam varinhas mágicas. A escultura de Hepworth era um lugar sagrado, e as palavras «Barbara Hepworth» tinham feito parte do léxico de Asmaan quase desde o início. Solanka sabia o caminho que Eleanor tomaria e sabia também como seguir o pequeno grupo, sem que eles dessem por ele. Não tinha a certeza de estar preparado para que reparassem nele, não estava certo de estar preparado para a vida que era a dele. Asmaan estava agora a pedir que o levassem ao colo no troço do caminho que se seguia, pois não queria ir de triciclo pela encosta acima. Esta era uma preguiça velha, entricheirada no hábito. Eleanor tinha umas costas sensíveis, e por isso foi Morgen quem levou o rapaz às cavalitas. Essa tinha sempre sido uma das coisas especiais entre Solanka e Asmaan. «Posso ir às minhas cavalitas, Papá?» — «Às *tuas* cavalitas, Asmaan. Diz lá, "tuas cavalitas"». — «Minhas cavalitas». Ali vai tudo o que mais amo ao cimo da Terra, pensou Solanka. Vou só ficar a olhá-lo um bocadinho. Fico só a olhar por ele daqui.

Mais uma vez, ele tinha-se retirado do mundo. Só ouvir as mensagens no *voicemail* já era duro. Mila tinha casado, Eleanor deixava-lhe mensagens firmes, infelizes, sobre advogados. O divórcio estava praticamente consumado. Os dias de Solanka começavam, passavam, terminavam. Tinha desistido do apartamento arrendado em Nova Iorque e reservado uma suíte no Claridge. Na maior parte dos dias só saía para deixar as mulheres da limpeza entrar. Não contactava amigos, não fazia telefonemas profissionais, não comprava jornais. Deitava-se cedo, mas ficava tenso e de olhos bem abertos na cama confortável a escutar os ruídos da fúria distante, a tentar ouvir a voz silenciada de Neela. No dia de Natal e na passagem do ano, pediu serviço de quartos e viu televisão mentecapta. Esta expedição de táxi ao Norte de Londres era o primeiro passeio a sério que dava há meses. Não tivera nenhuma certeza de que iria sequer ver o miúdo, mas Asmaan e Eleanor eram criaturas de hábito, e era relativamente fácil prever-lhes os movimentos.

Este era um fim-de-semana prolongado, por isso havia uma feira popular no Heath. No caminho de regresso à casa na Willow Road — que não tardaria a ser posta à venda —, Asmaan, Eleanor e Morgen vaguearam pelos habituais carrosséis e barraquinhas. Asmaan estava a derreter em relação a Franz, observou Solanka: a rir-se com ele, a fazer-lhe perguntas, a mãozinha

dele a desaparecer dentro do grande punho com pêlos nos dedos do Tio Morg. Foram andar juntos nos carrinhos de choque enquanto Eleanor tirava fotografias. Quando Asmaan encostou a cabeça ao casaco desportivo de Morgen, qualquer coisa se partiu no coração de Malik Solanka.

Eleanor viu-o. Estava parado junto à barraca do tiro ao coco, e ela olhou mesmo para ele e retesou-se. Depois abanou veementemente a cabeça, e a boca dela desenhou, silenciosa mas muito enfaticamente, a palavra «não». Não, esta não era a altura certa; depois de um intervalo tão longo, seria um choque demasiado grande para o pequeno. *Liga-me,* mimou ela com a boca. Antes de qualquer encontro futuro, tinham de discutir como, quando, onde e o que haviam de contar a Asmaan. O pequerrucho precisava de estar preparado. Solanka soubera de antemão que seria assim que ela reagiria. Virou-lhe as costas e viu o castelo insuflável. Era de um azul forte, azul como uma íris, com uma escadaria insuflada de um dos lados. Subiam-se as escadas para um patamar insuflado, escorregava-se e caía-se por uma inclinação larga, também ela insuflada, e depois, para grande contentamento do coração, saltava-se e saltava-se. Malik Solanka comprou um bilhete e descalçou os sapatos. «Aguente aí, ó chefe», gritou a empregada, uma mulheraça enorme. «Isto é só para miúdos, chefe. Não é permitida a entrada a adultos». Porém, ele fora mais rápido do que ela, e, com o comprido casaco de cabedal a esvoaçar na brisa, saltou para as escadas tremelicantes, deixando crianças espantadas a gaguejar na sua esteira, e, no topo das escadas, bem alto sobre o recinto da feira, no patamar tremelicante, começou a saltar e a gritar com toda a força de que era capaz. O ruído que saía dele era terrível e imenso, um clamor do Inferno, um grito dos atormentados e perdidos. Porém, os seus saltos eram espectaculares e altos; e raios o partissem se ia deixar de pular ou desistir de berrar até que o rapazinho se virasse, até que conseguisse que Asmaan Solanka o ouvisse, apesar da mulheraça enorme e da multidão que se estava a juntar e da mãe a mimar palavras e do homem a agarrar na mão do menino e, sobretudo, da falta de um chapéu doirado, até que Asmaan se virou e viu o pai ali em cima, o seu único e verdadeiro pai a voar de encontro ao céu, *asmaan,* o céu, a convocar todo o amor perdido e a atirá-lo ao céu como a um pássaro branco tirado da manga. O único e verdadeiro pai que ele tinha estava a voar como um pássaro, para viver na grande abóbada azul do único céu em que alguma vez tinha acreditado. «Olha para mim!», gritava o Professor Malik Solanka, as

abas do casaco de cabedal a baterem como asas. «Olha para mim, Asmaan! Estou a saltar muito bem! Estou a saltar cada vez mais alto!»

Índice

CAPA
Ficha Técnica
PRIMEIRA PARTE
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7

SEGUNDA PARTE
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14

TERCEIRA PARTE
- 15
- 16
- 17
- 18

Table of Contents

Ficha Técnica
PRIMEIRA PARTE
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7

SEGUNDA PARTE
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14

TERCEIRA PARTE
- 15
- 16
- 17
- 18